

A woman with reddish-brown hair is lying down, her head tilted back and eyes closed, surrounded by a dense field of yellow daisies. The flowers are in sharp focus, creating a textured background. The woman's face is partially obscured by the flowers, and her arms are raised above her head.

o que viram as flores

JULIA HEABERLIN

Um assassino que continua
a semear o medo.



BERTRAND EDITORA





o que viram as flores

JULIA HEABERLIN

Um assassino que continua
a semear o medo.



BERTRAND EDITORA



© Jill Johnson

JULIA HEABERLIN é autora de três *thrillers* psicológicos de grande êxito comercial e de sucesso ao nível da crítica. Muitas vezes comparada a Gillian Flynn pela qualidade da sua escrita e pelo percurso editorial com algumas semelhanças, os seus livros estão publicados numa dúzia de países. Antes de se dedicar à escrita, Julia Heaberlin foi editora de diversos jornais e recebeu vários prémios pelo seu trabalho. Vive em Dallas com a família e está atualmente a trabalhar no seu quarto livro.

Título original: Black-Eyed Susans
1.ª edição em papel: maio de 2017
Autora: Julia Heaberlin
Tradução: Ana Cunha Ribeiro
Revisão: Miguel Martins Rodrigues
Design da capa: Ana Monteiro
Imagens da capa: Getty Images

© 2015 by Julia Heaberlin

All Rights Reserved.

Esta tradução é publicada por acordo com Ballantine Books, uma chancela da Random House, uma divisão da Penguin Random House LLC

[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Esta edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Bertrand Editora
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1
1500-499 Lisboa
www.bertrandeditora.pt
editora@bertrand.pt
Tel. 217 626 000

ISBN: 978-972-25-3444-4

Para Sam, o meu ponto de viragem

PRÓLOGO

Tenho trinta e duas horas da minha vida em falta.

Lydia, a minha melhor amiga, diz-me para imaginar essas horas como se fossem roupas antigas guardadas no fundo escuro de um roupeiro. Para fechar os olhos. Abrir a porta. Remexer as coisas. Procurar.

As coisas que recordo, preferiria não recordar. Quatro sardas. Uns olhos que não são negros, mas sim azuis, esbugalhados, a cinco centímetros dos meus. Insetos a chuparem uma face lisa e macia. Pedacos de terra nos meus dentes. Dessas partes, lembro-me.

É o dia do meu décimo sétimo aniversário e as velas ardem em cima do meu bolo.

As pequenas chamas acenam-me para que me apresse. Estou a pensar nas Susanas-de-Olhos-Negros, dispostas em gavetas metálicas geladas. Na forma como me esfrego repetidamente, sem conseguir eliminar o cheiro delas, por muitos duches que tome.

Felicidades.

Pede um desejo.

Simulo um sorriso e concentro-me. Todas as pessoas presentes nesta sala amam-me e querem-me em casa.

Têm esperança de recuperar a mesma Tessie de sempre.

Nunca deixem que me lembre.

Fecho os olhos e sopro.

PRIMEIRA PARTE

Tessa e Tessie

*A minha mãe matou-me,
O meu pai comeu-me,
A minha irmã reuniu todos os
meus ossos,
Atou-os num lenço de seda,
Pousou-os debaixo do zimbro,
Piu-piu, que belo pássaro eu sou!*

— Tessie, com dez anos, a ler em
voz alta para o avô
uma passagem de «A Árvore de
Zimbro», 1988

TESSA, NA ATUALIDADE

Para o bem ou para o mal, percorro o caminho tortuoso que me conduz à minha infância.

A casa empoleira-se toda torta no topo de uma colina, como se tivesse sido erigida por uma criança, com blocos de construção e rolos de papel higiênico. A chaminé está inclinada num ângulo estranho e os torreões saem disparados de cada um dos lados, como mísseis prestes a ser lançados. Eu costumava dormir no interior de um deles nas noites de verão e fingir que estava a viajar através do espaço num foguetão.

Em mais ocasiões do que o meu irmão mais novo teria gostado, trepei para fora de uma das janelas e rastejei pelo telhado sobre os joelhos esfolados até ao topo, agarrando-me a orelhas de gárgulas e aos peitoris das janelas para me equilibrar. Lá em cima, debruçava-me sobre o corrimão torneado e observava a paisagem infindável do Texas e as estrelas do meu reino. Tocava o meu flautim para os pássaros da noite. O ar fazia esvoaçar a minha camisa de dormir de

algodão branco, como se eu fosse uma pomba branca a reluzir no cimo de um castelo. Parecia um conto de fadas, e era mesmo.

O meu avô fez daquela casa de conto de fadas o seu lar, mas construiu-a para mim e para o meu irmão Bobby. Não era uma casa grande, mas ainda agora não sei como conseguiu custeá-la. Ofereceu a cada um de nós um torreão, um sítio onde podíamos esconder-nos do mundo, sempre que nos apetecesse escapar. Foi o seu gesto grandioso: construir-nos um Disney World privado para compensar o facto de a nossa mãe ter morrido.

A minha avó tentou livrar-se da casa pouco depois de ele ter morrido, mas a propriedade só foi vendida muitos anos mais tarde, quando ela já repousava na terra, entre ele e a filha de ambos. Ninguém a queria. As pessoas diziam que era esquisita. Que estava amaldiçoada. Mas essas palavras desagradáveis é que produziam tal efeito.

Depois de eu ter sido encontrada, a casa tinha aparecido esparramada em todos os jornais e na televisão. Os jornais locais apelidaram-na de Castelo de Grim. Nunca percebi se se tratava de uma gralha. Os texanos escrevem as palavras de maneira diferente. Por exemplo, nem sempre adicionamos o sufixo *ly*.

As pessoas sussurravam que o meu avô devia ter alguma coisa a ver com o meu desaparecimento, com o assassinio de todas as Susanas-de-Olhos-Negros, por causa daquela casa assustadora. *Faz lembrar o Michael Jackson e o seu rancho de Neverland*, murmuravam, mesmo depois de, um ano mais tarde, um homem ter sido enviado para o corredor da morte, acusado dos crimes. As mesmas pessoas que tinham levado os filhos até à porta da casa todos os Natais, para ficarem pasmados a fitar a construção de gengibre iluminada e levarem uma bengala de açúcar das que se encontravam num cesto no alpendre.

Toco à campainha. O toque já não é *A Cavalgada das Valquírias*. Não sei o que devo esperar, pelo que fico surpreendida quando a porta é aberta por um casal idoso, perfeitamente talhado para viver ali. A dona de casa gorducha, de lenço na cabeça, nariz perfilado e com um pano do pó na mão, faz-me lembrar a velha que vivia no sapato.

Gaguejo o meu pedido. Vislumbro imediatamente uma expressão de reconhecimento no rosto da mulher, um ligeiro trejeito de descontração da boca. Vê a pequena cicatriz em forma de quarto crescente que tenho debaixo do olho e o seu olhar diz *Minha pobre menina*, apesar de terem passado dezoito anos e de eu própria já ter uma menina.

— Chamo-me Bessie Wermuth — diz ela. — E este é o meu marido, Herb. Entre, minha querida.

Herb faz uma careta, debruçado sobre a sua bengala. Percebo que está

desconfiado. Não posso recriminá-lo. Sou uma estranha, apesar de ele saber precisamente quem sou. Tal como toda a gente num raio de mil quilómetros. Sou a filha dos Cartwrights, abandonada em tempos junto a uma estudante universitária estrangulada e um monte de ossos humanos no final da Autoestrada 10, num terreno baldio perto da propriedade dos Jenkins.

Sou a estrela das manchetes gritantes dos jornais sensacionalistas e das histórias de fantasmas contadas junto a fogueiras.

Sou uma das quatro Susanas-de-Olhos-Negros. A que teve *sorte*.

Só vos tomo alguns minutos, prometo. O senhor Wermuth franze o sobrolho, mas a senhora Wermuth responde: *Sim, com certeza*.

É evidente que é ela quem toma todas as decisões relacionadas com assuntos importantes, tais como a altura da relva e o que fazer quanto à rapariga ruiva e magricela, beijada pelo mal, que lhes aparece à porta e lhes pede para a deixarem entrar.

— Não temos passado muito tempo aqui desde que nos mudámos — esclarece apressadamente a senhora Wermuth. — Talvez uma vez por ano. A casa é húmida. E tem um degrau partido. Uma anca fraturada podia ser o fim de qualquer um de nós. Se partimos o que quer que seja nesta idade, em menos de um mês estamos junto às portas do Céu. Se não quiser morrer, não ponha os pés no hospital depois de ter feito sessenta e cinco anos.

Ao mesmo tempo que ela profere estas palavras agourentas, sinto-me congelar no meio do salão, invadida por recordações, em busca de coisas que já ali não se encontram. O poste decorativo de madeira que eu e Bobby serrámos e esculpimos num certo verão, sem ninguém a vigiar-nos, e que nos valeu apenas uma ida às Urgências do hospital. O quadro pintado pelo meu avô, que retratava um ratinho a bordo de um barco com uma vela minúscula, no meio de um mar tortuoso e agitado.

No lugar dele, encontra-se agora pendurado um Thomas Kinkade. A sala alberga dois sofás floridos e uma exposição estonteante de bibelôs, apinhados em prateleiras e aconchegados em caixas emolduradas. Canecas de cervejas alemãs e castiçais, um conjunto de bonecas de *Mulherzinhas*, borboletas e rãs de cristal, pelo menos cinquenta chávenas de chá inglesas trabalhadas, um palhaço de porcelana com uma única lágrima preta a rolar-lhe pelo rosto. Desconfio que todas aquelas peças se perguntam como foram parar ao mesmo lugar.

O tiquetaquear é calmante. Numa das paredes, encontram-se dez relógios antigos, ao lado uns dos outros. De dois deles, pendem caudas reviradas de gato, que se mexem a um ritmo perfeitamente compassado.

Percebo por que motivo a senhora Wermuth escolheu a nossa casa. À sua maneira, ela é uma de nós.

— Ora, vamos lá — diz-me.

Sigo-a de forma obediente, percorrendo um corredor que ziguezagueia a partir da sala de estar. Costumava ser capaz de dar aquelas curvas completamente às escuras, montada nos meus patins. Ela vai ligando interruptores à medida que avançamos e, de súbito, sinto que me dirijo para os meus aposentos mortais.

— Disseram na televisão que a execução é daqui a dois meses.

Dou um salto. É precisamente para aí que a minha mente vagueia. A voz masculina rouca que ouço atrás de mim é a do senhor Wermuth. Está carregada de fumo de tabaco.

Faço uma pausa, engulo em seco e espero que ele me pergunte se tenciono sentar-me na fila da frente e ver o meu agressor soltar o último fôlego. Em vez disso, dá-me acanhadamente umas palmadinhas no ombro.

— Eu, se fosse a si, não ia. Não lhe dê nem mais um segundo.

Estou enganada a respeito de Herb. Não seria a primeira vez que me enganava acerca de alguém, nem a última.

A minha cabeça bate numa curva acentuada da parede, porque ainda me encontro voltada para ele.

— Estou bem — apresso-me a dizer à senhora Wermuth.

Ela ergue a mão, mas hesita em tocar na minha face dorida, pois fica demasiado perto da cicatriz, a marca permanente provocada pela pedra de um anel pendurado de um dedo esquelético. Um presente de uma Susana que não quis que eu a esquecesse nunca. Afasto com delicadeza a mão da senhora Wermuth.

— Esqueci-me de que estava quase a chegar àquela curva.

— Que raio de casa maluca — exclama Herb entre dentes. — Mas que mal tem viver em St. Pete?

Não parece estar à espera de uma resposta. A pele da minha face começa a reclamar e a minha cicatriz ecoa, um discreto *ping, ping, ping*.

O corredor transforma-se numa linha reta. Ao fundo, uma porta vulgar. A senhora Wermuth tira uma chave-mestra do bolso do seu avental e gira-a na fechadura com facilidade. Antigamente, havia vinte e cinco chaves destas precisamente iguais, e todas elas abriam qualquer uma das portas da casa. Um estranho gesto prático do meu avô.

Uma corrente de ar frio acelera na nossa direção. Sinto o cheiro de coisas que morrem e de outras que estão a crescer. Tenho o meu primeiro momento de dúvida desde que saí de casa uma hora atrás. A senhora Wermuth ergue a mão e puxa pelo cordão que paira sobre a sua cabeça. A lâmpada pisca, despida e empoeirada.

— Leve isto. — O senhor Wermuth toca-me com a pequena lanterna que tira

do bolso. — Costumo usá-la para ler. Sabe onde fica o interruptor principal?

— Sei — respondo automaticamente. — Mesmo ao fundo.

— Cuidado com o décimo sexto degrau — adverte a senhora Wermuth. — Um bicho qualquer cavou um buraco nele. Eu conto-os sempre quando vou a descer. Demore o tempo que for preciso. Acho que vou fazer um chá para os três e a seguir pode contar-nos um pouco da história da casa. Seria fascinante. Não é, Herb?

Herb resmunga. Está a pensar em lançar uma pequena bola branca duzentos metros para o interior do profundo mar azul da Florida.

Quando chego ao segundo degrau, hesito e viro a cabeça, insegura. Se alguém fecha aquela porta, não me encontram nos próximos cem anos. Nunca duvidei que a morte continua ávida por apanhar uma certa rapariga de dezasseis anos.

A senhora Wermuth faz-me um pequeno aceno, patético.

— Espero que encontre aquilo que procura. Deve ser importante.

Se é algum tipo de insinuação, não a percebo.

Desço ruidosamente, qual criança, e salto por cima do décimo sexto degrau. Ao fundo das escadas, puxo outro cordão pendurado e a divisão é imediatamente banhada por um agressivo brilho fluorescente.

Que ilumina um túmulo vazio. Aqui, costumavam nascer coisas novas, costumava haver cavaletes com quadros por acabar e ferramentas assustadoras penduradas na parede. Costumava haver um quarto escuro envolto por uma cortina, à espera de trazer fotografias à vida, e manequins que davam festas pelos cantos. Eu e Bobby jurávamos que os tínhamos visto mexerem-se em mais do que uma ocasião.

Numa série de arcas velhas, estavam guardados chapéus antigos e ridículos embrulhados em papel de seda, o vestido de noiva da minha avó, que continha precisamente 3002 pérolas, e o uniforme da Segunda Guerra Mundial do meu avô, que tinha na manga uma mancha castanha que eu e Bobby tínhamos a certeza de ser sangue. O meu avô foi soldador, agricultor, historiador, artista, chefe de escuteiros, fotógrafo da morgue, atirador, marceneiro, republicano, democrata inveterado. E poeta. Nunca conseguia decidir-se, que é exatamente o que as pessoas dizem a meu respeito.

Ele ordenou-nos que nunca viéssemos aqui abaixo sozinhos e nunca soube que vínhamos na mesma. A tentação era demasiado grande. Sentíamo-nos particularmente fascinados por um empoeirado álbum de fotografias preto, um álbum proibido que continha as fotografias de investigação criminal do meu avô, provenientes da sua curta carreira na morgue da cidade. Uma dona de casa de olhos esbugalhados, com os miolos espalhados no chão de linóleo da sua cozinha. Um juiz nu, afogado e arrastado para a margem pelo seu cão.

Olho para o bolor que se espalha avidamente por todo o lado nas paredes. Olho para os líquenes pretos que florescem numa fenda grande que atravessa em ziguezague o chão nojento de cimento.

Ninguém amou este sítio desde que o avô morreu. Atravesso rapidamente a divisão até ao canto oposto, deslizando por entre a parede e a caldeira a carvão, abandonada anos antes por ter sido considerada má ideia. Alguma coisa se passeia agilmente pelos meus tornozelos. Um escorpião, uma barata. Não vacilo. Já me passaram coisas piores por cima do rosto.

É mais difícil ver o que está por trás da caldeira. Faço descer o feixe de luz pela parede até encontrar o tijolo sujo com o coração vermelho, pintado ali para enganar o meu irmão, que certo dia me espiara quando eu andava a explorar as minhas opções. Percorro levemente com o dedo os contornos do coração, três vezes.

Depois, a partir do coração vermelho, conto dez tijolos para cima e cinco para o lado. Demasiado alto para o pequeno Bobby lá chegar. Tiro a chave de fendas do bolso, espeto-a na argamassa decrépita e começo a esburacar. O primeiro tijolo solta-se e cai ruidosamente no chão. Solto outros três tijolos, que vou arrancando, um de cada vez.

Aponto a lanterna para o interior do buraco.

Teias de aranha entrelaçadas, como uma obra de tecelagem. Lá atrás, um volume cinzento.

Há dezassete anos que espera na cripta que lhe construí.

TESSIE, 1995

— Tessie? Estás a ouvir?

Ele está a fazer perguntas estúpidas, como os outros.

Ergo os olhos da revista, que encontrei convenientemente ao meu lado no sofá e abri em cima do meu colo.

— Não estou a ver o que isso interessa.

Viro uma página, só para o irritar. É claro que ele sabe que não estou a ler.

— Então, porque estás aqui?

Deixo pairar no ar um silêncio pesado. O silêncio é a única forma de exercer o controlo neste desfile de sessões de terapia. A seguir, respondo:

— Sabe perfeitamente porquê. Estou aqui porque o meu pai quer que eu esteja. — *Porque odiei todos os outros. Porque o meu pai está muito triste e não suporta isso.* — O meu irmão diz que eu mudei. — *Excesso de informação. Dá a ideia de que aprendi qualquer coisa.*

As pernas da sua cadeira rangem contra o soalho de madeira quando ele muda

de posição. Prestes a investir.

— E tu? Achas que mudaste?

Demasiado *óbvio*. Indignada, volto para a revista. As páginas estão frias, escorregadias e rígidas. Cheiram a um perfume adocicado. Desconfio tratar-se do género de revista cheia de raparigas esqueléticas e zangadas. Pergunto-me: *Será isso que este homem vê quando olha para mim?* Tinha perdido dez quilos no último ano. Quase todo o tónus muscular que ganhei enquanto estrela de atletismo desapareceu. Tenho o pé direito enfiado numa tala nova e pesada, resultante da terceira cirurgia. Um azedume ergue-se no meu peito como vapor quente. Inspiro fundo. O meu objetivo é não sentir nada.

— Está bem — diz ele. — Foi uma pergunta parva. — Sei que está a observar-me com muita atenção. — E esta? Porque é que me escolheste a mim desta vez?

Atiro com a revista. Tento lembrar-me de que ele decidiu abrir uma exceção. Se calhar, está a fazer um favor ao delegado do Ministério Público. Ele raramente trata adolescentes.

— Porque assinou um documento legal que garantia que não vai prescrever-me medicamentos, que nunca, mas mesmo nunca, irá publicar nada acerca das nossas sessões sem que eu saiba, que nunca revelará a ninguém que está a tratar a Susana-de-Olhos-Negros sobrevivente. E porque me disse que não iria recorrer a hipnose.

— Acreditas que eu nunca faça nenhuma dessas coisas?

— Não — riposto. — Mas pelo menos, se fizer, fico milionária.

— Ainda temos quinze minutos — diz ele. — Podemos usar esse tempo como quiseres.

— Ótimo.

E pego na revista cheia de raparigas esqueléticas e zangadas.

TESSA, NA ATUALIDADE

Duas horas depois de ter saído da casa do meu avô, William James Hastings III chega à minha, um *bungalow* da década de 1920 situado em Fort Worth, com sombrias persianas pretas e nem uma única superfície curva ou adornos. Por trás da porta da frente, há uma selva de cor e vida, mas lá fora opto pelo anonimato.

Nunca tinha visto aquele homem de nome imponente que agora se senta no meu sofá. Não pode ter mais de vinte e oito anos e mede pelo menos um metro e oitenta e cinco, com braços compridos e caídos, e mãos grandes. Os seus joelhos batem na mesa de centro. William James Hastings III faz-me mais lembrar um jogador de baseball no auge da carreira do que um advogado, como se o seu aspeto desajeitado desaparecesse no segundo em que ele pegasse numa bola. Tem ar de rapazinho. É giro. Se não fosse o nariz grande, seria bastante bonito. Trouxe com ele uma mulher que enverga um casaco branco cintado, uma camisa de colarinho branco e calças pretas. É o tipo de mulher que não se preocupa em demasia com a moda, encarando-a apenas como utilidade profissional. Tem o

cabelo louro natural, que usa curto. Os dedos não ostentam anéis. As unhas são lisas, cortadas curtas e sem verniz. O seu único adorno é um fio de ouro reluzente com um pendente de aspeto valioso, uma forma retorcida que me é familiar, mas em cujo significado não tenho tempo de pensar. Talvez ela seja polícia, apesar de isso não fazer sentido.

O volume cinzento, que continua coberto de pó e teias de aranha, encontra-se entre nós, em cima da mesa de centro.

— Sou o Bill — diz ele. — Não me trate por William, e muito menos Willie.

Sorri. Pergunto-me se já terá usado esta graçola diante de um júri. Acho que precisa de uma melhor.

— Tessa, tal como lhe disse ao telefone, ficámos muito contentes por nos ter ligado. Surpreendidos, mas contentes. Espero que não se importe por a doutora Seger, a Joanna, ter vindo comigo. Não temos tempo a perder. A Joanna é a cientista forense que vai proceder amanhã à escavação dos ossos das... Susanas. Ela gostaria de recolher uma amostra rápida da sua saliva. Para obter o ADN. Por causa dos problemas que temos tido, com as provas perdidas e os dados pseudocientíficos, quer ser ela mesma a recolher a amostra. Isto é, se estiver mesmo a falar a sério. A Angie nunca pensou...

Aclaro a garganta.

— Estou a falar a sério.

Sinto uma pontada de dor por Angela Rothschild. A senhora de ar composto e cabelo grisalho andou a perseguir-me nos últimos seis anos, insistindo que Terrell Darcy Goodwin era um homem inocente. Levantou todas as dúvidas possíveis, até eu deixar de ter a certeza.

Angie era uma santa, um cão de guarda, uma espécie de mártir. Gastara a segunda metade da sua vida e a maior parte da herança dos pais a libertar prisioneiros que tinham sido maltratados pelo estado do Texas e indevidamente condenados. Todos os anos, mais de mil e quinhentos violadores e assassinos solicitavam os serviços dela, pelo que Angie tinha de ser seletiva. Disse-me que fazer de Deus, em relação a todas aquelas chamadas e cartas, fora o único motivo pelo qual alguma vez pensara na possibilidade de desistir. Fui uma vez ao escritório dela, quando me contactou pela primeira vez. Ficava na cave de uma velha igreja, num bairro desagradável de Dallas, especialmente conhecido pelo seu índice de incidentes fatais com polícias. Se os seus clientes não podiam ver a luz do dia ou tomar um café num Starbucks, dizia, também ela não poderia fazê-lo. Naquela cave, tinha apenas por companhia uma cafeteira, mais três advogados — que tinham igualmente outros empregos, pagos — e tantos estudantes de direito quantos quisessem juntar-se-lhes.

Angie sentara-se no mesmo lugar do meu sofá há nove meses, de calças de

ganga e umas coçadas botas pretas de *cowboy*, com uma carta de Terrell na mão. Implorou-me que a lesse. Já me tinha implorado que fizesse muitas coisas, como por exemplo deixar que um dos seus experientes gurus tentasse ajudar-me a recuperar a memória. E agora tinha morrido com um ataque cardíaco, sendo encontrada com a cara enfiada numa pilha de documentos referentes ao caso Goodwin. O jornalista que escreveu o obituário dela achou que esse facto era poético. A minha culpa tem sido quase insuportável na semana que passou depois da sua morte. Apercebi-me tarde de mais de que Angie era uma das minhas amarras. Uma das poucas pessoas que nunca desistiu de mim.

— Isto é.... aquilo que tem para nós?

Bill fita o saco de plástico imundo que eu trouxe da cave do meu avô como se estivesse recheado de ouro. Deixou um rasto de gesso granuloso em cima do vidro, precisamente ao lado de um elástico de cabelo cor-de-rosa, que contém uma madeixa do cabelo arruivado da minha filha Charlie.

— Ao telefone, disse que tinha de ir... procurá-lo — declara ele. — Que tinha falado à Angie... deste projeto... mas não estava certa de onde ele estava.

Não se trata propriamente de uma pergunta e eu não respondo.

Os olhos dele vagueiam pela sala de estar, plena de vestígios de uma artista e de uma adolescente.

— Gostaria de combinar uma reunião no meu escritório daqui a uns dias. Depois de o ter... examinado. Vamos ter de rever os dois todos os dados antigos para o recurso.

Para um homem tão grande, há nele uma certa gentileza. Interrogo-me como será o seu estilo em tribunal, se a gentileza será a sua arma.

— Está pronta para a amostra? — interrompe abruptamente a doutora Seger, muito profissional, agarrando nas suas luvas de látex; talvez esteja preocupada que eu mude de ideias.

— Claro.

Levantamo-nos. Ela esfrega-me a parte interior da bochecha e sela pedaços microscópicos de mim dentro de um tubo de ensaio. Sei que pretende adicionar o meu ADN às amostras fornecidas por outras três Susanas, duas das quais continuam a ser conhecidas pela designação mais formal de «Desconhecida». Sinto calor emanar dela. Expectativa.

Dirijo novamente a atenção para o saco em cima da mesa e para Bill.

— Isto foi uma espécie de experiência que me foi sugerida por um dos meus psiquiatras. É possível que tenha mais valor pelo que não está lá do que pelo que está.

Por outras palavras, eu não desenhei um homem negro parecido com Terrell Darcy Goodwin.

A minha voz é calma, mas o meu coração galopa. Vou entregar Tessie a este homem. Espero que não seja um erro.

— A Angie... iria ficar tão grata. Está grata.

Bill aponta para cima com o dedo, um gesto ao estilo de Miguel Ângelo, dirigido ao céu. Aquilo reconforta-me. Um homem que é bombardeado por pessoas que lhe bloqueiam o caminho todos os dias — pessoas pouco decentes, que se agarram teimosamente às suas mentiras e erros fatais —, mas que ainda assim acredita em Deus. Ou, pelo menos, ainda acredita em alguma coisa.

O telemóvel da doutora Seger vibra no seu bolso. Ela deita uma olhadela ao ecrã.

— Tenho de atender. É um dos meus alunos de doutoramento. Encontramo-nos no carro, Bill. Bom trabalho, menina. Está a fazer a coisa certa.

Mnina, num tom ligeiramente nasalado. Sotaque do Oklahoma, provavelmente. Sorrio automaticamente.

— Já te apanho, Jo. — Bill movimenta-se meticulosamente. Fecha a mala, pega devagar no saco, sem pressa aparente. As suas mãos detêm-se quando ela fecha a porta. — Acaba de conhecer a grandiosidade. A Joanna é um génio na área do ADN mitocondrial. Realiza verdadeiros milagres com ossos degradados. No 11 de Setembro, foi a correr para o local e permaneceu lá ao longo de quatro anos. Fez história ao identificar milhares de vítimas a partir de pedaços carbonizados. No início, viveu na YMCA. Tomava banho nos balneários comunitários com os sem-abrigo. Trabalhava catorze horas por dia. Não tinha de o fazer, não era essa a sua função, mas sempre que podia sentava-se e explicava os procedimentos científicos às famílias enlutadas, para que pudessem ter tanta certeza como ela tinha. Aprendeu umas bases de castelhano, para tentar comunicar com as famílias mexicanas dos copeiros e empregados de mesa que trabalhavam nos restaurantes da Torre Norte. É uma das melhores cientistas forenses do mundo, e também um dos melhores seres humanos que já conheci, e está a dar uma oportunidade ao Terrell. Quero que perceba qual é o tipo de pessoas que estão do nosso lado. Diga-me, Tessa, porque é que você está? Porque é que, de repente, está do nosso lado?

Um ligeiro nervosismo perpassa na voz dele. Está a dizer-me cuidadosamente que não os trame.

— Por vários motivos — digo, insegura. — Posso mostrar-lhe um deles.

— Tessa, eu quero saber tudo.

— É melhor que veja.

Conduzo-o em silêncio através do nosso corredor estreito. Passamos pelo ninho arroxado e desarrumado de Charlie, que habitualmente está a vibrar com música, e abro a última porta. Não tinha planeado isto, pelo menos não para

hoje.

Bill avulta-se no meu quarto como um gigante. A sua cabeça embate no candelabro antigo, do qual pendem vidros marinhos que eu e Charlie rebuscámos nas praias de Galveston no verão passado. Ele baixa-se e, sem querer, roça na curva do meu seio. Pede desculpa. Envergonhado. Durante um instante, vejo as pernas deste estranho entrelaçadas nos meus lençóis. Não me lembro de alguma vez ter deixado um homem entrar aqui.

Observo dolorosamente o modo como Bill interioriza pormenores acerca de mim: o desenho em caricatura da casa do meu avô, as joias de ouro e prata espalhadas em cima da minha cómoda, o retrato de Charlie com os seus olhos cor de lavanda, uma pilha ordenada de cuecas brancas rendadas em cima da cadeira, que desejo ardentemente que estivessem arrumadas numa gaveta.

Ele já está a recuar, na direção da porta, claramente a pensar em que raio se meteu. Se terá depositado todas as esperanças do pobre Terrell Darcy Goodwin numa louca que o levou diretamente para o quarto. A expressão de Bill dá-me vontade de rir às gargalhadas, apesar de não pôr de parte a hipótese de viver uma fantasia com um menino-bonito americano detentor de dois cursos, quando o meu tipo de homem é precisamente o oposto.

Apesar de aquilo que estou prestes a mostrar-lhe me tirar o sono, fazendo-me ler o mesmo parágrafo de *Anna Karenina* vezes sem conta, ouvir todos os ruídos da casa e cada sopro do vento, cada passo descalço da minha filha à meia-noite, cada som doce que sai da boca dela enquanto dorme, flutuando pelo corredor.

— Não se preocupe. — Obrigó a minha voz a parecer descontraída. — Gosto de homens ricos e menos altruístas. E já agora... com idade suficiente para terem barba. Venha até aqui. Por favor.

— Que espertinha.

Sinto alívio na voz dele. Atravessa o quarto em duas passadas. Os seus olhos seguem o meu dedo para o exterior da janela.

Não estou a apontar para o céu, mas sim para a terra, onde um ninho de susanas-de-olhos-negros ainda se encontra meio vivo debaixo do peitoril da janela, provocando-me com os seus olhos negros em forma de contas.

— Estamos em fevereiro — digo baixinho. — As susanas-de-olhos-negros só florescem assim no verão. — Faço uma pausa para ele interiorizar o que digo. — Estas foram plantadas há três dias, no meu aniversário. Alguém as cultivou especialmente para mim e deixou-as debaixo da janela do quarto onde durmo.

O terreno baldio na propriedade dos Jenkins foi devastado por um incêndio

cerca de dois anos antes de as Susanas-de-Olhos-Negros terem sido lá abandonadas. Um fósforo descuidado lançado de um carro perdido numa estrada isolada de terra batida custou a um velho agricultor necessitado toda a sua colheita de trigo e criou o cenário para que milhares e milhares de flores amarelas cobrissem o campo, como uma colcha gigante amarrotada.

O fogo também cavou a nossa sepultura, uma vala irregular e larga. Susanas-de-olhos-negros floriram e decoraram essa área sem qualquer pudor, muito antes de nós termos chegado. As susanas são flores gananciosas, revelando-se muitas vezes as primeiras a desabrochar em terrenos queimados e devastados. São bonitas, mas competitivas, como as animadoras de claque. Vivem para roubar espaço aos outros.

Um fósforo aceso, um lançamento descuidado, e a nossa alcunha ficou para sempre intrincada na história de um assassino em série.

Ainda no meu quarto, Bill enviou a Joanna uma extensa mensagem de texto, provavelmente por não querer responder às perguntas que ela lhe faria ao telefone comigo presente. Encontramo-nos com ela do lado de fora da minha janela e vemo-la enfiar um frasco de vidro na terra salpicada de negro. O pendente retorcido do seu colar reluz sob a luz do sol e roça uma pétala quando ela se debruça. Continuo sem conseguir lembrar-me do significado daquele símbolo. Talvez seja religioso. Antigo.

— Ele ou ela usou mais alguma coisa além da terra do solo — afirmou Joanna. — Talvez algum tipo comum de terra para cultivo e sementes que podem encontrar-se no Lowe's. Mas nunca se sabe. Devia chamar a polícia.

— E dizer-lhes que alguém anda a plantar flores lindíssimas? — Não quero parecer sarcástica, mas é isso mesmo.

— É invasão de propriedade privada — diz Bill. — Assédio. Isto não é necessariamente obra de um assassino, como sabe. Pode tratar-se simplesmente de um louco que lê os jornais.

Ele não o diz, mas eu sei. Bill não está seguro em relação ao meu estado mental. Espera que eu tenha mais do que este molho de flores debaixo da minha janela para reforçar a crença de um juiz em Terrell. Uma pequena parte dele interroga-se se terei sido eu quem plantou as flores.

Até que ponto lhe conto?

Inspiro fundo.

— Sempre que chamo a polícia, aparece na Internet. Recebemos telefonemas, cartas e malucos no Facebook. Presentes à porta. Bolachas. Sacos de cocó de cão. Bolachas *feitas* de cocó de cão. Pelo menos, espero que seja só cocó de cão. Qualquer tipo de atenção transforma a vida escolar da minha filha num autêntico inferno. Ao cabo de alguns anos de uma paz maravilhosa, a execução está a

agitar tudo outra vez.

E foi precisamente por esse motivo que, durante anos, disse sempre não a Angie. Quaisquer que fossem as dúvidas que me assaltassem, tinha de afastá-las. No final, eu compreendia Angie e ela compreendia-me a mim. *Hei de descobrir outra maneira*, assegurara-me.

Mas agora as coisas eram diferentes. Angie estava morta.

Ele esteve debaixo da minha janela.

Sacudo uma espécie de sussurro que se emaranha nos meus cabelos. Interrogo-me vagamente se se tratará de um viajante vindo da cave do meu avô. Recordo que enfiei a cabeça às cegas naquele buraco bolorento poucas horas antes e subo ligeiramente o tom da minha raiva.

— A expressão nos vossos rostos neste momento! Essa mistura de pena, desconforto e compreensão despropositada de que continuo a ter de ser tratada como a rapariga de dezasseis anos traumatizada que fui em tempos...? Desde que me lembro que as pessoas me olham assim. Durante todo esse tempo, tenho-me protegido e, até agora, tem corrido tudo bem. Agora, sou *feliz*. Já não sou essa rapariga. — Aperto a camisola castanha comprida um pouco mais à minha volta, apesar de o sol do fim de inverno acariciar o meu rosto. — A minha filha está a chegar a qualquer momento e eu prefiro que ela não vos conheça sem que antes lhe tenha explicado algumas coisas. Ainda não sabe que vos telefonei. Quero que a vida dela seja o mais normal possível.

— Tessa. — Joanna arrisca dar um passo na minha direção e detém-se. — Eu percebo isso.

Há um peso enorme na sua voz. *Eu percebo isso*. Como bombas a caírem no fundo do oceano, *uma, duas, três*.

Perscruto-lhe o rosto. Tem pequenas rugas geradas pelo sofrimento alheio. Os seus olhos verde-azulados já vislumbraram mais horrores do que consigo imaginar. Cheirou-os. Tocou-lhes, *respirou-os*, quando choviam em cinzas caídas do céu.

— Percebe mesmo? — A minha voz é suave. — Espero que sim. Porque eu vou lá estar quando abrir aquelas duas sepulturas.

Foi o meu pai que pagou os caixões delas.

Joanna acaricia o pendente entre os dedos como se se tratasse da cruz sagrada.

De súbito, dou-me conta de que, no seu mundo, é isso mesmo que aquele objeto representa.

Ela usa ao pescoço uma dupla hélice em ouro.

A escada retorcida da vida.

Uma cadeia de ADN.

TESSIE, 1995

Uma semana depois. Terça-feira, dez da manhã em ponto. Estou de regresso ao sofá almofadado do médico, acompanhada. *Oscar* esfrega o focinho húmido na minha mão num gesto reconfortante e instala-se no chão ao pé de mim, alerta. Tenho-o desde a semana passada e não vou a lado nenhum sem ele. Até porque ninguém reclama. *Oscar*, dócil e protetor, dá-lhes esperança.

— Tessie, o julgamento é daqui a três meses. Faltam noventa dias. O meu trabalho mais importante neste momento é preparar-te emocionalmente. Conheço o advogado de defesa e ele é excelente. E é ainda melhor quando acredita que tem nas mãos a vida de um homem inocente, como agora. Percebes o que isso significa? Ele não vai ser brando contigo.

Desta vez, foi direto ao assunto.

Tenho as mãos pudicamente pousadas no colo. Envergo uma saia plissada curta de xadrez azul, uns *collants* brancos de renda e botas pretas de pele envernizada. Nunca fui uma menina pudica, apesar do cabelo louro-arruivado e

das sardas que o meu avô maravilhosamente tonto alegava serem pó de fada. Nunca fui e continuo a não ser. Hoje, foi Lydia, a minha melhor amiga, que me vestiu. Vasculhou as minhas gavetas desorganizadas e o meu roupeiro, pois não suporta que eu tenha deixado de me esforçar por escolher roupa que condiga. Lydia é uma das poucas amigas que não desistiu de mim. Atualmente, retira as suas dicas de moda do filme *As Meninas de Beverly Hills*, que não vi.

— Está bem — respondo.

No fim de contas, este é um dos motivos por que estou aqui sentada. Tenho medo. Desde que há onze meses deitaram as mãos a Terrell Darcy Goodwin — enquanto tomava o seu pequeno-almoço no Denny's, no Ohio — e me disseram que teria de depor, tenho contado os dias, como se fossem comprimidos difíceis de engolir. Hoje, faltam oitenta e sete dias, e não noventa, mas não me dou ao trabalho de o corrigir.

— Não me lembro de nada.

Vou manter esta versão.

— Estou certo de que o delegado do Ministério Público já te explicou que isso não interessa. Tu és uma prova viva. A menina inocente *versus* o monstro detestável. Por isso, vamos começar por aquilo de que te lembras. Tessie? *Tessie*? Em que estás a pensar agora, precisamente neste momento? Desembucha... não desvies o olhar, está bem?

Endireito o pescoço e olho à volta, devagar. Fito-o do vazio de duas poças cinzentas e cheias de musgo.

— Lembro-me de um corvo a tentar bicar os meus olhos — respondo num tom monocórdico. — Diga-me. Afinal, de que é que vale olhar para si, se sabe que não consigo vê-lo?

TESSA, NA ATUALIDADE

Tecnicamente, esta é a terceira sepultura. As duas Susanas que estão a ser exumadas esta noite no cemitério de St. Mary, em Fort Worth, são as suas vítimas mais antigas. Foram desenterradas do primeiro esconderijo e atiradas comigo para aquele campo, como ossos de galinha. No total, fomos quatro as abandonadas na mesma leva. Eu fiquei por cima, ao pé de uma rapariga chamada Merry Sullivan, que o médico-legista concluiu estar morta há mais de um dia. Ouvi o avô murmurar para o meu pai: «O Demónio está a limpar os roupeiros.»

É meia-noite e estou no mínimo a cem metros de distância, debaixo de uma árvore. Passei rapidamente por baixo da fita que a polícia colocou a delimitar o local. Pergunto-me quem pensarão eles que anda a vaguear por um cemitério a esta hora da noite, além dos fantasmas. Bem, ao que parece, ando eu.

Por cima das duas sepulturas, levantaram uma tenda branca que emana uma luz pálida, qual lanterna de papel. Estão presentes muito mais pessoas do que eu estava à espera. Bill, claro. Reconheço o delegado do Ministério Público da

fotografia que apareceu no jornal. Ao seu lado, encontra-se um homem com falta de cabelo que enverga um fato que não lhe assenta muito bem. Há pelo menos cinco polícias e outros cinco seres humanos, vestidos com fatos de proteção *Tyvek* como se fossem extraterrestres, que entram e saem da tenda repetidamente. Sei que entre eles se encontra o médico-legista. Muito depende dele.

Saberia o jornalista que redigiu o obituário de Angie que as suas palavras iriam desemperrar a alavanca enferrujada da justiça? Que gerariam um pequeno protesto público num estado que leva a cabo execuções todos os meses? Que levariam um juiz a mudar de ideias quanto à exumação dos ossos e a considerar um novo julgamento? Que me convenceriam, de uma vez por todas, a marcar um número de telefone?

O homem de fato vira-se de repente. Vejo um colarinho de padre e escondo-me atrás da árvore. Por um instante, sinto um ardor nos olhos diante daquela operação furtiva e do enorme esforço feito para tratar estas raparigas com dignidade e respeito, apesar de ninguém ter a mínima ideia de quem são e de não haver jornalistas à vista.

As raparigas que estão a ser erguidas da terra esta noite não passavam de *meros* ossos quando foram transportadas para aquele campo de trigo dezoito anos atrás. Eu mal estava viva. Dizem que Merry estava morta há pelo menos trinta horas. Quando a polícia chegou ao pé de nós, ela já tinha sido bastante maltratada. Tentei protegê-la, mas a dada altura durante a noite desmaiei. Às vezes, ainda ouço a conversa animada entre os ratos do campo. Não posso contar nada disto às pessoas que me amam. É melhor se pensarem que não me lembro de nada.

Os médicos dizem que foi o meu coração que me salvou. Para começar, nasci com um coração que tende a ser lento. E depois havia o facto de me encontrar no pico da minha condição física, sendo uma das melhores corredoras de obstáculos entre as alunas do secundário. Num dia normal, enquanto fazia os trabalhos de casa, comia um hambúrguer ou pintava as unhas, a minha pulsação mantinha-se nos trinta e sete batimentos por minuto, e à noite, enquanto dormia, descia para uns meros vinte e nove. O ritmo cardíaco de um adolescente é, em média, setenta batimentos por minuto. O meu pai tinha o hábito de se levantar às duas da manhã para ver se eu estava a respirar, apesar de um famoso cardiologista de Houston lhe ter dito para relaxar. Certo é que o meu coração era uma espécie de fenómeno, assim como a minha velocidade. As pessoas falavam já de Jogos Olímpicos em surdina. Chamavam-me a Pequena Bola de Fogo, por causa da cor do meu cabelo e do meu feitio quando fazia uma prova fraca ou quando outra corredora me derrubava ao saltar uma barreira.

Enquanto lutava pela vida naquela cova, os médicos dizem que o meu coração terá desacelerado até cerca de dezoito batimentos por minuto. Um dos técnicos de emergência médica chegou a pensar que eu estava morta.

O delegado do Ministério Público disse ao júri que tinha sido eu a surpreender o assassino das Susanas-de-Olhos-Negros, e não o contrário. Que o tinha deixado em pânico e o levava a ver-se livre das provas. Que a grande nódoa negra que se via na barriga de Terrell Darcy Goodwin na fotografia ampliada que constava entre as provas, azul, negra e tingida de amarelo, era uma obra de arte minha. As pessoas gostam de alimentar este tipo de fantasias bonitas, em que há um herói destemido, mesmo quando não existe qualquer base factual que as sustente.

Uma carrinha escura recua lentamente até à tenda. O. J. Simpson safou-se no mesmo ano em que eu depus, apesar de ter massacrado a mulher e ter deixado vestígios de sangue no portão dela. Não havia provas sólidas de ADN contra Terrell Darcy Goodwin, à exceção de um casaco esfarrapado atolado na lama, a cerca de quilómetro e meio de distância, e que exibia sangue do mesmo tipo do dele no punho direito. A mancha de sangue era tão pequena e sumida, que eles não tinham conseguido colher uma amostra de ADN, um procedimento ainda recente nos tribunais criminais. Naquela altura, foi o suficiente para eu me agarrar, mas agora já não. Rezo para que Joanna faça a sua magia de sacerdotisa e consiga finalmente descobrir quem são estas duas raparigas. Estou a contar com elas para nos trazer paz a todos.

Viro-me para me ir embora, mas o meu pé bate no rebordo de qualquer coisa. Caio para a frente, imediatamente sem fôlego e de mãos estendidas, e caio em cima da lápide degradada de uma campa antiga. As raízes pressionaram a pedra até ela descair e partir-se em duas.

Será que alguém ouviu? Dou uma olhadela rápida à minha volta. A tenda está meio caída. Alguém se ri. Há sombras em movimento, mas nenhuma delas vem na minha direção. Levanto-me, com as mãos a arder, e sacudo a morte e a brita agarradas às minhas calças de ganga. Saco o telemóvel do bolso de trás, que emite a sua luz reconfortante quando carrego no botão. Faço-a incidir sobre a lápide. Uma marca vermelha proveniente das minhas mãos mancha o cordeiro adormecido que guarda Christina Driskill.

Christina deixou este mundo no mesmo dia em que chegou. A 3 de março de 1872.

O meu pensamento penetra o chão pedregoso, esforçando-se por chegar ao pequeno caixão de madeira que repousa debaixo dos meus pés, derrubado, violado, estrangulado pelas raízes.

Penso em Lydia.

TESSIE, 1995

— Choras muitas vezes? — Primeira pergunta. Amável.

— Não — respondo.

De nada valeu o tratamento de beleza de Lydia, que me punha duas colheres geladas debaixo dos olhos a seguir aos meus ataques de choro.

— Tessie, quero que me digas qual foi a última coisa que viste antes de teres ficado cega.

Não se detém no pormenor da minha cara inchada. Começa precisamente onde tínhamos ficado da última vez. *Uma tática inteligente*, penso, rabugenta. Ele usou mesmo a palavra *cega*, que mais ninguém se atreve a proferir à minha frente, à exceção de Lydia, que também me disse há três dias para me levantar e lavar o cabelo, porque parecia algodão-doce rançoso.

Este médico já percebeu que usar uma técnica de aquecimento comigo é uma total perda de tempo.

Vi o rosto da minha mãe. Belo, meigo, carinhoso. Foi essa a última imagem

clara que pairou à minha frente. Só que a minha mãe está morta desde os meus oito anos e eu tinha os olhos bem abertos. Vi o rosto da minha mãe e a seguir não vi mais nada, a não ser um oceano cinzento que brilha difusamente.

Aclaro a garganta, decidida a dizer alguma coisa na sessão de hoje que me faça parecer mais cooperante, para que ele diga ao meu pai que estou a fazer progressos. O meu pai, que sai do trabalho todas as terças-feiras de manhã para me trazer aqui. Por algum motivo, não me parece que este médico vá mentir-lhe, como a maior parte dos outros. A maneira como me faz as perguntas não é igual. E as minhas respostas também não são iguais, não sei bem porquê.

— No peitoril da janela do meu quarto no hospital, havia uma fila de postais — afirmo com indiferença. — Um deles tinha na parte da frente a imagem de um porco, com um laço ao pescoço e um chapéu na cabeça que dizia: «Espero que estejas pronta a grunhir em breve.» O porco... foi a última coisa que vi.

— Uma escolha de palavras infeliz, a desse postal.

— Acha?

— Houve mais alguma coisa nesse postal que te tenha incomodado?

— Ninguém conseguia decifrar a assinatura. — Um rabisco ilegível, semelhante a uma mola de arame.

— Então, não sabes quem to enviou.

— Havia muitos estranhos que me enviavam postais, de todo o lado. E também flores e peluches. Eram tantos, que o meu pai pediu que fossem reenviados para o serviço oncológico pediátrico.

A dada altura, o FBI descobriu uma pista e levou tudo para um laboratório. Mais tarde, fiquei preocupada com a eventualidade de eles terem arrancado algum boneco das mãos de uma criança moribunda, para no fim não obterem sequer uma partícula de provas úteis.

O porco segurava na sua pata cor-de-rosa uma margarida. Ocultei esse facto. Aos dezasseis anos, sedada numa cama de hospital e assustada de morte, não sabia distinguir uma vulgar margarida amarela de uma susana-de-olhos-negros.

A tala está a provocar-me uma comichão insuportável e enfio dois dedos na folga estreita entre a barriga da perna e o aparelho. Não consigo alcançar o sítio no tornozelo. *Oscar* lambe-me a perna com a sua língua de lixa, tentando ajudar.

— Está bem, talvez tenha sido o postal o que desencadeou tudo — diz o médico. — Ou talvez não. É um começo. Eis o que penso fazer. Vamos falar sobre a tua perturbação conversiva antes de passarmos à preparação para o tribunal. Por uma questão de poupança de tempo, havia quem tivesse esperança de que eu conseguisse contornar essa questão. Mas ela está a atrapalhar.

Acha?

— Para mim, nesta sala, o tempo para.

Está a dizer-me para não me sentir pressionada. Que estamos a navegar juntos neste meu oceano cinzento e que sou eu quem controla a direção do vento. É a primeira mentira que sei que me disse.

Perturbação conversiva. É o nome sofisticado e polido para o que eu tenho.

Freud chamou-lhe cegueira histérica.

Tantos exames médicos caros e não encontraram nada de errado fisicamente.

Está tudo na cabeça dela.

A pobrezinha não quer ver o mundo.

Nunca mais vai ser a mesma.

Porque acharão as pessoas que não as ouço?

Volto a sintonizar-me na voz dele. Cheguei à conclusão de que é parecida com a de Tommy Lee Jones no filme *O Fugitivo*. Com um sotaque arrastado do Texas. Terrivelmente astuto, e consciente disso.

— ... não é incomum em mulheres jovens que passaram por traumas desta natureza. O que não é comum é que esteja a durar tanto tempo. Onze meses.

Trezentos e vinte e seis dias, *doutor*. Mas não o corrijo.

A sua cadeira range ligeiramente quando ele se mexe, e *Oscar* ergue-se num gesto protetor.

— Há exceções — diz ele. — Certa vez, tratei um rapaz, um pianista virtuoso, que praticava oito horas por dia desde os cinco anos. Uma manhã, acordou e tinha as mãos imobilizadas. Paralisadas. Nem conseguia pegar num copo de leite. Os médicos não conseguiam descobrir a causa. E ele começou a mexer os dedos precisamente dois anos mais tarde.

A sua voz está mais próxima. Junto a mim. *Oscar* bate-me com o focinho no braço, para me avisar. O médico está a pôr-me na mão um objeto estreito, frio e macio.

— Experimenta com isto — diz.

É um lápis. Pego nele. Enfio-o até ao fim no interior da tala. Sinto um alívio intenso, gratificante. E uma brisa suave quando o médico se afasta, talvez a aba do seu casaco. Tenho a certeza de que não é nada parecido com Tommy Lee Jones. Mas consigo imaginar *Oscar*. Branco como neve acabada de cair. Olhos azuis que veem tudo. Coleira vermelha. Dentes brancos afiados, no caso de alguém me incomodar.

— O pianista sabe que fala acerca dele com outros doentes? — pergunto.

Não consigo evitar. O sarcasmo é como um chicote que não consigo pôr de parte. No entanto, nesta terceira manhã de terça-feira que passamos juntos, tenho de admitir que este médico começa a chegar até mim. Sinto a primeira pontada de culpa. Como se tivesse de me esforçar mais.

— Por acaso, sabe. Fui entrevistado para um documentário da Cliburn acerca

do caso dele. O que interessa é que eu acredito que tu vais voltar a ver.

— Não estou preocupada — deixo escapar.

— Esse é um sintoma comum nas perturbações conversivas. A falta de preocupação com o facto de se voltar ou não ao normal. Mas, no teu caso, não me parece que seja verdade.

É o seu primeiro confronto direto. Aguarda em silêncio. Sinto a minha fúria vir à superfície.

— Eu sei qual foi o verdadeiro motivo por que abriu uma exceção para me receber. — A minha voz vacila um pouco quando tento parecer desafiadora. — Aquilo que tem em comum com o meu pai. Sei que tinha uma filha que desapareceu.

TESSA, NA ATUALIDADE

A despretensiva secretária metálica de Angie tem precisamente o aspeto de que eu me lembrava, submersa debaixo de pilhas de papéis e pastas com documentos. Encostada a um canto da espaçosa cave da igreja católica de Santo Estêvão, um edifício de pedra e tijolo que se ergue, desafiador, no corredor do inferno que é a esquina da 2nd Avenue com a Hatcher Street. Plantada no meio de um bairro de Dallas que entrou para a lista do FBI dos vinte e cinco bairros mais perigosos do país.

Lá fora, o sol do meio-dia texano está no seu auge. Mas não aqui dentro. Aqui, a atmosfera é sombria e intemporal, matizada pelas marcas de uma história violenta, que remonta aos oito anos em que a igreja esteve abandonada e esta sala era usada por traficantes como fábrica de preparação de droga.

Da primeira e única vez que aqui estive, Angie contou-me que o jovem padre esperançoso que lhe arrendou o espaço tinha caído ele mesmo aquelas paredes quatro vezes. As reentrâncias e as marcas de balas, disse-lhe, iam permanecer

para sempre, como os pregos na cruz. Para nunca esquecer.

O único objeto que brilha aqui dentro é o candeeiro da secretária dela, que emana uma luz fraca sobre a imagem desprovida de moldura e pregada na parede. *O Martírio de Santo Estêvão*, a primeira obra atribuída a Rembrandt e pintada aos dezanove anos. Eu tinha ficado a conhecer a técnica do claro-escuro noutra cave, com o meu avô debruçado sobre o seu cavalete. Luzes fortes e sombras pesadas. Rembrandt era um mestre nesse domínio. Assegurou-se de que o brilho do céu se abria para Santo Estêvão, o primeiro mártir cristão, assassinado por uma multidão porque algumas pessoas maldosas contaram mentiras a seu respeito. No canto superior, um grupo coeso de três padres. A verem-no morrer. Sem fazerem nada.

Pergunto-me quem terá chegado primeiro a esta cave, se a pintura ou Angie, que terá decidido que o destino de Santo Estêvão era um símbolo muito apropriado para a sua secretária. Os cantos da imagem estão amolecidos e esfiapados. Está presa à parede esburacada por três pioneses amarelos já muito usados e um vermelho. Um pequeno rasgão do lado esquerdo foi remendado com fita-cola.

A escassos centímetros, encontra-se outra visão do Céu. Um desenho feito numa folha de caderno pautado. Cinco figurinhas com asas de borboleta viradas de lado, iluminadas por um brilhante sol cor de laranja. No firmamento, pode ler-se, numa caligrafia torta de criança: OS ANJOS DA ANGIE.

Fiquei a saber pelo obituário de Angie que aquele desenho tinha sido muito tempo antes um presente da filha de seis anos de Dominicus Steele, um aprendiz de canalizador acusado de ter violado uma aluna da Universidade Metodista do Sul à porta de um bar de Fort Worth, na década de 1980. Dominicus foi identificado pela vítima e por duas colegas pertencentes à mesma irmandade universitária.

Nessa noite, ele tinha seduzido a vítima abertamente. Era um homem grande e negro, e um bom dançarino. As universitárias brancas tinham-no adorado até terem concluído que era o mesmo tipo de camisola com capuz que se afastara a correr da sua amiga embriagada e encolhida numa viela. Dominicus foi libertado depois da extração de ADN do seu sémen, que tinha ficado armazenado numa arrecadação para provas durante doze anos. A mãe de Dominicus fora a primeira pessoa a utilizar a expressão «Anjos da Angie», e a alcunha carinhosa pegou.

Eu nunca descreveria Angie como um anjo. Ela fazia aquilo que tinha de ser feito. Era uma excelente mentirosa quando se tornava necessário. Sei isso, porque ela já tinha mentido por mim e por Charlie.

Dou um passo e o som oco da minha bota ecoa no chão de linóleo barato e amarelado que cobre sabe Deus o quê. As outras quatro secretárias espalhadas

pela sala, igualmente submersas num caos de papelada, também se encontram abandonadas. *Onde é que está toda a gente?*

No lado oposto da sala, há uma porta azul na qual é impossível não reparar. Arrisco dirigir-me para lá. Bato levemente. Nada. Se calhar, devia instalar-me na cadeira de Angie por alguns momentos. Fazê-la girar sobre as rodas emperradas de que ela se queixava e contemplar o céu de Rembrandt. Ponderar no papel do mártir.

Em vez disso, rodo a maçaneta e abro uma fresta. Bato novamente. Ouço vozes animadas. Abro a porta completamente. Vejo uma mesa de reuniões comprida. Luzes de teto brilhantes. A expressão de perplexidade no rosto de Bill. Outra mulher, que se levanta abruptamente da cadeira e derruba a sua chávena de café.

Os meus olhos viajam pela mesa abaixo, seguindo o rio de líquido cor de âmbar.

A cabeça a latejar.

Cópias de desenhos, estendidos de uma ponta à outra, por cima da superfície arranhada.

Os desenhos de Tessie.

Os verdadeiros. E os que não são.

Fito a pontuação, 12-28, escrevinhada a giz branco num quadro negro. Talvez seja o resultado desigual de um jogo de futebol infantil, ou um dia mau para os Dallas Cowboys. A legenda da tabela deixa claro que se trata dos doze homens que, ao longo dos anos, foram libertados por Angie e pela sua equipa jurídica rotativa, e dos vinte e oito que não foram.

A mulher que derramou o café e me foi apresentada como Sheila Dunning, aluna do terceiro ano do curso de Direito da Universidade do Texas, deixou-nos. William reuniu rapidamente as cópias dos meus desenhos, arrumou-as a um canto e pousou uma caneca de café acabado de fazer à minha frente. Já me pediu desculpa diversas vezes e eu já lhe respondi vezes sem conta: *Não há problema, eu teria de voltar a ver esses desenhos algum dia e Devia ter batido à porta com mais força.*

Por vezes, anseio pela Tessie que há em mim e que teria vomitado a verdade furiosa e sem verniz: *Seu cretino. Sabia que eu estava a chegar. Sabia que não via estes desenhos desde que os desenterrei daquela parede.*

— Obrigado por ter vindo até aqui.

Ele instala-se numa cadeira ao meu lado e pousa um caderno de apontamentos

amarelo por estrear em cima da mesa. Está de calças de ganga, ténis *Nike* e um pulôver verde com alguns borbotos, demasiado curto para a sua constituição, a maldição dos homens de ombros largos.

— Ainda está com vontade de fazer isto?

— E porque não haveria de estar? — riposta Tessie. Afinal, ainda cá está.

— Não temos de conversar aqui. Nesta sala. — Olha para mim fixamente. — Este é o nosso centro de operações. Normalmente, não está acessível aos nossos clientes.

Os meus olhos demoram-se nas paredes. Ao lado do quadro negro, vejo fotografias ampliadas de cinco homens. Casos atuais, presumo. Quatro dos homens são afro-americanos. O protagonista da fotografia central é o jovem Terrell Darcy Goodwin. Tem o braço por cima de um rapaz que enverga o uniforme vermelho e cinzento da equipa de basquetebol de uma escola secundária, talvez um irmão mais novo. É igualmente atraente, com os olhos bem afastados, maçãs do rosto esculpidas e a pele da cor de café com leite.

Na parede oposta, vejo cenas de crimes. Bocas abertas. Olhos de expressão vazia. Membros em desordem. Não me detenho por muito tempo.

Viro a cabeça na direção de um quadro branco gigante, no qual se encontra anotada uma espécie de cronologia.

Vejo o meu nome. E o de Merry.

Abro a boca para falar, mas reparo que ele tem os olhos colados nas minhas pernas cruzadas e no pedaço de coxa descoberta que se vê acima das botas pretas. Estou sempre a pensar em descer a bainha desta saia. Escondo as pernas debaixo da mesa. Ele retoma a sua máscara profissional.

— Eu não sou uma cliente.

Bebo um trago de líquido amargo e leio a inscrição na caneca. *Os advogados safam-te.*

William segue o meu olhar. Revira os olhos.

— A maior parte das nossas chávenas estão sujas. Precisavam de uma lavadela — graceja ele, deixando passar o outro momento, a curiosidade acerca do que há debaixo da minha saia.

— Estou muito bem aqui, William.

— Bill — recorda-me. — Só pessoas com mais de setenta anos podem chamar-me William.

— A exumação na terça-feira correu como era esperado? — pergunto. — Foram muito discretos. Nem sequer saiu nos jornais.

— Deve saber responder a isso.

— Viu-me ao pé da árvore.

— Esse seu cabelo dificilmente passa despercebido, mesmo às escuras.

Então, ele também é mentiroso. Hoje, trago o cabelo solto, comprido, com os caracóis caídos sobre os ombros. Continua a ter a mesma cor ardente da menina que eu era aos dezasseis anos. Há duas noites, no cemitério, tinha-o apanhado e bem escondido debaixo do boné de basebol da minha filha Charlie.

— Enganou-me — digo. — Muito bem.

Remexo-me desconfortavelmente na cadeira. Estou a falar com um advogado a quem não paguei um cêntimo para guardar as minhas confidências. É verdade que ele parece o rapaz de todos os encantos, com aqueles olhos castanhos de cordeirinho, o cabelo curto, as orelhas ligeiramente espetadas e umas mãos enormes, capazes de cingir uma toranja. O amigo engraçado do tipo em quem estás realmente interessada, até que te apercebes... oh, *merda*.

Ele sorri.

— Está com a mesma expressão que a minha irmã mais nova costuma fazer antes de me dar uma bofetada. Em resposta à sua pergunta, um antropólogo forense está a examinar primeiro os ossos. Depois, é a vez de a Jo e a equipa dela entrarem em ação. Ela gostaria que nós os dois víssemos os técnicos a trabalharem no caso das Susanas-de-Olhos-Negros na próxima semana. Pediu-me para a convidar pessoalmente. Trata-se de uma espécie de oferenda de paz, já que a proibiu de estar presente na exumação. Ela ficou a sentir-se bastante culpada em relação a isso.

Estremeço ligeiramente. Não há aqui correntes de ar nem nenhuma fonte de calor visível. O meu pai costumava dizer que o mês de fevereiro no Texas é uma senhora fria e amarga. Março é o mês em que ela perde a virgindade.

— Os ossos são processados às segundas-feiras de manhã. A Jo teve de puxar uns cordelinhos para pôr as Susanas no cimo da lista. Se quiser, posso ir buscá-la. O laboratório fica a cerca de vinte minutos da sua casa.

— Desta vez, não estão preocupados com a contaminação?

Essa tinha sido a preocupação de Joanna em relação à minha presença formal aquando da exumação dos corpos. Não queria que houvesse o mínimo indício de quebra de protocolo.

— Vamos ficar a observar o processo por trás de uma janela de vidro. O laboratório novo foi montado para servir de centro de aprendizagem. É do mais moderno que há. São levados para lá de avião ossos vindos de todo o mundo. Tal como estudantes e cientistas que querem observar pessoalmente as técnicas da Jo. — Ele força um sorriso e pega na caneta. — Começamos? Tenho de estar num sítio às duas horas. Por causa do meu emprego, aquele que me paga as contas.

De acordo com o *site* da sua firma, Bill é mediador empresarial, seja lá o que isso for. Pergunto-me onde terá ele o fato escondido.

— Sim. Vamos a isso — respondo, num tom muito mais indiferente do que me pareceu.

— O seu depoimento em 1995. Mudou alguma coisa? Ao longo dos últimos dezassete anos, lembrou-se de mais alguma coisa em relação ao ataque ou ao seu atacante?

— Não — respondo com firmeza.

Estou disposta a ajudar, recordo a mim mesma, *mas só até certo ponto*. Tenho de proteger duas adolescentes, aquela que fui e a que dorme no quarto arroxeadado.

— De qualquer maneira, só para confirmar, vou fazer-lhe algumas perguntas específicas, está bem?

Anuo.

— Consegue descrever o rosto do homem que a atacou?

— Não.

— Lembra-se de onde se encontrou com ele?

— Não.

— Tem alguma memória de ter sido abandonada naquele campo?

— Não.

— Lembra-se de alguma vez ter visto o nosso cliente, Terrell Goodwin, antes do dia do seu depoimento?

— Não. Que eu tenha conhecimento, não.

— *Não é uma resposta boa e simples* — comenta ele. — Se for verdade.

— É a verdade.

— Lembra-se de alguma coisa que tenha acontecido nas horas em que esteve desaparecida?

— Não.

— A última coisa de que se lembra é ter comprado... tampões... no Walgreens?

— E um chocolate *Snickers*. Sim. — A embalagem foi encontrada na camp.

— Ouviu a chamada que fez para o cento e doze naquela noite, mas não se recorda de a ter feito?

— Sim. Correto.

— Tessa, tenho de lhe perguntar novamente. Há alguma hipótese de mudar de ideias e submeter-se a uma hipnose ligeira? Para ver se consegue lembrar-se de alguma coisa que tenha acontecido nessas horas? Ou examinar com um especialista os desenhos que me entregou? Se despertarmos alguma memória, o que quer que seja, isso pode ajudar-nos a conseguir uma nova audiência.

— Em relação à hipnose, nem pensar — respondo calmamente. — Já li o suficiente acerca do assunto para saber que pode induzir falsas memórias.

Quanto a examinar os desenhos que fiz na terapia, sim, acho que pode ser. Não faço ideia se irá ajudar.

— Ótimo. Ótimo. Tenho uma pessoa em mente. Alguém que já trabalhou comigo. Acho que vai gostar dela.

Quase me rio. Se ele fizesse ideia de quantas vezes ouvi aquilo.

Pousa a caneta num ângulo perfeito de noventa graus. Fá-la rodopiar. Para-a. Fá-la rodopiar outra vez. William sabe o que fazer com uma pausa longa e demorada. Começo a perceber que é capaz de ser um rapaz muito hábil em tribunal.

— Há um motivo para estar aqui, Tessa. Algo que não está a dizer. Preciso mesmo de saber o que é. Porque, com base nas suas respostas, é possível que ainda pense que o Terrell Darcy Goodwin é culpado até à medula.

Passei a noite passada acordada a pensar exatamente em como iria responder a esta pergunta.

— Sinto que magoei... o Terrell... quando depus. — *Devagar*, digo a mim mesma. — Que fui manipulada por muita gente. Durante anos. Por fim, a Angie convenceu-me de que não havia provas materiais conclusivas contra ele. E mostrei-lhe a si as susanas-de-olhos-negros por baixo da minha janela. — *Continuo de sobreaviso.*

— Sim. — Os lábios dele contraíram-se, formando uma linha fina. — Mas um juiz vai atribuir essas flores à sua imaginação ou a um lunático qualquer. Pode até inferir que foi você que as colocou lá. Está preparada para isso?

— É isso que pensa? Que estou a inventar?

O olhar dele é fixo, imperturbável. Irritante como o diabo. Talvez *William* não mereça saber tudo. Definitivamente, não está a fazer a pergunta certa.

Começo a pensar que ele planeou tudo de maneira a que eu acabasse por vir dar a esta sala. Para me atirar de encontro ao passado. Para espetar alguma ideia contundente no meu cérebro pouco cooperante.

— Os meus desenhos não são o seu trunfo — digo abruptamente. — Não ponha todas as suas esperanças numa jovem zangada com um pincel na mão.

TESSIE, 1995

Quinta-feira. Só passaram dois dias desde a nossa última consulta.

Na terça-feira, o médico interrompeu a sessão vinte minutos mais cedo, a seguir à minha explosão. No dia seguinte, ligou para marcar novo encontro. Não sei se ficou zangado por eu ter falado na filha dele ou se simplesmente não estava preparado para ouvir aquilo. Se há uma coisa que aprendi acerca dos psiquiatras ao longo do último ano, é que não gostam de surpresas da parte dos clientes. Querem ser eles a desenhar o caminho com migalhas de pão bolorento, ainda que conduza a uma floresta densa onde não se vê nada.

— Bom dia, Tessa. — *Formal*. — No outro dia, apanhaste-me desprevenido. Para ser sincero, não sabia como devia lidar com a situação. Por causa de ti e de mim.

— E eu estive quase para não voltar hoje. Nem nunca mais.

Não é exatamente verdade. Pela primeira vez em meses, sinto que detenho uma réstia de poder. Sopro a franja para longe dos olhos. Lydia levou-me hoje ao

centro comercial para um novo corte de cabelo. *Corte, corte, corte*, insisti. Quase conseguia ouvir o meu cabelo a cair no chão, suave e triste. Queria mudar o meu aspeto. Ficar mais parecida com um rapaz. Quando acabou, a minha melhor amiga analisou-me com sentido crítico e informou-me que eu tinha conseguido o efeito oposto. O cabelo curto fazia-me mais bonita, disse ela. Acentuava o meu nariz pequeno e direito, pelo qual eu devia agradecer a Deus todos os dias. Prolongava os meus olhos até parecerem dois discos voadores no grande céu do Texas. Lydia estava a preparar-se para os exames finais do secundário. Logo no primeiro dia em que me dera o braço, na segunda classe, anunciara que um dia iria para Princeton. Eu pensava que Princeton era uma pequena vila cheia de príncipes casadouros.

Acho que o médico está a andar de um lado para o outro. A passear pela sala. *Oscar* não me faz qualquer aviso. Está sonolento, provavelmente porque levou as vacinas há uma hora. A minha mais recente preocupação é que o meu pai pense nele como uma experiência precursora de um cão-guia e que o fiel e destreinado *Oscar* seja enviado para longe.

— Não me surpreende que te sintas assim. — A sua voz está atrás de mim. — Eu devia ter sido sincero desde o início. Acerca da minha filha. Apesar de ela não ter nada a ver com o motivo pelo qual aceitei o teu caso. — *É a segunda mentira dele.* — Já foi há muito tempo.

Incomoda-me, a voz dele a chegar até mim vinda de sítios diferentes, como um jogo do mata às escuras.

Conto dois segundos e a cadeira dele chia ligeiramente. Não é um homem pesado, mas também não é magricela.

— Foi o teu pai que te contou acerca da minha filha?

— Não.

— Então, ouviste alguma conversa? — pergunta ele, quase timidamente.

Como o tipo de pergunta que uma pessoa insegura e normal faria. Mas isto parece-me ser um território claramente inexplorado para ele.

— Estou sempre a ouvir conversas — respondo, num tom evasivo. — Acho que os meus outros sentidos estão sobredesenvolvidos.

Esta última parte é completamente falsa. Todos os meus sentidos estão um caos. A receita de feijão-verde frito com molho de *bacon* da minha avó sabe-me a cigarros empapados. A voz doce do meu irmão mais novo soa-me como as unhas falsas vermelhas da minha tia Hilda a arranharem vidro. De repente, dou por mim a chorar ao som da música *country*, que secretamente sempre achei ser para pessoas pouco inteligentes.

Ainda não vou contar nada disto ao médico. Não vou deixá-lo pensar que, de repente, estou hiperatenta. Não vou denunciar Lydia, que me leu todas as

notícias que conseguiu desencantar acerca de Terrell Darcy Goodwin e da investigação das Susanas-de-Olhos-Negros. Ou que pesquisou todos os psiquiatras que tentaram aceder ao interior da minha mente.

Só sei que, quando estou deitada sobre a manta cor-de-rosa de Lydia, a ouvir os lamentos de Alanis Morissette e a minha melhor amiga a ler com entusiasmo textos da pilha de folhas que imprimiu na biblioteca... é nesses minutos e nessas horas que me sinto mais segura. Lydia é a única pessoa que continua a tratar-me exatamente da mesma maneira.

Ela confia numa espécie de certeza inata que se tem aos dezassete anos, a de que sou capaz de morrer se viver num casulo silencioso, enroscada e frágil; que tratar-me com cuidado não me faz ficar melhor.

Por algum motivo, acho que este médico é capaz de ser a segunda pessoa que me percebe. Ele perdeu uma filha. De certeza que está familiarizado com a dor. Tenho esperança de que assim seja.

TESSA, NA ATUALIDADE

Tiro mais uma fotografia com o meu *iPhone*. Três imagens no total. Devia ter feito isto há cinco dias, antes de os caules se terem curvado e os seus olhos terem ficado a fitar tristemente o chão.

Só contei a história toda à Angie, penso. E agora ela está morta.

Não me deixo enganar pelas susanas murchas debaixo do peitoril da minha janela. Sei que cada um daqueles trinta e quatro olhos produz sementes suficientes para cobrir o meu quintal completamente, quando chegar a primavera. Enfio as luvas de jardinagem e pego na lata de herbicida que fui buscar à garagem. Pergunto-me se ele gostará de ver esta parte do processo. Descobri que o veneno é o método mais eficaz. Desde os dezassete anos que nunca mais arranquei susanas pela raiz.

Uma brisa paira no ar, espalhando o *spray* do herbicida. Sinto o seu sabor, amargo e metálico.

Se não me despacho, vou atrasar-me a ir buscar Charlie. Aplico a última

camada cancerígena. Tiro as luvas, deixo-as junto à lata de *spray*, corro a ir buscar as chaves na bancada da cozinha, subo para o jipe e conduzo durante dez minutos até ao ginásio dos caloiros. A sede dos Fighting Colts. Raparigas a tagarelar e a enviar mensagens de texto amontoam-se no passeio, com rabos de cavalo e os obrigatórios calções vermelhos de ginástica obscenamente justos, dos quais as mãos deviam oficialmente queixar-se, mas não o fazem.

A porta do banco de trás abre-se de repente, sobressaltando-me, como sempre.
— Olá, mãe.

Charlie atira para o interior do carro uma bolsa *Nike* azul, que transporta sempre surpresas malcheirosas, e uma mochila com livros, que aterra no banco como um bloco de cimento. Por fim, entra e bate com a porta.

Rosto suave e angelical. Pernas sensuais. Músculos firmes, mas sem a maturidade suficiente para se defenderem. Inocente sem o ser. Não gosto de tomar consciência destas coisas, mas treinei-me para a ver como ele poderá vê-la.

— O meu portátil é uma porcaria — anuncia ela.

— Como correu a escola? E o treino?

— Estou cheia de fome. A sério, mãe. Ontem à noite, não consegui imprimir os trabalhos de casa. Tive de usar o teu computador.

Esta menina linda, o amor da minha vida, de quem tive saudades durante todo o dia, já está a pôr-me os nervos em franja.

— McDonald's? — pergunto.

— Óbvio.

Deixei de me sentir culpada pelas idas ao *drive-through* depois do treino. Não é coisa que impeça a minha filha de devorar um jantar completo e saudável duas horas mais tarde. Charlie come pelo menos quatro vezes por dia e continua a ser um espeto, alta e esguia. Herdou o meu antigo apetite de atleta e o cabelo ruivo, e do pai, uns olhos cuja cor muda com o humor. Tons de púrpura quando está feliz, cinzentos quando se sente cansada. Quando está completamente furiosa, ficam pretos.

Não é a primeira vez que desejo que o pai de Charlie não estivesse a milhares de quilómetros de distância, numa base militar no Afeganistão. Desejo que ele não tivesse sido apenas uma forte paixoneta quinze anos atrás e que as coisas não tivessem corrido mal um mês antes de descobrir que estava grávida. Charlie não parece importar-se minimamente com o facto de nunca nos termos casado. O tenente-coronel Lucas Cox envia dinheiro com a regularidade de um relógio de precisão e mantém-se em contacto permanente. Julgo que está prevista uma sessão de Skype para esta noite.

— Falamos acerca do teu computador mais tarde, está bem?

Não obtenho resposta. Está com certeza a enviar mensagens de texto. Ponho o carro em andamento e decido deixá-la descomprimir, depois das oito horas que passou debaixo de luzes fluorescentes a construir prismas triangulares e a desconstruir Charlotte Brontë. Depois de ela ter abandonado o livro *Jane Eyre* no sofá ontem à noite, trocando-o pelo Facebook, reparei que a heroína que figurava na capa exibia um bigode novo e chifres de demónio. *Ela está sempre a queixar-se*, lamuriou Charlie esta manhã, ao mesmo tempo que enchia a boca de bacon.

Minutos depois, rodamos na faixa do *drive-through*.

— O que é que queres? — pergunto.

— Hum.

— Charlie, larga o telemóvel. Tens de fazer o pedido.

— Está bem — responde num tom animado. — Quero um Big Mac e um *MacBook Pro*.

— Muito engraçadinha.

A verdade é que adoro isto nela — o sentido de humor arrogante, a sua segurança e a capacidade de me fazer rir às gargalhadas quando não tenho vontade nenhuma. Espero até ela estar sensivelmente a meio do seu Big Mac para começar A Conversa. No jipe, quando estamos sozinhas, a probabilidade de as palavras ficarem retidas no seu cérebro é sempre maior.

— Mudei de ideias e decidi envolver-me na execução do Terrell Darcy Goodwin — digo-lhe. — Falei com o novo advogado do caso. Uma perita forense de grande prestígio vai examinar novamente as provas. Recolheu uma amostra do meu ADN esta semana.

Faz-se um breve silêncio.

— Isso é bom, mãe. Mas tens de estar completamente segura do que vais fazer. Andas a preocupar-te muito com isso ultimamente. Agora, há cada vez mais pessoas a serem libertadas por causa do ADN. O nosso professor de ciências disse-nos que Dallas libertou mais condenados do corredor da morte do que quase todos os outros estados. As pessoas acham que matamos toda a gente. — Ouço-a amachucar o invólucro do hambúrguer.

— Não atires isso para o chão — digo automaticamente. E, para mim própria: *Será porque temos de facto mais inocentes no corredor da morte?*

— E a Angie — acrescenta Charlie. — Ela era simpática. Estava completamente convencida. E disse que nada do que tinha acontecido era culpa tua.

— Vou voltar a aparecer nas notícias. — O que quer dizer que Charlie não será imune.

— Já passei por isso. As minhas amigas cuidam de mim. Eu aguento-me, mãe.

A sua ingenuidade quase me dá vontade de chorar. Ao mesmo tempo, é difícil acreditar que Charlie é três anos mais nova do que eu era quando depus. Parece muito mais *preparada*.

Entro no caminho de acesso à nossa casa e desligo a ignição. Charlie remexe-se enquanto recolhe as suas coisas, mas eu não me volto.

— Nunca, mas mesmo *nunca*, entres num carro com alguém que não conheces. Nunca andes sozinha. Não fales com jornalistas. — No espaço exíguo e fechado, a minha voz soa mais contundente do que gostaria. — Quando eu não estiver em casa, liga o alarme assim que fechares a porta.

É ridículo estar a dar estas instruções mais do que gastas pela milésima vez, mas tornei-me demasiado complacente. Desde o velório de Angie que jurei a mim mesma saber onde Charlie está em cada momento. Há dias, recusei trabalhar em *freelance* num projeto de *design* em Los Angeles — construir uma escada a partir de carros velhos e vidro reciclado — que teria garantido o equilíbrio das nossas finanças nos próximos dois anos.

— Mãe. — Enche estas três letras de todo o paternalismo adolescente que consegue. — Eu *aguento-me*.

Antes que eu possa responder, sai atabalhoadamente do carro, carregada como um soldado que se lança numa batalha, e corre para a porta de casa com as chaves na mão. Em poucos segundos, está lá dentro. Preparada, tal como a ensinei. *Inocente, sem o ser*.

A pergunta que nenhuma de nós nunca faz surge em voz alta: *Mas, se não foi ele, então quem foi?*

Sigo-a devagar, teclando no meu telemóvel. Quase tropeço na bolsa que ela deixou no vestíbulo, penso em chamá-la, detenho-me. Dirijo-me para a pequena secretária da sala de estar onde se encontra o meu portátil, recupero o *email* que acabo de enviar para mim mesma, abro-o e clico em «Imprimir». Ao ouvir a impressora regurgitar a menos de um metro de distância, penso que Charlie tem razão: a nossa casa precisa de ser tecnologicamente mais eficiente.

A impressora expelle três fotografias pouco nítidas de flores murchas. A porta do quarto de Charlie já se encontra fechada quando passo por lá.

Segundos depois, estou em bicos de pés a tirar da prateleira mais alta do roupeiro do meu quarto a caixa de sapatos que diz, de forma bem visível: «Documentos Fiscais».

O assassino plantou para mim susanas-de-olhos-negros por seis vezes. Independentemente de onde eu estivesse a viver. Ele gosta de me manter na expectativa. Agora, tenho a certeza disso.

Por vezes, esperou tanto tempo entre duas plantações, que, antes de Angie, eu conseguia convencer-me na maior parte dos dias de que o verdadeiro assassino

se encontrava na prisão. Que as primeiras susanas-de-olhos-negros tinham sido obra de um perseguidor qualquer e as restantes, o resultado de caprichos do vento.

Esta caixa, destinada a ténis *ASICS*, tamanho 37,5, e onde se lê «Documentos Fiscais», contém as fotografias que tirei de cada uma das vezes. Por precaução.

Pouso-a em cima da cama e levanto a tampa. No topo, encontra-se aquela tirada com a velha *Polaroid* do meu avô.

Nessa primeira vez, imediatamente a seguir ao julgamento, pensei que ou era eu que tinha enlouquecido ou aquelas susanas-de-olhos-negros tinham florido subitamente em outubro debaixo do carvalho no quintal das traseiras em virtude de algum padrão meteorológico bizarro. Só que o solo parecia ter sido remexido. Num certo frenesim, eu própria arranquei as flores selvagens com uma colher velha.

Não quis falar daquilo a ninguém porque a vida em minha casa estava a retomar uma aparência de normalidade. A minha terapia tinha acabado. Terrell Darcy Goodwin estava preso. O meu pai tinha uma namorada pela primeira vez.

Mas nesse dia a colher embateu noutra surpresa ali enterrada, algo duro de plástico cor de laranja. Um velho frasco de comprimidos. Com o rótulo arrancado. Tampa à prova de crianças.

Charlie aumentou o volume da música. Ouve-se através da parede, mas não é suficiente para abafar as palavras escritas naquele pedaço de papel enrolado dentro de um pequeno frasco cor de laranja.

*Oh, Susana, Susana, minha querida
Recebe os meus votos de para sempre amar-te
Deixa-me beijar essa lágrima caída
Nunca mais quero magoar-te
Mas se contares a alguém
Farei da Lydia
Uma Susana também.*

TESSIE, 1995

Depois de ele ter abandonado o consultório, passo os dedos por três lápis de carvão grossos, pela fria mola metálica de um bloco de desenho, um copo de papel com água, alguns pincéis e uma pequena caixa de tintas com uma dobradiça ruidosa. O médico repetiu-me a ordem das cores quatro vezes, da esquerda para a direita. Preto, azul, vermelho, verde, amarelo e branco.

Como se as cores que eu escolher fizessem uma diferença significativa. Já estou a pensar misturá-las para obter roxo e cinzento, laranja e azul-turquesa. As cores das nódoas negras e dos pores do sol.

Não é a primeira vez que desenho estando cega. Quando a minha mãe morreu, o meu avô tentava permanentemente distrair-me do desgosto.

Sentávamo-nos à sua velha mesa de piquenique em madeira de cedro. Ele espetava um lápis n.º 2 no centro de um prato de papel, formando uma sombrinha, para que eu pudesse agarrar no lápis mas sem ver a minha mão enquanto desenhava.

— É fundamental criar imagens na tua cabeça — dizia-me. — Não precisas dos olhos para fazer isso. Começa pelas margens.

Lembro-me do rebordo de flores azul-claras gravado no prato de papel, de os meus dedos estarem peganhentos com suor e chocolate, mas não me lembro do que desenhei nesse dia.

— As memórias não são como o adubo — dissera-me o médico, enquanto me conduzia até junto da sua secretária. — Não se degradam.

Eu sabia precisamente o que ele pretendia com este pequeno exercício. A prioridade não era curar a minha cegueira. Ele queria saber porque é que o meu tornozelo se tinha estilhaçado, que objeto originara a meia-lua debaixo do meu olho. Queria que eu desenhasse uma *cara*.

Não disse nada disto, mas eu sabia.

— Tens aqui em cima uma capacidade de armazenamento infinita. — Deu-me uma palmadinha na cabeça. — Só precisas de procurar bem no interior de cada caixa.

Se me tivesse dado mais alguma dica de autoajuda antes de fechar a porta atrás dele, eu teria gritado.

Ouçõ o meu pai lá fora, palavras indistintas e abafadas, como escritas por um lápis mal afiado. *Oscar* aconchegou-se debaixo da secretária com a cabeça deitada na minha tala. Sinto pressão, mas uma pressão agradável, como quando a minha mãe pousava a mão nas minhas costas. A voz do médico flutua através da porta. Estão a falar de resultados desportivos, como se o mundo estivesse a funcionar na perfeição.

Quando o carvão começa a riscar insistentemente o papel, a minha mente está em branco.

O estalido da porta a abrir assusta-me. Salto, *Oscar* salta e o bloco de desenho cai ao chão. Não faço ideia de quanto tempo passou, o que é uma novidade, porque desde que ceguei consigo adivinhar que horas são com um erro máximo de cinco minutos. Lydia atribui esta capacidade a um relógio interno primitivo, como aquele que lembra aos animais em hibernação que está na hora de acordarem no isolamento sombrio das suas cavernas e voltarem a aventurar-se no mundo.

Sinto o cheiro dele, o mesmo perfume *Tommy* com que Bobby se borriça sempre abundantemente no Dillard's. O meu médico usa *Tommy Hilfiger*, soa a Tommy Lee Jones. Tudo é Tommy.

— Só vim ver como está a correr — diz.

Está ao meu lado, debruçado enquanto apanha o bloco do chão e o poussa cuidadosamente à minha frente na secretária. Os meus desenhos, à exceção daquele que se encontra ainda no bloco, estão espalhados em cima da secretária. Sinto a cabeça a latejar e pressiono a têmpora direita com um dedo, como se houvesse aí um botão de pausa.

— Posso? — pergunta ele.

O que é ridículo, pois tenho a certeza de que os seus olhos já perscrutam avidamente os desenhos. Pega numa folha, poussa-a, pega noutra.

O ar está pesado com o fervor da sua desilusão. É um professor com um aluno de segunda, de quem esperava uma eventual surpresa.

— Foi só a primeira vez — comenta. Um silêncio desconfortável. — Não usaste as tintas. — Será uma nota de repreensão?

Ele retesa-se. Aproxima-se, toca-me no ombro e vira o meu bloco que, aparentemente, estava de pernas para o ar.

— Quem é?

— Ainda não acabei.

— Tessa, *quem é?*

Eu tinha esfregado o carvão na folha até ela ficar negra. Tinha remexido na gaveta da secretária dele à procura da borracha para o lápis n.º 2, que usei para descrever um ninho caótico de cabelo em torno da cabeça dela. Com a unha, riscara cuidadosamente uns grandes olhos, maçãs do rosto e nariz delicados, e uns lábios carnudos que formavam um «O» assustado.

Pensei *nas margens*. Não havia um pescoço a fixá-la à escuridão. Ela flutuava no espaço exterior, uma gritante constelação silenciosa. Tinha desenhado um rosto, mas não o que ele queria.

— É a sua filha.

Não faço ideia por que razão me senti impelida a torturá-lo. Podia ter dito que era Lydia. Ou a minha mãe. Ou eu. Mas não disse.

Sinto uma ligeira deslocação de ar quando ele recua abruptamente. Pergunto-me se quererá bater-me. *Oscar* está a ganir, um gemido que emana bem do fundo da sua garganta.

— Não se parece nada com ela.

Apercebo-me de uma ligeira quebra na sua voz. Na minha cabeça, forma-se a imagem de um ovo preto perfeito com uma fina fratura branca.

Sei que a resposta dele é desadequada, até pateta. Aos dezassete anos, já sou uma artista dotada, mas este desenho é claramente distorcido e até mesmo infantil. É *claro* que não se parece nada com ela. Nunca a vi. *Sou cega*.

Ele é médico. Não devia permitir que eu transformasse isto num assunto da sua esfera privada.

Quando é que me tornei capaz de tamanha crueldade?

TESSA, NA ATUALIDADE

Ao mesmo tempo que escavo mais profundamente a terra solta debaixo da minha janela, arrancando as susanas venenosas e depositando-as junto a mim numa pilha perfeita de ervas daninhas, penso em Lydia. O metal da enxada está manchado com vestígios de ferrugem da cor do sangue, mas a face brilhante cintila à luz filtrada pela rede da janela do meu quarto.

As cortinas amarelas esvoaçam, pálidas sob o luar, inflando e retraindo-se. Enquanto esperava que Charlie adormecesse, estendi-me no sofá, sintonizei a televisão no *Jimmy Kimmel Live* e fui fazendo uma lista numa fatura do supermercado, como se assim os conteúdos se tornassem menos prejudiciais.

Queria vê-los cuidadosamente anotados. Cada um dos lugares onde tinha encontrado um leito de susanas-de-olhos-negros em todos estes anos desde o julgamento. A grande pergunta, para a qual já tinha uma resposta, era: *Devo voltar a todos estes sítios sozinha? Com o Bill? Com a Joanna? Não será apenas uma perda de tempo para eles e levá-los a pensar que sou ainda mais*

louca do que imaginavam?

Parecia-me altamente improvável que conseguisse encontrar tantos anos depois objetos que ele tivesse enterrado para mim, ou que acertasse no sítio exato onde devia cavar, mesmo tendo as fotografias. A chuva inunda, a Terra gira.

Agora, estou de gatas no chão nesta noite escura, remexo a terra com a mão e pergunto-me se estarei errada. Encontro um parafuso errante que caiu das mãos de um trabalhador quando as janelas foram substituídas há dois anos. Um pedaço de papel. As raízes teimosas de uma videira, que surgem como um osso branco.

Lydia sabia sempre o que fazer nestas situações. Era ela que tinha uma mente científica e lógica, capaz de pôr as emoções de parte e analisar tudo com o desprendimento clínico que eu não possuía. No verão em que fizemos oito anos, ela pintava dentro do limite das linhas dos seus livros de colorir, ao passo que eu tentava inventar uma nova cor, misturando lápis de cera meio derretidos no passeio, sob o sol escaldante do Texas.

Na escola básica, eu gostava de correr contra o vento, só pela luta que isso dava. Lydia ficava à minha espera, sentada numa manta de pernas cruzadas, a ler alguma coisa demasiado avançada para a sua idade. *O Grande Gatsby. Hamlet. 1984.* A seguir, enquanto eu ficava estendida no chão a arfar, ela pressionava uns dedos frescos contra o meu pulso e contava as batidas do meu coração.

Sabia que não morreria enquanto ela tomasse conta de mim. Foi ela quem me sussurrou ao ouvido no momento em que eu fitava uma versão cérea amarelada da minha mãe dentro do caixão. *Ela não está aí.* Desde o início que se sentia invulgarmente atraída pela morte.

Quando nos foi pedido que fizéssemos um trabalho de história mundial acerca de «um momento fascinante na história britânica», dois terços da turma de caloiros da professora Baker escreveram sobre os Beatles. Eu reproduzi cuidadosamente uma réplica da Torre de Londres na época medieval e pensei no milagre divino que impedia as lojas e casas apinhadas no topo de caírem ao majestoso Tamisa.

Lydia escolheu um rio maléfico, tão escuro e com tantos redemoinhos, que não se conseguia ver o fundo. A professora Baker pediu-lhe que lesse o trabalho em voz alta para a turma, provavelmente porque sabia que isso iria manter-nos acordados nas carteiras.

Nunca vou esquecer o tom arrepiante com que ela proferiu as primeiras linhas do texto, copiadas do relatório do médico-legista.

O corpo estava deitado no meio da cama, de costas, mas com o tronco inclinado para o lado esquerdo. A cabeça estava virada sobre a face esquerda.

Enquanto a maioria dos seus colegas refletia sobre a hipótese de a canção «I

Am the Walrus» ser apenas uma grande *trip* de ácido de John Lennon, Lydia embrenhara-se na história da última vítima de Jack, *o Estripador*.

Mary Kelly conheceu a sua morte medonha no quarto número 13 da pensão na Dorset Street, número 26. Tinha 1,74 m, vinte e cinco anos, grandes seios para uma prostituta e devia vinte e sete xelins de renda.

Foi ouvida a cantar no seu quarto horas antes de morrer.

Não é preciso ser um especialista no domínio da memória para perceber porque me lembro de todos esses pormenores passados tantos anos, quando me lembro tão pouco da Torre de Londres medieval. Lydia falou com sotaque britânico durante a apresentação. A dada altura, bateu três vezes com o punho no peito, dramatizando as primeiras facadas.

Patético. Aterrador.

Para a redação desse trabalho, Lydia enclausurara-se durante dois fins de semana na biblioteca da Universidade Cristã do Texas. Leu dissertações, relatórios médicos do século XIX e ensaios de autoproclamados «Estripadorólogos». Enfiou o trabalho numa pasta de plástico e disse-me para abri-lo na última página antes de ela ter de o entregar.

Fui arrebatada por aquele terror pornográfico: uma fotografia a preto-e-branco de Mary Kelly, deitada na sua cama da pensão barata, com as entranhas expostas. Nunca soube onde tinha Lydia encontrado aquilo, nesses dias em que não havia Google. Só sabia que era sempre uma investigadora implacável.

Porque estou a pensar nisto agora? Esfrego a mão na testa, limpando o suor e deixando grãos de terra. Estou de regresso à cozinha, com o pé no pedal do caixote do lixo, a deitar fora o que recolhi. E é então que me ocorre.

Tinha ignorado o pedaço de papel porque não havia nenhum poema sádico escrito nele. Tiro-o logo do lixo e examino-o de perto. Pode ser um pedaço do invólucro de um chocolate. *Qual foi o chocolate que comprei no Walgreens na noite em que desapareci? Aquele que comprava todas as terças-feiras para o Roosevelt?*

Roosevelt era uma figura com quem me cruzava na minha corrida das quartas-feiras. Pus-lhe essa alcunha porque todos os dias, ao meio-dia em ponto, ele subia para um velho balde vermelho e proferia o discurso inaugural do presidente Franklin Delano Roosevelt na íntegra.

Quando eu passava a correr por lá no regresso da escola, ele já tinha terminado há muito a sua diatribe. Tínhamos instituído uma rotina. Eu atirava-lhe uma barra de *Snickers*, o seu chocolate preferido, sem abrandar o passo. Ele conseguia sempre apanhá-lo e presenteava-me com um grande sorriso, mostrando-me os dentes. Esses encontros tornaram-se um ritual de boa sorte na época das provas de atletismo e um pacto que eu mantinha quando começava o

verão. Nunca perdia uma corrida depois de me ter cruzado com Roosevelt.

Por isso, ficou decidido. Todas as terças-feiras à noite, comprava um *Snickers*. Não comprava dois, três ou quatro de uma vez. Comprava um todas as terças-feiras à noite, ele apanhava-o na quarta-feira e eu ganhava, ganhava, ganhava.

Contudo, naquelas horas de que não me recordo, parece que fiz algo que nunca, nunca teria pensado fazer. Comi o chocolate dele. Havia vestígios de chocolate quando vomitei no hospital.

Estava completamente empenhada no meu ritual com Roosevelt. Nas vitórias. Terei comido o chocolate naquela noite porque pensei que nunca mais voltaria a correr?

Retiro um saco de plástico para sandes da prateleira da despensa e fecho o invólucro lá dentro. *Ele tocou nisto? Esteve debaixo da minha janela a comer?* O meu telemóvel toca em cima do sofá da sala de estar, perturbando o silêncio que está por toda a parte menos no meu peito.

Hastings, William.

— É tarde, Bill. — Nem sequer o cumprimento.

— Não dei pelas horas passarem — responde ele. — Só queria certificar-me de que se lembrava que tem de estar no laboratório da Universidade do Norte do Texas amanhã às nove e quarenta e cinco, um quarto de hora antes de os técnicos começarem a processar os ossos.

Como podia esquecer-me?, tenho vontade de gritar, mas em vez disso replico:

— Eu vou lá ter. — Só pode ser este o motivo do seu telefonema; parece decidido a dar-me boleia.

Bill deixa passar alguns segundos.

— A Joanna não quis contar-me ao telefone, mas disse que o antropólogo forense já encontrou qualquer coisa.

TESSIE, 1995

— Como estão a correr os desenhos em casa? — pergunta ele, antes mesmo de eu ter tempo de me sentar.

— Esqueci-me de os trazer comigo — minto.

Os desenhos, nove no total, estão precisamente onde quero que estejam... numa caixa vermelha de camisolas do Macy's dentro do meu roupeiro, com a etiqueta «Tampões extra», para garantir que o abelhudo do meu irmão mais novo não lhe mexe.

O telefone que se encontra em cima da secretária dele toca. É o toque de emergência, um dos sons de que mais gosto no mundo, porque implica minutos em que ele é sugado para longe de mim.

— Desculpa, Tessie — diz. — Dá-me licença por um instante. Acabo de dar entrada a um paciente no hospital e estava à espera de algumas perguntas da enfermeira.

A voz do médico viaja até mim vinda do lado oposto da sala. Decifro algumas

palavras. *Elavil. Klonopin*. Ele não devia estar a ter esta conversa em privado? Faço um enorme esforço para não ouvir, porque não quero imaginar que está uma pessoa como eu do outro lado e envolver-me emocionalmente. Por isso, concentro-me noutras coisas, como tentar comparar a fala arrastada do médico com a descrição que Lydia faz dele.

A ideia foi dela. Ontem, com a minha bênção, apanhou o autocarro até ao *campus* da Universidade Cristã do Texas e foi sorrateiramente assistir a uma das palestras que ele faz ao fim das tardes no verão: «Anastásia Encontra Agatha Christie — Explorando a Matéria Cinzenta sobre a Amnésia».

Quando ela me disse o tema da palestra, retraí-me um pouco. Era demasiado elaborado. Mas a verdade era que estava à procura de motivos para ser crítica.

No momento em que Lydia punha os grandes óculos redondos de armação de plástico que usava quando as lentes de contacto a incomodavam, passava perfeitamente despercebida no meio de um grupo de estudantes universitários. O pai dissera-lhe certa vez que ela era uma daquelas pessoas que já nascem com trinta anos, frase que repetia com frequência e cujo fardo Lydia carregava como se de um ferimento mortal se tratasse. Eu, bem... não posso dizer-lhe isto, mas ultimamente não me sinto muito confortável ao pé do pai dela.

Enquanto crescíamos, o senhor Bell inventou uma receita de chili de comer e chorar por mais, levava-nos ao campo de tiro e a passear pelo lago Texoma no seu barco insubmergível, no Dia do Trabalhador e no 4 de Julho. Mas tinha oscilações de humor e era conhecido pelas suas explosões. E, desde que fiz catorze anos, os seus olhos por vezes detinham-se em sítios que não deviam. Se calhar, limitava-se a ser mais honesto do que a maior parte dos homens quando confrontados com a puberdade. Talvez fosse melhor saber disso, pensava eu, e usar calções mais compridos em casa dela.

Ontem à noite, ao fim do seu dia bem-sucedido de espionagem e de termos comido as sobras da tarte *Frito* do meu pai, Lydia estava particularmente bem-humorada.

— Sabes que a Agatha Christie esteve desaparecida durante onze dias em 1926, sem que ninguém fizesse ideia de onde ela estava? — perguntou-me, ofegante, sentada aos pés da minha cama.

Imaginei-a na sua postura do costume, com as pernas facilmente entrelaçadas em posição de lótus, as suas *Doc Martens* com flores cor-de-rosa atiradas algures para o meio do chão, um elástico cor-de-rosa elétrico a apanhar-lhe a farta cabeleira preta. O cor-de-rosa era a cor de Lydia.

Em barulho de fundo, soava aos nossos ouvidos um resumo dos acontecimentos do dia no julgamento de O. J. Era impossível escapar-lhe. O meu pai não gostava da ideia de eu ter uma televisão empoleirada na minha cómoda.

Muito menos lhe agradava que ouvisse aquela saga sangrenta. Mas tinha cedido automaticamente quando eu lhe disse que o ruído permanente fazia com que me sentisse menos sozinha. E que não estava realmente a prestar atenção ao que ouvia.

Não era completamente mentira. Descobri que havia uma qualidade apaziguadora na voz metódica da procuradora Marcia Clark. Como poderia alguém *não* acreditar nela?

— Deu um beijo de boas-noites à filha e desapareceu — prosseguiu Lydia. — Pensaram que ela se tinha afogado num lago, conhecido como o Lago Silencioso, porque foi aí que encontraram o carro dela empanado.

— O Lago Silencioso? — pergunto com ceticismo.

Era assim que qualquer pessoa mentalmente sã tinha de estar perto de Lydia; pelo menos, parte do tempo.

— *A sério*. Podes ler por ti. — E atirou-me um pedaço de papel.

Se fosse outra pessoa qualquer, poderia parecer uma piada maldosa. Mas era Lydia. Quando ela estava por perto, a minha visão ficava menos cinzenta e mais clara, como se estivesse estendida em cima da relva a contemplar o ocaso do fim do verão. Deixei os meus dedos agarrarem a sua prova tangível de que Agatha Christie tinha vivido um dos seus romances, como se isso fosse importante.

— De qualquer maneira, foi lá que encontraram o carro dela — repetiu Lydia. — A outra ideia foi de que o cretino do marido infiel a tinha matado e abandonado o carro ali. Enquanto a busca prosseguia, Sir Arthur Conan Doyle até levou uma luva dela a uma médium, para tentar descobrir onde é que ela teria ido. Veio na capa do *The New York Times*. — Mais ruído de papel a restolhar. — Mas acabou por aparecer. Afinal, tinha sofrido de *amnésia*. Durante *onze dias*.

— Foi esse o tema da palestra? — Era reconfortante, mas por outro lado não era.

— Hum, hum. Eu fiquei intrigada com o título e, por isso, passei primeiro pela biblioteca. Quando cheguei à sala de aulas, o teu *doutor* estava a falar das causas da perturbação de fuga e da sua relação com a amnésia dissociativa.

Devia ser muito difícil viver dentro da cabeça de Lydia. Imaginava-a de uma luminosidade ofuscante e caótica, como a explosão de uma estrela. Os dois lados do seu cérebro em guerra constante. Porque a brilhante e estável Lydia era uma viciada em crimes e celebridades. O julgamento de O. J. era o seu LSD. Qualquer pormenor irrelevante deixava-a pedrada. Como numa destas noites, quando se rira do episódio de O. J. Simpson a pedir um copo de sumo de laranja aos polícias depois da perseguição ao *Ford Bronco*, para depois se pôr a dissertar durante dez minutos sobre o facto de o júri não apreender o conceito de polimorfismo restritivo no comprimento dos fragmentos do ADN.

— Afinal, o que é que lhe aconteceu? — perguntei, tentando despachar o assunto porque estava com curiosidade, mas com vontade de saber se o meu médico parecia ser um sacana manipulador.

— Foi encontrada numa estância termal sob outra identidade. Alegava não reconhecer fotografias suas no jornal. Alguns médicos disseram que era suicida, que estava em transe psicogénico, que é uma espécie de perturbação de fuga. *Daí*, o título da palestra do teu médico.

— Prefiro pensar nela como uma velhinha simpática que escrevia histórias de mistério junto à lareira.

— Eu sei. É como descobrir que a Edna St. Vincent Millay andava a dormir com uns e outros e era viciada em morfina. As Ednas e as Agathas deviam manter-se fiéis aos seus nomes.

Ri-me, quase como costumava rir-me antes, e imaginei o som da minha gargalhada a passar por baixo da porta e a aliviar a expressão tensa no rosto do meu pai.

— Uma escritora de romances de mistério com um marido que a traía e dada como desaparecida. Parece um golpe publicitário.

— Há quem possa pensar o mesmo a teu respeito — retorquiu a minha melhor amiga.

Um deslize raro, no caso dela. E que atingiu o alvo, causando uma dor aguda no lado direito do meu estômago.

— Desculpa, Tessie. Saiu-me. É claro que isso *também* não é verdade. Ele é o tipo de professor por quem se pode sentir uma valente paixoneta, sabes? Por ter aquele *cérebro*. Não é uma fraude. — Lydia ficou um momento em silêncio. — Eu gosto do tipo. Acho que podes confiar nele. Tu não achas?

Mais uma bofetada. Quinze horas mais tarde, de volta ao sofá do médico, estou a absorver na íntegra as repercussões desta evolução dos acontecimentos. Lydia, a minha amiga leal e objetiva, dava agora ao meu médico o benefício da dúvida. Interroguei-me se teria sido louca ao ponto de levantar a mão. Fazer uma pergunta. *Fazer-se notar*.

Eu devia ter pensado melhor nisto.

O médico acaba de me pedir licença e sair da sala. Quanto mais tempo ele se ausenta, mais escuro fica. Ninguém imaginaria que isso faça diferença quando se é cego, mas faz. O ar condicionado sopra ruidosamente através da ventilação, mas é cada vez mais difícil respirar. Puxei os joelhos para junto de mim e abracei-os. A minha língua sabe a truta morta. Sinto um temor cada vez maior de que ninguém venha a encontrar-me e a tirar-me daqui a tempo. De sufocar neste espaço.

Isto é um dos seus testes, doutor?

No preciso momento em que decido que não aguento mais, ele entra na sala apressadamente. Quando se instala, a cadeira chia sob o seu peso. Luto contra a vaga de gratidão. *Voltou.*

— Isto demorou mais do que eu tinha pensado. Podemos compensar o tempo que perdemos na nossa próxima sessão. Temos cerca de meia hora. Esta semana, gostaria de falar da tua mãe, se achares bem.

— Não é por isso que estou aqui — respondo prontamente. — Já debati suficientemente esse assunto há anos. Muitas pessoas perdem a mãe.

Um nevoeiro aparece nos cantos da minha visão. Surgem por todo o lado pontos de luz frenéticos, como um enxame de pirilampos assustados. Há novos hóspedes na minha cabeça. Pergunto-me se isto quererá dizer que estou prestes a desmaiar. *Como é que hei de saber qual é a diferença?* Os meus lábios contorcem-se e quase desato a rir.

— Nesse caso, não devias importar-te de falar disso — comenta ele, num tom razoável. — De me pões a par. Onde estavas no dia em que ela morreu?

Como se você não soubesse já. Como se não tivesse um grosso dossiê em cima da sua secretária que nem tem de se dar ao trabalho de esconder de uma rapariga cega.

O meu tornozelo lateja e envia uma mensagem à cicatriz em quarto crescente que tenho no rosto e à linha cor-de-rosa de oito centímetros cuidadosamente desenhada por baixo da minha clavícula esquerda. *Será que ele não percebe que me sinto incomodada? Que devia deixar-me em paz?*

As partes do seu rosto rodopiam teimosamente, recusando-se a ficar paradas no lugar. Olhos azul-acinzentados, cabelo castanho, óculos de aros metálicos. Nada parecido com Tommy Lee Jones, segundo Lydia. Ainda assim, não consigo formar uma imagem dele. Não consigo desenhá-lo estando cega.

Esta é a pior sessão de sempre e ainda só começámos.

— Estava a brincar na casa da árvore — respondo-lhe, ao mesmo tempo que os pirilampos fazem a sua dança de pânico.

TESSA, NA ATUALIDADE

Chegou a primeira Susana, embrulhada num tecido branco, como se estivesse vestida para o santo batismo. A mulher que a segura também está coberta de branco dos pés à cabeça, com a boca e o nariz tapados por uma máscara, pelo que apenas consigo ver olhos castanhos. Parecem bondosos.

Desenrola o tecido e ergue a Susana cuidadosamente até à divisória de vidro. A maior parte das pessoas do pequeno grupo reunido do outro lado do corredor posiciona avidamente os seus *iPhones*. A Susana é atingida por *flashes* rápidos, qual estrela de cinema.

O crânio dela é uma mostra de terror. Os olhos são dois buracos que vão até ao fundo do oceano. A maior parte da mandíbula inferior desapareceu. Restam apenas alguns dentes podres, pendurados como estalactites numa gruta abandonada. O vazio daqueles dois horrorosos buracos escancarados lembra-me que em tempos ela foi humana. Que, em tempos, pôde retribuir o olhar.

Lembras-te? A sua voz oca e desdentada borbulha junto ao meu ouvido. Uma

granada por despoletar entra em erupção no meu peito. É um choque, mas não devia ser. As Susanas já estavam em silêncio há mais de um ano. Tinha sido uma tolice pensar que tinham desaparecido.

Agora, não. Imagino a minha mão a tapar-lhe a boca. Guincho para mim mesma «The Star-Sprangled Banner».

As bombas a rebentarem no ar. Jo a apertar-me o braço.

— Desculpe o atraso.

Absorvo a normalidade excêntrica dela. Bata branca, calças de caqui, *Nikes* roxos, um distintivo de plástico pendurado ao pescoço num cordão gravado com um padrão de caveiras e ossos cruzados. Uma baforada de algum químico, mas que não é desagradável.

Respirar fundo. Estou deste lado do vidro. Do lado de cá do Inferno.

Joanna acena a cabeça apaticamente para o grupo. Além de mim e Bill, houve mais quatro pessoas autorizadas a assistirem a este acontecimento: três estudantes de doutoramento — um de Oxford e dois da Universidade do Norte do Texas — e uma bela cientista, loura natural, vinda da Suécia e chamada Britta.

Tínhamos passado os últimos quinze minutos juntos, estranhos a fingirem que não estavam prestes a observar a morte na sua forma mais sádica. Os olhares dos estudantes dirigiram-se para mim com interesse, mas ninguém fez perguntas.

Antes de Jo chegar, estávamos a debater com entusiasmo os três sítios em Dallas e em Fort Worth que Britta não podia deixar de visitar antes de voltar para o seu laboratório em Estocolmo, daí a duas semanas: o Museu Amon Carter — pelas suas esculturas musculadas em bronze de Russell e Remington e pelo belo rapaz negro com o chapéu feito de uma folha de jornal; o Museu Kimbell — pela sua luz prateada a incidir sobre obras-primas de seios avantajados e pelo malfadado rapaz na companhia de cruéis facas de cortar papel do século XVI; o Sixth Floor Museum — onde Oswald empunhou a sua espingarda e um obstinado teórico da conspiração de olhar gaseado andou pelo o passeio a dizer: *Não, assim não foi.*

Quando Britta olha para Bill, penso que o mais provável é ela ir parar à sua cama. Esta manhã, ele só me dirigiu um breve sorriso.

— O Stephen King pesquisou parte da sua obra sobre a viagem no tempo de Kennedy nos arquivos do Sixth Floor Museum — conta-lhes Bill.

— Grande livro — comenta Jo. — O King é um génio. Mas nunca percebeu bem o Texas. E digo isto sendo do Oklahoma. Olá, Bill. Tessa. Sarita. Josh e Gretchen. Britta, fico contente por ter conseguido vir hoje. Parece que eles estão a começar.

O crânio está agora voltado para nós, olhando-nos maliciosamente do seu

lugar em cima da bancada. A mulher vestida de branco continua a desembulhar peças do *puzzle*. O osso de uma perna, comprido e cor de pérola, e depois outro em muito pior estado, como se fosse um ramo de árvore arrancado pelo mau tempo no inverno.

— Hoje, é a Tammy quem manda — diz Jo. — É ela que dirige as operações.

As duas trocam um aceno breve. Outras quatro mulheres vestidas com fatos esterilizados tomam os seus lugares no laboratório diante de campânulas de vidro transparente. A luz fluorescente é brutal e fria.

— Estamos a olhar para o frigorífico de um assassino em série — murmura Bill ao meu ouvido.

Jo olha na nossa direção, mas não consigo perceber se o ouviu.

— Cada uma das analistas forenses tem uma tarefa específica — explica ela. — A Margaret vai cortar um pequeno pedaço de osso. A Toneesha limpa-o com lixívia, etanol e água. A Jen pulveriza-o até se tornar um pó fino, de onde extraímos o ADN. O único trabalho da Bessie é ir borrifando as superfícies enquanto trabalhamos, para manter as coisas tão esterilizadas quanto possível. É o protocolo. Sempre.

Os seus olhos focam-se na atividade por trás da divisória. Jo está no seu elemento. É brilhante, sem ser orgulhosa. Empática, sem cinismo.

Estou a pensar que Jo reconhece todas as pessoas de ambos os lados do vidro pelo nome. Estou a pensar que bem podia estar a descrever como se refina açúcar.

— Nunca esquecer o protocolo — diz ela, subitamente tensa. — Nunca ser desleixada. Certa vez, houve uma pessoa que me acusou disso. Foi a pior fase da minha vida.

Não desenvolve. Até agora, não se falou do caso presente, de quem estes ossos representam e porque são especiais.

— Damos preferência ao crânio e aos ossos mais densos, especialmente o fémur — prossegue Jo. — É o osso que nos dá uma cadeia mais longa de ADN mitocondrial e a melhor hipótese de recuperar informações que nos ajudem a descobrir quem estas pessoas são. Temos sorte em ter estes três espécimes, tendo em conta que os ossos foram desenterrados e mudados de sítio pelo menos uma vez.

O crânio está a ser arrumado debaixo de uma das campânulas. O zunido da serra atravessa o vidro da divisória, como se flutuasse rua abaixo num sábado de preguiça.

Quando a primeira Susana regressa à bancada, um novo buraco de dois centímetros espreita no topo da sua cabeça.

Mais uma humilhação no meio de tantas outras, infindáveis.

Lamento, digo em silêncio. Mas não ouço nenhuma resposta desdentada e oca dentro da minha cabeça.

A serra *Dremel* perfura o osso de uma perna, enquanto o pedaço de crânio é raspado no segundo posto. As técnicas forenses esqueceram-se de nós e entraram num confortável ritmo de trabalho. Não sei do que estava à espera, mas não era desta rotina surreal e crua.

— Deve ser particularmente excitante trabalhar no caso das Susanas-de-Olhos-Negros — diz Sarita, animada. É a estudante de Oxford. A sua voz é entrecortada, com sotaque britânico. Os saltos dos sapatos pretos são altos de mais. — Deve ser uma honra para estas técnicas. Devem ser as melhores.

Sinto o corpo de Jo retesar-se como se fosse o meu.

— Para elas — diz —, e para mim, este caso... estes ossos... não são em nada diferentes de quaisquer outros que nos sejam confiados. Cada um representa a mesma coisa. Uma família que está à espera.

Admoestados. Todos nós.

— Porque estão ali três ossos? — Bill muda de assunto abruptamente. — Não são dois esqueletos não identificados? Pensei que só analisavam um osso de uma vítima de cada vez.

— Ora aí está a pergunta de que eu estava à espera. — A voz de Jo ainda esconde alguma irritação. — Os esqueletos das raparigas foram pilhados por várias criaturas ao longo do tempo. E o assassino mudou-os de sítio pelo menos uma vez. O ficheiro antigo deste caso relata a existência de solo estranho misturado com a argila vermelha daquele campo. Por isso, é claro que não estavam lá os ossos todos. O nosso antropólogo forense dispôs os ossos que foram exumados dos dois caixões e contou-os. Havia três fémures direitos.

Ouço alguém sustar a respiração. Num segundo, apercebo-me de que fui eu.

— São três esqueletos e não dois — sussurra-me Bill, como se eu não conseguisse fazer as contas.

São cinco Susanas no total, e não quatro. Uma rapariga morta chamada Merry, três desconhecidas roídas e eu. Há mais um elemento na minha tribo. Mais uma família à espera.

Sou eu, diz uma das Susanas em tom conspirativo, *sou eu quem tem todas as respostas*.

Jo lança-me um olhar estranho, apesar de eu saber que sou a única capaz de ouvi-las.

TESSIE, 1995

Pergunto-me para qual estará ele a olhar primeiro.

Para a rapariga sem boca? Para aquela que tem uma venda vermelha? Para a teia de aranha onde está presa a borboleta? Para o corredor sem rosto na praia? O urso ameaçador é o meu preferido. Trabalhei afincadamente nos dentes dele.

— Lembraste-te de trazer os teus desenhos hoje? — começara ele por perguntar.

Qualquer coisa era preferível do que falar do dia da morte da minha mãe. Da última vez, tinha sido como se ele tivesse pegado numa vara quente e a espetasse no meu umbigo.

E o que ficou a saber? Que não ouvi nada. Não vi nada. Que tudo o que recordo é uma vaga imagem de sangue, embora isso fosse um engano, porque a polícia disse que não havia sangue nenhum. Tudo aquilo parecia tão fora de contexto. Apenas mais uma maneira de me entupir o cérebro.

Por isso, sim, hoje trouxe os meus desenhos. Mal ele me perguntou, entreguei-

lhe um tubo de cartão branco, daqueles usados para enviar *posters* pelo correio. Em tempos, transportou o cartaz de *Pulp Fiction* que agora se encontra por cima da cama de Lydia. Ao cabo da sessão de três horas passadas em cima do áspero tapete berbere no chão do quarto dela, rodeadas por um caos infantil de papel, lápis de cera e canetas de feltro, Lydia enrolou os meus desenhos cuidadosamente.

Ela não gostou da minha ideia quando lha apresentei de repente há dois dias, mas eu implorei. Mais do que qualquer outra pessoa, Lydia percebia o meu medo — de que alguém descobrisse os meus segredos antes de mim.

Por isso, tinha voltado a apanhar o autocarro até à biblioteca da Universidade Cristã do Texas. Folheara *Aplicações Clínicas do Desenho Projetivo*, *A Mão Infantil Que Perturba* e, tratando-se de Lydia, também *L’Imagination dans la Folie*, que se traduz por «A Imaginação na Loucura», um tomo antigo que explora os desenhos de doentes mentais em 1846. Depois pôs-me ao corrente do princípio do teste casa-árvore-pessoa. A casa é como vejo a minha família, a árvore é como vejo o meu mundo, a pessoa é como me vejo a mim mesma.

Quando terminei, com o lápis de cera preto reduzido a um coto, pensei que tínhamos disfarçado muito bem. A própria Lydia sentiu-se inspirada a fazer também um desenho, que me descreveu como tratando-se de um exército de flores gigantes pretas e amarelas com caras zangadas.

O médico está sentado mesmo à minha frente, sem dizer uma palavra. Ouço o som seco do restolhar de papel à medida que ele passa de uma folha para a outra.

O silêncio é de certeza algo que ensinam a todos estes sacanas manipuladores. Finalmente, ele aclara a garganta.

— Tecnicamente excelente, sobretudo porque não vês. Mas a maior parte são clichés. — A voz dele é desprovida de emoção. Uma mera constatação factual.

As minhas cicatrizes começam a latejar. Graças a Deus que não lhe entreguei os meus desenhos verdadeiros.

— É por isso que não gosto de si — digo rigidamente.

— Não sabia que não gostavas de mim.

— Não *sabe*? O doutor é igual a todos os outros. Está-se a borrifar.

— Isso não é verdade, Tessie. Eu interessei-me verdadeiramente pelo que se passa contigo. Tanto assim que não te vou mentir. É evidente que investiste algum tempo nestes desenhos. És uma jovem muito inteligente e talentosa. Mas o problema é que não acredito neles. O animal zangado. A rapariga sem voz. A ideia de correr ao longo do abismo do oceano. Estas espirais pretas e vermelhas ao estilo de Jackson Pollock. Tudo isto é bonito de mais. Conveniente de mais. Não há uma única emoção que ligue estes desenhos. São independentes uns dos outros. O trauma não funciona assim. As emoções que estás a sentir agora, sejam

elas quais forem, ligam tudo.

A cadeira range quando ele se debruça, pousando uma folha à minha frente.

— À exceção deste aqui. Este é diferente.

— Tenho de adivinhar qual é? — Tento ser sarcástica. Tento perceber como é que ele me captou tão depressa. Que desenho terá achado significativo.

— Consegues? — pergunta-me. — Adivinhar?

— Vai mesmo obrigar-me a jogar este jogo? — Agarro-me à trela de *Oscar* como se fosse uma corda salva-vidas, deixando que me magoe a mão. *Oscar* ergue-se obedientemente. — Vou para casa.

— Podes ir para casa quando quiseres. Mas eu acho que queres saber.

O meu silêncio diz tudo.

— Diga-me. — Mal consigo proferir estas palavras, de tal maneira a raiva me domina.

— O campo de flores estranguladas. A olharem maliciosamente. A menina agachada. É aterrador. Confuso. *Real*.

O desenho de Lydia. Demorou duas horas a fazê-lo, cantando ao som de Alanis: «Tenho um sorriso de plástico num rosto de plástico.»

Lydia costumava rir-se do facto de nem sequer conseguir desenhar o Snoopy.

Ela não me tinha falado da menina. Eu queria ver.

Larguei a trela e cheguei-me para a borda da almofada, com as palavras a soltarem-se da minha boca sem que conseguisse impedi-las.

— O que diria se lhe contasse que a coisa que mais tenho desenhado... — sustenho a respiração — ... é uma cortina? Vezes sem conta, até só desejar fugir de mim própria?

— Diria que é um começo.

A sua voz tem um tom ligeiramente mais agudo. Será esperança?

TESSA, NA ATUALIDADE

Enfio a chave na primeira das duas fechaduras da porta da frente. A minha mente debate-se com imagens de laboratórios brancos imaculados e árvores feitas de ossos quebradiços, e com a fração de esperança estatística de que um dos três minúsculos pedaços de rapariga morta nos leve a algum lado. Durante todo o caminho de regresso a casa, houve um silêncio abençoado das Susanas. Enquanto a fechadura se recusa a colaborar, uma sombra cobre a minha, sobressaltando-me.

— Porque é que está tão nervosa, Sue?

Euphemia Outler, a vizinha do lado direito. Para mim, é Effie, para Charlie, é *menina* Effie (apesar de já ter sido casada uma ou duas vezes) e para alguns rapazes do quarteirão é a Effie Doida. Antiga professora de ciências e espia suburbana por conta própria, encontra-se num estágio inicial de demência. Daí, chamar-me muitas vezes Sue — não por causa do meu passado, mas por ser esse o nome da sua única filha que vive na Nova Jérnia e que, quando a mãe fez

oitenta anos, decidiu: *Que se lixe, longe da vista, longe do coração.*

— Olá, apanhou-me de surpresa — respondo. — Que tal vai isso?

Na mão direita, Effie exhibe um pequeno objeto oblongo embrulhado em folha de alumínio, tão amarrotada que é bem capaz de andar a ser reutilizada desde os tempos da Depressão. Na mão esquerda, um vaso com flores, num severo arranjo profissional de florista. Nenhuma das flores é preta ou amarela. Na cabeça, traz o chapéu de xadrez azul que eu e Charlie comprámos há quatro verões a um vendedor na praia de Galveston e lhe oferecemos. O olhar de Effie, que ainda mantém aquela expressão de adolescente provocadora, espreita por detrás de um rosto curtido pelo sol.

— Fiz-te bolo de banana. Pus-lhe um pouco de bulgur. E guardei-te estas flores hoje de manhã. Vi o tipo deixá-las no teu alpendre da frente. Achei que o vento podia derrubá-las. Além disso, tenho um problema de que quero falar contigo.

— Foi muito querida. Obrigada.

Giro a segunda fechadura. O mecanismo também está um bocado emperrado. *Tenho de tratar disto. Talvez acrescentar uma terceira fechadura.* Abro a porta e Effie entra atabalhoadamente a seguir a mim nas suas socas gastas sem ser convidada.

— Deixe-me só arrumar as compras. — Evito olhar para as flores. — Pode pôr as flores e o bolo em cima da bancada e a seguir pode falar-me do seu... problema. Tenho chá gelado no frigorífico. A Charlie fê-lo ontem à noite. Tem cafeína, açúcar, menta, limão, tudo a que tem direito. A Charlie roubou a menta do seu jardim quando escureceu.

— Eu pus bulgur no bolo porque sei que ela gosta bastante. E aceito o chá.

Tenho a certeza de que a minha filha não faz ideia do que seja bulgur, mas trata-se provavelmente de um avanço em relação à oferta da semana passada: bolachas de aveia e alfarroba, que Charlie comparou alegremente a comer estrume de vaca.

Effie considera-se uma cozinheira exímia. O problema é que pensa como uma cientista. Por exemplo, quando decide cozer abóbora fresca para fazer uma tarte, em vez de usar uma lata pré-cozinhada de puré de abóbora da *Libby's*. Pedacos e fios de abóbora, e *montes* de natas de pacote, é tudo o que vou recordar do jantar de Ação de Graças do ano passado. Mas tudo bem. Já que a maioria dos jantares do Dia de Ação de Graças se funde num rio de agradável monotonia, eu e Charlie iremos rir-nos daquele para sempre.

— O *New York Times* considerou o bulgur «um trigo a não esquecer» — informa-me Effie. — Tentam sempre tornar as coisas tão profundas... Se não fosse a secção científica e eu achar que as palavras-cruzadas ativam os meus

neurónios mortos, deixava de ler o jornal. Que raio sabem eles? Morto não quer necessariamente dizer que tenha morrido. Achas que *eles* sabem qual é a palavra levantina de quatro letras para chávena de café? — Geralmente, *eles* refere-se ao seu neurologista.

— Zarf — respondo automaticamente.

— Bem, mas tu és o raio da exceção para muitas coisas. — Desvia-se da coluna de granito preto que separa a cozinha minúscula da sala de estar e examina a máquina de costura industrial *Bernina* pousada na mesa da sala de jantar e envolta em tule branco, como uma noiva. — Qual é o projeto desta semana? Alguma coisa para uma dessas malditas ricalhaças?

Fecho a porta do frigorífico com o pé.

— Para as filhas de uma dessas malditas ricalhaças. Um tutu para uma competição. Forrado a tule e com aplicações cor de lavanda. Cristais *Swarowski*.

— Mas que chique. Aposto que te paga uma fortuna.

Na verdade, não vai pagar-me uma fortuna porque a triste realidade é que a maioria dessas malditas ricalhaças já não dá valor ao trabalho produzido pelas mãos precisas de uma artista. Não quando tudo pode ser encomendado da China com um simples toque de rato.

— É um pequeno trabalho extra — respondo. — O figurinista de uma companhia de *ballet* de Boston pediu-me para fazer os fatos das protagonistas do próximo espetáculo da primavera. Quero certificar-me de que sei no que estou a meter-me antes de aceitar a proposta.

— Sorte a deles se aceitares. Estás a ficar muito global. Pensei que ias viajar esta semana para fazer uma escadaria para aquele ator maluco na Califórnia, o que se peida nos filmes. Ele não a quer feita com um *Camaro* velho ou lá o que é? E o pai militar da Charlie não vinha para cá, para ficar com ela enquanto tu não estivesse? Ele prometeu remendar aquele sítio do meu telhado. Como é que ele se chama? Lúcifer?

— Lucas. E o trabalho da Califórnia está suspenso, por agora.

Não adianto explicações, porque o meu passado nunca é discutido. Effie é capaz de saber essa parte da minha história, ou talvez não. Não faço ideia e prefiro manter as coisas assim. Seja como for, isso não é *importante* para ela.

Percebo sempre pela maneira como as pessoas olham para mim quando me conhecem pela primeira vez, como se eu fosse uma peça perturbadora de arte moderna. Para aumentar a minha sorte, Effie praticamente aboliu os jornais da sua vida, porque lhe faziam pensar que o mundo estava a ir para «o raio do Inferno no raio de um foguetão».

Mas isso não significava que tivesse cancelado a assinatura. Ao longo dos quatro anos em que vivemos nesta casa, Effie deixara com alguma regularidade

o *The New York Times* nos nossos degraus, por ler, mas sem as palavras-cruzadas. Recusava-se a fazer palavras-cruzadas no *iPad*, não obstante os esforços de Charlie. Tinha a certeza de que era o aparelho que a controlava e não o contrário.

Faço-lhe sinal para se sentar no sofá.

— Sente-se. Qual é o problema?

— Não vais abrir o cartão que vem com as flores? Qual é a ocasião? Parabéns atrasados? — Os olhos dela irradiam curiosidade.

— Não há nenhuma ocasião, que eu saiba. Disse que viu quem entregou as flores?

Faço a pergunta o mais casualmente possível. As flores sempre fizeram disparar um botão de alarme, porque quem gostava de mim o suficiente para mas oferecer nunca o faria.

— Um tipo engraçado com o uniforme da florista Lilybud. Tinha os calções descaídos no rabo. Uma bela visão.

Effie podia ter visto aquele rabo hoje. Ou ontem. Ou há um mês. O *tempo* é um rio de agradável monotonia para a menina Effie.

Dou-lhe uma palmadinha no ombro. Não tarda, terei de ir buscar Charlie aos treinos de voleibol e ela vai ter vontade de comer mais qualquer coisa além de bolo de banana saturado de bulgur.

— Então e qual é o problema? — repito. — Diga lá.

— Anda por aí um ladrão de enxadas. — Brande uma pequena pá de jardinagem no ar, na qual ainda não tinha reparado. — Vou juntar-me aos vigilantes do bairro.

— Ladrão... de enxadas?

— Acabo de ir comprar isto ao Walmart. Dois dólares e noventa e nove, mais IVA. Há seis meses que isto anda a acontecer. Compro uma enxada e ela desaparece. Não posso gastar mais dinheiro em enxadas. Sabes onde está a tua? Estou a pensar em fazer um levantamento das enxadas do quarteirão.

— Hum. — Tenho de pensar se quero responder à pergunta. — Está nas traseiras. Acho que a deixei lá quando andei... a apanhar ervas daninhas.

Espetada na terra, qual lápide.

— Estou a avisar-te, é a mesma coisa que deixares lá uma nota de cem dólares novinha.

— Vou ficar atenta. Há algum sítio... onde habitualmente guarde a sua enxada? — Faço a pergunta com cuidado, porque sei que a organização é um tema sensível para Effie.

Na sua casa, os objetos têm tendência a mudarem de sítio: um número da *Scientific American* sobre engenharia genética guardado no congelador, a chave

suplente presa debaixo do prato da manteiga com fita-cola, uma garrafa de vodca *Stoli* arrumada debaixo do lavatório da casa de banho, ao lado de uma lata enferrujada de detergente *Comet*, datada de 1972.

— Bem, vou voltar para a minha seleção de sementes. — Effie levanta-se. — As larvas comeram as minhas vagens no ano passado, foi horrível. Este ano, vou tentar deitar-lhes em cima uma malga de cerveja. De certeza que é uma patranha qualquer, mas parece-me que é uma maneira mais agradável de morrerem do que se eu as esmagasse. Por mim, não me importava nada de me afogar numa bacia de cerveja quando chegar a minha hora.

Rio-me. Aproximo-me dela e abraço-a.

— Obrigada por tornar a minha vida... normal.

— Querida, estou toda suada. — Mal retribui o abraço. — A maioria das pessoas acha-me bastante esquisita. — Geralmente, *a maioria das pessoas* significa a filha dela.

— Bem, eu sei como isso é. Que tipo de pessoa constrói escadas para atores que se peidam?

Que tipo de pessoa suspende as batidas do coração de cada vez que o sol se esconde por trás de uma nuvem, com medo de estar a ficar cega? Ou quando abre um frasco de manteiga de amendoim? Ou quando alguém grita «Susana!» num parque infantil?

A caminho da porta, Effie detém-se.

— Podes mandar a Charlie a minha casa dentro de mais ou menos meia hora, para me ajudar e à minha amiga da sociedade histórica a mudarmos umas coisas de sítio? Quero dizer, histórica. Apesar de ela *ser* um bocado histórica. Estas mulheres precisam de sair da casca, se é que me faço entender.

— Claro que sim. — Sorrio. — Eu digo à Charlie.

Fico nos degraus a vê-la atravessar o espesso tapete de relva castanho-dourada até desaparecer no meio do seu descuidado jardim frente à casa, até apenas conseguir ver o chapéu dela a balançar, como se fosse um azulão a pairar sobre um talude de capim-do-texas.

Effie vive na casa pintada de um tom frívolo de amarelo ao lado da minha há sessenta e um anos. É uma casa de campo estilo Queen Anne que, à semelhança do nosso *bungalow* Arts and Crafts da década de 1920, fica localizada no famoso bairro histórico de Fairmount, em Fort Worth. Ela já perdeu a conta à quantidade de cores com que cobriu ao longo dos anos a balaustrada e as telhas de madeira em forma de escamas de peixe, mas situa os acontecimentos no tempo dizendo: *Quando a casa era lilás*, ou *Quando a casa atravessou aquele horrível período castanho*. Effie continua a tirar o seu barco *Cadillac* da garagem, para acolher a reunião mensal de preservação histórica do bairro. Diverte-se a desviar

os olhos de Charlie, um de cada vez, do seu *iPhone* e de a bombardear com a história do bairro. Outrora, o trólei deslizava pela nossa rua abaixo, razão pela qual é mais larga do que a maior parte das outras. Em Hemphill, havia uma mansão fantástica com um moinho de vento em tamanho real no cimo, até ter sido misteriosamente reduzida a cinzas por um incêndio.

Quando o telemóvel volta a exercer o inevitável magnetismo sobre Charlie, Effie recorre às histórias mais pesadas: as aventuras de Butch Cassidy e Sundance Kid, que viviam em Hell's Half Acre, a escassos cinco quilómetros daqui, ou os túneis para porcos, escorados com pranchas de madeira, que percorrem a parte subterrânea da cidade.

— Foi assim que as cabras de Judas receberam esse epíteto — afirma Effie. — Conduzindo os porcos para o abate, para se pouparem. Naquela época, as cabras chegavam a levar dez mil porcos por dia através dos túneis subterrâneos de Fort Worth, conduzindo-os ao seu destino infeliz nos Stockyards. Tal como os nova-iorquinos no metro.

Por norma, quando a disputa era entre Effie e o Twitter, Effie ganhava.

— Os miúdos precisam de ter um sentimento de pertença — gostava ela de me dizer, em jeito de repreensão. — A sensação de que não estão a viver e a falar no vazio.

De volta à cozinha, finco-me com firmeza ao desconfortável momento presente, sentada no único banco que descreve obedientemente semicírculos. Vou bebendo goles de chá e fito o cartão que veio com as flores. Está a implorar-me que o abra. Aproximo-me, retiro o envelope da capa plastificada, levanto a pequena aba e pego num simples cartão quadrado decorado com a imagem de um conjunto de balões.

*Tenho saudades tuas.
Com amor, Lydia.*

O cartão escorrega-me da mão e cai em cima da bancada. O canto começa a desfazer-se no círculo de humidade deixado pelo meu copo de chá gelado. O nome de Lydia dá lugar a uma mancha roxa. Não é a caligrafia de que me lembro, mas talvez não seja a dela. Talvez seja da florista.

Porque haveria Lydia de me enviar flores, assim sem mais nem menos? Será que não entende que continuo a travar um combate mortal diário com elas? Que não esqueço os resquícios amargos da nossa discussão depois do julgamento? Há dezassete anos que não falamos uma com a outra, desde que a família dela desapareceu sem dizer uma palavra. As flores pareciam uma provocação.

Arranco-as do vaso, salpicando as calças de ganga, e abro a porta de correr

envidraçada que dá para o quintal das traseiras. Numa questão de segundos, gerberas cor-de-rosa e orquídeas roxas ficam espalhadas por cima da pira funerária da compostagem. Levo o vaso para o caixote da reciclagem vazio, junto à porta da garagem para dois carros que acompanha a vedação das traseiras. Reclamo, porque Charlie devia tê-lo recolhido há dois dias.

Não há motivo para entrar em pânico e pensar que foi o meu monstro que me enviou as flores, assinando em nome de Lydia. Abro a porta que dá para o estreito relvado ao lado da casa. A voz guinchante do SpongeBob chega até mim por uma janela aberta dos vizinhos. O que significa que é a *babysitter* que está em casa e não os pais rabugentos, um casal de advogados com dois *Tesla* iguais.

Há muito que me habituei a prestar atenção àquilo que é usual e ao que não é. De reconstituir uma enciclopédia a partir do som mais insignificante.

Dobro a esquina. Ninguém plantou mais susanas-de-olhos-negros debaixo do parapeito da janela do meu quarto. O solo está alisado e remexido, como uma forma com massa de bolo de chocolate. O problema é que eu não alisei nem remexi a terra.

E a minha enxada desapareceu.

TESSIE, 1995

— Se pudesses pedir três desejos, quais seriam? — repete ele.
É o seu jogo mais recente.

Da última vez, a cortina não me levou a lado nenhum. Não fazia ideia porque a desenhava. Disse-lhe que se tratava de uma cortina normal. Parada, como se não houvesse vento. Hoje, não trouxe os meus desenhos, mas ele não falou no assunto. Apercebeu-se dos meus limites, ao contrário dos outros, mas irrita-me de outras maneiras. Por exemplo, ao insistir que eu compareça aos seus interrogatórios duas vezes por semana.

— A sério? — questiono. — Deixe-me ver. Quer que eu lhe diga que gostava que a minha mãe descesse da sua nuvem fofa e viesse dar-me um abraço? Que gostava de não viver numa espécie de poema de Edgar Allan Poe? Que gostava que o meu primo de três anos deixasse de estalar os dedos à minha frente para ver se recupero a visão como por magia? Que gostava que o meu pai voltasse a gritar com a televisão? Preciso de muito mais do que três desejos. E que tal este:

gostava de não estar a responder a esta pergunta idiota.

— Porque queres que o teu pai grite com a televisão?

Há uma nota de divertimento na sua voz. Relaxo um pouco. Não está zangado.

— Era a coisa de que ele mais gostava de fazer. Gritar com o Bobby Witt quando ele faz um daqueles lançamentos loucos. Ou quando avança para a primeira base. Agora, limita-se a ficar ali sentado como um morto-vivo quando os Rangers jogam.

— E achas que a culpa disso é tua?

A resposta a esta pergunta é demasiado óbvia.

Desejo nunca ter conhecido o Roosevelt, para não ter precisado de comprar aquele Snickers e não estar a sair da mercearia às 8h03 da noite no dia 21 de junho de 1994. Desejo nunca ter dado tanta importância a ganhar, ganhar, ganhar.

— É interessante que tenhas mencionado Poe.

Já estamos a mudar de assunto. Vou morder este isco.

— Porquê?

— Porque a maioria das pessoas que se senta nesse sofá e que sofreu um trauma psicológico compara as suas experiências com símbolos mais comuns da cultura popular. Filmes de terror. Programas de televisão sobre crimes. Ouço muitas referências a Stephen King. E a John Paul. Quando começaste a ler Poe?

Encolho os ombros.

— Depois de o meu avô ter morrido. Herdei muitos livros dele. Durante uns tempos, eu e a minha melhor amiga mergulhámos neles. Nesse verão, também lemos o *Moby Dick*. Por isso, não vá por aí, está bem? Não quer dizer nada. Eu era uma pessoa feliz antes de isto ter acontecido. Não se concentre em coisas que não querem dizer nada.

— Poe viveu a vida atolado no medo da morte prematura — insiste ele. — Na reanimação dos mortos. A mãe morreu quando ele era pequeno. Não te parece que pode ser mais do que uma coincidência?

Sinto um martelo dentro da minha cabeça. *Como é que ele sabia?* Logo quando eu começava a pensar que era um idiota, surpreendeu-me. Ele tinha sempre alguma fisgada.

— Queres falar-me disso? — pergunta.

Oscar escolhe aquele momento para mudar de posição. Quando volta a deitar-se, lambe o meu joelho. A tia Hilda está sempre a gritar com ele, armada em idiota: «Não lambas! Não lambas!» Mas eu adoro a sua saliva. E, neste momento, é como se ele estivesse a dizer-me: *Vai em frente, arrisca com este. Quero que um dia me atires um disco.*

— A universitária da zona leste do Texas... Merry ou Meredith, ou lá como é

que se chamava. — A minha voz sai entrecortada. — Ela estava viva quando nos atiraram para aquela vala. *Falou* comigo. Lembro-me dela das duas maneiras. Viva e morta.

Com uns olhos que pareciam diamantes azuis e com uns olhos que pareciam vidros marinhos embaciados. Os vermes a remexerem-se nos cantos, como bagos de arroz com vida.

Ele não responde imediatamente. Percebo que não estava nada à espera disto.

— E a polícia disse-te que isso não é possível — afirma lentamente. — Que ela já estava morta quando estiveste naquela vala. Que provavelmente já estava morta há várias horas antes de teres sido atirada para lá.

Pelos vistos, o meu médico tinha lido tudo sobre este caso com muita atenção.

— Sim. Mas ela estava *viva* naquele campo. Era simpática. Senti a respiração dela na minha cara. Cantou. E ela pertencia ao coro da igreja, lembra-se? — Estou a implorar-lhe que acredite em mim, e ainda só lhe contei a parte menos louca. — Disse-me o nome da mãe dela. Disse-me os nomes das mães de todas elas.

Quem me dera lembrar-me deles.

TESSA, NA ATUALIDADE

Espero que a bomba matinal expluda. Ou não. Fiz café, barrei com manteiga uma fatia de bolo de banana e bulgur, ouvi Charlie com a música aos berros no duche, fiz um esboço para a aplicação do tutu e pensei na sorte que tenho.

Porque ninguém duvide de que sou uma felizarda. Se alguma vez me esqueço disso, as Susanas lembram-me, em coro. E o bolo não é assim tão mau.

— Mãe! — O grito de Charlie chega-me facilmente do seu quarto. — Onde está a minha camisola azul?

Encontro-a de roupa interior, com o cabelo a golpear o ar como fios vermelhos molhados. Está a revirar todo o quarto, um ninho de roupas sujas.

— Qual camisola? — pergunto pacientemente.

Ela tem dois uniformes para os treinos e quatro para os jogos. Eram «obrigatórios para a prática», custaram 435 dólares e três deles parecem-me exatamente iguais.

— Azul, azul, azul, não me ouviste? Se não a levar para o treino, o treinador

obriga-me a correr. É capaz de fazer a equipa toda correr por minha causa.

Treinador. Não era preciso apelido. Como Deus.

— Ontem, ele expulsou a Katlyn dos treinos por ela se ter esquecido das meias vermelhas. Ela ficou tão *envergonhada*. E isso só aconteceu porque a mãe dela as lavou e pô-las por acidente no cesto de basebol do irmão. Como ele joga numa equipa chamada *Red Sox*...

Tiro uma peça azul do meio da pilha de roupa que está no chão.

— É esta?

Charlie está deitada de braços abertos e barriga para cima na sua cama por fazer, a decidir se o mundo estará ou não a acabar. Estica ligeiramente o pescoço na minha direção. Reparo que a mochila dela está aberta em cima da secretária, por arrumar, e que os trabalhos de casa de biologia ainda estão abertos. O relógio digital sobre a cómoda diz que faltam dezanove minutos para a minha amiga Sasha e a sua filha virem apanhá-la para a levarem à escola.

— Mãe! Não! É aquela que tem o número em *branco* e aquele debrum fixe em baixo. A camisola do *treino*.

— Pois, devia ter lido a tua mente. Já viste na máquina de lavar? Na de secar? No chão do carro?

— Porque é que isto tem de me acontecer *a mim*? — Continua a olhar para o teto. Sem se mexer.

Eu podia dizer: *Estou farta. Boa sorte*. Podia ir-me embora. Quando fiz exatamente a mesma pergunta ao mundo com a tenra idade de dezasseis anos, «treinador» pareceria uma vespa a enxotar. É difícil acreditar que tinha apenas mais dois anos do que Charlie tem agora.

A melhor coisa que aterrar naquela campá me trouxe? Perspetiva.

Por isso, analiso as coisas através deste prisma matinal: um teste de ciências à espreita no segundo tempo, um treinador idiota que provavelmente teria precisado de mais terapia na infância do que eu tive e um tampão delator debaixo do meu pé.

Contemplo a fera enraivecida deitada na cama, aquela com o sutiã desportivo às listas. A mesma fera que, aos domingos à noite, se transforma na rapariga que vai voluntariamente ajudar a menina Effie a separar os seus medicamentos na caixa com divisórias para os vários dias da semana. A rapariga que, certo dia da semana passada, fingiu ter o tornozelo magoado para que a defesa substituta da sua equipa de voleibol pudesse jogar no dia do aniversário.

— Foi um gesto muito generoso — dissera-lhe eu, na noite em que me explicou que afinal não precisava do saco de gelo. — Mas não tenho a certeza de que tenha sido boa ideia.

Charlie tinha feito o seu revirar de olhos do costume.

— Mãe, não podemos permitir que aconteçam sempre as coisas erradas. O treinador nunca iria deixá-la jogar. E ela marcou três pontos depois disso. É tão boa jogadora como eu. A única diferença é que sou cinco centímetros mais alta.

Já perdi a conta às vezes que Charlie me presenteou com as suas lições de sabedoria ponderada, acompanhadas de uma gramática um pouco assustadora do Texas.

— Seca o cabelo, veste-te e prepara a mochila — ordeno-lhe. — Tens pouco mais de quinze minutos. Eu encontro a camisola.

— E se não encontrares? — Mas as pernas dela já estão em movimento, girando sobre um dos lados da cama.

Oito minutos mais tarde, encontro a camisola por trás do cesto da roupa suja dela. O número 10 em branco nas costas, o debrum quase invisível na parte de baixo. Um aroma forte a suor e desodorizante. Pelos vistos, ela tinha tentado minimamente pô-la no lugar devido. Não era de admirar que não a encontrássemos.

Enfio a camisola no saco de desporto junto à porta e verifico se tem as meias vermelhas. Lá fora, ouvem-se duas buzínadelas.

Charlie aparece.

— Encontrei-a?

— Encontrei.

Ela parece-me tão perfeita, que até dói. Os caracóis húmidos, que não foram sacrificados por um ferro alisador, a irromperem como pequenas chamas. Apenas um brilho nos lábios, para fazer sobressair as sardas. Calças de ganga, uma simples *t-shirt* branca, a medalha de São Miguel que ela nunca tira aninhada junto à garganta. Foi o pai quem lha enviou pelo correio do estrangeiro, um *design* de James Avery, o pináculo da moda em acessórios cristãos. Começou a vender os seus objetos numa garagem para dois carros no Texas Hill Country em 1954. Agora, seis décadas mais tarde, a sua joalharia é tão sagrada quanto dispendiosa.

Mas, para Charlie, esta peça de metal produzida numa fábrica de Kerrville não é um símbolo de estatuto. É um talismã, um sinal de que o pai, personificado naquele santo munido de espada, irá mantê-la em segurança. Manter-nos a todos em segurança. Lucas sempre usara a mesma medalha da sorte desde que eu o conhecia, um presente da sua mãe quando ele foi para a guerra pela primeira vez.

— Estás pronta para ir — digo-lhe. — E estás particularmente bonita. Boa sorte para o teste.

Ela mete o saco de desporto ao ombro e olha de relance para as minhas oferendas de pequeno-almoço sobre a mesa junto à porta.

— Boa tentativa, mas não vou levar o bolo de «burbur».

Enfia a barra de muesli e a banana na bolsa lateral da mochila. Mais uma apitadela. Neste momento, Effie deve estar a espreitar pela janela da sua sala de estar.

— Este dia está a ser uma *treta*. — Charlie puxa a porta, deixando o ar pesado e um rasto de caos desde o chão da casa de banho até ao quarto dela.

Apanho a porta de rede a tempo de acenar a Sasha, cujo rosto está ocultado pelo brilho agressivo do sol no para-brisas do familiar monovolume azul. O vidro é preto, impenetrável. Não consigo perceber se ela também está a acenar.

O que não quer dizer que tenha de sair a correr e ir verificar se ela não está a sangrar no chão, fora de vista, por trás do carvalho, atirada para fora do carro enquanto aguardava pacientemente por Charlie. E que ao volante não esteja realmente um estranho, com todas as enxadas roubadas de Effie no porta-bagagens, pronto a levar o meu anjo cuspidor de fogo para o Inferno.

Fecho a porta e encosto-me contra a madeira lisa e fresca. Respiro fundo. Desejo que as outras mães mais normais também acalentem o mesmo género de pensamentos descontrolados em relação à segurança dos seus filhos.

Embrulho a fatia rejeitada do bolo de Effie, generosamente coberta por uma camada de queijo-creme com sabor a morango, e guardo-a no frigorífico. Talvez para o almoço. Lavo a minha chávena de café e ponho-a a escorrer.

Nos dez minutos que se seguem, o zumbido errático da máquina de costura rompe o silêncio. O meu pé carrega no pedal. Os dedos manipulam o cetim. Paro. Começo. Paro. Começo. O ruído de fundo da minha infância antes de a minha mãe morrer.

Não é o rangido de uma serra a cortar osso.

A minha mente não percorre uma linha de pequenos pontos perfeitos. Saltita, desordenada, até aos locais onde ele plantou susanas-de-olhos-negros. Fecho os olhos por um instante e os pontos desalinham-se e ziguezagueiam, qual comboio a descarrilar.

A lista que fiz há dias está colada ao fundo da gaveta dos vegetais. Influências da menina Effie.

Passados quarenta e cinco minutos, piso o pedal do meu jipe.

Muito tempo depois de eu e Lydia nos termos afastado, voltei a este sítio. Vezes sem conta. Talvez na esperança de que ela também o fizesse.

Até que deixei de vir.

Está diferente, mas está na mesma. Os patos nadam sobre o espelho de água trémula. Sem objetivo. À espera de que as primeiras migalhas do dia caiam no

charco.

O meu carro está parado de esquelha, sozinho, na berma da estrada. Normalmente, eu e Lydia vínhamos de autocarro até aqui, desde Hemphill até à West Seventh.

Os meus pés não fazem qualquer ruído no solo. Era mais ou menos aqui que costumavam ganhar velocidade, prontos para arrancarem.

Lydia estava sempre a falar e a rir e a falar enquanto percorríamos este caminho. Falava-me do livro requisitado na biblioteca que tinha trazido juntamente com o cobertor verde de caça do pai e uma lata de *Diet Dr. Pepper* já morna.

A Insustentável Leveza do Ser.

Diana: a Sua Verdadeira História.

Há uma brisa ligeira que agita tudo. Metade das folhas que cobrem as amoras e as nozes ainda estão a decidir-se. É ou não inverno? Quando eu e Lydia vínhamos aqui, as árvores eram frondosas. Tapavam o sol como se fossem uma equipa de futebol reunida, lançando um conforto escuro e intimista que me pergunto se apenas alguém do Sul é capaz de entender.

Qualquer pessoa que estivesse a ver-me pensaria que andava a tramar alguma. Se fosse duas horas mais tarde, quando as migalhas de pão voam pelo ar, os pais agarrariam os filhos com mais firmeza, mantendo-os afastados da senhora estranha que se passeava por ali com uma pá ferrugenta. Até eram capazes de marcar o número de telefone da polícia não destinado a emergências, que guardavam entre os seus contactos nunca antes usados.

Em dias como o de hoje, interrogava-me se teriam razão para isso. Se seriam uns meros dois ou três neurónios que decidiam se eu deveria juntar-me às mulheres que viviam junto às linhas do comboio em tendas feitas com sacos de lixo pretos e paus de vassoura velhos.

Foi por isso que não trouxe ninguém comigo. Nem Jo, que não cometeria erros à medida que selasse as provas. Nem Bill, que teria ficado preocupado por não trazermos Jo. Não sou louca, e sou, e não quero que ninguém saiba.

Como era aquela frase de Poe de que Lydia gostava tanto? *Fiquei louco, com longos intervalos de uma sanidade horrível.*

Os patos e o charco há muito que ficaram para trás. Ouço o rugido do oceano. Claro que não é mesmo o oceano. É apenas aquilo que eu e Lydia fingíamos ser quando fechávamos os olhos. A única rota aqui perto que conduz ao mar é o rio Trinity, que atravessa o parque pelo outro lado e flui ao longo de centenas de quilómetros até chegar a Galveston. *La Santísima Trinidad*. Assim batizada por Alonso de León em 1690.

Sentimento de pertença, diz Effie.

Começo a contar os pilares. Um, dois, três, quatro. Cinco. O oceano fica agora por cima de mim. Continuo a caminhar, na direção de uma vaca vermelha com um chapéu roxo e pontiagudo. Esta é nova.

Numa questão de segundos, apercebo-me de que se trata de um unicórnio e não de uma vaca idiota. A sereia que lhe faz companhia a alguns metros tem cabelos ruivos que esvoaçam como os meus e os de Charlie. A sua brilhante cauda verde flutua num mar cheio de peixes com as bocas viradas para cima, incapazes de morder. Paz, amor, compreensão.

Nenhuma destas obras de arte aqui estava nesses anos longínquos em que Lydia estendia o seu cobertor debaixo do pilar número cinco da Lancaster Bridge. Atualmente, *graffiti* infantis cobrem todos os pilares de cimento da ponte até onde a minha vista alcança. Costumavam estar manchados com uma tinta verde horrorosa e estrangulados por aquela espécie de trepadeiras que parecem não precisar de nada para sobreviverem.

O fluxo e o ruído do trânsito lá em cima.

O conhecimento de um mundo subterrâneo secreto.

O medo enervante de que todo aquele caos pulsante possa abater-se sobre nós a qualquer instante, embora seja pouco provável.

A preocupação com o que poderá emergir dos densos bosques ali perto.

Igual, igual, igual. Igual.

Examino a terra ressequida por baixo da monstruosa estrutura de aço e cimento. Continua implacável. Dura e despida. Mas não foi debaixo do pilar número cinco da ponte, onde eu costumava encontrar-me com Lydia no fim das minhas corridas através dos trilhos ziguezagueantes, que ele plantou as susanas-de-olhos-negros. Plantou-as *aqui* — a alguns metros de distância, debaixo de um grande ulmeiro na orla do bosque. Surgiram numa época do ano em que as susanas-de-olhos-negros florescem, pelo que não podia ter a certeza. Mas nunca mais voltei depois de tê-las encontrado. Tinha vinte e quatro anos, e havia já sete anos não via Lydia.

Ouçó um ligeiro restolhar atrás de mim. Viro-me. Um homem emerge por trás do pilar. Agarro com firmeza a pá, que de repente se transformou numa arma.

Mas não é um homem. É alto e esguio, mas não tem mais de catorze anos. Pele muito clara, calças de ganga descaídas e uma *t-shirt* desbotada de Jack Johnson. Traz ao ombro uma pequena mochila preta. Tem um telemóvel preso à cintura, protegido por uma capa de camuflagem do deserto, e segura na mão direita o que posso jurar tratar-se de um detetor de metais.

— Não devias estar na escola? — pergunto sem rodeios.

— Tenho aulas em casa. O que é que estás a fazer? Não pode levar plantas daqui. Isto ainda faz parte do parque. Só pode apanhar folhas.

— Nesse caso, não devias estar em casa? A ter aulas? Não sei se a tua mãe gostaria que andasses por este lado do parque. — Os meus nervos já não estão em alerta máximo.

— Estou a participar numa caça ao tesouro. É o Dia Nacional da Botânica. Ou qualquer coisa do género. A minha mãe está no lago com a minha irmã. Está a ensinar-lhe as maravilhas da visão dos patos. Eles vêm tipo quatro vezes mais longe do que nós, ou lá o que é.

A mãe dele está por perto. Uma mãe *que dá aulas em casa* e que provavelmente já ligou para o número da polícia que guarda no telemóvel muitas, muitas vezes. Não tenho qualquer intenção de atrair a sua atenção.

Não há nele qualquer indício de andar a recolher amostras botânicas.

— Não sabia que hoje em dia os botânicos usavam detetores de metais — comento.

— Boa piada. — Observa-me ao mesmo tempo que rói uma unha. — Essa pá é mesmo antiga.

Ele não se vai embora.

— O que é que estás a fazer? — insiste.

— Estou à procura de uma coisa que... certa pessoa é capaz de me ter deixado quando eu era mais nova. Nunca roubaria plantas no Dia Nacional da Botânica.

Um erro. Demasiado amigável. Demasiado sincera. O primeiro lampejo de curiosidade nos olhos do rapaz. Afastou uma madeixa de cabelo castanho, o que me permitiu vê-los. É um rapaz engraçado. Até seria giro, se ajustasse ligeiramente o ângulo da boca.

— Quer que a ajude? O objeto tem algum metal? É um anel ou qualquer coisa parecida? Posso usar o meu detetor. Não ia acreditar nas coisas que já encontrei neste parque.

Já está ao meu lado, praticamente em cima de mim, entusiasmado, com a luz vermelha do aparelho a piscar. Antes de ter tempo de me aperceber, ele passa descontraidamente o detetor de metais pela minha perna. Segue-se a outra perna. E agora está a subir, no sentido da minha cintura.

— Eh! Para com isso. — Recuo com um salto.

— Desculpe. Só queria ter a certeza de que não trazia nada consigo. Uma faca, uma pistola. Nem imagina as pessoas com quem já me cruzei aqui.

— Como te chamas? — pergunto.

O meu coração bate com força, mas tenho a certeza de que o aparelho dele não vagueou o suficiente para cima para perturbar o dispositivo de metal que tenho no peito.

Começo a questionar a história da mãe dele. De lhe dar aulas em casa.

— Chamo-me Carl — responde languidamente. — E você?

— Sue — minto.

Ele assume a breve apresentação como um sinal de conluio. Com ar profissional, passa o detetor de metais pela área onde há evidências de os meus pés terem esmagado as ervas.

— Aqui? — pergunta-me.

— Aproximadamente. Ia cavar num perímetro de meio metro. — *Como é que me livro disto? Se me vou embora, ele vai inevitavelmente procurar por conta própria.*

— O que quer que seja que está a procurar... foi um antigo namorado que lho deixou?

Estremeço.

— Não. Não foi um namorado.

— O alarme não está a disparar. Não há aqui nada. — Parece desapontado. — Quer que continue a cavar por si, mesmo assim?

Que bom. Tornei-me o ponto alto do Dia Nacional da Botânica.

— Não. Preciso de fazer exercício. Mas obrigada.

Ele encosta-se a uma árvore, a enviar uma mensagem de texto. Só espero que não seja a meu respeito. Daí a alguns minutos, afasta-se sem se despedir.

Meia hora mais tarde, já consegui penetrar o emaranhado de raízes velhas e cavei um quadrado com cerca de metade do tamanho de um berço e trinta centímetros de profundidade.

Carl tem razão.

Não há aqui nada.

Não consigo evitar pensar se ele estará a observar-me. Não Carl. O meu monstro.

De joelhos, apresso-me a cobrir de novo o buraco de terra escura. Agora, parece a sepultura de um animal.

O meu telemóvel retine. É um som patético, mas mesmo assim o meu coração dá um salto.

Uma mensagem. De Charlie.

Desculpa por estar rabugenta, mamã ☺

Charlie passou no teste de biologia.

Guardo o telemóvel no bolso e mergulho nas sombras profundas debaixo da ponte. Penso nas duas jovens que ouviam o burburinho do trânsito e imaginavam um oceano. Jovens sem nada mais importante para fazer além de debater a hipótese de *Parque Jurássico* poder acontecer e exaltar as virtudes dos *drive-ins* da Sonic, porque eram sem dúvida os que tinham o melhor gelo para chupar.

Tudo isso, claro, antes de uma delas ter caído num buraco de onde a outra tentou puxá-la.

Está na hora de prosseguir.

Quando chego ao pequeno lago, vejo uma mãe ajoelhada ao lado de uma criança pequena com um gorro cor-de-rosa. A menina aponta para um par de patos que se fitam bico no bico, a ver qual desiste primeiro.

O seu riso deliciado desliza sobre a água, que ondula à medida que mais patos se aproximam dela. Por trás, vejo uma estranha colcha velha estendida no chão. E uma geleira azul.

Quem não vejo, é Carl.

TESSIE, 1995

Ele está a tagarelar.

Blá, blá. Tagarela, tagarela.

Ao que parece, não é assim tão invulgar ter experiências paranormais na sequência de um *evento*.

Há mais pessoas que falam com os mortos. Não é nada de extraordinário. Ele não diz isso em voz alta, mas a verdade é que sou um cliché.

— A experiência paranormal pode ocorrer durante o evento — diz ele. — Ou depois. — *O evento. Como se estivéssemos a falar de um casamento da realeza ou de um jogo de futebol.* — As vítimas que sobrevivem acreditam por vezes que uma pessoa que morreu durante o evento continua a falar com elas.

Se ele disser *evento* mais uma vez, grito. A única coisa que me impede é *Oscar*. Está a dormir e não quero assustá-lo.

— Uma paciente minha viu uma amiga morrer num acidente de *tubing*. Foi particularmente traumático, porque nunca a viu voltar à superfície. O corpo não

foi encontrado. E ela acreditava que a amiga estava a controlar a vida dela a partir do Céu. Coisas corriqueiras. Como se seria ou não apanhada pela chuva. As pessoas que passaram por circunstâncias parecidas com as tuas podem ver subitamente fantasmas em plena luz do dia. Prever o futuro. Acreditam em augúrios, a tal ponto que algumas nem conseguem sair de casa.

Circunstâncias parecidas com as minhas? Ele está a falar a sério? De certeza que está a sorrir. Além de que, neste momento, não é nada boa ideia submergir a cabeça debaixo de água, no meio de linhas de pesca emaranhadas, de árvores que comem pessoas e de madeixas sedosas dos cabelos de outra rapariga. O pai de Lydia sempre nos alertou para aquilo que jaz sob a superfície lodacenta do lago. Obriga-nos a usar coletes salva-vidas de *nylon* que picam, mesmo quando estão trinta graus, por muito que transpiremos ou reclamemos.

— Isso é uma loucura — comento. — A história da chuva. Eu não sou louca. Aquilo aconteceu mesmo. Quero dizer, eu sei que *aconteceu*. Ela falou comigo.

Espero que ele diga: *Eu acredito que penses que aconteceu, Tessie*. Enfatizando *acredito*. Enfatizando *penses*.

Mas não diz.

— Achas que ela estava viva ou morta quando falou contigo?

— Viva. Morta. Não sei. — Hesito, pensando até onde devo ir. — Lembro-me de que tinha uns olhos muito azuis, mas os jornais diziam que eram castanhos. De qualquer maneira, nos meus sonhos, os olhos às vezes mudam de cor.

— Sonhas muito?

— Às vezes. — *Não* vou por aí.

— Conta-me precisamente o que a Meredith te disse.

— Merry. A mãe dela chama-lhe Merry.

— Está bem, Merry. Qual foi a primeira coisa que a Merry te disse na vala?

— Disse-me que tinha fome. — De repente, a minha boca sabe a amendoins rançosos. Passo a língua pelos dentes, tentando evitar o vômito.

— Deste-lhe alguma coisa para ela comer?

— Isso não é importante. Não me lembro.

Oh, meu Deus. Parece que lavei os dentes com manteiga de amendoim. Sinto vontade de vomitar. Imagino o espaço à minha volta. Se vomitar para o lado, sujo o sofá de pele. Para baixo, atinjo *Oscar*. Para a frente, sem barreiras, acerto no médico.

— A Merry estava aflita porque a mãe devia estar preocupada com ela. Por isso, disse-me o seu nome. Dawna. Com um *a* e um *w*. Lembro-me de ficar obcecada em ir ter com ela. Queria acima de tudo sair daquele buraco para dizer à mãe dela que a Merry estava em segurança. Mas não conseguia mexer-me. Nem a cabeça, nem as pernas ou os braços. Parecia que tinha um camião a

esmagar-me o peito.

Eu não sabia se era a Merry que estava viva ou eu que estava morta.

— Acontece que consigo soletrar o nome da mãe dela — insisto. — *D-a-w-n-a*, e não *D-o-n-n-a*. Por isso, deve ter acontecido. Caso contrário, como poderia saber?

— Tenho de te perguntar uma coisa, Tessie. Falaste nos jornais. Alguém te tem lido as notícias dos jornais?

Não respondo. Isso iria arranjar problemas a Lydia com o meu pai. E talvez também com os advogados, que querem que eu testemunhe «sem influências» das notícias da comunicação social. Ouvi uma das assistentes dizer: «Se tiver de ser, usamos a questão da cegueira a nosso favor.»

Não quero que ninguém afaste Lydia de mim.

— É possível que tenhas transferido os factos no tempo — diz o médico. — Que saibas o pormenor do nome da mãe dela e como se escreve por teres descoberto isso mais tarde.

— Isso também é comum? — pergunto com sarcasmo.

— Não é *incomum*.

Ele está a verificar todas as alíneas da loucura, e eu preencho cem delas.

A biqueira da minha bota embate incessantemente na perna da mesa. O pé escorrega e atinge acidentalmente *Oscar*, que solta um ganido. Penso que nada do que se passou no último mês me fez sentir tão mal como este ligeiro som de dor de *Oscar*. Baixo-me e enterro o rosto no seu pelo. *Desculpa, desculpa*. Ele leva imediatamente a língua ao meu braço, o primeiro sítio a que consegue chegar.

— A Minha Vizinha Tem Muitas Janelas, mas Só Uma Nova Portada. — Murmuro esta lengalenga repetidamente contra o corpo quente de *Oscar*, acalmando-o. Acalmando-me.

— Tessie. — Preocupação. Agora, não está a sorrir. Acha que puxou demasiado por mim.

Dou uma gargalhada nervosa, que soa tola. É estranho, porque hoje sinto-me bastante bem. Só me sinto mal por ter dado um pontapé a *Oscar*.

Levanto a cabeça e *Oscar* volta a acomodar-se aos meus pés. A sua cauda imparável embate como uma vassoura contra a minha perna. Ele está bem. Estamos bem.

— É uma mnemónica — digo. — Para me lembrar da ordem dos planetas.

— Não estou a perceber.

— Mercúrio, Vénus, Terra, Marte... A Minha Vizinha Tem Muitas...

— Até aí, percebi. Mas que tem isso a ver com a Merry? — Ele parece verdadeiramente preocupado.

— A Merry achava que devíamos arranjar um código para me ajudar a lembrar dos nomes das mães das outras Susanas. Para poder encontrá-las mais tarde. E dizer-lhes que as filhas estavam bem.

— E havia alguma relação... com os planetas?

— Não — respondo, impaciente. — Eu fui repetindo a lengalenga dos planetas na vala para tentar manter-me sã, percebe? Para não perder a consciência. Parecia que tudo andava à roda. Via estrelas e coisas assim. — A Lua, como um pequeno e estreito sorriso. *Não desistas*. — Seja como for, isso deu à Merry a ideia de arranjarmos uma mnemónica para eu não me esquecer dos nomes das outras mães. Para não me esquecer. N, U, S, uma letra para cada mãe. Nunca Unir Sobrancelhas. Ou coisa do género. Lembro-me de que sobrancelhas era uma das palavras. Mas eu inverti as letras e formei uma palavra real: *Sun*.

Voltei a deixá-lo tão chocado, que ficou em silêncio.

— E os nomes das outras mães? Quais são?

— Não me lembro. Ainda. — Dói-me dizer isto em voz alta. — Só me lembro das três letras. S, U, N. Mas estou a trabalhar nisso.

Decidida, penso em nomes todas as noites quando estou na cama. Os que começam por *U* são os mais difíceis. *Ursula*? *Uni*? Não vou decepcionar Merry. Hei de descobrir a mãe de cada uma das Susanas.

O médico está a dar voltas à cabeça.

Afinal, já não sou assim tanto um cliché.

— Havia ossos de outras duas raparigas na campa, e não de três — diz finalmente, como se a lógica tivesse alguma coisa a ver com isto.

TESSA, NA ATUALIDADE

Mal cabemos os três no gabinete da famosa doutora Joanna Seger. Não é nada daquilo que eu esperava para uma cientista célebre. A grande janela oferece uma bonita vista do horizonte de Fort Worth, mas Jo está virada para a porta, dando as boas-vindas aos vivos. A secretária, um moderno volume preto que quase engole a totalidade do espaço, está coberta de revistas de ciência forense e papéis. Faz-me lembrar a secretária de Angie na cave da igreja. O tipo de secretária onde a paixão anda a dormir com a organização e ninguém faz a cama.

Uma peça destaca-se no meio daquele caos: um computador *Goliath* equipado com *software* no valor de cem mil dólares. O ecrã de alta-definição exhibe uma montanha-russa de códigos de barra verde-lima e pretos. É um dos raros apontamentos de cor, além das máscaras mortuárias mexicanas e da noiva-esqueleto que espreita de cima de uma prateleira como uma *Barbie* macabra. Os mexicanos, benditos sejam, sempre tiveram uma visão menos nauseante e mais realista da morte. Parece-me que Jo se identifica com ela.

Receio olhar de demasiado perto para aquilo que parece ser um coração suspenso numa caixa de vidro, porque tenho quase a certeza de que se trata efetivamente de um coração suspenso numa caixa de vidro. Preservado de alguma maneira com uma massa colorida. O seu brilho embaciado faz-me lembrar uma viagem que fiz a Dallas com Charlie para vermos a exposição *Body Worlds*, na qual corpos humanos se encontram plastificados num polímero para podermos contemplar pasmados a nossa beleza interior. Charlie debateu-se com pesadelos durante uma semana quando descobriu que esta exposição itinerante multimilionária tinha possivelmente recorrido a cadáveres de prisioneiros executados na China.

Eu tenho a certeza, mas mesmo a certeza absoluta, de que também não quero descobrir de onde veio este coração.

Há imensas placas de condecoração na parede. Aquela é a assinatura do presidente Bush?

Bill inspeciona os *emails* no telemóvel, ignorando-me. Recuou tanto a cadeira para poder acomodar as pernas, que está quase sentado à porta. Até os meus joelhos estão entalados contra a secretária e provavelmente começam a ficar rosados por baixo da minha saia de algodão.

Este é o espetáculo de Jo e nós estamos à espera.

Ela está encaixada no seu pequeno espaço do outro lado da secretária, com o ouvido colado ao telefone. Conseguiu dizer «Sentem-se, por favor», antes de ele tocar.

— Hum, hum — está agora a dizer, vários minutos depois de ter ficado a ouvir. — Excelente. Depois avisem-me quando acabarem.

Quando pousa o auscultador, anuncia:

— Ótimas notícias. Conseguimos extrair com sucesso ADN mitocondrial dos ossos de duas das raparigas. Dos fémures. Não tivemos sorte com o crânio. Teremos de tentar novamente, talvez desta vez com o fémur, apesar de estar muito degradado. Vamos continuar a insistir. Não vamos desistir. Havemos de encontrar o osso certo. — Hesita. — Também decidimos extrair ADN de outros ossos. Só para nos certificarmos de que não houve mais erros.

Não consigo pensar nisto. Mais raparigas. A cacofonia de Susanas na minha cabeça já é ruidosa quanto baste.

Contudo, consigo apreciar a tenacidade de Jo. O meu *iPad* tem estado muito ocupado desde que assisti ao corte dos ossos. Este laboratório forense de topo pode ser um segredo bem guardado em Fort Worth, mas é familiar para aqueles que combatem o crime em todo o mundo. O edifício projeta-se para o exterior de Camp Bowie como o casco prateado de um navio que transporta um tesouro macabro: dentes e crânios de bebés, ossos das ancas e mandíbulas que viajaram

através de vários estados e atravessaram oceanos, com a derradeira esperança de serem identificados. Este laboratório alcança resultados quando mais ninguém consegue.

— Isso é excelente, Jo. — Há alívio na voz de Bill.

O tom em que fala recorda-me que ele empurra todos os dias um caminhão carregado de tijolos por uma colina acima com uma mão, ao mesmo tempo que me arrasta atrás de si com a outra. Esta manhã, aceitei com relutância vir até aqui para conhecer o «especialista» que vai analisar os desenhos que fiz na adolescência. O desvio até ao gabinete de Jo foi uma surpresa de última hora e foi bem-vinda. Podia respirar livremente durante alguns minutos, antes de tentar encontrar um rosto nos volteios de uma cortina. Isto é, poderia respirar se os meus olhos parassem de se desviar para o coração dentro da caixa.

— Era o meu chefe ao telefone — prossegue Jo. — Neste preciso momento, o ADN daquelas duas raparigas está a ser cruzado com a base de dados nacional de pessoas desaparecidas. Não quero aumentar muito as vossas expectativas. Esta é obviamente uma busca inglória se as famílias das vítimas não tiverem fornecido igualmente ADN ao sistema, para se fazer a correspondência. Têm de ser famílias que não perderam a esperança, que continuam a chatear a polícia e que rezam todas as noites. Definitivamente, vocês os dois não estão num *plateau* com a Angelina Jolie, e por favor não se esqueçam disso.

Pergunto-me quantas vezes terá ela repetido isto. Centenas. Milhares.

A sua mão esquerda rabisca um desenho no canto de uma revista. Uma cadeia de ADN. Tem uns sapatinhos minúsculos. Acho que está a correr. Ou a dançar.

— Faltam seis semanas para o dia D — diz Bill. — Mas já tive menos noutros casos e saí vencedor. Agradece a toda a gente pela perseverança. Qualquer pormenor acerca da identidade destas raparigas pode fornecer-nos mais dúvida razoável. Quero juntar tudo para a audiência.

A mão de Jo detém-se.

— Tessa, sabe alguma coisa acerca do uso forense de ADN mitocondrial? Gostava que percebesse o que fazemos aqui.

— Sei um pouco — respondo. — Vem apenas do lado materno. Mãe, avó. Li algures que conseguiram identificar os ossos de uma das vítimas de John Wayne Gacy trinta anos depois.

— Não fui eu em particular, mas foi este laboratório, sim. William Bundy. Anteriormente conhecido como vítima número dezanove, por ter sido a décima nona vítima a ser retirada do espaço exíguo debaixo da casa de Gacy, em Chicago. Foi um dia muito bom para a família dele. E para a ciência.

John Wayne Gacy. Morto por injeção letal em 1994, um mês e meio antes de eu ter sido atacada.

A caneta de Jo está novamente em movimento. O ADN dançarino agora tem um parceiro. De saltos altos. Jo enfia a caneta por trás da orelha.

— Deixe-me dar-lhe a aula de ciências resumida que dou aos alunos de sexto ano que nos visitam. As nossas células possuem dois tipos de ADN: nuclear e mitocondrial. O ADN nuclear foi o tipo usado no tempo do julgamento do O. J. E, a propósito, se tinha uma centelha de dúvida que fosse, as provas contra ele eram irrefutáveis. Mas tratava-se de uma cena de crime recente. Para ossos mais velhos, passámos a depender do ADN mitocondrial, que permanece por mais tempo. É mais difícil de extrair, mas estamos a tornar-nos cada vez melhores a fazê-lo. E tem toda a razão. Este ADN mantém-se idêntico em ascendentes ao longo de gerações. O que o torna perfeito para casos antigos como este. E também para outros *mesmo* muito antigos, como o dos Romanov, por exemplo, em que a investigação forense pôs finalmente cabo ao mito de que a princesa Anastásia teria escapado da cave onde a sua família foi chacinada. A ciência conseguiu provar que qualquer pessoa que alegasse ser ela ou seu descendente estava a mentir. Mais um grande caso. Que reescreve a história.

Anuo. Sei muita coisa a respeito de Anastásia. Lydia tinha um grande fascínio por todas as teorias da conspiração românticas — as dez mulheres que alegaram ser a única filha sobrevivente de Nicolau II e da imperatriz Alexandra, que foram executados juntamente com os seus filhos pelos bolcheviques como se fossem animais. Além disso, também tinha visto *Anastásia*, a versão intrincada, esterilizada, completamente fantasiada e com um final do tipo «felizes para sempre» da Disney, enquanto tomava conta da minha prima Ella de seis anos.

— Também és uma princesa? — perguntara-me ela quando o filme terminou. — Não foste tu a rapariga que se esqueceu?

Bill mexe-se, irrequieto. Impaciente.

— E o cabelo, Jo?

— Ainda está a ser processado. Envolveu um pouco mais de burocracia do que imaginávamos até termos conseguido que a polícia no-lo entregasse. Uma caixa de provas separada.

— Cabelo? — pergunto. — Que cabelo?

— Mas será que ainda não conhece os pormenores do caso? — pergunta Bill com impaciência. — O cabelo foi uma das duas provas usadas para condenar o Terrell. Encontraram-no no casaco enlameado caído na estrada rural.

Casaco enlameado. Luva ensanguentada. De súbito, estava de volta à terra de O. J.

— Fiz questão de não ler muito acerca do caso — replico secamente. A frustração dele em relação a mim magoa-me. — Foi há muito tempo. Só estive naquele tribunal quando depus. Não me lembro de cabelo nenhum.

Jo observa-me cuidadosamente, com a caneta imóvel.

— O cabelo era ruivo.

O meu cabelo.

— Surgiu à última hora no julgamento. O especialista da acusação analisou-o ao microscópio e concluiu que era seu. Tinha a certeza *absoluta* de que aquele cabelo tinha saído da sua cabeça. Era o tipo de ciência de fraca qualidade que usávamos naquela altura. É impossível fazer a correspondência entre um fio de cabelo e determinada pessoa apenas por observá-lo ao microscópio. Tal só é possível recorrendo a uma análise do ADN. Que é o que estamos a fazer agora.

Contudo... apenas dois por cento da população tem cabelo ruivo. A minha avó não se cansava de me realçar esse facto. Primeiro, quando me apanhou a cortar os meus caracóis cor de laranja aos quatro anos e depois, seis anos mais tarde, quando tentei pintar o cabelo de dourado espremendo treze limões em cima da cabeça e deixando-me ficar quieta debaixo do sol do Texas, qual peixe a secar.

O cabelo ruivo era mais uma coisa que me dava sorte. Que me tornava *especial*.

— Sei da existência do casaco, claro — digo, num tom firme. — Sei que houve uma pessoa que identificou... o Terrell... e que o viu a pedir boleia perto do campo. Só não sabia do cabelo. — *Ou esqueci isso.*

Bill levanta-se abruptamente.

— Se calhar, também *não sabe* que setenta por cento das condenações erradas anuladas pelas análises de ADN envolvem identificações erradas por testemunhas. Que o casaco encontrado ao pé da estrada era um tamanho abaixo do que o Terrell usava? E o cabelo ruivo no casaco? Completamente liso. Se as suas fotografias da escola revelam alguma coisa, é que o seu cabelo era uma juba de caracóis. Aquilo até podia ser o pelo de um caniche, por amor de Deus.

Os caniches *têm* o pelo encaracolado. E acho que não há caniches ruivos. Apesar de a tia Hilda uma vez ter pintado o dela de azul.

Mas entendo a raiva dele. E a necessidade de a expor.

Sei o que está a pensar, apesar de não o dizer em voz alta. O verdadeiro motivo para Terrell Darcy Goodwin ter perdido os últimos dezassete anos da sua vida não foi um cabelo ruivo, um casaco atirado com negligência para a beira da estrada, nem uma mulher que pensava ver bem no escuro ao mesmo tempo que conduzia o seu *Mercedes* a alta velocidade.

Terrell Darcy Goodwin está no corredor da morte porque a Susana-dos-Olhos-Negros que depôs estava completamente aterrada.

TESSIE, 1995

Mal posso esperar para lhe contar.

— Sei que a semana passada foi difícil — diz ele. — Mas só temos cerca de dois meses antes de o julgamento começar. É muito pouco tempo para apurar o que realmente sabes e para te ajudar a sentires-te preparada.

Cinquenta e nove dias, para ser exata.

— Devíamos reconsiderar a hipnose — continua ele. — Sei o que sentes em relação a isso, mas há coisas ocultas nas sombras. A centímetros de distância, Tessie. Centímetros.

Nós tínhamos um acordo. Nada de medicamentos. Nada de hipnose.

O meu coração salta, a minha respiração é ofegante, como a de um gato cheio de calor na rua. Como daquela vez, em agosto passado, em que corri cinco quilómetros a grande velocidade no parque e Lydia teve de tirar o saco de papel para emergências da sua mochila.

Lydia, que estava sempre lá, sempre calma. *Respira. Inspira, expira. Inspira,*

expira. O saco de papel a estalar e a crepitar, a insuflar e a esvaziar-se.

— O que te parece? — insiste ele. — Já falei com o teu pai acerca disto.

O silêncio que se instala entre esta ameaça e a sua próxima frase vai matar-me. Tento recordar onde normalmente foco o olhar. Em baixo? Em cima? Na voz dele? É importante.

— O teu pai diz que só apoia a hipnose se tu quiseses — diz finalmente. — Portanto, isto é entre nós os dois.

Nunca ameí tanto o meu pai como neste momento. Sou invadida pelo alívio deste gesto simples e profundo de respeito, vindo do homem que viu a sua filha de cabelo cor de chamas, aquela que acreditava conseguir bater a velocidade do vento, a definhar até se transformar em pele e osso e azedume. O meu pai preserva o meu futuro como se fosse um troféu amolgado que continua a significar algo, independentemente do seu peso crescente.

Ele está sentado lá fora, a lutar por mim. Todos os dias luta por mim. Quero sair da sala a correr e lançar-me nos seus braços. Quero pedir-lhe desculpa por cada noite em silêncio, por cada refeição que ele preparou com cuidado e eu não comi, por cada convite feito a medo que recusei — para me sentar na cadeira de baloiço do alpendre, ir dar um passeio ou comer um gelado no Dairy Queen.

— O nosso objetivo é o mesmo, Tessie — diz o médico. — Que tu melhores. A justiça faz parte do pacote.

Não pronunciei uma única palavra desde que aqui entrei. E tinha planeado dizer tanta coisa. Sinto lágrimas suspensas nos olhos. Não sei o que significam. Recuso-me a deixá-las cair.

— Tessie. — Entra a matar. Corrompe o meu nome até o transformar numa ordem. Recordando-me que sabe mais do que eu. — Isto podia ajudar-te a ver outra vez.

Oh.

Tenho vontade de rir.

O que ele não sabe, o que ainda ninguém sabe, é que já voltei a ver.

TESSA, NA ATUALIDADE

Podia ter vivido bastante feliz com a ideia de nunca, nunca mais. Nunca mais instalar-me no sofá de um psicoterapeuta. Nunca mais pensar nos meus desenhos manipuladores da rapariga a correr na areia e da rapariga sem boca. Nunca mais lutar contra esta sensação doentia de que a pessoa ao meu lado quer pegar numa faca e trincar lentamente os meus segredos.

Quase imediatamente, a doutora Nancy Giles apressou Bill a sair da sala, dizendo-lhe educadamente que estaria a atrapalhar. Na verdade, não foi assim tão educadamente. O facto de ser uma mulher linda, elegante como uma gazela, é capaz de ter ajudado. Bill resmungou por ser expulso como se fosse uma criança, o que me levou a pensar que os dois se conheciam intimamente há muito tempo, apesar de ele não me ter dito nada durante a viagem.

O meu avô disse-me certa vez que Deus põe objetos nos sítios errados para nos manter ocupados a resolver quebra-cabeças e põe outros nos sítios certos para nunca nos esquecermos de que existe um Deus. Nessa altura, estávamos

num extremo longínquo do parque nacional de Big Bend, que parecia uma lua estranha e deslumbrante.

A doutora Giles é capaz de ser o equivalente humano daquela beleza natural, uma paisagem gloriosa em si mesma. Pele castanha sedosa, com olhos profundos como lagos cintilantes. O nariz, os lábios e as maçãs do rosto — todos eles esculpidos por um anjo talentoso. Ela sabe da sua beleza e mantém a simplicidade. Usa o cabelo curto. Enverga um fato azul bem desenhado, com uma saia que lhe dá a meio dos joelhos. Das orelhas, pendem-lhe fios dourados, com uma grande pérola antiga na ponta de cada um, que dançam de cada vez que ela mexe a cabeça. Calculo que esteja próxima dos setenta anos.

Porém, o gabinete dela faz lembrar o tio gorducho predileto que usa camisas berrantes e oferece sempre um chocolate meio esborrachado que traz no bolso. As paredes são da cor de gema de ovo. Um sofá vermelho aveludado, com um elefante de peluche sentado no canto a servir de almofada. Duas confortáveis cadeiras axadrezadas. Das prateleiras baixas, emerge um festival de cor, apinhadas como estão de livros infantis, *Harry Potter*, *Lemony Snicket*, bonecas americanas de todas as etnias, carros, ferramentas de plástico, o Senhor e a Senhora Potato Head. Uma mesa com um tabuleiro de canetas de feltro e lápis de cera. Um *iMac* à altura de uma criança. Uma porta de frigorífico cheia de *graffiti* das assinaturas toscas e felizes de crianças. Ao lado, um cesto carregado de guloseimas proibidas e polinsaturadas, e nenhuma mãe por perto para nos dar uma palmada na mão.

Os meus olhos detêm-se nos cartazes emoldurados, que não são os típicos quadros abstratos de consultório médico. Em vez desses, vejo os animais musicais e mágicos de Chagall e o mais belo azul alguma vez imaginado. Uma locomotiva a vapor de Magritte a sair disparada de uma lareira, e a sua maçã verde gigante, e os homens de chapéu de coco a voarem como Mary Poppins.

Perfeito, penso. Se há algo surreal, é a infância.

— Os meus clientes habituais são um pouco mais jovens — diz a doutora Giles, bem-disposta.

Ela interpretou mal os meus olhos errantes, que continuam à busca das minhas sombrias produções artísticas. Ordeno aos meus nervos que se calem, mas eles não o fazem. As minhas mãos suadas estão provavelmente mais peganhentas do que a do menino de cinco anos que saiu daqui mesmo antes de eu entrar, com um gelado verde a derreter-se-lhe na mão.

— Não tenho a certeza se vamos conseguir aquilo que o William quer. O que acha?

Sentou-se no outro extremo do sofá, com uma perna cruzada sobre a outra, fazendo com que a saia subisse ligeiramente.

Descontraída. Informal.

Ou intencional. Teatral.

— O William sempre estabeleceu objetivos quase impossíveis de atingir, mesmo quando era criança — prossegue. — Quanto mais velha fico, e com a quantidade de horrores a que já assisti, os meus objetivos tornaram-se... menos específicos. Mais flexíveis. Mais pacientes. Gosto de pensar que isso se deve a mais sensatez e não ao cansaço.

— E, mesmo assim... ele trouxe-me até si — digo. — Com um prazo. Por motivos muito específicos.

— E, mesmo assim, ele trouxe-a até mim. — Os seus lábios esboçam um novo sorriso.

Apercebo-me da facilidade com que aquele sorriso pode derreter uma criança, mas eu já não sou uma criança.

— Então, o seu plano *não* é analisarmos juntas os meus desenhos.

— Precisamos deles? Isto vai dececionar o William, mas não me parece que tenha escrito o nome do assassino nas ondas do mar. Ou escreveu?

— Não. — Aclaro a garganta. — Parece-me que não.

Não estava certa se isso seria verdade. Uma das primeiras coisas que fiz na noite em que recuperei a visão foi examinar todos os volteios do pincel. Só por prevenção. *Quem sabe o que o inconsciente pinta?*, perguntara Lydia com grande dramatismo.

— Eu acho que os desenhos que se seguem a traumas como o que viveu são frequentemente mal interpretados. — A doutora Giles pega no elefante de peluche que se encontra atrás dela e a impede de se recostar. — Há muitas coisas associadas ao uso da cor e à pressão exercida pela caneta. Mas uma criança pode usar o vermelho-vivo da cor do sangue num desenho simplesmente por se tratar da sua cor preferida. O desenho representa apenas o sentimento daquele dia, naquele momento exato. Todos nós temos dias em que odiamos os pais, certo? Uma versão mais desagradável e furiosa de um pai não significa que ele seja um abusador, e eu nunca hei de depor nesse sentido. Por isso, sim, recorro à técnica do desenho, mas na maior parte das vezes é essencialmente uma maneira de fazer com que os pacientes mais novos expressem as suas emoções, para que elas não os corroam por dentro. É substancialmente mais difícil proferir as palavras. Mas estou certa de que não preciso de lhe dizer isso.

— Doutora Giles...

— Nancy, por favor.

— Nancy. Não quero ser desagradável... mas porque aceitou este pedido do Bill, se acha que realmente não há nada para falar? — *Ela saberá que mais de metade dos meus desenhos são falsos? Terei de lhe dizer?*

A aula pragmática e assustadora de Jo acerca dos ossos, aquele maldito coração dentro de uma caixa, o elefante cor-de-rosa sentado ao pé de nós e que sabe demasiado acerca das coisas terríveis que as pessoas fazem — é a dose máxima de realidade que consigo absorver hoje.

Daqui a hora e meia, vou estar sentada nas bancadas a assistir ao jogo de voleibol de Charlie, rodeada de mãos exaustas que vão gritar até não poderem mais, onde o mais importante não é a preocupação com os sinais iminentes do Armagedão vindos do Médio Oriente, os cento e cinquenta milhões de órfãos que há no mundo, os glaciares a derreterem ou o destino dos homens que se encontram no corredor da morte.

A coisa mais importante do mundo é se a bola toca ou não no chão.

A seguir, vou tirar uma embalagem de palitos de cenoura do frigorífico, enfiar quatro crepes de queijo e fiambre no micro-ondas — um para mim e três para a Charlie —, pôr uma montanha de roupa a lavar e coser gaze branca a um tecido de seda cor de lavanda. São estes lampejos de luz que me têm mantido essencialmente saudável e quase sempre feliz, dia após dia.

— Não me interprete mal — diz Nancy. — Eu não estou absolutamente segura de que os seus desenhos sejam insignificantes. O seu caso é... complicado. Agradeço-lhe muito a autorização para ver os apontamentos dos seus médicos acerca das sessões consigo. Isso foi útil, apesar de as notas do seu último médico serem escassas. Estava cega quando desenhou muitos deles, certo? O seu médico nessa altura achava que tinha falseado a maior parte deles. — Então, ela sabe. Ótimo. — E também considerava que vocês os dois tinham explorado todas as vias possíveis em relação aos desenhos da cortina. E que eram essencialmente aqueles que você declarou serem espontâneos e genuínos.

Olha para o *bipper* que vibra na sua cintura, verifica o número e silencia o aparelho.

— Por isso, há muitas razões para descartar os seus desenhos. Pelo menos, foi essa a avaliação feita pelo médico. Concorda?

— Sim.

Tenho a garganta seca. *Para onde está isto a ir?* E um pensamento fortuito: *Devia ter pedido para ver os apontamentos do médico?*

Uma das Susanas intervém rapidamente: *Tu não queres saber aquilo que ele disse.*

— Claro que é sempre um bocadinho difícil saber exatamente o que estamos a fingir — prossegue a doutora Giles. — O subconsciente está ocupado. A verdade tende a escapar-se. Obviamente, sinto-me atraída pela cortina. Fez-me lembrar a história de um caso famoso que achei que valia a pena partilhar. É irónico, ou será um sinal, se acreditar nisso, mas a rapariga deste outro caso também se

chama Tessa. É provável que o nome dela tenha sido alterado e é óbvio que a história dela é muito diferente. Tratava-se de uma menina que tinha sido abusada sexualmente em casa, mas estava demasiado traumatizada para identificar o abusador. E então fez um desenho da sua casa em corte transversal, para a terapeuta poder ver o interior. Desenhou muitas camas no último andar. Disse que eram para as muitas pessoas que viviam na casa. Desenhou uma sala de estar no andar de baixo e uma cozinha onde havia uma chaleira enorme. Mas, em vez de lhe perguntar pelas camas, a terapeuta perguntou pela chaleira e porque é que era importante. A menina disse-lhe que, todas as manhãs, cada uma das pessoas que vivia na casa tirava água daquela chaleira para preparar um café instantâneo antes de ir para o trabalho ou para a escola. Assim, recorrendo à chaleira, a terapeuta conduziu a criança ao longo daquele dia terrível do abuso. A Tessa recordou, uma a uma, as pessoas que tinham usado a chaleira nessa manhã antes de saírem de casa. A única pessoa que sobrava, a que não tinha usado a chaleira, foi quem ficou sozinho em casa com ela. O abusador. Foi assim que ela conseguiu contar a história do que lhe tinha acontecido.

Contra a minha vontade, esta mulher hipnotizou-me.

— Eu não tenho a certeza — diz ela cuidadosamente —, mas acredito que o seu objeto comum possa vir a ser uma ferramenta igualmente poderosa. Ele pertence algures. Temos de procurar nesse sítio. Se quiser, podemos experimentar fazer alguns exercícios.

Tenho a cabeça a latejar. Quero responder sim, mas não tenho a certeza se consigo. Nunca *nada* é como espero que seja.

Ela interpreta o meu silêncio com exatidão.

— Hoje, não. Talvez em breve?

— Sim, sim. Em breve.

— Posso dar-lhe um trabalho de casa? Gostava que voltasse a desenhar a cortina, de memória. A seguir, telefone-me. Eu arranjo tempo. — Dá-me uma palmadinha no joelho. — Dê-me licença por um instante.

Dirige-se para a porta fechada ao fundo da sala. Reparo num ligeiro coxear artrítico. Quando a porta se abre, vislumbro o refúgio pessoal dela — uma luz quente e uma grande secretária antiga.

Regressa rapidamente e entrega-me um cartão de visita. Não traz mais nada na mão. Não vai devolver-me os desenhos... pelo menos, hoje. Nada de batota.

— Escrevi o meu número de telemóvel em baixo — diz-me. — Mas tenho mais uma pergunta antes de se ir embora, se puder ser.

— Claro.

— O desenho do campo. As flores gigantes debruçadas sobre as duas raparigas como se fossem monstros.

Raparigas. Plural. *Duas*.

— Não significa nada — digo. — Não fui eu que o desenhei. Foi uma amiga minha. Fizemo-lo juntas. Ela estava a par da minha... mentira. Foi minha parceira no crime. — Dou uma gargalhada desconcertada.

Nancy lança-me um olhar estranho.

— A sua amiga está bem?

Parece-me uma pergunta invulgar. Passaram tantos, tantos anos. Qual o interesse disso?

— Não a vejo desde o fim do secundário. Ela saiu da cidade antes de o terminarmos, logo a seguir ao julgamento. — *Simplesmente, desapareceu.*

— Isso deve ter sido difícil. — Cada palavra é dita com cautela. — Perder uma boa amiga tão pouco tempo depois do trauma.

— Sim. — Por mais motivos do que quero explicar.

Estou a dirigir-me lentamente para a porta. Lydia não é um sítio onde queira ir agora. Hoje, não.

Mas a doutora Giles não me deixa sair, ainda não.

— Tessa, eu creio que a jovem que desenhou aquela cena, a sua amiga Lydia, estava verdadeiramente aterrorizada.

— Disse que havia... duas raparigas no desenho. Eu sempre achei que era uma. E que estava a sangrar. — Um minúsculo tornado vermelho.

— Inicialmente, também foi o que pensei — responde ela. — As formas não se distinguem bem. Mas, se olhar com atenção, vê quatro mãos. Duas cabeças. Acredito que uma das raparigas é a protetora, agachada sobre a outra. Não me parece que aquilo seja sangue resultante do ataque das flores-monstro. Acho que a protetora tem cabelo ruivo.

TESSIE, 1995

É difícil fingir que não vejo. Passaram dois dias. Sei que não vou poder manter este segredo durante muito tempo, especialmente com o meu pai. Preciso de algum tempo para observar, para analisar a linguagem corporal. Saber o que toda a gente está realmente a pensar sobre mim quando acha que não estou a olhar.

O médico escrevinha sentado à sua secretária, um som arranhado que me dá vontade de gritar.

Ergue o olhar, com o sobrolho franzido de preocupação, para ver se terei mudado de ideias em relação a falar. Ou está a olhar para a minha postura. De braços cruzados, a olhar fixamente em frente. Entrei na sala à hora da nossa consulta e disse-lhe que por mim aquilo tinha acabado. Acabado, acabado, *acabado*.

Tínhamos um *acordo*, recordei-lhe.

Nunca na vida eu faria hipnose, para ficar a flutuar como um azulão zonzo e

contar-lhe coisas secretas. Estabeleci as minhas regras desde o *início* e, se ele tinha conseguido esquecer-se tão facilmente desta, o que mais poderia vir a fazer? Propor-me um *cocktail* de comprimidos para a felicidade? Eu tinha lido o livro *Nação Prozac*. A autora estava infeliz. Completamente baralhada. Ela não era eu.

Não queria ser como ela. Nem como Randy, o rapaz que tem o cacifo ao lado do meu, usa uma *t-shirt* dos Alice in Chains todos os dias, toma *Xanax* entre as aulas e passa o tempo a dormir. Ouvi dizer que a mãe dele tem cancro da mama. Não lhe faço perguntas, mas nunca deixo de lhe sorrir quando nos cruzamos na zona dos cacifos. Percebo-o. Randy enviou-me um postal muito giro quando eu estava no hospital, com um termómetro a sair da boca de um gato. No interior, escreveu: *Às vezes, a vida é tão cruel*. Quanto tempo terá demorado a encontrar aquela letra? Eu tenho a fotografia de Alanis colada dentro do meu cacifo; por isso, ele tinha de saber. Provavelmente, não encontrou nenhuma canção dos Alice in Chains que não dissesse que devia suicidar-me ou coisa do género.

Lydia deu logo por isso. Reparou nas pequenas pistas. A minha Bíblia em cima da cómoda, aberta em Isaías em vez de Mateus. A televisão apenas ligeiramente mais inclinada para o meu lugar na cama. A *t-shirt* cor-de-rosa e verde, que condiz com as *leggings*, e a sombra *Maybelline* castanha e cor de pêssego, que eu não usava há um ano. Não era apenas uma coisa, dissera ela. Era o conjunto de todas elas.

Havia surpresas, por todo o lado. Para começar, o meu rosto no espelho da casa de banho. Tudo em mim está mais anguloso. O meu nariz projeta-se como o entalhe do relógio de sol do meu avô. A cicatriz em forma de meia-lua que tenho debaixo do olho está a desaparecer, mais rosada do que vermelha, menos evidente. Há umas semanas, o meu pai sugeriu a medo que, se eu quisesse, podíamos falar com um cirurgião plástico. Mas a ideia de ficar deitada, qual Bela Adormecida, enquanto um homem se debruça sobre mim com uma faca... isso nunca vai acontecer. Prefiro que as pessoas fiquem a olhar.

Oscar é ainda mais branco do que eu imaginava, apesar de provavelmente isso se dever ao facto de neste momento tudo ser um pouco ofuscante. Ele foi a primeira coisa que vi, aos pés da minha cama, na manhã em que abri realmente os olhos — um monte de penas de pombo com cabeça. Chamei baixinho pelo nome dele. Quando a sua língua me lambeu o nariz, tive a certeza de que não estava a sonhar.

Não houve nenhum drama na minha súbita transformação. Adormeci, acordei e conseguia ver outra vez. O mundo voltara a estar completamente e dolorosamente focado.

O médico continua com os seus rabiscos, sentado à secretária. Desvio sub-

repticiamente o olhar para o relógio de parede. Faltam nove minutos. *Oscar* está a dormir aos meus pés, mas as suas orelhas agitam-se. Talvez esteja a sonhar com um esquilo maldoso. Descalço o ténis e esfrego o pé no seu lombo quente.

O médico apercebe-se do meu movimento, hesita e pousa a caneta. Dirige-se lentamente para a cadeira que se encontra à minha frente. Penso mais uma vez que Lydia fez um trabalho excelente quando o descreveu.

— Tessie, quero que saibas que lamento muito não ter honrado o nosso acordo — começa ele. — Pressionei-te. E é precisamente isso que um bom terapeuta *não* deve fazer, independentemente das circunstâncias.

Respondo-lhe com silêncio, mas mantenho o olhar fixo acima dos seus ombros. As lágrimas estão prestes a irromper à superfície.

Porque há coisas que continuo a preferir não ver. O rosto do meu irmão depois de o meu pai ter falado calmamente com ele acerca das suas notas, que costumavam ser cinco a tudo. Os papéis do seguro de saúde espalhados em cima da mesa, como se alguém tivesse perdido ao póquer e atirado com as cartas. O estado lúgubre, vazio, do frigorífico, as ervas daninhas a espreitarem pelas fissuras no caminho de acesso à casa, as rugas tensas em torno da boca do meu pai.

Tudo isto por minha causa.

Tenho de continuar a tentar. Eu quero melhorar. Já consigo ver. Não será isso melhor?

Será por causa disso que este homem acaba de me pedir perdão? Não deveria deixá-lo cantar vitória? Não cometemos todos erros?

— Que mais posso dizer, Tessie, que restaure a tua confiança em mim?

Acho que ele sabe que consigo ver.

— Pode falar-me da sua filha — respondo. — Daquela que perdeu.

TESSA, NA ATUALIDADE

O tutu está pronto.

Passo-o a vapor com cuidado, apesar de não ser necessário. A Charlie troça de mim e da minha *Rowenta IS6300 Garment Steamer*. Mas esta *Rowenta* tem sido provavelmente a minha melhor e mais fiel terapeuta. Deixa o armário uma vez por mês e nunca me faz perguntas. É desprovida de mente. Mágica. Empréstame a sua varinha de condão e todas as rugas desaparecem. Os resultados são instantâneos e inegáveis.

Hoje, um móbil rodopia na minha cabeça, manuseado por uma mão invisível. Fico transtornada pelas imagens que passam rapidamente por mim. Numa delas, o rosto de Lydia. Noutra, o de Terrell. Elas dançam no meio de flores amarelas e de olhos pretos, de pás enferrujadas e corações de plástico. Todas unidas umas às outras por ossos quebradiços.

Há dois dias que a doutora Nancy Giles, de Vanderbilt, Oxford e Harvard, interpretou o desenho de Lydia, imediatamente após ter anunciado, sem deixar

margem para dúvidas, que não punha muita fé nas tretas freudianas.

Ela acha que algo de errado se passava com Lydia. Que era Lydia que me via a mim como sua protetora. O que não pode ser. Nunca falei a ninguém do poema que ele me deixou debaixo do carvalho. Lydia fez aquele desenho *antes* do poema. Naquela época, eu teria morrido se não tivesse sido ela, e não o oposto.

Preciso de ver esse desenho outra vez, raios. Porque é que a doutora Giles não se ofereceu para mo mostrar? Terá achado que sou mentirosa? Que sei alguma coisa que não estou a contar? Como sempre, quando saio do gabinete da psicoterapia, as dúvidas começam a surgir como vermes viscosos.

Tenho saudades tuas. Foi isso que Lydia escreveu nas flores que me entregaram em casa, depois de tantos anos de silêncio. A não ser que não tenha sido ela a enviar-mas. E se *forem* do meu monstro? E se o meu silêncio a matou? E se, por *não a ter* avisado, ele tivesse levado a cabo a ameaça em forma de poema, tão bem enterrado junto à minha casa da árvore? *Se contares a alguém, farei da Lydia uma Susana também.* E se a minha denegação e a minha estupidez sacrificaram não só Terrell, mas também Lydia?

Terrell. Agora, penso nele a toda a hora. Pergunto-me se me odiará, se tem os braços musculados de tanto fazer flexões no chão de cimento, se já pensou na sua última refeição, por precaução. Lembro-me então de que ele não vai poder escolher a última refeição. Um dos tipos que amarrou James Byrd Jr. a uma carrinha de caixa aberta e o arrastou até à morte arruinou essa refeição para toda a gente. Pediu dois bifes de frango fritos, meio quilo de carne no churrasco, um hambúrguer triplo com *bacon* e queijo, uma piza *meat lover's*, uma omeleta, uma tigela de quiabo, uma caixa de gelado *Blue Bell*, doce de manteiga de amendoim com pedaços de amendoim e três refrigerantes. Tudo isso foi entregue antes da sua execução. E depois ele não comeu nada. O Texas decidiu: nunca mais.

Consigo recitar de cor a ementa escolhida por um racista tarado, mas não me lembro do dia em que o meu mundo se desmoronou. Não me lembro de uma única coisa que possa salvar Terrell.

Olho para a janela do meu estúdio, que cintila no topo da garagem de dois andares, a um canto do quintal das traseiras. Devia ir até lá. Fechar as persianas. Pegar nos lápis e nas tintas e desenhar a cortina. Começar a fazer o meu trabalho de casa.

A garagem foi recuperada de uma degradação completa há dois anos. Effie deu ao plano o seu selo de aprovação histórico. Janelas azuis e desgrenhados gerânios vermelhos para ela. Internet e um sistema de segurança ligado à casa para mim.

Alegre. Seguro.

O piso de baixo, que em tempos albergou o *Dodge* azul de 1954 do anterior

dono, está apinhado com a minha mesa de serrar e entalhar, a fresa e as brocas, a pistola de pregos e a lixadora rotativa, a bomba de vácuo e a máquina de soldar. O tipo de ferramentas que curvam portas de armários como se fossem dunas de areia e soldam escadas maciças numa espiral estonteante. Máquinas que me fazem doer os músculos e me asseguram que consigo enfrentar um homem, ou um monstro.

O andar de cima foi concebido exclusivamente para mim. É o meu espaço. Para as artes mais calmas. Pareceu-me importante — um verdadeiro lar para o meu estirador, cavaletes, tintas, pincéis e máquinas de costura. Investi num sofá do Pottery Barn, numa chaleira *Breville* e numa janela panorâmica *Pella*, para poder espreitar os andares cimeiros do nosso carvalho.

Na semana depois de ter acabado de pregar todos os pregos, quando me sentei a bebericar chá, banhada no resplendor branco, lavado e a cheirar a novo do meu estúdio, percebi que não queria o *meu* espaço. Não queria estar isolada nem perder as entradas explosivas de Charlie quando chega da escola. Por isso, fiquei-me pela sala de estar. O estúdio passou a ser o espaço onde Bobby, o meu irmão mais novo, se instala para escrever quando vem da sua casa de Los Angeles visitar-me, duas vezes por ano, e o sítio para onde Charlie vai quando tudo o que sai da minha boca lhe deixa os nervos em franja. *Não sei porquê, mãe. Não é o que tu dizes. É o simples facto de estares a falar.*

É por isso que a sala de estar está atolada de tecidos bordados, padrões de vestidos de estilistas e fiadas de lantejoulas, que se misturam com as havaianas de Charlie, os seus livros escolares, os brincos perdidos e os minúsculos elásticos para o aparelho dos dentes. É também por isso que eu e a minha filha temos um acordo tácito para não falarmos acerca do estado da sala de estar, a não ser quando inclui formigas e migalhas. Todos os domingos à noite, limpamos a sala juntas. É um espaço feliz, onde criamos, discutimos e cimentamos o nosso amor.

O estúdio está apinhado. Os meus fantasmas mudaram-se imediatamente para lá ao mesmo tempo que eu, assim que a última camada de tinta branca foi aplicada nas paredes. As Susanas sentem-se à vontade para falarem alto e às vezes discutem como raparigas tontas que passam a noite juntas.

Devia subir as escadas. Cumprimentá-las com civismo.

Devia desenhar a cortina. Descobrir se está pendurada numa janela da mansão na minha cabeça, onde as Susanas dormem. *Deixá-las ajudar.*

Mas não consigo. Ainda não. Tenho de cavar.

Estou outra vez a olhar para um buraco aberto. Desta feita, trata-se de uma piscina, vazia, à exceção de uma camada de lodo achocolatado formado por folhas e água da chuva.

Sinto-me ridícula. Desapontada. E com frio. Puxo o capuz da camisola do exército de Charlie. São 5h27 da manhã. Não vinha a este lugar desde que aqui vivi com Charlie quando ela tinha dois anos. Ela já me enviou uma mensagem de texto com as palavras «Tenho fome» quando eu conduzia pela I-30 na direção oposta, com uma carrinha vermelha de caixa aberta no meu encalço. Vinte minutos depois, escrevia «Cheguei a casa»; cinco minutos depois disso, «Tutu fixe» e, um minuto mais tarde: «Então????»

Tentei ligar-lhe de volta, mas não obtive resposta. Agora, tenho o telemóvel a tocar no bolso. O Sol está a descer rapidamente, uma enorme bola laranja que vai jogar para outro lado qualquer. As janelas do apartamento cintilam fogo sob a luz que se esvanece, pelo que não consigo ver o interior. Espero que não esteja ninguém a olhar cá para baixo, para esta figura encapuzada nas sombras e armada com uma pá.

— Porque é que não estás em casa da Anna? — pergunto abruptamente para o telemóvel, em vez de dizer *olá*. — Devias estar em casa dela. — Como se a minha afirmação a pusesse lá.

— A mãe dela adoeceu — responde Charlie. — O pai foi-nos buscar. Eu disse-lhe que podia deixar-me em casa. Onde estás? Porque é que não respondeste às minhas mensagens?

— Tentei ligar-te há pouco. Estava a conduzir. Perdi-me. Estou num... trabalho. Em Dallas. Trancaste as portas?

— Mãe. Comida.

— Pede uma piza do Sweet Mama's. Há dinheiro no envelope que está por baixo do telefone. Pergunta se pode ser o Paul a entregá-la. E espreita pelo óculo antes de abrires, para te certificares de que é ele. E tranca a porta quando ele se for embora. E digita o código.

— Qual é o número?

— Charlie. Tu sabes qual é o código de segurança.

— Não é esse número. O telefone do Sweet Mama's.

Isto, vindo da rapariga que ontem descobriu no Google que Simon Cowell era o jovem assistente que puxava o lustro ao machado de Jack Nicholson no filme *The Shining*.

— A sério, Charlie? Eu vou para casa daqui a pouco. Atrasei-me porque... achei que sabia o caminho.

— Porque é que estás a sussurrar?

— Piza, Charlie. Óculo. Não te esqueças. — Mas ela já desligou.

Ela fica bem. Fui eu que disse isto ou foi uma Susana? Qual de nós estaria mais bem informada?

— Eh!

Um homem com uma tesoura de poda aproxima-se rapidamente, vindo do outro lado da casa. *Apanhada.* Encosto a pá a uma árvore, mas tarde de mais. Mesmo à distância, há alguma coisa no andar dele que reaviva uma memória.

— Isto é propriedade privada! — grita ele. — O que é que acha que anda a fazer com essa pá à hora do jantar?

A pronúncia arrastada, misturada com uma ameaça e uma repreensão acerca da etiqueta apropriada à hora da refeição. Um *cocktail* texano perfeito.

Porque tenho medo do escuro. Porque acho que há muitas pessoas neste bairro ansiosas por usar a arma que têm guardada na gaveta. Eu tinha.

— Já vivi aqui — respondo.

— E para que é a pá?

Percebi de súbito de quem se trata, e estou um bocado admirada. É o empregado da manutenção. O mesmo que aqui trabalhava há mais de uma década e que todos os dias jurava demitir-se. Se bem me lembro, primo afastado da mulher rabugenta que era dona da casa, uma construção vitoriana remodelada em East Dallas, publicitada como um *edifício de quatro pisos com personalidade*. Traduzido: teto decorado, de onde choviam migalhas brancas que enchiam o meu cabelo de uma espécie de caspa, janelas que requeriam uma força hercúlea para serem abertas e duches quentes que duravam dois minutos e meio se eu conseguisse antecipar-me ao maluquinho do exercício físico que vivia no primeiro andar e se levantava às cinco da manhã.

Foi pelas janelas que escolhi a casa. Ninguém conseguiria trepar por elas e entrar. Por isso e pela promessa do anúncio, que dizia: «Só se aceitam raparigas.»

— Quando é que a proprietária eliminou os lugares de estacionamento para construir esta piscina? — pergunto. — Marvin? É o Marvin, certo?

— Com que então, lembra-se do velho Marvin, hem? A maioria das raparigas lembra-se dele. A piscina apareceu há cerca de três anos. Antes, era um estacionamento em pedra numerado, onde toda a gente tinha um lugar. Mas isso já você deve saber. Agora, reclamam todos porque têm de disputar os lugares de estacionamento na rua. E a Gertie deixou de encher a piscina. Diz que não dá para o gasto e que o Marvin não limpa as folhas. O velho Marvin faz o melhor que pode. Quando é que disse que morou aqui?

— Há dez anos. Mais coisa, menos coisa — respondo vagamente.

Tinha-me esquecido daquele seu hábito de se referir a si próprio na terceira pessoa. Em parte, explica porque nunca arranjou outro emprego.

— Ah, os bons velhos tempos, quando não havia estas meninas mimadas da universidade a ligarem ao Marvin às duas da manhã para perguntarem porque é que os seus *Apple* não conseguem conectar-se com o Universo.

Contenho uma gargalhada e não o corrijo. Tiro o capuz para ver melhor, mas dou-me imediatamente conta do erro que cometi. Puxo o cabelo para a frente, para tentar esconder a metade do meu rosto onde se vê a cicatriz. Esse movimento é suficiente para Marvin alimentar um interesse renovado por mim, apesar de eu vestir um fato de treino preto de andar por casa e ténis, e de não ter um único vestígio de maquilhagem. Deve ter tido um dia parado na casa só para meninas, que imagino ser o único motivo que o faz manter-se por aqui.

— Estou curiosa — digo, hesitante. — Encontraram alguma coisa quando cavaram o buraco para construírem a piscina?

— Como um cadáver? Ui, devia ver a sua cara agora. Não havia cadáveres, querida. Falta-lhe algum?

— Não, não. Claro que não.

Marvin está a abanar a cabeça.

— Você é tal e qual o raio das miúdas. Ou se calhar é uma caçadora de talentos de um daqueles programas sobre fantasmas?

— Que miúdas?

— A irmandade que aluga o apartamento ali em cima à esquerda sempre no início do semestre do outono. Pensam que está assombrado. E usam-no para pregarem sustos de morte às caloiras. Vestem esqueletos com camisas de dormir transparentes e penduram-nos do lado de fora das janelas. Convidam os seus colegas ricos e servem-lhes molho de feijão-frade e ponche do caixote do lixo, que eles vomitam no alpendre e eu tenho de limpar. A Gertie começou a cobrar caução pelo arrendamento daquele apartamento. Mas acha que paga mais ao Marvin? Não. O Marvin tem de se aguentar e limpar.

— Porque é que elas acham... que há lá fantasmas? — Assim que a pergunta me sai, arrependo-me imediatamente. *Tu sabes a resposta.*

— Por causa da rapariga que ali viveu há muito tempo. A que escapou ao assassino das Susanas-de-Olhos-Negros. Só soubemos que era ela um ano e meio depois de ter saído daqui. Era bem simpática. Trabalhava numa pequena empresa de *design* na Baixa. Às vezes, queixava-se por não a deixarmos pôr uma cancela nas escadas por causa da filha dela. A Gertie dizia que ia tirar charme à casa.

De repente, o rosto dele imobiliza-se.

— Meu Deus, é você, não é? A tal rapariga? É a Susana que viveu aqui.

— Eu não me chamo Susana.

— Devia ter percebido quando vi o seu cabelo ruivo. Caramba, ninguém vai

acreditar nisto. O Marvin pode tirar-lhe uma fotografia? Você é real, não é? Não é um fantasma? — Por um instante, parece colocar verdadeiramente essa hipótese.

Antes de eu conseguir pensar, tira o telemóvel do bolso e carrega no botão. Fico gravada, com *flash*, para todo o sempre, prestes a passar daquele telemóvel para o Facebook, Twitter, Instagram — para o Universo de Marvin e mais além.

— Ótimo — diz ele para si mesmo, olhando para o telemóvel. — Apanhei a pá lá atrás.

Se o meu monstro ainda não sabia, irá descobrir em breve.

Ando à caça.

Quando me aproximo de casa, por volta das sete horas, há luzes em todas as janelas. Não é sinal de que Charlie esteja assustada, digo a mim mesma, mas apenas o hábito que tem de ir acendendo as luzes por onde passa sem se dar ao trabalho de as apagar.

Falei com ela há cerca de meia hora. Uma piza com *bacon* canadiano e azeitonas pretas fora efetivamente entregue, comida e considerada «suficiente». Parecia tudo bastante normal do outro lado da linha. Muito, muito distante do meu encontro perturbador com Marvin. De tal maneira, que até passei pelo Tom Thumb para aviar a lista que Charlie me enviou por mensagem com os pedidos especiais para o seu almoço: queijo, presunto (sem cobertura de mel), pão, uvas, pasta de grão, *pretzels*, argolas de chocolate.

— Cheguei — grito, fechando a porta com o pé.

O sistema de segurança está ligado. Confirmado. Charlie até levantou a caixa de piza da mesa de centro diante da televisão, onde presumi que estaria a ver alguma reposição da Netflix ou algum programa da minha lista de repetições. *Não me agrada nada que vejas programas dessa lista.*

Mas nada de Charlie. Nada de mochila. A televisão, morna. Atravesso a sala de estar e pouso o saco de compras na bancada da cozinha, juntamente com as minhas chaves.

— Charlie?

Deve estar no quarto, a viver dentro dos auscultadores *Bose*, ao mesmo tempo que viaja com relutância pela Inglaterra do século XIX pela mão de Jane Austen.

Bato à porta, porque a tia Hilda nunca o fazia. Não obtenho resposta. Entreabro a porta. Escancaro-a. Cama por fazer. O livro *Orgulho e Preconceito* a servir de base para uma garrafa de água. Roupas espalhadas por todo o lado. A gaveta da roupa interior despejada em cima da cama. Uma mancha de lama no

chão.

Tudo mais ou menos como ela deixou de manhã. Mas nada de Charlie.

Percorrer o resto da casa demora cerca de um minuto, mais do que tempo para eu ser invadida por ondas nauseantes de pânico. Abro as portas de correr que dão para o quintal das traseiras, gritando o nome dela. Não está na cadeira de baloiço junto à vedação das traseiras, presa ao tronco espesso do carvalho e a um antigo poste para cavalos que Effie tinha salvado do machado de um carpinteiro. Por cima de mim, as janelas do estúdio encontram-se em completa escuridão. As portas da garagem estão fechadas.

O meu telemóvel. Preciso do meu telemóvel.

Corro para dentro de casa e remexo na mala à procura dele. Insiro atabalhoadamente o novo *pin* que tive de escolher a seguir à atualização de ontem do *software*. Bloqueado. *Porra. Porra. Porra.* Tento inserir os quatro dígitos de novo, devagar. Prometo a mim mesma nunca mais atualizar o telemóvel. Carrego no ícone.

E lá está ela, a minha moratória de uma palavra, enviada por Deus.

@ Effie

Em poucos segundos, estou a bater à porta de Effie como uma desalmada. Ela parece demorar uma eternidade a responder. Enverga uma camisa de noite comprida, com rendas a cingirem-lhe o pescoço. O cabelo grisalho, libertado do seu carrapito entrançado do costume, cai-lhe até à cintura. Se trouxesse na mão uma vela, em vez da maior tabela periódica plastificada que já vi, tomá-la-ia por uma fugitiva de Pemberley.

— Mas que se passa, por amor de Deus? — exclama Effie.

Tem calma, tem calma, tem calma.

— A Charlie está aqui? — pergunto, ofegante.

— Claro que está.

Afasta-se para o lado e lá está a minha menina, a mais bela visão do mundo, sentada de pernas cruzadas no chão ao pé da mesa de centro, a escrever num caderno. Absorvo cada pormenor: o cabelo em leque à volta do rosto, como as penas vermelhas de um peru, apanhado por uma travessa; os calções de voleibol que continua a usar mesmo quando estão quinze graus lá fora; os chinelos felpudos cor-de-rosa em forma de porco; o verniz para unhas com brilhos dourados. Ela mexe os lábios, exageradamente, como a estrela de um filme mudo. *Salva-me.*

— Estava sentada na cadeira de baloiço do meu alpendre e vi um homem a andar à volta dos nossos quintais — começa Effie.

O rapaz da piza, articula agora Charlie. Revira os olhos, enquanto Effie continua a tagarelar e o meu cérebro só consegue repetir: *Ele não a apanhou*.

— ... Percebi que o teu carro não estava aqui, mas que as luzes da casa estavam todas acesas. Fiquei preocupada. Chamei, a Charlie respondeu e fui logo lá buscá-la. Estava aqui a ajudá-la a preparar-se para as aulas de química do ano que vem.

Charlie aponta para um prato com bolachas de chocolate, que ou estão queimadas ou cozeram de mais, dispostas na mesa como uma cara sorridente. A cara é obra de Charlie, tenho a certeza. Ela pega em duas e segura-as diante do rosto, como se fossem olhos. Decididamente, queimadas.

As palhaçadas de Charlie, a sinceridade de Effie, as bolachas intragáveis. Eu e Charlie teremos de falar a seguir acerca de ela ter quebrado uma das minhas regras básicas. Um símbolo @ e uma única palavra digital não substituem um antiquado recado escrito à mão e um pedaço de fita-cola. O que significa que também eu podia ter acabado de sair de Pemberley.

— Foi muito simpático da sua parte, Effie — digo.

— A Charlie acha que era o rapaz que entrega as pizzas — diz ela. — Mas eu achei que ele tinha um aspeto dissimulado. Ambas sabemos que todo o cuidado é pouco.

A minha mente entra num casulo quente de alívio com esta afirmação. Estará Effie a insinuar aquilo de que nunca falamos? Estará igualmente em alerta máximo por causa do meu monstro?

— Sabes quem eu acho que foi? — pergunta ela.

Abano a cabeça, pensando aturdida em todas as coisas que ela poderá dizer e que não quero que Charlie ouça.

— Acho que foi o ladrão de enxadas.

TESSIE, 1995

Agora, já sei algumas coisas a respeito da filha do médico. Chamava-se Rebecca e tinha dezasseis anos. Não porque ele me tenha contado, mas porque Lydia é uma investigadora.

Ela desapareceu no mesmo ano em que um louco roubou John Lennon ao mundo e Alfred Hitchcock sofreu uma morte menos violenta do que merecia. Eu e Lydia descobrimos isso ao consultar cautelosamente uma microficha de um jornal local até ficarmos perante um perfil do meu médico feito há dois anos, imediatamente após ele ter recebido um prestigiado prémio internacional pela sua pesquisa acerca da paranoia em pessoas normais.

Mas quem é que é normal?, murmurara Lydia. A seguir, percorreu mais algumas páginas e leu-me a notícia do óbito de Hitchcock em voz alta. Ficou particularmente fascinada com a descrição da tortura a que ele submeteu a própria filha enquanto rodava um dos filmes preferidos de Lydia, *O Desconhecido do Norte Expresso*. Enfiou-a numa roda gigante, parou a cabina

no topo, apagou todas as luzes do cenário e deixou-a sozinha no escuro. Quando um dos elementos da equipa a trouxe para baixo, ela estava histérica. Lydia carregou num botão do leitor e fotocopiou tanto a entrevista do médico como o obituário de Hitchcock, que considerou merecedor de ser acrescentado aos seus ficheiros pessoais de coisas estranhas, que guardava numa caixa por baixo da cama.

Na verdade, na viagem de autocarro no regresso a casa, ela estava mais distraída com o destino da filha de Hitchcock do que com o pouco que tínhamos descoberto acerca de Rebecca. *Ele era um sádico do caracas*, anunciou, enquanto toda a gente sentada ao pé de nós fitava a minha pequena cicatriz em forma de lua.

Rebecca constituía um único parágrafo no artigo que resumia a história de vida do meu médico, o que me deixa incrivelmente triste. O meu palpite é que ele disse ao jornalista que o assunto do desaparecimento da filha não era para ser discutido.

Pelo menos, deixou bem claro que não seria discutido por nós na nossa última sessão. Um agradável e longo silêncio foi o que se seguiu à minha pergunta acerca de Rebecca. Portanto, comentei que gostava da gravura de *A Ceifeira*, pendurada por cima da sua secretária.

— O meu avô teve um período dedicado ao trigo, como Winslow Homer — disse-lhe. Ah, pois, e já não estou cega.

Não percebi se ele fingiu ficar surpreendido. Pareceu-me genuinamente entusiasmado com o que afirmou ser «um enorme progresso». Recorreu a um antiquado e ridículo teste de visão, que envolvia um lápis e o meu nariz. Pediu-me que fechasse os olhos e descrevesse o seu rosto com o máximo possível de pormenores.

Voltou a garantir-me que, apesar de não querer discutir o assunto comigo, a filha dele não tivera nada a ver com o caso das Susanas-de-Olhos-Negros. Eu nunca lhe tinha perguntado isso, mas, mesmo que ela estivesse relacionada com o caso, não sei bem se quero saber isso neste momento.

É difícil não estar um pouco feliz. Engordei um quilo e meio em cinco dias. Quando descobriram que conseguia ver outra vez, o meu pai e o meu irmão apertaram-me com tanta força num abraço a três, que pensei que o meu coração ia explodir. A tia Hilda apareceu com o seu bolo de chocolate alemão em três camadas, besuntado com a famosa cobertura que ela faz com coco e nozes. Tenho a certeza de que foi a melhor coisa que já comi.

A noite passada, apareceu na minha mesinha de cabeceira um exemplar de capa dura de *O Encantador de Cavalos*, numa casa onde sempre se esperou pelas edições em formato de livro de bolso.

Faltam cinquenta e dois dias para o julgamento. O que significa aproximadamente mais doze sessões, se contar com mais uma ou duas para encerrar o caso a seguir ao julgamento. O fim aproxima-se e, realmente, não quero trazer distrações para o processo, como Rebecca. Fui mazinha ao mencionar o assunto.

Infelizmente, Rebecca transformou-se na mais recente obsessão de Lydia, que assumiu a missão de descobrir mais informações noutros jornais. O que quer que seja que encontre, disse-lhe eu, será insignificante. *Rebecca era bonita e tinha muitos amigos. Era uma rapariga dócil e Era uma família muito simpática*, e blá-blá-blá. Não quero parecer fria, mas é assim mesmo.

Sei isso, porque li todo o tipo de exageros em relação à minha vida desde que me tornei uma Susana-de-Olhos-Negros. A minha mãe morreu em circunstâncias «suspeitas», o meu avô construiu uma casa tenebrosa e eu sou praticamente perfeita. Mas a verdade é que a minha mãe sofreu um tipo raro de AVC, a minha avó era a pessoa mais doida da família e eu não sou nem nunca serei a heroína saída de um conto de fadas. Apesar de todas elas também terem começado por ser vítimas. A Bela Adormecida foi envenenada, Cinderela foi escravizada, Rapunzel foi enclausurada. Tessie foi atirada para junto de ossos.

A fantasia distorcida de um monstro qualquer.

Mas acho que o médico gostaria que eu falasse disso, penso, enquanto ele se instala na cadeira.

Sorri.

— Dispara, Tessie.

Na semana passada, prometeu que me deixaria conduzir esta sessão. Também me prometeu que não iria contar ao meu pai que fingi estar cega durante algum tempo. Para já, cumpriu essa promessa. Pergunto-me se negociará com todos os seus pacientes. Se isso será *apropriado*.

Não interessa. Hoje, estou disposta a oferecer-lhe algo real.

— De cada vez que as luzes diminuem de intensidade, tenho medo... de ficar cega outra vez — digo. — Como quando fui com a minha família ao Olive Garden e a empregada de mesa reduziu a intensidade das luzes para dar melhor ambiente, ou lá o que foi. Ou quando o meu irmão fechou as persianas da sala por trás de mim para ver melhor a televisão.

— Quando isso acontece, em vez de pensares que vais ficar cega outra vez, porque não dizes categoricamente a ti própria que não vais?

— A sério? — Ai, ai, ai. É para isto que o meu pai anda a pagar?

— Porque tu *queres* ver, Tessie. Não existe nenhum duende dentro da tua cabeça a ligar e a desligar um interruptor. Tens o controlo. Estatisticamente falando, as probabilidades de isso voltar a acontecer são praticamente nulas.

Está bem. Pode ser útil. Pelo menos, é encorajador. Apesar de as probabilidades de isso me acontecer serem praticamente nulas.

— Que mais se passa aí dentro? — pergunta ele, batendo levemente no crânio com um dedo.

— Estou preocupada... com o O. J. Simpson.

— Estás preocupada com o quê, exatamente?

— Que ele consiga enganar o júri e escapar.

Não lhe conto que Lydia ensopou uma das suas luvas de pele vermelhas em sumo V8, deixou-a secar ao sol e me demonstrou como conseguia abrir a mão e obter o mesmo efeito que O. J.

O médico cruza uma perna por cima da outra. Veste-se de uma maneira muito mais conservadora do que eu imaginava. Camisa branca engomada, calças de fazenda pretas vincadas de alto a baixo, gravata desapertada, azul com pequenos losangos vermelhos, sapatos pretos a reluzirem com graxa. Não usa aliança.

— Acho que as hipóteses de isso vir a acontecer são praticamente nenhuma — afirma. — A tua preocupação é que o teu atacante seja posto em liberdade. Aconselho-te a não veres a cobertura noticiosa do caso O. J., que só vai piorar as coisas na tua cabeça.

A tia Hilda deu-me o mesmo conselho de borla e temperou-o com um prato de quiabo acabado de sair da frigideira, ao mesmo tempo que desligava a televisão.

— Tessie, o palco hoje é todo teu, mas temos de nos desviar por um instante. O delegado do Ministério Público ligou antes de chegares. Quer encontrar-se contigo em privado antes do julgamento. Eu posso pedir para assistir às entrevistas, se isso te deixar mais tranquila. Ele estava a pensar em fazer a primeira entrevista na próxima terça-feira. Se quiseres, podemos incluí-la na nossa sessão regular.

Descruza a perna e inclina-se para mim. O meu estômago transforma-se numa bola dura, como um bicho-de-conta que se defende.

— Recuperares a tua visão é muito importante. Encontrares-te com o delegado do Ministério Público e ultrapassares o teu medo do julgamento é o passo lógico seguinte. Até é capaz de ajudar... a reavivar a tua memória. Pensa no teu cérebro como uma peneira ou um coador, por onde começam por passar apenas os pedaços mais pequenos.

Quase não ouço a sua lengalenga psicológica com recurso a utensílios de cozinha.

Faltam sete dias.

— Espero que não te importes que eu lhe tenha contado a boa notícia — diz ele.

— Claro que não — minto.

Penso na pequena mala, feita há meses, arrumada ao fundo do meu roupeiro.
Penso se será demasiado tarde para fugir.

TESSA, NA ATUALIDADE

Eu e Charlie estamos a jogar um jogo antigo na cadeira de baloiço do alpendre. A chuva bate pesadamente no telhado.

Fingimos ser pequenas bonecas, a balançar para trás e para a frente. Uma menina empurra o nosso baloiço. Trancou o seu grande gato amarelo, para ele não poder atacar-nos. Está a cozer no forno um minúsculo bolo de plástico para nós, fez as camas e arrumou os pratinhos todos no armário. Varreu a alcatifa com uma escova de dentes. Não há monstros nos roupeiros, porque não há roupeiros.

Por um breve momento, tudo é perfeito. Nada nos pode atingir. Estamos numa casa de bonecas.

Sinto a calidez da cabeça da minha filha no meu colo. Ela está deitada de lado na cadeira de baloiço comigo, com os joelhos fletidos, porque já não tem três anos e já não sobra espaço. Tapei as suas pernas despidas com o meu casaco, para quando o vento mudar e nos fustigar por entre as colunas de tijolo.

Ela coloca-se numa posição mais confortável e vira o rosto para mim. Os

olhos cor de violeta estão contornados por *eyeliner* preto, o que os torna ainda maiores e mais bonitos, mas muito mais cínicos. Tem dois brincos de prata espetados em cada orelha, um ligeiramente maior do que o outro.

A maquilhagem dos olhos lava-se; os buracos extra hão de fechar. Tento não me preocupar em demasia com esse tipo de coisas. Ela iria logo falar da minha tatuagem na anca direita, uma borboleta no meio das cicatrizes.

Quando ela tirar o aparelho dos dentes daqui a três meses, então, sim, vou preocupar-me.

— Mãe, ontem à noite, parecias meio louca em casa da menina Effie. Sei que estavas preocupada, mas mesmo assim. Nunca te tinha visto assim. É por não conseguires impedir que aquele tipo seja executado?

— Em parte. — Brinco com uma madeixa do seu cabelo e ela deixa-me. — Charlie, nunca falámos muito sobre o que me aconteceu.

— Nunca queres falar. — Uma constatação, e não uma reprimenda.

— Só nunca quis que fizesses parte disso.

Nunca quis que a inocência dela fosse perturbada por nada mais do que os factos, e numa versão estéril.

— Ainda pensas... naquelas raparigas? — pergunta, a medo. — Uma vez, sonhei com uma delas. A Merry. Tinha um nome fixe. Alguém colou um artigo da revista *People* na minha bicicleta há uns tempos. Era sobre a mãe dela. Dizia que queria estar na fila da frente a assistir à execução do Terrell Goodwin. Tens mesmo a certeza de que não foi ele?

Obrigo-me a ficar quieta, em vez de me levantar com um pulo, e continuo a dar balanço com o pé firmemente apoiado no chão de cimento. Um estranho deixou um presente a Charlie. Uma Susana fugiu da minha cabeça para a da minha filha. O pior é que ela só está a contar-me isto *agora*. Não quero pensar que guarda estes segredos por ter medo de falar neles e, no entanto, sei que é precisamente isso que se passa.

— Sim — respondo. — Claro que penso naquelas raparigas. Sobre como elas morreram e quem sofre por elas. Especialmente agora. A cientista forense de que te falei extraiu ADN dos ossos delas. É uma hipótese remota e implica muita sorte, mas, se as famílias ainda estiverem à procura delas, talvez consigamos descobrir quem são.

— Tu ainda estarias à minha procura. Nunca irias desistir.

Contenho as lágrimas.

— Nunca, *nunca*. Querida, importas-te de me contar como foi o teu sonho? Com a Marg... a Merry?

— Estávamos a passear numa ilha. Ela nunca falou. Foi agradável. Nada assustador.

Obrigada, Merry.

— Então, tens a certeza de que o Terrell está inocente? — pergunta ela de novo.

— Sim, tenho a certeza. Não há provas concretas.

Não menciono o rasto de dezassete anos de Susanas-de-Olhos-Negros. Nem as vozes dentro da minha cabeça a aumentarem as minhas dúvidas.

— Seja quem for o verdadeiro assassino, não vai voltar, mãe — diz ela, convicta. — Ele foi suficientemente esperto para não se deixar apanhar da primeira vez. Não vai arriscar. E, se fosse mesmo fazer alguma coisa, teria sido há muitos anos. Se calhar, foi preso por outro crime. Ouvi dizer que isso acontece imenso.

É evidente que a minha filha pensou muito no assunto. Como pude ser tão estúpida ao ponto de pensar que o seu cérebro adolescente não era tão ágil como o meu e o de Lydia? Não lhe falo das estatísticas alarmantes de Jo: que, dos trezentos assassinos em série em atividade nos Estados Unidos, a maior parte nunca será apanhada.

— Ouve uma coisa, Charlie. Acima de tudo, quero que tenhas uma vida normal. Não quero que vivas com medo, mas preciso que sejas muito cuidadosa até sabermos o que vai acontecer ao... Terrell. O meu trabalho é proteger-te e tu tens de ceder e deixar-me fazer isso durante uns tempos.

Charlie levanta-se.

— Nós somos mais normais do que metade das pessoas que conheço. A mãe da Melissa Children levou as meninas da claque a darem uma volta de carro num sábado à noite e andaram a enfiar frangos crus nas caixas do correio das miúdas de quem elas não gostam. E a fotografia que a polícia lhe tirou está no Facebook. E a mãe da Anna não estava doente naquele dia em que devia ter ido buscar-nos. Estava bêbeda. A Anna diz que ela enche o copo de *Diet Cola* com vodca e anda com ele no carro. Os filhos sabem coisas, mãe. Não consegues esconder o que se passa.

Eis uma torrente rara e sem peias de informação.

— Nunca mais ando de carro com a mãe da Anna — anuncia Charlie.

A cadeira de baloiço. Hipnotizadora. *Continua a falar.*

O telemóvel dela começa a tocar uma música que não reconheço. Charlie estica-se instantaneamente para o alcançar.

— Posso passar a noite com a Marley?

Já começou a afastar-se da cadeira de baloiço, a afastar-se de mim.

— Adoro este sítio. Não há nada como sábado à noite no Flying Fish.

Jo leva uma caneca enorme de cerveja fria aos lábios. Está de calças de ganga e com uma *t-shirt* dos Oklahoma Sooners. E o pendente de ouro de ADN, que dá com tudo.

Bill acaba de voltar do balcão com uma travessa de ostras fritas e pastéis de milho para partilharmos. Está descontraído, com umas calças de ganga velhas, mais descontraído do que alguma vez o vi. Tem a camisa por fora das calças. Precisa de um corte de cabelo. Passa-me uma caneca gigante de *St. Pauli Girl*. Os seus dedos demoram-se mais do que o necessário, o que atribuo à cerveja. Esta caneca vai fazer com que guiar até casa seja um pouco difícil.

— O mesmo tamanho para todos — diz ele, sorrindo e sentando-se ao lado de Jo, no lado oposto do compartimento, precisamente por baixo de um quadro de cortiça cheio de papéis e com a fotografia de um tipo a brandir um peixe alimentado a esteroides.

— Aquilo é real? — Aponto para o monstro marinho, praticamente do tamanho de Charlie.

— É a parede dos mentirosos — responde Bill, enfiando um pastel na boca sem se virar. — Há anos que tento pôr uma no gabinete do Ministério Público.

— Isso não é justo — diz Jo, de sobrolho franzido. — Por exemplo, há pelo menos dez anos que o condado de Dallas tem sido uma máquina a exonerar mais pessoas graças às análises de ADN do que qualquer outro lugar. — Um eco de Charlie.

— Ah, Jo, tu chafurdas sempre em otimismo — diz Bill. — Se eu conseguir uma nova audiência para o Terrell, depois falamos.

As mesas de piquenique e os compartimentos do restaurante estão cheios e barulhentos. Ao nosso lado, há uma fila serpenteante até ao balcão, um amontoado de *cowboys* e fãs de basebol com um fetiche texano de fritar tudo para ficar crocante. O orgasmo coletivo do estado do Texas tem lugar na feira anual, onde até a *Nutella*, os *Twinkies* e a manteiga mergulham nas frigideiras.

Quase ao mesmo tempo em que Charlie saía para dormir em casa da amiga, Bill enviara-me uma mensagem a perguntar se eu gostaria de fazer-lhes companhia a beber uma cerveja. Não disse porquê.

Por isso, hesitei, mas por pouco tempo. Ou ia ou dormia com as Susanas e uma garrafa de Merlot, enquanto os trovões ribombavam e os relâmpagos transformavam todas as árvores e arbustos em silhuetas humanas. Apanhei o meu cabelo frisado do dia chuvoso num rabo de cavalo, enfiei um velho blusão de ganga e vim logo para aqui no meu jipe, com os limpa-para-brisas a trabalharem o tempo todo.

Bill e Jo já tinham bebido pelo menos uma cerveja e estavam enredados numa

discussão animada acerca do defesa dos Sooners quando apareci com o aspeto de quem tinha estado na marmelada debaixo de uma cascata. Jo atirou-me o rolo de toalhas de papel para eu secar a cabeça e limpar um borrão de rímel para o qual ela me chamou a atenção, debaixo do olho esquerdo. A conversa não derivou para Terrell, mas sim para um dos casos recentes de Jo, os ossos de uma menina de três ou quatro anos que tinham sido descobertos num campo do Ohio, e depois mudou para mim.

— O que é que faz mesmo na vida? — pergunta Bill.

— Não sei se há um nome para o que faço. Sou alguém que... resolve problemas, acho eu. As pessoas têm uma ideia de algo que nunca viram e eu concebo-a. Pode ser uma coisa pequena, como desenhar uma grinalda de noiva com as pedras preciosas de um anel da avó, ou grande, como uma escadaria suspensa que construí para um hotel em Santa Fé. O *Sunday Morning* fez uma reportagem sobre essa escadaria para uma série de artigos sobre mulheres artesãs, o que ajudou imenso. O apresentador foi suficientemente cortês para não mencionar a história... das Susanas-de-Olhos-Negros. Agora, posso ser mais seletiva. Cobrar mais.

— Foi aquilo que mais gostou de construir até agora? A escadaria?

— Não. Sem dúvida que a minha construção preferida foi a catapulta de abóbora que fiz para a competição do Dia de Campo da Charlie no ano passado. Batemos o recorde da escola em dezoito metros. — Bebo mais um gole de cerveja. — O meu pai estudou física e ensinou-me algumas coisas.

Devia ter comido mais do que duas bolachas de água e sal com queijo picante ao almoço. Bill parece-se ainda mais com um miúdo na sua *t-shirt* cinzento-clara que evidencia músculos firmes. Pergunto-me se ele e a rapariga sueca já terão oficializado as bodas.

Decido desviar as atenções de mim. As luzes da ribalta são demasiado quentes e brilhantes. Considero a hipótese de lhes perguntar se estão a embebedar-me para me darem más notícias. Os meus olhos demoram-se em Jo. Esta noite, ela podia ser uma pessoa qualquer — mulher a dias, caixa de um banco, professora do ensino básico. A sua relação diária com o horror está bem escondida por baixo da *t-shirt* dos Sooners e dos seus brilhantes olhos azuis, que mostram que ela dorme bastante bem. Ninguém pensaria que se trata da cientista que trabalhou no meio do inferno, resolvendo equações matemáticas na sua cabeça enquanto as Torres Gémeas deitavam fumo.

— Jo, como é que consegue fazer aquilo que faz... dia após dia? — pergunto.
— Sem deixar que isso a afete.

Ela pousa a cerveja.

— A minha dádiva divina é conseguir olhar para o grotesco sem sentir

repulsa. O dedo. As entranhas. Mas não lhe vou dizer que vou para casa e deixo de pensar no sémen encontrado na camisa de dormir da Pequena Sereia. Ou na bala na mandíbula do prisioneiro de guerra que não matou o tipo. Como ele deve ter sido torturado. Penso em coisas do género: «Esta jovem mãe esteve consciente durante o acidente de avião ou morreu imediatamente?» Penso em quem estas pessoas são. Quando parar de o fazer, está na altura de abandonar este trabalho.

Esta última parte soou-me um pouco a embriaguez, mas também me pareceu uma das afirmações mais sinceras que já ouvi.

— É a única coisa em que sou boa — diz ela. — Sou cientista forense. É tudo o que sei fazer.

— Tu és simpática de mais — diz Bill, tocando com a sua caneca na dela. — Eu passo a maior parte dos meus dias a querer bater em alguém.

Ela sorri e faz um brinde no ar.

— Eu sou do Oklahoma. Somos as pessoas mais simpáticas do mundo. Mas também gostamos de bater noutras pessoas. E, de vez em quando, tenho um dia como o de hoje.

— Se ainda não percebeu, eu e a Jo estamos a comemorar — diz-me Bill. — Só queríamos dar-lhe uma oportunidade para nos acompanhar.

— Então? — pergunto.

Jo acena-lhe: o sinal de consentimento.

— Temos uma correspondência numa das amostras de ADN.

Estas palavras não me entram na cabeça. Ele não pode estar a falar das Susanas. Não assim tão depressa.

— Conseguimos identificar uma das Susanas através da base de dados nacional de pessoas desaparecidas — confirma Jo, impassível. — Uma das extrações de fémur.

— Está tudo bem, Tessie? — O rosto de Bill está transtornado, apreensivo.

Não sei se ele se apercebeu do que fez. Chamou-me Tessie. Desta vez, a sua mão está pousada em cima da minha e não a larga. O que provoca mais um sentimento para o qual não estou preparada neste momento. Fujo com os dedos e prendo uma madeixa de cabelo húmido atrás da orelha.

— Estou... bem. Desculpem. Foi apenas o choque. Depois de tanto tempo. Depois de tudo o que me disseram a respeito das estatísticas, não estava à espera. Quem... é ela? *Preciso de ouvir o nome.*

— Hannah — responde Jo. — Hannah Stein. Vinte anos. Desapareceu do sítio onde trabalhava como empregada de mesa, em Georgetown, há vinte e cinco anos. O irmão mais novo é agora polícia em Houston. Tivemos sorte. Ele insistiu com a família para porem o ADN dela na base de dados CODIS há uns meses,

depois de ter feito um curso obrigatório sobre investigação de pessoas desaparecidas. O ADN mitocondrial da Hannah corresponde ao de Rachel e Sharon Stein. A mãe e a irmã. Lembre-se de que o ADN mitocondrial é cem por cento de origem materna.

— Se eu conseguir provar que o Terrell não estava nas proximidades de Georgetown no dia do desaparecimento dela... bem, isso ajuda. — A voz de Bill tem um laivo de triunfo.

— Há uma coisa. — Jo pousa cautelosamente os olhos em mim. — A mãe dela quer que você esteja lá.

— Lá, onde?

Esta Susana já não é um monte de dentes e ossos e uma voz incorpórea dentro da minha cabeça. Chama-se Hannah. É uma sombra que corre para a luz, prestes a deixar-me ver-lhe o rosto.

— A mãe vem de Austin com o filho, para podermos formalizar a identificação perante a família. Ela pediu especificamente para a conhecer. Sempre desconfiou que um primo deles estivesse relacionado com o desaparecimento. Ela... nós... a polícia quer saber se o reconhece.

— O único problema é que ele está morto — diz Bill.

TESSIE, 1995

Aparecem duas pessoas no consultório do médico. Um homem e uma mulher.

O homem é o delegado do Ministério Público. O doutor Vega. Baixo, compacto, com cerca de quarenta anos. Tem um aperto de mão firme e olha diretamente nos olhos. Muito machismo italiano. Faz-me lembrar o treinador de futebol que levou metade da escola para o ginásio durante um tornado inesperado do ano passado. Basta-lhe percorrer o corredor para sabermos da sua presença.

A mulher passaria bem por uma finalista da escola secundária. Parece ser o tipo de pessoa que se sentiria bastante mais à vontade em qualquer coisa menos convencional do que o fato *Ann Taylor* que traz vestido. Eu estou no sofá e ela sentou-se no sítio onde o médico costuma estar, batendo no chão com o calcanhar esquerdo, nervosa; provavelmente, sou o seu primeiro grande caso. Diz-me que está aqui como terapeuta ligada à defesa de menores, mas tenho quase a certeza de que é essencialmente uma acompanhante que veio certificar-

se de que não acuso o delegado do Ministério Público de alguma coisa arrepiante.

Sinto-me surpreendentemente «quero lá saber» em relação a tudo isto, porque tomei dois *Benadryl* há uma hora. Normalmente, não sou dada a esse género de coisas, mas Lydia sugeriu-me que o fizesse quando soube que eu ia estar com o delegado do Ministério Público pela primeira vez. Ela toma dois quando os pais se enredam numa das suas disputas de gritos que duram três dias. Mais uma vez, Lydia tomou a decisão certa. O ambiente é tenso e pesado, mas eu flutuo numa bolha acolchoada.

O médico não está contente. Em primeiro lugar, não lhe implorei para ficar. Não me pareceu importante na altura, além de que exigiria alguma energia da minha parte fazer com que isso acontecesse. Decididamente, o doutor Vega não o quer na sala. Fico impressionada com a rapidez com que o manipula, levando-o a sair do seu próprio gabinete, já que ele não é nenhum incompetente na arte de manipular.

Falam ambos em voz baixa e imperiosa, bem audíveis. Eu e a mulher, Benita, conseguimos ouvir tudo o que dizem. É desconfortável. Percebo que ela não sabe bem o que deve fazer, porque já me tinha dito que não tínhamos de conversar. Tenho pena dela.

— Gosto do seu cabelo — digo eu, porque de facto gosto. É preto, com uns fios vermelhos brilhantes. Pergunto-me se será ela que o arranja assim.

— Gosto das tuas botas — diz ela.

Isto não significa que não continuemos a ouvir tudo o que eles dizem.

— Não lhe faça perguntas que comecem com «porque é que» — instrui o médico ao advogado.

— Dê-nos cerca de trinta minutos, senhor doutor. Não tem motivos para se preocupar.

Este «senhor doutor» é o mesmo tipo de tratamento que o doutor Vega deve usar com os juizes e testemunhas hostis. Já conheço bem o trabalho de Christopher Darden e de Johnnie Cochran.

Agora, também sinto alguma pena do médico, expulso do seu próprio espaço.

O *Benadryl* está a fazer-me sentir tão *bem*...

Enquanto aquela disputa continua à porta do consultório, decido fazer o primeiro teste a Benita. Ela já me anunciou que só está aqui por minha causa e que posso perguntar-lhe tudo o que quiser. Ou não lhe perguntar nada. A escolha é só minha. Claro que entretanto já ouvi isto tantas vezes, que me enjoa. Deve ser o primeiro capítulo do manual para lidar com vítimas/testemunhas disfuncionais.

— Porque é que não devem fazer-me perguntas começadas por «porque é

que»? — pergunto-lhe.

Ela olha de soslaio para o advogado, que não está a prestar nenhuma atenção. Tenho a certeza de que está preocupada com o facto de fornecer informação privilegiada a uma adolescente. Provavelmente, o manual não aborda esse tema.

— Porque isso implica que tens culpa — responde. — Como quando perguntamos «porque é que fizeste isto ou aquilo», percebes? Ou «porque é que achas que isto te aconteceu»? O doutor Vega nunca te faria uma pergunta dessas. Tu não tens culpa de nada.

Isto interessa-me. Tento recordar se o médico alguma vez me fez uma pergunta com «porque é que» e concluo que não. Nunca me tinha ocorrido que se podia manipular por omissão, o que é chato, e mais uma coisa a ter em conta no futuro.

A porta fecha-se com um clique seco e o médico fica do outro lado. O advogado aproxima a cadeira e olha para mim fixamente.

— Muito bem, Tessie. Desculpa lá isto. Eu não tenho quaisquer intenções de discutir o teu caso hoje. Por isso, podes relaxar, se isso te estiver a preocupar. Provavelmente, também não vamos discuti-lo da próxima vez. — Acena a cabeça na direção de Benita. — Nenhum de nós acredita que seja boa ideia fazer-te perguntas acerca de algo tão traumático e profundamente pessoal, quando ainda não temos qualquer espécie de relação contigo. Por isso, vamos primeiro conhecer-nos melhor. Também quero assegurar-te de que estou completamente preparado para ir a tribunal com a tua memória tal como está.

Não foi essa a impressão que me foi passada pelo médico, de maneira nenhuma. Ele é como um balancé, não há dúvida, mas está sempre a tentar empurrar-me com subtileza. Às vezes, acho que está a tentar baralhar-me de propósito.

Agora, tenho de adivinhar quem está a dizer a verdade. Isso dá-me dores de cabeça. Decido dar a volta ao jogo e fazer uma pergunta ao doutor Vega. É evidente que ele também é maníaco do controlo.

O *Benadryl* libertou-me. Estou-me completamente nas tintas.

— Porque é que tem tanta certeza de que este homem é culpado?

TESSA, NA ATUALIDADE

Estou outra vez espedada a olhar para a porcaria do coração de plástico, meio na expectativa de que ele comece a bater.

Somos só eu e Jo. Fui a primeira a chegar, apesar de ter demorado duas horas frenéticas para decidir qual seria a roupa adequada para usar no dia em que vou conhecer a mãe enlutada de Hannah, que provavelmente espera que parte da sua defunta filha viva agora dentro de mim. A verdade é que ela vive mesmo dentro de mim, mas não quero dizer-lhe isso. Também é verdade que a indumentária adequada para este acontecimento consiste numa camisola de croché, uma saia de cabedal castanha, botas e as pérolas da minha mãe, que nunca tinha colocado ao pescoço até hoje.

— O coração é fixe, não é?

Jo tira-o da prateleira, abre a caixa e entrega-mo, como se fosse um brinquedo de borracha. Aliás, tem mesmo a textura de um brinquedo de borracha. O meu instinto para aceitá-lo foi automático, tal como é o de atirá-lo para o outro lado

da sala. Devolvo-o com cuidado.

— É verdadeiro?

— É. Preservado recorrendo ao embalsamento com silicone. Fui eu mesma que o fiz.

Então, eu não estava enganada em relação a essa parte. Ainda assim, não consigo acreditar que Jo, a minha heroína, a boa da fita, esteja a ser tão displicente.

— Quer ouvir a história? — diz ela, olhando para o relógio; aparentemente, é a sua ideia de uma boa maneira de me distrair durante os próximos dez minutos.

Eu abano a cabeça, mas ela está inclinada enquanto coloca o coração de novo no seu pequeno suporte feito à medida.

— Eu e a minha avó íamos de carro para casa da minha tia na véspera do Dia de Ação de Graças, numa estrada rural sem iluminação no Oklahoma. O veado atravessou-se à nossa frente antes de eu conseguir travar.

Um veado. Bem, já me sinto melhor.

— Foi um embate violento — prossegue ela. — Eu e a minha avó ficámos bem. Mas eu quis certificar-me de que o veado estava morto antes de seguirmos viagem. Não ia deixá-lo na berma da estrada moribundo. Mas, quando cheguei ao pé dele, tornou-se evidente que o carro tinha resolvido o assunto. Antes de ter a oportunidade de decidir o que ia fazer com o veado, apareceram três carrinhas de caixa aberta que pararam na berma. Eram três rapazes que iam a passar, e os três queriam tirar-me o veado das mãos. Reparei que um deles tinha uma faca afiada pendurada no cinto.

Uma reviravolta perturbadora. O coração voltava a ser um ponto de interrogação.

— Eu disse ao tipo que tinha a faca que o escolhia a ele para ficar com o veado se me emprestasse a faca. Então, ele passou-ma e eu extraí o coração.

Um conto de Grimm. Ao estilo do Oklahoma. Fico nauseada e aliviada em simultâneo.

— Os condutores das carrinhas... faziam ideia de que era cientista forense? — pergunto. — Sabiam porque é que queria o coração? — *Você sabia porque é que queria o coração?*

— Não me lembro se se falou nisso. Eles só queriam a carne.

— E você trouxe o coração... para o carro, para junto da sua avó e... onde o guardou?

— Numa geleira.

— E levou-o para... o jantar do Dia de Ação de Graças? — Não perguntei se a tarte de abóbora e o *chantilly* tiveram de arranjar espaço.

— A minha tia ficou bastante transtornada quando saiu para nos receber e viu

o capô amolgado e eu coberta de sangue. Rimo-nos a valer por causa disso.

Há mais uma coisa que me intriga.

— Como ia matar o veado se ele ainda estivesse vivo?

— Não sabia. Talvez o estrangulasse com o atacador do meu sapato. Fosse como fosse, ele ia estar morto quando eu o deixasse.

Esta é a Jo que conheço. E outra que não conhecia.

Ouve-se bater à porta e uma estudante com uma bata espreita para o interior.

— Doutora Jo, está aqui a polícia. Levei-os para a sala de reuniões. A receção mandou a família subir agora. O Bill telefonou para dizer que a família Stein rejeitou oficialmente o pedido dele para estar presente, mas queria que a senhora e a Tessa soubessem que a mãe traz uma vidente com eles.

Nada disto parece perturbar Jo minimamente. Afinal de contas, quando deixada sozinha numa estrada sombria do Oklahoma com a avó, três estranhos corpulentos e uma faca, a única coisa em que pensa é em arrancar o coração a um veado.

— Está pronta? — pergunta-me.

Dois detetives, um irmão que é polícia, uma mãe, uma vidente — todos esperam num silêncio taciturno à volta de uma mesa de reuniões, numa sala claustrofóbica cujos únicos adornos são uma cafeteira manchada, uma pilha de copos de plástico e uma caixa castanha de lenços de papel que permanece intacta no meio da mesa. O cheiro a tinta fresca é tão forte, que me faz arder a garganta. À exceção do irmão, dolorosamente jovem e de aparência oficial no seu uniforme completo, eu nunca seria capaz de distinguir quem é quem. Não vejo olhos lacrimejantes. Não há bolas de cristal nem blusas esvoaçantes de cigana. Não há outros uniformes ou distintivos.

Um homem, com um casaco *Wrangler* e gravata, levanta-se de imediato e aperta a mão de Jo. O mesmo gesto é copiado por uma mulher de cerca de cinquenta anos, com o ar mais maternal e terno de entre todos os presentes. Detetive número um e detetive número dois.

Deixo-me cair numa cadeira e desejo estar em qualquer outro lugar que não ali.

Dirijo a minha atenção para a mulher sentada à minha frente, que estende imediatamente as mãos e cobre as minhas. Tem o cabelo duro de tanta laca e com berrantes madeixas loiras. Os seus olhos são os mais azuis que alguma vez vi. Rachel Stein, presumo. No entanto, percebo pela testa franzida da detetive número dois que não é assim.

— Minha senhora, pedimos-lhe para não intervir nesta reunião, a não ser se lhe for solicitado. A senhora está aqui exclusivamente por consideração para com a família.

Ela retira as mãos com relutância e pisca-me o olho, como se estivéssemos na mesma equipa. Sinto repulsa. Quero de volta o que quer que ela acha que me surriprou com a sua húmida pata vidente.

O detetive procede às apresentações, ao mesmo tempo que os meus olhos se fixam agora, por exclusão de partes, na mãe de Hannah — uma mulher pálida de feições afiladas, com cerca de sessenta anos. Jo disse-me que é professora de inglês no segundo ciclo. Tem um ar bastante sensato. No entanto, trouxe uma vidente.

Por uma fração de segundo, os nossos olhares cruzam-se e vislumbro horror, como se eu tivesse acabado de sair da campa da filha, como se fosse um monstro de lama.

Os Steins já estiveram com o médico-legista esta manhã para a identificação oficial do corpo. A tarefa de Jo é simplesmente fazê-los acreditar no processo, sem deixar margem para dúvidas. Explica-lhes as bases do ADN mitocondrial, o cuidadoso trabalho de laboratório, as estonteantes probabilidades genéticas, com margem de meio ponto percentual, de que esta seja a filha dela. Isto demora cerca de dez minutos.

— Senhora Stein, a sua filha foi tratada com o máximo cuidado — diz Jo. — Lamento imenso que isto tenha sucedido à sua família.

— Obrigada. Agradeço o tempo que nos dispensou. Eu acredito que é a Hannah. — Olha para os polícias. É evidente que lhe custa olhar para mim.

— Tessa — diz a detetive. Ouvi o nome dela, mas não me lembro. — Posso chamar-lhe Tessa?

— Claro. — A minha voz sai rouca, pelo que aclaro a garganta.

— Uma vez que há alguma... especulação... nos meios de comunicação social sobre se o homem que foi condenado pela morte da filha dos Steins é a pessoa certa, eles têm curiosidade em saber se você consegue reconhecer a fotografia de um familiar que se mostrava particularmente interessado na filha. Na altura, foi considerado suspeito. Como ele já não se encontra vivo, não precisa de recluir nenhum tipo de retaliação. A família apenas busca alguma paz de espírito. Ninguém quer ver o homem errado ser executado. — Diz isto sem qualquer rancor, mas eu interrogo-me sobre o que irá verdadeiramente na sua cabeça.

De repente, gostaria que Bill estivesse aqui. Gostaria que me fizesse outra vez festas na mão.

— Tudo bem.

— Faz-me lembrar a minha filha — diz a senhora Stein. — O cabelo ruivo, não, claro. Mas aparenta o mesmo tipo de... espírito livre.

A detetive dispõe duas folhas com fotografias da polícia à minha frente. O irmão, que até agora permanecera em silêncio com a expressão impenetrável de um soldado, debruça-se. Ocorre-me que ele nem era nascido quando a irmã desapareceu. Foi o bebé de substituição.

— Ele era uma pessoa horrível — diz-me a senhora Stein num tom angustiado.

Os doze homens que estão em cima da mesa flutuam à minha frente. Carecas, brancos, de meia-idade.

— Eu acredito que foi Deus que lhe pôs aquele veado no caminho. — As primeiras palavras do irmão são uma bofetada fria e dura. — Que o pôs em coma para que pudéssemos desligar a máquina. Para não ter de ser eu próprio a matar aquele filho da mãe.

Fico perplexa. A sério? Um veado? Quero olhar para Jo, mas não o faço. É muita metáfora com veados para um dia só. Demasiada coincidência. Demasiada raiva e certeza na ira de Deus, quando por vezes as coisas simplesmente não têm qualquer sentido.

— Lamento — digo, por fim. — Mas não reconheço ninguém. Há muitas coisas de que não me lembro.

Ao mesmo tempo, dou-me conta de que estou a lembrar-me de uma coisa. Tecido. Um padrão. Sei onde o vi antes, mas não sei o que significa.

Num impulso, estendo as mãos para a vidente.

— Importa-se? — pergunto à detetive.

— Se você não se importar, por mim, tudo bem — responde, desconcertada.

A senhora Stein anui animadamente, como uma boneca que ganhou vida. O filho lança-me um olhar cáustico de desapontamento.

Sei que tenho de fazer isto, independentemente daquilo em que acredito. Por Hannah. Pela mãe dela, consumida pela dor. Pelo irmão, que provavelmente é polícia por todos os motivos errados. Pelo pai dela, que está notoriamente ausente.

— Estou a lembrar-me de uma coisa. — Isto é completamente verdadeiro. — Há uma cortina. Consegue ajudar-me a ver para lá dela?

As mãos suadas da vidente apertam-me com mais força. As unhas cravam-se na minha pele. Sinto-me a ser devorada por um tubarão baboso.

— Claro. — Os seus olhos brilham como esquirolas de gelo, a primeira coisa que convence as pessoas de que ela é especial e que oferece uma janela para o mundo dos mortos. — É um homem negro — afirma.

Retiro as mãos com cuidado e viro-me para a mãe de Hannah. Os olhos de

Rachel Stein não brilham. São uma vala pantanosa e eu não quero lá cair.

— Senhora Stein, estive deitada naquela campa junto da sua filha. A Hannah fará para sempre parte de mim, como se partilhássemos o mesmo ADN. O monstro dela é o meu monstro. Portanto, por favor, acredite em mim quando lhe digo que sei precisamente o que ela lhe diria neste momento. Dir-lhe-ia que a ama. E dir-lhe-ia que esta mulher só vai magoá-la. Ela é uma mentirosa.

TESSIE, 1995

— Estás pronta para apanhar um assassino, Tessie? — O doutor Vega vagueia entre a secretária, a janela e o sofá. — Precisas de ser forte mentalmente. O advogado de defesa vai tentar baralhar-te. Quero certificar-me de que estás preparada para os truques dele.

O médico cruza o olhar com o meu e acena a cabeça, em jeito de encorajamento. Hoje, conseguiu não ser expulso da sala. O doutor Vega e Benita encontraram-se comigo mais duas vezes na semana passada, uma numa pista de *bowling* e outra num Starbucks. O doutor Vega introduziu-me no mundo dos *Mocha Frapuccinos* e dos *jalapeños* grelhados nos cachorros-quentes. Perguntou-me *porque é que* gosto de correr, *porque é que* gosto de desenhar e *porque é que* odeio tanto os Yankees. Eu acedi às sessões para «ficarem a conhecer-me», porque eram muito menos dolorosas do que estar no sofá com o médico. Como dizia o meu pai, eles estavam apenas a fazer o seu trabalho.

As coisas mudaram para mim durante o jogo de *bowling* na pista 16, em

ambiente de discoteca, com as luzes psicadélicas a piscarem, os pinos a caírem e as Sister Sledge no ar. Eu e o doutor Vega travávamos um duelo. Benita tomava nota dos resultados e gritava um incentivo qualquer em espanhol dos seus tempos de liceu. O doutor Vega não me dava tréguas, apesar de eu ter tido de pedir autorização ao meu cirurgião para tirar a tala da perna para jogar. O homem que estava prestes a acusar o meu monstro fez um *spare/strike/spare* para ganhar o jogo, apesar de no final eu fingir estar a coxear.

Por isso, talvez ele tenha sido manipulador, ou talvez genuíno, ou talvez um pouco de ambas as coisas. De qualquer modo, quando hoje me sentei no sofá para me preparar oficialmente para o julgamento, fazia parte do jogo — já não na equipa do doutor Vega, simplesmente por não ter outra escolha. Estava ali para ganhar.

— Conheço todos os planos deste tipo. — O doutor Vega passeia-se pela sala, como se já estivesse no tribunal. — Ele gosta de enfiar miúdos no comboio do «sim ou não». Lembra-te de que, quanto menos descritivas forem as tuas respostas, menos o júri sentirá a tua dor. Ele vai fazer-te uma série de perguntas para as quais a resposta é de certeza «sim». Por isso, tu vais respondendo «sim, sim, sim, sim, sim». E então ele mete pelo meio uma pergunta de resposta definitivamente «não», mas tu já estás no comboio, no ritmo do «sim». Respondeste «sim», ficas logo atrapalhada e corriges para «não», e é aí que ele pergunta se estás baralhada. E é assim que tudo começa.

Anuo. Parece-me bastante fácil lidar com isto.

— Ele vai atirar-te com datas e números até teres a cabeça a andar à roda. Sempre que te sentires confusa, pede-lhe que se explique outra vez. Sempre, sempre. Isso faz com que ele pareça estar a intimidar-te. — Caminha na minha direção e o seu rosto fica flácido. — Se quatro vezes seis são vinte e quatro e duas vezes isso são quarenta e oito, quanto são cinquenta vezes quarenta e oito mais seis?

Fito-o, incrédula. Começo a multiplicar.

Ele brande o dedo no ar.

— Depressa, Tessie. Responde.

— Não consigo.

— Tudo bem. Essa sensação que tiveste agora, de bloqueio e um ligeiro pânico? É isso. É assim que te vais sentir. Quatro vezes mais. — Recomeça a andar de um lado para o outro. Ainda bem que *Oscar* não está aqui. Daria em louco. — Esta parte vai ser a mais difícil. Ele vai insinuar que estás a esconder coisas. *Como é possível que te lembres de ter comprado tampões no dia do ataque, mas não te recordes da cara deste homem? Porque é que tinhas um relacionamento com um sem-abrigo louco? Porque é que corrias sozinha todos*

os dias?

— Eu corro depressa de mais para os meus amigos conseguirem acompanhar — protesto. — E o Roosevelt não é assim tão doido.

— Não, não, Tessie. Não reajas impulsivamente. Pensa na pergunta. *Eu corria sempre enquanto havia luz do sol, em duas rotas aprovadas pelo meu pai. O Roosevelt está na mesma esquina há dez anos e é amigo de toda a gente, incluindo os polícias da zona.* Uma resposta objetiva. Não o deixes afetar-te. Não fizeste nada de mal.

— Ele vai mesmo falar... dos tampões?

— Aposto que sim. É mais uma maneira de te deixar desconfortável. Uma manobra subtil que o júri não vai detetar. Para eles, os tampões são um facto da vida. Para ti, uma adolescente, são coisas íntimas e embaraçosas. Acredita em mim, o Dick não conhece limites, mesmo quando se trata de crianças vítimas de abuso sexual.

Os seus olhos cravam-se novamente em mim como *lasers*.

— Porque é que foste suspensa de duas provas de atletismo no ano passado?

O médico muda de posição na cadeira. Quer intervir. O doutor Vega percebe e ergue a mão para o impedir. Mantém os olhos postos em mim.

Este é o Vega que finge ou é o verdadeiro? Seja como for, esta pergunta irrita-me a valer. A raiva começa sempre a formar-se como uma comichão nas raízes do meu cabelo, para depois se espalhar como água quente a escorrer.

— Uma rapariga de outra equipa derrubou a minha amiga Denise ao saltar uma barreira numa prova regional, para poder passar nas eliminatórias. Quem estivesse a ver e não corresse obstáculos, não ia reparar. Mas há certos truques, e eu conheço-os bem. Por isso, no fim da corrida, fui ter com ela e disse-lhe que sabia que tinha feito batota. Ela atirou-me ao chão. Quando os juízes chegaram ao pé de nós, ela disse-lhes que eu a tinha empurrado primeiro. Fomos as duas suspensas por duas provas. — Endireito-me. Olho-o nos olhos, só a ele. Mostro-lhe que estou furiosa, mas em controlo da situação. — Valeu a pena. Porque agora toda a gente vai estar de olhos postos nela. Não volta a fazer o mesmo.

Ninguém fala. Pergunto-me se acreditarão em mim. Toda a gente que me conhecia acreditou. Lydia até escreveu uma carta indignada para a direção da Federação Universitária. Assinou: *Respeitosamente, menina Lydia Frances Bell*.

— Perfeito — diz o doutor Vega. — Descritiva. Calma. Perfeito. — Dá uns passos e pousa-me a mão no ombro.

Aquela mão no meu ombro... sabe bem. Ainda assim, é-me muito difícil descortinar se gosto deste homem ou se apenas gosto do que ele está a devolver-me. Poder. Aquilo que o meu monstro me surriprou e atirou para a sarjeta no Walgreens.

O doutor Vega retira a mão. Pega na pasta, pousada no chão ao lado de Benita.

— Foi uma sessão curta, mas acho que por hoje chega. Um dia destes, a Benita vai levar-te a conhecer a sala do tribunal. Recomendo que te sentes nos vários lugares. Dos jurados. Do juiz... o meu preferido. Quero esperar até estarmos mais perto do julgamento para trabalhar no teu depoimento. Entretanto, veremos se tu e o doutor avançam alguma coisa.

Todos se levantam, menos eu. Fico colada ao sofá.

— Dois mil quatrocentos e seis.

O doutor Vega detém-se junto à porta.

— Linda menina — diz. — Chegas sempre à resposta certa se parares um pouco para pensar.

TESSA, NA ATUALIDADE

É claro que isto tem estado a dar-me cabo da cabeça desde que soube o nome dela.

Rachel Stein, a mãe de Hannah, não tem um nome próprio começado por *N*, *U* ou *S*. Não encaixa na mnemónica que guardei, como as palavras-cruzadas que guardo sempre para acabar mais tarde. *N*, *U*, *S*. As letras que Merry me forneceu enquanto conversávamos na sepultura, para me ajudar a lembrar dos nomes de todas as mães e procurá-las.

Desde que foi descoberto um terceiro conjunto de ossos que penso que a conversa com Merry é capaz de não ter sido uma alucinação. *Havia* mesmo ossos de mais três raparigas naquela campa, e não de duas, tal como Merry me disse. Não pode ser coincidência, pois não?

Ainda assim... A certeza preto no branco, no documento de identificação, no ADN, do nome de Rachel Stein faz-me pensar se estaria louca naquela altura e se continuo a estar agora. A verdade é que tive de me conter para não

bombardear a senhora Stein com perguntas. *Rachel é uma alcunha? É o seu nome do meio? Mudou de nome?*

Não podia perturbá-la mais — trocar a loucura da vidente pela minha. A mãe de Hannah saiu daquela sala de reuniões com o espírito mais abalado do que quando entrou. *Fechar o ciclo é um mito*, disse-me Jo mais tarde. *Mas saber é importante*. O filho da senhora Stein teve de amparar a mãe com todo o cuidado ao deixarem a sala. Ela parecia ter cem anos.

Eu e o irmão de Hannah fizemos um pacto silencioso de que ele se encarregaria de mandar a vidente de volta ao seu universo distorcido. Ela ia a fumar e aos tropeções atrás deles enquanto saíam. Quando ouviu a palavra *mentirosa* sair da minha boca, ele levantou a cabeça e lançou-me o olhar mais grato que alguma vez recebi. Quanto à vidente... bem, se eu não estava já amaldiçoada, tenho a certeza de que ela tratou do assunto. As minhas cicatrizes ficaram a picar-me durante uma hora.

A Minha Vizinha Tem Muitas Janelas mas Só Uma Nova Portada.

Desde que saí daquela sala que não consigo tirar esta lengalenga da minha cabeça. Imagino Merry a carregar no botão de uma *jukebox*, repetidamente. Cada vez com mais força, cada vez mais frustrada. *Lembra-te*.

As minhas botas marcam um ritmo quando subo as escadas. Um passo. *A Minha*. Dois passos. *Vizinha*. Três passos. *Tem*. Quatro passos. *Muitas*. No cimo, abro a porta do meu estúdio. Um ar quente e bafiento escapa-se do interior. Abro completamente a janela panorâmica e absorvo o ar que parece um *shot* gelado de tequila. Um corajoso gaio azul fita-me do cimo do seu poleiro num ramo; sou a primeira a pestanejar.

Pego numas folhas do chão empoeirado de madeira, vestígios de um dos projetos de Bobby da última vez que aqui passou um fim de semana. O meu doce e meio condenado irmão mais novo. Agora, escreve para filmes que acabam em números e tenta curar-se através da respiração holotrópica e de uma sensual assistente de produção com uma argola no nariz. Foi para a Califórnia frequentar a universidade e basicamente nunca mais voltou, a não ser para visitas curtas e funerais, aquilo que provavelmente eu devia ter feito. Até encurtou o apelido para Wright.

Desenho corações no pó do estirador, até o meu dedo ficar preto. Escolho um chá branco de entre a seleção que guardo no armário e ligo a chaleira elétrica. Ouço o seu silvo amigável. Decido que o mel antigo no armário cheira um bocado a cerveja e, em vez dele, fico a ver dois cubos de açúcar a dissolverem-se em grãos dentro da caneca. Merry dá um último murro na *jukebox* e desaparece.

Sempre adorei esta divisão e não queria partilhá-la com as Susanas. Parece que hoje não tenho de fazer isso. Limpo o estirador com uma toalha de papel e

prendo uma nova folha na mola, cujo estalido irrita o pássaro e fá-lo voar. Começo a desenhar pregas soltas de tecido, um ruído suave, como o de um rato debaixo do chão. Apresso-me para chegar ao intrincado trabalho que importa. Veio-me à cabeça um padrão enquanto olhava para a blusa simples de algodão da senhora Stein. Para os seios descaídos em resultado da meia-idade.

Surpresa. Estou a desenhar flores e isso não me incomoda. Uma hora passa a voar. E depois outra. Há muitas, muitas pétalas e uma trepadeira cheia de folhas que serpenteia, unindo todas elas, como uma delirante árvore genealógica. Encho um copo de papel com água e abro a caixa das aguarelas. Azul, rosa e verde.

Estas flores não são susanas-de-olhos-negros.

E estas dobras de tecido não são uma cortina. Nunca foram uma cortina.

Estou a desenhar o avental da minha mãe. Não me veem, mas estou debaixo dele, a esconder a cara. Sinto o tecido a fazer-me cócegas no nariz e nas bochechas. Aqui debaixo está escuro, mas o algodão fino deixa passar luz suficiente e eu não tenho medo. A almofada quente que é o corpo da minha mãe está por trás de mim.

Não vejo o que há do outro lado.

Lembra-me a altura em que estive cega.

A doutora Giles segura o meu desenho com cuidado pelas pontas, porque ainda não está completamente seco.

Está na hora de fechar. Os brinquedos e os livros estão todos arrumados. Há dois candeeiros de mesa acesos, mas a luz do teto está apagada. O elefante foi aconchegado numa cama de bonecas com o cobertor puxado até às orelhas.

— Então, o que acha? — pergunto. — O avental será a cortina? Será que a cortina não tem nada a ver com o facto de ter sido deixada naquela campá? Será insignificante? — Sinto-me culpada pelo meu tom urgente.

— Nada é insignificante — responde ela. — Provavelmente, o avental representa conforto para si. Não era de surpreender que ligasse um elemento do seu primeiro trauma... a morte da sua mãe... ao outro. Tessa, o mais importante é que elimine o desconhecido, que é algo assustador. Se chegasse aqui e me dissesse que conseguia ver o assassino atrás da cortina, como o Feiticeiro de Oz, bem... não era isso que esperava, pois não?

Sim. Era precisamente isso que esperava. Eu cresci em Oz.

Mas não lhe digo isso. Nem digo que este desenho do avental da minha mãe é tão perturbador para mim como a cortina que desenhei cem vezes.

TESSIE, 1995

— Gostas do doutor Vega e da Benita?

Estou a imaginar ou o médico parece estar com ciúmes?

— Ele é simpático — respondo cautelosamente. — São os dois simpáticos.

Os adultos complicam tanto as coisas. Devo gostar mais do médico do que deles? Isto é uma espécie de competição?

— Se tiveres perguntas ou preocupações, podes falar comigo. O Al Vega consegue ser um bocado brusco.

E você, não?

— Para já, estou bem. Mas, se houver alguma coisa, claro que falo. — Recentemente, esta necessidade de o confortar começa a substituir o desejo de o irritar solenemente. — Mas tenho uma pergunta... acerca de outra coisa.

Lydia diz que é ridículo eu carregar este medo comigo e deixá-lo devorar-me, apesar de também achar que o que está a acontecer *é meio fixe*.

— Não foi só a Merry que falou comigo.

— O que queres dizer? — pergunta o médico. — Quem mais tem falado contigo?

— As outras Susanas... falam comigo às vezes. As que estavam na campa. Nem sempre. Não acho que seja nada de especial, mas a Lydia achou que eu devia falar-lhe disto.

— A Lydia parece-me ser uma amiga bastante sensível.

— Sim.

— Bem, comecemos pelo seguinte. Qual é a primeira coisa de que te lembras que uma das outras... Susanas... te tenha dito?

— Eu estava no hospital. Foi quando acordei. Uma delas disse-me que a gelatina de morango não prestava. E era verdade. Não tinha açúcar.

— E que mais?

— São sobretudo avisos. Tem cuidado. Coisas desse género. — *Nós dissemos-te para não pegares no postal do porco com as margaridas.*

— Quando elas falam contigo, achas que estão a tentar controlar-te? Ou a dizer-te para fazeres coisas que não queres fazer?

— Não, claro que não. Acho que elas querem ajudar-me. E eu prometi ajudá-las. É uma espécie de pacto.

Quando digo isto em voz alta, parece uma loucura. Sou acometida pelo pavor de que ele possa convencer o meu pai a mandar-me para um manicómio. Tenho a certeza absoluta de que desta vez Lydia me deu o conselho errado.

— E tu respondes-lhes?

— Não. Normalmente, não. Só as ouço. — *Cuidado.*

— E elas nunca sugerem que te magoes?

— Está a gozar? Mas que raio está para aí a dizer? Acha que sou suicida? Ou que estou possuída? — Dobro os dedos de ambos os lados da cabeça, como chifres.

— Desculpa, Tessie. Mas tenho de te fazer esta pergunta.

— Eu nunca pensei em matar-me. — Na defensiva. E uma mentira. — Mas já pensei em matá-lo *a ele*.

— É normal — diz o médico. — Eu próprio gostaria de o fazer.

Não me parece de todo que um psiquiatra devesse dizer isto. Mas agora não quero sentir-me toda comovida por ele. Quero a porra de uma resposta.

— Então... as vozes? Acha que sou... esquizofrénica? À beira da psicose, talvez?

Ocorre-me que prefiro ser esquizofrénica do que estar possuída por demónios. Lydia recusou-se terminantemente a ajudar-me numa pesquisa sobre a esquizofrenia. O que eu sabia até agora provinha de Stephen King.

Por isso, eu e *Oscar* fomos à biblioteca sozinhos. Quem estava de serviço era

a voluntária de oitenta e cinco anos que quase não vê, pelo que me pareceu seguro pedir-lhe ajuda. Ela não reconheceu a miúda Cartwright, que é o que me chamam as pessoas de idade, em vez de Susana-de-Olhos-Negros.

Quinze minutos depois, já com uma fila enorme para a saída, ela trouxe-me *Um Estudo Existencialista sobre a Sanidade e a Loucura*, *Voando sobre Um Ninho de Cucos* e um romance da Harlequin intitulado *Kate, Doente Externa*, todos eles publicados na década de 1960. O objetivo do livro do psicólogo existencialista era deixar os loucos continuarem a ser loucos e parar de chateá-los. Voltei a guardar esse e os *Cucos* na prateleira e levei o *Kate, Doente Externa*. Eu e Lydia estamos a declamá-lo à vez.

O olhar do médico é surpreendentemente simpático e firme, mas ele deixa o silêncio prolongar-se. Talvez esteja a pensar como vai dar a má notícia à pobre rapariga que em breve há de estar a baloiçar-se e a babar-se numa sala cheia de jogadores de damas.

— Tu não és esquizofrénica, Tessie. Eu sei que há alguns psiquiatras por aí que defendem que ouvir vozes é sempre indício de doença mental. Mas alguns de nós não pensamos assim. Há muitas pessoas que ouvem vozes. Por vezes, quando morre um cônjuge ou um filho, as pessoas falam com eles constantemente e ouvem as suas respostas. Na verdade, muitas delas defendem que estas conversas tornam as suas vidas melhores e *mais* produtivas.

Adoro este homem. *Adoro-o*. Ele não vai internar-me.

— As Susanas não tornam a minha vida melhor — replico. — Acho que são fantasmas.

— Como já falámos antes, o paranormal é uma reposta *temporária* normal. Ele não está a perceber.

— Como é que me livro delas? — *Não quero enfurecê-las*.

— Como achas que podes fazê-lo?

Aqui, a minha resposta é imediata.

— Pondo o assassino na prisão.

— Estás no bom caminho para o fazer.

— E descobrir quem são as Susanas. Dar-lhes nomes reais.

— E se isso não for possível?

— Nesse caso, não sei se elas alguma vez me vão deixar.

— Tessie, a tua mãe alguma vez falou contigo depois de morrer? Como as Susanas fazem?

— Não. Nunca.

— Só te pergunto isto porque, para uma pessoa tão jovem, já viveste dois traumas terríveis. A morte da tua mãe e o horror daquela sepultura. Uma parte de mim acha que ainda estás a fazer o luto da tua mãe. Diz-me, lembras-me do que

fizeste no velório?

Outra vez a minha mãe. Encolho os ombros.

— Comemos a comida que as pessoas trouxeram e depois eu e o meu irmão fomos jogar basquetebol para a porta de casa. — *Deixei-o ganhar. Estivemos a marcar cestos. Ficámos dez a dois.*

— É frequente as crianças brincarem no dia dos funerais, como se fosse um dia qualquer. Mas isso é enganador. Elas fazem um luto muito mais prolongado e sentido do que os adultos.

— Não me parece. — Lembro-me dos barulhos horrorosos que o meu pai e a minha tia faziam a chorar, como se alguém estivesse a arrancar-me a pele.

— Os adultos fazem um luto mais intenso inicialmente, mas seguem em frente. Os miúdos podem ficar bloqueados num dos estádios... na raiva ou na negação... durante anos. Pode ser essa a origem dos teus sintomas: a perda de memória, a cegueira, as Susanas, a mnemónica que inventaste quando estavas na campa...

— Eu não estou bloqueada — interrompo-o. — Eu e a Merry não *inventámos* uma mnemónica na campa. E não quero falar da minha mãe. Ela morreu. O meu problema é estritamente com os fantasmas.

TESSA, NA ATUALIDADE

Fica apenas a treze quarteirões de onde vivo agora.

A antiga casa de Lydia.

Mas é como se ficasse a centenas de quilómetros. Estou à frente da casa da infância dela pela primeira vez em muitos anos. Foi o segundo sítio onde ele deixou susanas-de-olhos-negros e a primeira vez em que eu virei costas e fugi.

Lydia sempre descreveu a sua casa como um bolo de noivos em forma de caçadeira, uma caixa bege com dois andares e finas molduras decorativas brancas, colocadas à última hora. Muita coisa mudou desde a nossa infância. A cobertura está a desfazer-se. O que antes foi um quadrado verde de relva aparada é agora um pedaço de terra escura sufocada por ervas daninhas. Já não existe o letreiro de madeira espetado no chão em que se lia SEJAM TODOS BEM-VINDOS, nem o girassol pintado de amarelo. Lydia contou-me que o pai arrancou o letreiro antes de eu ter saído do hospital.

— Eh!

Não ouvi o carro dele a parar, mas Bill caminha na minha direção em passos largos, mais alto e esguio do que eu me lembrava. Talvez seja por as suas pernas compridas saírem de uns calções *Nike* pretos e de uns sapatos desportivos dispendiosos. Tudo nele está molhado — cabelo, rosto, pescoço, braços. Um triângulo de suor marca a parte da frente da *t-shirt* carmesim de Harvard, tão adorada que alguns buracos não são importantes. Cortou finalmente o cabelo, mas ficou curto de mais para as suas grandes orelhas. Quero que ele se vá embora daqui. E quero que fique.

— Eu disse para não vir — protesto. — Pensei que ia jogar basquetebol.

Arrependi-me do meu telefonema impulsivo no momento em que Bill atendeu. Estava ofegante. Perguntei-me se teria interrompido uma sessão de sexo acrobático com uma das suas colegas advogadas beneméritas. Disse-me que estava a jogar uma desforra.

— Mas já acabou. Eu e os meus colegas advogados estávamos a levar uma tarefa de um bando de miúdos do liceu. A sua chamada foi uma distração muito bem-vinda. Estava agora a caminho da casa dos meus pais em Westover Hills, onde infelizmente me comprometi a jantar. A não ser que queira convidar-me para jantar em sua casa. Ou acompanhar-me. Mas disse que queria contar-me uma coisa. O que se passa?

Eu irrompo imediatamente em lágrimas.

Não estou preparada para isto, e pelo ar de Bill, ele também não. No entanto, o rio flui como já não acontecia desde que o meu pai morreu quase de repente de cancro no pâncreas há quatro anos. Ele abraça-me, pouco à vontade. Que mais pode fazer? E eu choro ainda mais convulsivamente.

— Oh, que raio — diz ele. — Estou demasiado suado para isto. Anda, vamos sentar-nos.

Ajuda-me a sentar na berma no passeio e enrola o braço por cima dos meus ombros. O aperto dos músculos firmes, a *gentileza* dele, começam a despertar todas as hormonas do meu corpo. Tenho de me escapar deste abraço imediatamente. Não preciso de *complicações*. Em vez disso, a minha cabeça cai para o lado como uma pedra sobre o seu peito e os meus ombros arqueiam-se.

— Hum, eu não recomendaria que encostasses o nariz a essa... axila — comenta ele. Porém, quando vê que estou decidida, abraça-me com mais força.

Passados uns segundos, levanto ligeiramente a cabeça e solto um soluço abafado.

— Espera. Eu tenho isto controlado.

— Sim, estás definitivamente a controlar a situação — troça ele, voltando a puxar-me a cabeça para o seu peito, mas não que sem antes eu me tenha apercebido de uma expressão ávida no seu rosto, e que nada tem de benemérita.

Ergo novamente o queixo. Os nossos lábios estão quase juntos.

Ele recua.

— Estás toda vermelha. Pareces uma ameixa.

Rio-me e soluço ao mesmo tempo. Sou uma ameixa risonha e soluçante. Puxo a saia para baixo. Ele desvia o olhar e aponta para a casa atrás de nós, cuja morada introduziu a meu pedido no GPS do seu carro há apenas vinte minutos.

— O que tem esta casa? Quem vive aqui?

A mudança de assunto é abrupta e intencional.

Meu Deus, que vergonha. Levanto-me.

— Tens... hum... precisas de te assoar.

É a humilhação total e *absoluta*. Limpo-me à camisola porque, por esta altura, isso já não importa. Inspiro fundo, para experimentar. Não desencadeia outro *tsunami*.

— Ouve-me primeiro, por um instante — digo, tensa. — Acho que o assassino das Susanas-de-Olhos-Negros tem andado a deixar-me flores há anos. Não foi só naquela noite em minha casa.

— O quê? Em *quantos* sítios mais?

— Seis. Se contarmos com a janela do meu quarto.

— Tens a certeza...

— De que elas não estão simplesmente a nascer nesses sítios por vontade de Deus e eu estou louca? Claro que não. Por isso é que disse «acho que». A primeira vez foi quando tinha apenas dezassete anos. Foi logo a seguir à condenação do Terrell. O assassino deixou-me um poema enterrado num frasco de comprimidos antigo. Encontrei-o quando cavei num canteiro de susanas-de-olhos-negros no quintal das traseiras daquela casa ali. — Aponto para a quarta construção do outro lado da rua, uma casa amarela de dois andares. — A casa da minha infância. Ele plantou as flores ao pé da minha casa da árvore, três dias depois de o julgamento ter acabado. — Espero pela sua tomada de consciência. — É isso mesmo. *Depois* de o Terrell ter sido preso.

— Continua.

— O... a pessoa que fez isso deixou um aviso macabro distorcendo um poema chamado «Susana de Olhos Negros», escrito por um poeta do século XVIII chamado John Gay. O poema indicava que a Lydia morreria se eu não ficasse de boca fechada.

A expressão no rosto de Bill é indecifrável. Não sei se será por não saber quem raio foi John Gay, ou se está a tentar conter a sua raiva.

— Só descobri quem era o John Gay há cerca de dez anos. Ficou mais conhecido pela *Ópera do Mendigo*. Já ouviste falar? Capitão Macheath? Polly Peachum? Não? Bem, o que interessa é que ele também escreveu uma balada

sobre uma rapariga de olhos pretos chamada Susana, que vê o seu amante partir para o mar. Há uma teoria romântica que diz que o nome da flor vem daí...

Começo a recitar o poema lentamente, ao mesmo tempo que um cortador de relva ruge num quintal das imediações.

*Oh, Susana, Susana, minha querida
Recebe os meus votos de para sempre amar-te
Deixa-me beijar essa lágrima caída
Nunca mais quero magoar-te
Mas se contares a alguém
Farei da Lydia
Uma Susana também.*

— Credo, Tessa. O que é que o teu pai disse?

— Nunca lhe contei. És a primeira pessoa a quem conto isto. Além da Angie. Eu não podia... preocupar mais o meu pai.

— E a Lydia?

— Tínhamos deixado de nos falarmos.

Bill olha para mim, curioso.

— Conte à Angie antes de ela morrer — prossigo. — Ela ficou preocupada comigo e com a Charlie. No final, estava a ponderar deixar-me de fora do processo.

— Porque...

— Porque é que ela não te contou? Porque estava a proteger-me. Mas acho que fez mal. Eu não consigo viver sabendo que posso ser responsável pela morte de um homem inocente. Aos dezassete anos, a decisão não foi difícil. O julgamento tinha acabado. Só queria que as coisas voltassem todas ao normal. Achei que podia tratar-se simplesmente de mais um tarado obcecado com o caso. Havia muitos desses. O que queria dizer que o Terrell podia mesmo ser o culpado. O advogado de acusação, o Al Vega, tinha a *certeza*. A Lydia... eu estava furiosa com ela, mas não queria de maneira nenhuma colocá-la em perigo.

— Espera aí, está bem?

Bill levanta-se num salto e corre até ao carro, um pequeno *BMW* preto, as três letrinhas que na minha opinião costumam transformar seres humanos decentes em demónios do asfalto. Ele desaparece no seu casulo luxuoso durante tanto tempo, que me pergunto se estará a ouvir Bach e a pensar se dá à ignição e se pira daqui. Quando finalmente aparece, traz uma caneta e um bloco de notas na mão esquerda. Volta a sentar-se na berma do passeio. Já tomou algumas notas e eu leio de relance algumas das palavras que escreveu.

John Gay. 1995.

— Continua — ordena-me.

— Ultimamente, tenho andado a visitar alguns dos sítios onde *acho* que ele me deixou flores... sozinha. Sem seguir nenhuma ordem em particular.

— Uau. Para já aí. Tens andado a voltar a esses sítios? Por que raio andas a fazer isso?

— Eu sei. Eu sei. É uma loucura. Depois dessa primeira vez, nunca mais cavei para ver se ele me tinha deixado alguma coisa. Foi como se não quisesse dar-lhe essa satisfação. Não podia permitir-me acreditar nisso. Achei que podia ser algum miúdo a pregar uma partida. Ou um tarado qualquer. Aparecemos nos jornais todos, incluindo a Lydia.

Ela apontava sempre que o seu nome era citado. Ficou entusiasmadíssima quando saiu no *The New York Times* como «a vizinha e confidente da menina Cartwright».

— Eu sobrevivi graças à negação — continuo. — E, sim, sei que é de doidos achar que ainda pode haver alguma coisa ali. Mas e se houver? Só achei que, se encontrasse alguma coisa, isso podia ajudar... o Terrell.

E porque prometi às Susanas.

— Andas a cavar? Sozinha? Descobriste alguma coisa?

— Nada. É um alívio e ao mesmo tempo não é.

— Porque é que estamos aqui, se a tua antiga casa é ali?

— Esta é a casa da Lydia. Bem, era. Também encontrei susanas-de-olhos-negros aqui, algumas semanas depois do julgamento.

Quanto é que devo explicar-lhe? Cheguei à porta dela numa tarde de sexta-feira, segurando uma caixa de cartão com coisas dela. Estava a encenar uma despedida ritual, depois de a nossa amizade ter implodido no fim do julgamento. Havia uma semana e meia que ela não ia à escola. A caixa continha duas cassetes de vídeo, *O Último dos Moicanos* e *O Cabo do Medo*, o estojo de maquilhagem de reserva que ela deixava sempre na minha casa de banho e o pijama do Rato Mickey.

Mas a casa estava em silêncio às três da tarde, o que não era habitual. Não havia carros. As persianas da sala estavam corridas pela primeira vez na vida. Podia ter deixado a caixa e ir-me embora. Em vez disso, destranquei o portão das traseiras. Curiosa. Quando vislumbrei aquele pequeno mar de flores amarelas, fiquei ainda mais zangada com Lydia, o que achava não ser possível. *Como é que ela pôde deixá-las crescer?* Tinha de sair dali quanto antes. Duas semanas mais tarde, havia um letreiro a dizer VENDE-SE e os Bells tinham desaparecido, como se ninguém fosse digno de uma despedida.

«Liberta-te dela», aconselhara-me o meu pai.

— Eu estava no quintal das traseiras a devolver uma coisa à Lydia quando as vi — digo a Bill. Esfrego os dedos nas têmporas, descrevendo círculos concêntricos. — Não há problema se achares isto estúpido. Vamos embora. Desculpa ter-te chateado.

Ele levanta-se e puxa-me para cima. E então surpreende-me.

— Estamos aqui. Mais vale verificarmos.

Batemos à porta três vezes até uma mulher pálida, com cabelo preto, curto e frustrado, abrir a porta cerca de quinze centímetros. Olha para nós como se fôssemos liberais do Texas e espeta o dedo na direção do letreiro que se encontra por baixo da caixa do correio, amarrada ao tapume do alpendre, uma ligeira variação de uma placa habitual destinada a manter afastados vendedores ambulantes e angariadores de fundos. SOMOS POBRES. NÃO VOTAMOS. ENCONTRÁMOS JESUS. TEMOS A ARMA CARREGADA.

Bill ignora os avisos e estende a mão.

— Olá, minha senhora. Chamo-me William Hastings. Aqui a minha amiga Tessa teve uma amiga muito chegada que viveu na sua casa. A Tessa tem boas memórias de infância de quando brincava no quintal das traseiras. Importa-se que ela dê uma espreitadela rápida lá atrás, para recordar os bons velhos tempos?

A porta abre-se um pouco mais, mas claramente não se trata de um convite. Ela vira-se para empurrar um gordo gato amarelo com o pé, já que o animal não se decide a sair. Calculo que tenha cerca de quarenta e cinco anos, e os calções justos de ganga que tem vestidos deviam estar-lhe bem quando ela os usava, dois números atrás. Arrasta um traseiro volumoso em cima de umas pernas magras, e penso que é pelas pernas que ela avalia o seu peso quando se senta e bebe mais uma cerveja.

Não tem sapatos. Veem-se pensos rápidos enrolados à volta dos dedos grandes dos pés. Os seios são umas panquecas generosas, contidas por uma *t-shirt* sem mangas. Uma tatuagem de rosas vermelhas serpenteia desde o ombro esquerdo até ao cotovelo. Aquela tatuagem implicou certamente muito tempo e muitos dentes cerrados.

— Importo, sim.

Ignora a mão estendida de Bill. Está a olhar fixamente para a cicatriz debaixo do meu olho. Apercebo-me de um breve lampejo de respeito. Deve estar a pensar «luta de bar».

— Estou curioso, senhora...?

— Gibson. Embora não seja da sua conta.

Bill joga a sua carta do tribunal.

— Eu só estou curioso, senhora Gibson, moradora no número 5216 de Della Court, se terá falhado nos últimos cinco anos o dever de comparência para ser

jurada. Tenho alguns amigos no tribunal que teriam todo o gosto em verificar essa informação.

— Filho da mãe — explode ela. — Cinco minutos. E é só. Entrem de lado pelo portão e não se esqueçam de o fechar quando saírem. Tenho um cão. — Cospe estas três últimas palavras como se fossem uma ameaça e bate com a porta.

— Bela jogada — comento.

— Esta não é a minha primeira senhora Gibson.

A mesma vedação velha de arame guarda a parte de trás da casa, apesar de num estádio mais avançado de enferrujamento. O fecho em forma de ferradura no portão lateral obriga a um pontapé forte de Bill para se soltar. Recordo como o pai de Lydia o mantinha religiosamente oleado.

O quintal é pequeno, apertado, cheio de estruturas em plástico. Um barracão que imita pedra encontra-se encostado ao canto do lado direito, a versão «sofisticada» de um canteiro há muito esquecido. Uma casota de cão branca com telhado vermelho,nojenta, ocupa o chão de cimento que serve de alpendre traseiro.

Costumava haver uma mesa de piquenique exatamente debaixo do grande carvalho-vermelho que é agora um toco de um metro e vinte, com uma estátua de uma águia careca e de asas abertas em cima. A relva está alta e faz comichão. Insinua-se-me pela perna acima, qual melga trepadora. Talvez seja. Quase tropeço num carro de bombeiros de brincar, transformado em vaso.

O pé de Bill aterra num monte enorme de cocó de cão e ele deixa escapar bem alto:

— *Merda!*

Detemo-nos e olhamos para a casota com mais atenção. Tem tamanho suficiente para albergar uma criança de dois anos. Bill assobia. Um cão começa a latir ferozmente algures dentro de casa e eu pergunto-me se a senhora Gibson estará a carregar a sua caçadeira.

— Muito bem, onde? — O tom de Bill indica que ele é capaz de estar a perder alguma fé na minha caça ao tesouro. Uma vez mais, arrependo-me de tê-lo envolvido.

Aponto para o lado esquerdo do quintal, bem ao fundo. As ervas daninhas formam um tapete selvagem e desgrenhado, mas ainda se consegue distinguir a pequena colina a que o senhor Bell costumava chamar o Outeiro Relvado. Lydia herdara dele aquela necessidade de pôr alcunhas a tudo.

Bill segue atrás de mim a arrastar o pé esquerdo, tentando raspar o cocó de cão enquanto caminha. Paro de repente, inclino-me e começo a arrancar ervas daninhas.

— Mas que raio estás tu a fazer? — exclama ele, olhando para a casa.

O meu trabalho de monda revelou uma pequena porta de metal encaixada de lado a meio da pequena colina.

O mais certo é que o cadeado ferrugento que a mantém fechada se desfaça com um pontapé certo. Sinto-me tentada.

— Trata-se de um abrigo para tempestades da década de 1930, altura em que a casa foi construída. Não me lembro de a família da Lydia alguma vez o ter usado. O senhor Bell achava que ficavam melhor na banheira quando havia avisos de tornados do que num buraco escuro, no meio de aranhas venenosas e escaravelhos.

— Onde estavam as flores?

— Plantadas ali no cimo. Houve sempre uma camada de terra por cima do cimento. Costumava ser relva.

— Não trouxeste uma pá — comenta Bill, quase para si mesmo. Está a tentar encaixar as peças e sou eu que tenho a principal. — Achas que ele enterrou uma coisa para ti... no abrigo para tempestades?

Passa-me pela cabeça uma imagem de Charlie num autocarro apinhado, no meio de jogadoras de voleibol estridentes, a caminho de Waco.

Vou perder o jogo dela por causa disto.

— Acho. — Ponho dois dedos no pulso e sinto o meu ritmo cardíaco acelerar, porque era o que Lydia fazia sempre. — A noite passada, sonhei que a Lydia está enterrada aqui. Que as flores marcavam a sepultura dela.

TESSIE, 1995

— Alguma vez tens pesadelos?

A atitude de hoje do médico, rígida e formal, sugere uma determinação renovada. Imagino-o a apontar numa página ao acaso do seu Livro de Truques precisamente antes de eu chegar. Deve ser grosso como um pão de forma, com páginas amarelas quebradiças, uma capa gasta de veludo vermelho e milhares de feitiços inúteis.

— Deixe-me pensar — digo.

Acrescentei esta deixa entusiasta ao meu arsenal de *claro e parece-me bem*, parte da minha campanha para sair deste sofá o mais depressa possível.

Podia contar-lhe que o meu sonho de ontem à noite não foi exatamente um dos meus pesadelos e que a protagonista era Rebecca, a filha dele. Eu estava na campa com as Susanas, como de costume. Rebecca olhava para baixo na nossa direção, pálida e bonita, envergando um dos vestidos floridos que a minha mãe usava para ir à igreja. Deixava-se cair de joelhos e estendia-me a mão. O cabelo

dela, enrolado em ridículos canudos antiquados, fazia-me cócegas na bochecha. Os seus dedos, quando me tocaram, estavam incandescentes. Acordei com o braço a arder e a tentar respirar.

Podia contar-lhe, mas não conto. Trazer isso à baila parece-me indelicado e eu ando a esforçar-me para ser mais delicada.

— Sonho muito com a campa. — É a primeira vez que admito isto. E acontece que é mesmo verdade. — O sonho é sempre exatamente igual até ao fim.

— Estás dentro da campa? Ou a pairar por cima?

— Durante a maior parte do sonho, estou lá deitada, à espera.

— Até alguém te salvar?

— Nunca ninguém nos salva.

— O que é que ouves?

O motor de uma carrinha. Trovões. Ossos a crepitarem, qual fogo de artifício. Alguém a praguejar.

— Depende do final — respondo.

— Se não te importares, fala-me dos diferentes finais.

— Está a chover copiosamente e nós afogamo-nos na água lamacenta. Ou cai neve até nos cobrir o rosto como um cobertor de bebé e não conseguimos ver. — *Nem respirar.* Bebo um gole de água do copo que a assistente dele me deixa sempre. Tem um sabor parecido com o cheiro do lago.

— E para eu perceber claramente... *nós* significa... a Merry e... os ossos.

— Significa as Susanas.

— Há mais... finais, além desses?

— Um agricultor não nos vê e atira terra para dentro do buraco com o arado do trator. Alguém acende um fósforo e atira-o para lá. Um urso-preto gigantesco decide que o buraco é o lugar ideal para hibernar e deita-se em cima de nós. Esse é um dos finais mais agradáveis. Adormecemos todos. Ele ressona. Seja como for, está a perceber a ideia.

— Mais alguma coisa?

— Bem, às vezes, ele volta e termina o serviço. Enterra-nos a sério. — *Com sacos e mais sacos de estrume.*

— Ele... o assassino?

Não respondo, porque mais uma vez parece-me evidente.

— Alguma vez vêes uma cara? — pergunta ele.

Vá lá, não acha que já lhe teria dito se tivesse visto a cara dele? Ainda assim, fico a pensar na pergunta. A única cara que vi durante estes sonhos recorrentes foi a de Rebecca. Ela estava encantadora na sua primeira aparição ontem à noite. Olhos grandes e inocentes, caracóis escuros espiralados, pele como seda cor de

marfim.

Parecia-se imenso com Lillian Gish, provavelmente porque eu e Lydia tínhamos alugado recentemente *O Nascimento de Uma Nação*.

Lydia diz que Lillian Gish adorava desempenhar papéis de personagens perturbadas, num *contraste rebelde com a sua beleza estonteante*. Sabe isto porque o pai dela tem uma paixoneta enorme pela atriz, apesar de Lillian Gish estar morta e bem morta. Disse-me que o pai gosta particularmente do fim do filme *As Duas Tormentas*, em que Lillian paira inconsciente num banco de gelo que se dirige para uma cascata borbulhante, enquanto o seu longo cabelo ondula à superfície como uma cobra. Imediatamente depois de me ter contado isto, Lydia achou que não devia tê-lo feito. Que podia provocar-me mais pesadelos enquanto eu estivesse *neste estado*.

Isso irritou-me. Ela raramente diz coisas desse género. Fico preocupada. Será que pareço estar num certo estado mais do que é costume? Ela não se apercebe de que ando mais alegre? Não estou a melhorar?

Seja como for, provavelmente, não é *relevante* dizer ao médico que a filha dele aparece no meu sonho como a estrela de um filme mudo, vestida com roupas da minha mãe. Era com certeza estranho e aleatório, como quase tudo o resto.

— Não — respondo. — Não vejo a cara dele.

TESSA, NA ATUALIDADE

Mais uma vez, estou escondida nas sombras. A observar.

O meu corpo está aninhado debaixo dos algerozes, de encontro ao tapume frio e sujo, na esperança de ficar fora do alcance da câmara televisiva na carrinha estacionada à frente da casa.

Tento acalmar os nervos, imaginando o quintal de Lydia como era antigamente: verde, ordenado e dotado de sombras, com dois grandes potes de heliotrópios vermelhos e brancos aos cantos do alpendre de cimento. Sempre vermelhos e brancos, como as luzes de Natal que o senhor Bell pendurava na parte da frente da beira do telhado e que todos os anos ficava com menos dez lâmpadas num dos lados. Era tradicional o meu pai tecer esse comentário de cada vez que passava por lá de carro.

Lucy e Ethel, as cadelas de caça do senhor Bell, viviam ali. Quando ele não estava por perto para as impedir, as suas patas excitadas deixavam pequenas marcas brancas nas minhas canelas. O velho barco costumava estar pousado em

cima de blocos de cimento no canto ao fundo, eternamente à espera do 4 de Julho. Quando o senhor Bell não estava em casa, eu e Lydia tirávamos o oleado da embarcação e fazíamos ali os trabalhos de casa, ao mesmo tempo que bronzeávamos as pernas.

Mas hoje está a montar-se aqui um circo. E a responsável por isso sou eu. Sinto um aperto no estômago. Bill e Jo estão a apostar as suas reputações em mim.

Bill demorou três dias a conseguir a autorização do juiz para escavar junto à casa de Lydia e mais vinte e quatro horas para agendar o acontecimento para as duas da tarde, exatamente daqui a catorze minutos. O delegado do Ministério Público foi surpreendentemente cooperante, talvez por a comunicação social andar a arrasar a polícia. O editorial de um jornal local criticava o condado por mostrar «uma vergonhosa falta de justiça fronteiriça texana, ao não identificar os ossos das Susanas-de-Olhos-Negros e devolvê-los às famílias».

Não se tratava de um artigo de opinião particularmente bem escrito ou fundamentado, mas apenas cáustico, algo que os jornalistas do Sul são bons a desencantar em dias de menos azáfama. Mas tinha produzido algum efeito no juiz Harold Waters, que continua a ler os jornais e preside ao caso das Susanas-de-Olhos-Negros desde o início. Ele rabiscou a sua assinatura e entregou-a de cima do seu poleiro em *Sal*, o seu cavalo preferido.

Mal me lembro de Waters durante o julgamento, apenas que Al Vega estava preocupado por ele ser muito brando em relação à pena de morte. Há uns anos, vi o juiz na CNN a testemunhar a aparição de um óvni a pairar sobre Stephenville «como um super-Walmart no céu».

— Podíamos ter tido mais azar — dissera-me Bill.

E por isso aqui estamos nós agora, por causa do meu sonho com Lydia e de um juiz que acredita em discos voadores.

Dois agentes da polícia fardados delimitam o quintal das traseiras com a fita amarela usada nas cenas de crime. Jo encontra-se no topo do Outeiro Relvado, com a mesma detetive que esteve presente na reunião com a família de Hannah. Um professor de geologia da Universidade Metodista do Sul circula por ali com um sonar de alta tecnologia sobre rodas que jamais passará pela porta do abrigo. Mal passou pelo portão. O seu rosto sombrio indica que já percebeu isso mesmo.

Jo disse-me que o sistema de sonar de profundidade ainda é mais teórico do que prático no que toca à pesquisa de ossos antigos soterrados, mas ela e Bill concluíram que isso podia ajudar a aumentar o melodrama. O delegado do Ministério Público concordou. De uma maneira ou de outra, ele há de tirar proveito disso.

O professor é o reconhecido especialista da região na leitura de imagens de

sonar. Ainda assim, Jo diz-me que a terra não é como um útero e que ele não vai ser capaz de distinguir os ossos de um rosto. Irá estar à procura de evidências de que o solo foi remexido e que alguém terá cavado ali uma sepultura em tempos. Talvez seja capaz de conseguir discernir uma forma humana, mas é duvidoso. Está mais ali para o espetáculo.

O pátio está agora a fervilhar com conversas, numa espécie de festa improvisada no relvado que começa a ganhar forma. Bill está a socializar com a bonita assistente do delegado do Ministério Público que foi designada para assistir a este recente desenvolvimento do caso. O seu verdadeiro rosto encontra-se escondido debaixo de uma boa camada de maquilhagem ao estilo sulista. Avalio a distância entre eles. Sessenta centímetros, trinta agora.

O senhor e a senhora Gibson estão instalados em espreguiçadeiras, envergando as suas melhores *t-shirts* domingueiras dos Dallas Cowboys, a fumarem como dois demónios e aparentemente as únicas duas pessoas que estão a divertir-se. Um deles aparou as ervas daninhas para a ocasião.

De súbito, o professor dirige-se para eles. Cumprimenta-os. Dos seus gestos efusivos, deduzo que quer passar o seu aparelho tanto no quintal das traseiras como no da frente. Os Gibsons acenam vigorosamente que sim.

Estarão a pensar na possibilidade de receber direitos pelas filmagens? Terá sido por isso que a senhora Gibson lavou o cabelo, calçou havaianas e colocou pensos novos nos dedos dos pés? Estará a pensar acrescentar uma placa, debaixo daquela que põe os vendedores ambulantes de sobreaviso, a declarar que esta casa é um marco histórico, como a de Lizzie Borden?

O portão bate atrás de mim e, de repente, o pátio das traseiras fica no centro das atenções. Entram mais quatro pessoas. Dois polícias de calças de ganga, munidos de pás e detetores de metais, e duas mulheres que envergam o equipamento de proteção do CSI com uma lanterna apagada e uma grande máquina fotográfica. A sua chegada indicia que a minha longa espera está prestes a terminar.

Do outro lado do quintal, um dos polícias fardados já está a serrar a tranca do abrigo. Puxa com força pela porta, que cede facilmente. Salta para trás e tapa a boca e o nariz com a mão, um gesto repetido por todas as pessoas que se encontram num raio de três metros à volta da porta. Até Jo, que me disse anteriormente que no local da tragédia do 11 de Setembro sentiu cheiros que jamais esqueceria.

Agora, tudo se desenrola demasiado depressa. Um dos investigadores distribui rapidamente máscaras por toda a gente. Um dos polícias em calças de ganga desaparece dentro do buraco como uma cobra ágil. Entregam-lhe a pá e a lanterna. A seguir, desaparece uma das CSI. O espaço deve ser exíguo, porque os

restantes intervenientes ficam de fora. Ansiosos. A falarem para dentro do buraco.

O senhor Bell nunca nos deixou abrir aquela porta. *Aquilo ali em baixo é muito desagradável, meninas.*

São deitados para dentro do abrigo sacos de plástico vazios para recolha de provas. Em quinze minutos, dois deles regressam à superfície, cheios. São colocados junto à vedação das traseiras.

A agente do CSI põe a cabeça de fora do buraco e grita pelo polícia que tem o detetor de metais. *Para o caso de haver joias?* Eu podia dizer-lhes que Lydia usava sempre a aliança de casamento da avó em ouro, com um pequeno rubi vermelho incrustado. Pergunto-me pela centésima vez em quatro dias como é que a polícia não encontrou ninguém da família Bell quando percorreu os registos públicos. Como se se tivessem evaporado da face da terra.

Jo oferece a mão à agente do CSI que trepa pela porta, coberta de lama e porcaria. O polícia com o detetor de metais desce para substituí-la. Os Gibsons deleitam-se a comer batatas fritas, servindo-se à vez de um frasco de molho de *barbecue*. O geólogo faz rolar metodicamente o seu aparelho pelo solo, como se fosse um carrinho de mão, fazendo pausas para ler o ecrã.

Um autêntico circo.

Mais um saco de provas é passado pelo buraco. E outro e mais outro. Todos eles são dispostos junto à vedação das traseiras. No final, oito sacos pretos, semelhantes a corpos flácidos de aranhas cujas pernas foram arrancadas. Por fim, ambos os polícias emergem à superfície, pretos dos joelhos para baixo, e arrancam as luvas de látex das mãos. O grupo reúne-se para uma breve conversa.

Jo vira-se e percorre o quintal com o olhar, até pousá-lo em mim. Caminha na minha direção, com o rosto franzido pela preocupação; são os vinte metros mais distantes da minha vida.

Como posso ter deixado a Lydia ali em baixo tanto tempo? Porque não percebi isto antes?

Sinto o peso da mão de Jo no meu ombro.

— Não encontrámos nada, Tessa. Vamos tentar um pouco mais fundo, mas eles já cavaram quase um metro e só encontraram barro e calcário. O assassino teria demorado uma eternidade a cavar ali. Parece altamente improvável que o tenha feito.

— O que está... dentro dos sacos?

— Alguém usou este sítio como armazém de vegetais. Estava cheio de frascos partidos e fruta e legumes podres. E duas toupeiras mortas que ali entraram de alguma maneira para desfrutarem de uma última refeição. Havia muita humidade que apodreceu tudo. E rachas no cimento.

— Lamento imenso... ter feito toda a gente perder tempo.

Nada dentro de mim lamenta assim tanto. *A Lydia ainda pode estar viva.* Aquelas flores podem ter-me sido enviadas por ela. Sinto uma onda crescente de alegria inesperada.

— Mesmo assim, vamos analisar os conteúdos daqueles sacos no laboratório. Sempre soubemos que isto era um tiro no escuro. Literalmente. E eu não gosto de deixar pedra sobre pedra. Ou seja lá qual for o cliché — diz ela, numa tentativa de me fazer sorrir.

Por trás dela, o professor fez deslizar o seu aparelho até ao interior do abrigo. Uma pequena multidão reúne-se, incluindo os Gibsons, que passaram por baixo da fita da polícia. Alguém no meio do círculo dá um grito. Os agentes fardados empurram toda a gente para trás, para deixarem passar os polícias com as suas pás.

Os investigadores da cena do crime falam com o professor como se ele fosse um árbitro prestes a tomar uma decisão crítica. Viram-se para os polícias e indicam-lhes a largura que o buraco deverá ter.

Os homens assentem e perfuram cuidadosamente o solo.

TESSIE, 1995

O médico está a contar-me uma história de quando ele tinha doze anos.

Tenho a certeza de que haverá algum propósito, mas gostaria que ele chegasse lá depressa. Ultimamente, tem falado de tudo um pouco.

Incomoda-me aquela mancha nos óculos dele e o facto de Lydia ter deitado os *Benadryl* todos pela sanita abaixo ontem à noite. *Desculpa*, disse ela, mas pareceu-me que estava a desculpar-se por muito mais do que ter-se livrado dos comprimidos cor-de-rosa. Passa-se alguma coisa com Lydia. Nas últimas duas semanas, em vez de chegar como sempre à hora combinada, tem-se atrasado e às vezes até cancela coisas comigo. Inventa desculpas vagas, cora e passa os dentes pelo batom cor-de-cosa do lábio inferior. Lydia mente pessimamente e há de acabar por me dizer qual é o problema; por isso, não a chateio.

Claro que ainda o médico só disse duas frases e já estou a pensar se *ele* estará a mentir. Diz-me que foi uma criança gorducha e, no entanto, tem aqueles músculos todos bem trabalhados debaixo da sua camisa com o colarinho subido,

que faz lembrar uma borboleta branca empalada. Uma vez, dei-lhe um encontro no braço. Nem se mexeu, parecia feito de cimento, como um prolongamento de uma musculada perna de corredor.

— Todos os dias, quando saía da escola, encontrava uma casa vazia — conta ele.

Receio subitamente pelo menino sozinho na casa vazia, apesar de ele se encontrar bem vivo sentado à minha frente, sem cicatrizes visíveis.

— Tessie, queres que continue ? Esta história está a incomodar-te?

— Hum, não. Continue.

— No inverno, a casa estava sempre escura e fria. Por isso, a primeira coisa que eu fazia depois de abrir a porta, antes mesmo de pousar os livros e tirar o casaco, era dirigir-me até ao termóstato e ligar o aquecimento. Até hoje, o ruído da caldeira, o cheiro do aquecimento... é o cheiro da solidão. Tessie, estás a ouvir?

— Sim. Só estou a tentar retirar a lição da sua história. Pensei que ia contar-me que lhe tinha acontecido uma coisa terrível. — Estou desapontada. Aliviada. Vagamente intrigada.

Ocorre-me que adoro todos os cheiros relacionados com calor. O fumo de lareiras a pairar ao meu redor enquanto corro numa noite fria, o carvão da churrasqueira a dizer-me que é sábado à tarde. A gordura das costeletas de porco a silvar, o protetor solar *Banana Boat*, toalhas quentes saídas da nossa velha máquina de secar *Kenmore*. Especialmente depois de a minha mãe ter morrido, nada era suficientemente quente para mim. Ligava o meu cobertor elétrico numa intensidade tão forte, que o tecido azul ficou com uma queimadura negra e o meu pai deitou-o para o lixo. Ainda hoje me estendo a ler no chão do quarto de vestir da minha mãe junto à saída do aquecimento. Não sei se teria conseguido sobreviver ao último ano se não tivesse podido bater com a porta de rede atrás de mim, esparramar-me na espreguiçadeira do quintal das traseiras e deixar que a luz brutal do sol fritasse todos os pensamentos negros, reduzindo-os a cinzas.

— O olfato é o sentido mais rapidamente associado à memória. Sabes alguma coisa sobre Marcel Proust?

— Se disser que não, chumbo no teste?

Mal posso esperar para contar a Lydia que o médico tirou da mala um filósofo francês deprimido de bigode retorcido nas pontas. É uma grande evolução. Lydia batizou a minha última psicoterapeuta de «Canjinha» depois de a senhora me ter sugerido que eu lesse o livro *Canja para a Alma*.

— Isto não é um teste. Nesta sala, ninguém chumba, Tessie. — O tom dele é arrastado, previsível e, apercebo-me, um tanto cansado. — Uma das personagens de Proust recorda um acontecimento inteiro da sua infância ao sentir o cheiro de

uma bolacha ensopada em chá. Desde essa altura que a ciência tem estado na senda desta teoria... de que o cheiro ajuda a recuperar memórias ocultas. O bolbo olfativo situa-se junto à zona do nosso cérebro onde está armazenado o passado e comunica com ela.

— Então, *é* um teste. Está a dizer-me que posso recuperar a minha memória através do cheiro.

— Talvez. Há algum cheiro que... te incomode desde o evento?

Manteiga de amendoim, manteiga de amendoim, *manteiga de amendoim*. Na semana passada, o meu pai interrogou-me a mim e a Bobby sobre o motivo por que um frasco meio cheio de *Jif* estava no lixo. Bobby não me denunciou.

Os músculos das minhas pernas e coxas contraem-se de repente.

— Tessie, o que se passa?

Não consigo respirar. Puxei os joelhos para o queixo. Enfiei os dedos nos ouvidos.

— Porque *é* que não consigo lembrar-me? *Porque é que não consigo lembrar-me?*

Ele pôs o braço à minha volta. Está a dizer-me alguma coisa. A minha cabeça pousa no seu ombro. Sinto-o retesar-se ligeiramente e, a seguir, relaxar. O corpo dele é cálido, como um saco de água quente, como o corpo do meu pai. Não sei nem quero saber se este tipo de comportamento é adequado para um terapeuta.

Ele é calor.

TESSA, NA ATUALIDADE

Passo quarenta e cinco minutos no duche, mas não ajuda. Ando pela casa. Abro o frigorífico, tiro de lá a garrafa de sumo de laranja, bato com a porta. Pego no telemóvel que está em cima da bancada. Penso em telefonar a Charlie. A Bill. A Jo. Não o faço.

Vagueio pelo Facebook. Ligo o velho *iPod* da minha filha às colunas e aumento o volume até a voz vibrante de Kelly Clarkson me massajar o cérebro. Reorganizo os recipientes da cozinha, as revistas, o correio, os papéis e cadernos espalhados de Charlie. Dobro e desdobro uma sobra de cetim deixada no chão. Torno-me obsessiva em relação à arrumação, tentando ordenar uma casa que habitualmente vagueia ao ritmo de uma onda turbulenta.

Quero saber, *preciso* de saber o que se encontra dentro da caixa desenterrada há sete horas junto do abrigo para tempestades de Lydia. A partir do meu ponto de observação debaixo dos algerozes, só consegui perceber que se tratava de uma caixa de metal quadrada, com cerca de trinta centímetros de lado e fácil de

erguer para uma CSI com luvas de látex azul calçadas. Nessa altura, os polícias começaram a expulsar as pessoas estranhas ao quintal, como eu. No meio das vozes que se erguiam, Jo nem sequer olhou na minha direção. Bill e a assistente do delegado do Ministério Público tinham voltado a aparecer e detiveram-se ao lado do buraco, de braços cruzados, a observar.

Alguém a bater à porta, três toques curtos, chama-me a atenção. Olho para baixo, para ver se estou decente. A resposta é negativa. Tenho as pernas à mostra e estou descalça. A única coisa que me tapa é uma antiga *t-shirt* do camuflado de Lucas, que me cobre dez centímetros abaixo de uma renda a que a Victoria's Secret chama cuecas. Não tenho sutiã. Pego num par de calções da pilha de roupa lavada no sofá e enfio-os à pressa, uma perna de cada vez.

Dois toques mais urgentes.

Os calções são de Charlie, pelo que ficam cobertos pela *t-shirt* e continua a parecer que não tenho mais nada vestido. Mas é quanto basta.

Encosto o olho ao óculo. Bill.

Encaixa na perfeição naquela forma oval, como se estivesse dentro de uma minúscula moldura de outra época. Tem o cabelo molhado e puxado para trás. Quase sinto o cheiro a sabonete.

Sei que ele não está aqui para falarmos de Lydia. Quase nos beijámos naquela berma do passeio. Este debate mudo tem-se desenrolado entre nós desde que ele roçou com a cabeça nos vidros marinhos de Galveston que se encontram pendurados no teto do meu quarto.

Abro a porta. Ele tem vestidas umas *Levi's* gastas e exhibe um sorriso fácil, meio tímido, que vai arranjar-me sarilhos esta noite. Não consigo parar de olhar para a sua boca. Traz uma garrafa de vinho em cada mão. Uma de branco e outra de tinto. Atencioso da sua parte, uma vez que não sabe que tipo eu prefiro, e que é nenhum deles. Numa noite como a de hoje, sou completamente adepta da cerveja. O calor que paira nos escassos palmos que nos separam é agora indesmentível e faz a minha pele corar. Fingimentos, negações, o facto de ter uma filha com catorze anos e de a ele provavelmente ainda lhe pedirem a identificação para entrar nalguns sítios... tudo isso caiu inegavelmente por terra quando me desfiz em lágrimas nos seus braços. Desde então, Bill praticamente não me disse nada que não fosse necessário.

Neste momento, somos precisamente as mesmas pessoas que éramos antes de nos termos sentado naquela berma do passeio, e também somos completamente diferentes.

— Isto não é boa ideia — digo.

— Pois não — responde ele, e eu abro mais a porta.

Tenho três regras importantes no que diz respeito a sexo.

Tem de haver uma relação séria.

Não pode ser na minha casa, na minha cama.

Tem de estar escuro.

Bill abandona as garrafas de vinho na mesa da entrada e fecha a porta com o pé, sem dizer nada. Empurra-me contra a parede. O corpo dele ainda está frio do ar da noite, mas os seus dedos e lábios contra a minha pele parecem chamas deambulantes. Tenho os braços em torno do pescoço dele e o corpo encostado ao seu, com o pescoço inclinado. Há muito tempo que não tinha tanta certeza de estar viva. Isso deixa-me ligeiramente zozza.

Ele segura-me o queixo com uma mão. O seu olhar é suficientemente prolongado e intencional para me dar a indicação de que sabe exatamente aquilo que está a fazer. Eu penso: *Se desviar o olhar agora, se parar com isto, fica tudo bem na mesma, quase como se nunca tivesse acontecido.* Mas ele curva-se para me beijar outra vez e eu perco-me. Quero que esta dança íntima que está a acontecer no meu *hall* dure para sempre. Ele enfiou as mãos debaixo da minha *t-shirt* e fá-las deslizar pelas minhas costas.

Quando me pega ao colo e me transporta pelo corredor, não protesto. Enrolo as pernas à volta da sua cintura e mantenho a minha boca colada à dele.

Chegados ao meu quarto, pouso-me com cuidado. A cabeça dele embate novamente nos vidros, produzindo uma música abafada. Despe-me a *t-shirt*. Despe a camisa dele. Pressiona-me contra os lençóis suaves e desalinhados. Encaixamos instantaneamente um no outro, como pessoas que já fizeram amor centenas de vezes. Fecho os olhos e deixo-me arrastar no torvelinho até ao fundo do rio.

— Tessa, minha menina linda — geme ele, respirando contra o meu pescoço.
— Deixas-me louco.

Louco.

Talvez isto seja mais uma das deixas, uma derradeira súplica para que um de nós recupere a razão.

Afasto-me ligeiramente, mas não tanto que ele consiga ver a cicatriz ao pé da minha omoplata. Até agora, tem estado demasiado ocupado para reparar nela. Tenho sempre muito cuidado em relação a isso. Nunca me deixo perder no amor ou na luxúria a ponto de me esquecer. A minha mão dirige-se para o interruptor do candeeiro ao lado da cama e detém-se. A lâmpada deixou o rosto dele meio iluminado, meio nas sombras. Vêm-me à cabeça todos os clichés. Luz e escuridão, vida e morte, verdadeiro e falso, comédia e tragédia, bem e mal, *yin* e *yang*.

O jovem advogado bonito e a rapariga marcada pelo Demónio.

Com uma das mãos, puxo os ganchos que me prendem o cabelo. Também eu sei exatamente o que estou a fazer. Há no rosto dele uma expressão que nunca esquecerei, à qual me irei agarrar para sempre, independentemente do que vier a acontecer depois desta noite.

Independentemente de deixarmos mal o Terrell.

Independentemente de o meu monstro nos comer vivos aos dois.

Estendo a mão e apago a luz.

É a única regra que não vou quebrar esta noite.

O sexo é a única ocasião em que venero o escuro.

— Esta? — pergunta-me ele. Com o dedo, contorna a linha fina em torno do meu tornozelo e eu estremeço.

— De uma cirurgia. Tu sabes que parti o tornozelo... naquela noite. Anda cá para cima, por favor. — Puxo-lhe o cabelo, mas ele ignora-me.

— E esta? — Cobre a pequena borboleta acima da minha anca direita com a ponta do dedo.

— Um impulso imediatamente antes do julgamento — respondo.

Sou subitamente invadida pela memória da dor lancinante provocada pela agulha. Quando me cruzo com pessoas cobertas de tatuagens, a falarem entusiasmadas acerca da próxima, percebo o vício.

Só peço para ser livre. As borboletas são livres.

A voz de Lydia soa dentro da minha cabeça. Ela citou essa passagem de *A Casa Abandonada* a uma tatuadora, numa feira montada no parque de diversões estadual. Estava deitada de barriga para baixo em cima de uma toalha lavada, numa cama de metal. A entrada da tenda encontrava-se fechada, o que a tornava um forno. As calças de ganga de Lydia estavam ligeiramente descidas até à curva suave da sua anca branca. Eu tinha sido a primeira, estranhamente corajosa. As asas da minha tatuagem picavam-me, mais ainda à medida que via aquela estranha esculpir uma borboleta idêntica no corpo de Lydia.

Os dedos de Bill chamam-me de volta ao presente. Ele trepa pelo meu corpo lentamente, a explorar, como se recolhesse evidências clínicas para usar em tribunal. É o primeiro sinal ao longo da última hora e meia de que o meu cérebro está a funcionar.

O meu cabelo cobre a linha de oito centímetros acima da minha omoplata. Ele afasta-o para o lado. Ele *sabe*.

— Fala-me desta — diz.

É a cicatriz de que mais me envergonho. *Sinto-a* como obra do meu monstro,

como se tivesse sido ele mesmo a desenhá-la. Na verdade, ele não desenhara nenhuma das minhas cicatrizes com as suas próprias mãos.

— Os médicos das Urgências entraram um bocado em pânico na noite em que fui... encontrada. Toda a gente entrou em pânico. O técnico de emergência médica entrou comigo ao colo nas Urgências, aos gritos. Mais tarde, o meu cardiologista ficou furioso. Disse que eu talvez viesse um dia a precisar de um *pacemaker*, mas não logo naquela noite. Não tão cedo. Tinham usado uns fios difíceis de extrair e por isso deixaram-no cá dentro.

O meu corpo retesa-se ligeiramente quando Bill me esfrega o nariz no pescoço. Isto não pode ser uma surpresa para ele.

— «A pobre menina do *pacemaker*.» O Al Vega venceu bem isso no tribunal. Não te lembras das transcrições?

— Sim, mas queria ouvir a história contada por ti.

Então, Bill *está* a trabalhar. O feitiço de amor cai, como purpurinas desbotadas.

— Vamos ligar à Jo e perguntar-lhe o que está na caixa da casa da Lydia? — Mudo de assunto. Tento não parecer magoada.

— Acredita em mim, ela liga. Tenta não pensar nisso. — E depois, abruptamente: — Então é o pai da Charlie? Ele faz parte da equação? Gosto de saber quando tenho concorrência.

A pergunta dele soa-me a um comentário deslocado.

— O Lucas dir-te-ia que ninguém consegue competir com ele. Normalmente, é bastante convencido. É militar. É o ego que o mantém vivo. — Toco na face de Bill. — Há anos que não estamos juntos desta maneira.

Recuamos desconfortavelmente. É errado. É por isto que normalmente respeito as minhas sensatas regras quanto ao sexo. Debruço-me para apanhar a *t-shirt* do chão e ocorre-me que devia adotar mais uma regra: nunca vestir a *t-shirt* do exército de um homem quando faço amor com outro.

— Não te vás embora — diz-me Bill suavemente. — Eu calo-me. Fica comigo. — Está a puxar-me de novo para baixo, a encaixar o corpo quente contra as minhas costas e a tapar-nos com o edredão. Não consigo resistir ao calor.

O sono não chega.

Aninho-me contra as costas de Bill. Fecho os olhos e deixo-me ir.

Estou novamente na tenda, a ver a borboleta de Lydia ganhar asas. A tatuadora não é assim tão velha. Talvez vinte e cinco anos. Usa um *top* vermelho, branco e

azul que deixa à mostra muita pele. As costas ostentam cicatrizes brancas antigas, provavelmente de um cinto.

Uma tatuagem de três palavras encontra-se gravada na lona deteriorada da tenda, à laia de desafio.

Ainda aqui estou.

TESSIE, 1995

— Tessie, estás a ouvir?

Sempre a insistir no *ouvir*.

Os meus lábios estão colados a uma palhinha às riscas. As folhas das árvores que roçam na janela do consultório assumiram um tom vermelho-vivo na semana passada. Nunca tinha visto uma árvore tão luminosa em agosto, como se Monet tivesse pegado nela e lhe tivesse ateado um fósforo. Penso que Deus está a usar esta árvore para me lembrar de agradecer por já não estar cega. Mas trata-se de um Deus caprichoso, pois caso contrário eu não teria sequer chegado a cegar.

Esfrego uma mancha de suor sujo de rímel que me faz arder o olho. Ultimamente, Lydia anda obcecada a experimentar cosméticos novos, enquanto eu quero ser o borrão desfocado que passa despercebido. Fez experiências comigo até aperfeiçoar a mistura que ocultasse a minha cicatriz em forma de meia-lua — *Maybelline Fair Stick 10*, combinado com uma bisnaga de algo

verde cor de vômito e *Cover Girl Neutralizer 730*. Escreveu-me tudo num papel, incluindo a ordem de aplicação, e a seguir maquilhou-se a ela própria diante do espelho da casa de banho. Quando terminou, estava fabulosa. O meu pai disse-me uma vez, sem ser por mal, que se Lydia não abrisse a boca todos os rapazes da escola andariam atrás dela. Enquanto ela colocava mais uma camada de rímel e realçava os lábios, contou-me a história de Erica Jong e a *queca anónima*. É a primeira vez que a ouço dizer a palavra *queca* e tenho a sensação de que acabou de dar um tiro no que restava da nossa infância.

— É fazer sexo com um estranho — explicou-me ela. — Sem remorsos. Sem culpa.

Sinto cada vez mais que sou a roda que se arrasta pela lama, ao passo que Lydia tem o pé no acelerador.

O médico interrompe a minha linha de raciocínio.

— Tessie, o que se passa contigo hoje? Em que estás a pensar?

Em quecas anónimas. Em receitas para cicatrizes.

— Tenho calor. Estou meio aborrecida.

— Está bem. E que tal isto? Qual foi a emoção que sentiste mais desde que estiveste aqui há dois dias?

Desde que você me abraçou no sofá e se comportou como um ser humano?

— Não sei.

Encolho-me. Odeio este hábito que ele tem, de começar uma conversa íntima quando estamos a metro e meio de distância.

— Eu acho que te sentes culpada. Quase sempre. Desde o evento. Andamos sempre a contornar esse sentimento de culpa.

Chupo lentamente pela palhinha e fito-o. *O evento*. Sim, ainda me deixa furiosa quando diz aquilo.

— Porque havia de me sentir culpada?

— Porque acreditas que podias ter evitado aquilo que te aconteceu. Talvez até o que aconteceu à Merry.

— Eu tinha dezasseis anos. Era uma atleta. Não sei bem o que aconteceu, mas tenho a certeza de que podia tê-lo evitado se estivesse mais atenta. Não era nenhuma criança de dois anos que se pode atirar para dentro de um carro como uma almofada.

Finalmente, ele senta-se à minha frente.

— Acertaste em cheio no problema. Não tens dois, nem quatro nem dez anos, Tessie. És uma adolescente, e achas-te muito esperta. Mais perspicaz até do que os adultos. O teu pai. Os teus professores. Eu. Na verdade, detesto dizer-te isto, mas nunca na tua vida hás de sentir-te mais esperta do que agora.

Lydia odeia ver os homens calçados sem meias e, neste momento, eu também.

Olho fixamente para o seu tornozelo pálido com o osso saliente e penso que as pessoas não são mais do que um monte de partes feias. Sinto tantas emoções contraditórias em relação a este homem. Hoje em dia, em relação aos homens em geral. Se ele quisesse mesmo chegar a algum lado, era só perguntar *por isso*.

— A Rebecca também se achava mais esperta do que todos — comenta ele.

O nome da filha embate no ar húmido como uma granada. Já não me sinto aborrecida, se era isso que ele pretendia.

— Há um motivo que te faz sentir a necessidade de te culpare — prossegue.

— Pelo que sei, és uma rapariga muito cuidadosa. Se aceitares a culpa de teres dado um passo raro em falso, podes assegurar-te de que isto não foi um acontecimento aleatório. Se te culpires, podes acreditar que continuas a controlar o teu próprio mundo. Mas não estás. Nunca estarás.

— Então e o doutor? — pergunto-lhe. — Aposto que continua a achar que a sua filha está viva, apesar de ela estar a decompor-se no lodo de um rio ou a ser comida por coiotes. Pois deixe-me esclarecê-lo. A Rebecca está morta.

TESSA, NA ATUALIDADE

O nascer do sol pinta o quarto de cor-de-rosa. É a melhor hora do dia para falar com anjos ou tirar fotografias, segundo o meu avô. Para admirar as nuvens, que flutuam como as penas largadas por um flamingo, de acordo com Sir Arthur Conan Doyle.

Para empurrar os monstros da meia-noite para o fundo do roupeiro.

Bill enfia uma perna comprida e magra nas suas calças de ganga. Tem as costas lisas e musculadas. Há muito tempo que não acordava num sábado de manhã com alguém na minha cama que não tenha pelos ou esteja doente. Tento identificar a emoção que se me insinua nas entranhas. Assustada, talvez. Esperançosa?

O autocarro de Charlie só deve chegar daqui a duas horas, mas ela enviou uma série de mensagens escritas que foram apitando durante uma lânguida terceira ronda de amor. Estou sentada e encostada à cabeceira da cama a percorrê-las com o polegar, com o lençol a cobrir-me decentemente até ao peito.

Terceiro lugar ☹. O treinador foi expulso. ☺

Esqueci que preciso bisnaga gel azul de cabelo para lab de bio segunda-feira. Descuuuulpa.

O que é o jantar?

O telemóvel de Bill toca em cima da mesa de cabeceira, enquanto penso onde vou comprar uma bisnaga de gel azul para o cabelo sem viajar no tempo até 1965. Pego no aparelho e atiro-lho, mas não sem antes ver quem está a ligar.

Doutora Ossos.

O meu lançamento por cima do edredão amarfanhado não chega ao destino, mas Bill inclina-se e consegue mesmo assim apanhar o telemóvel. Pisca-me o olho.

Lembro-me da primeira vez que um homem me piscou o olho. Lydia estava a soprar onze velas, uma a mais do que devia, e eu estava a olhar para o pai dela, que abria e fechava o olho por baixo da sobrancelha falhada, que nunca voltou a crescer completamente na sequência de um acidente numa oficina automóvel.

Doutora Ossos. Será Jo a ligar para anunciar os segredos guardados na caixa? Apesar da distração causada pela língua de Bill, há horas que a minha cabeça tem aberto e fechado aquela tampa.

A caixa está cheia de areia, suficientemente sedosa para me escorrer entre os dedos como uma cascata.

Está cheia de mandíbulas de raparigas a sorrirem maliciosamente em todos os ângulos.

Contém um embrulho atado com uma fita preta brilhante, feita com o cabelo de Lydia.

— Olá. — Bill fala baixo para o telemóvel e olha para mim. Ouve sem interromper durante pelo menos um minuto. — Hum, hum, posso falar com a Tessa.

Neste momento, está a apertar o fecho das calças de ganga, segurando o telemóvel entre a orelha e o ombro.

O médico ensinou-me nas nossas sessões que eu até poderia esperar cinco anos antes de dormir com este homem e, mesmo assim, nunca o conhecer realmente. Ele falava na generalidade, claro. Acreditava que as mais profundas falhas ou virtudes de uma pessoa emergem em períodos de grande crise, ou permanecem enterradas para sempre. Lembro-me de ter saído do consultório naquele dia a pensar que era triste que pessoas entediantes e comuns morram a toda a hora sem chegarem a saber que eram heróis. Tudo porque nenhuma rapariga se afogou no lago diante delas nem a casa de um vizinho pegou fogo.

— Estou aí dentro de mais ou menos uma hora — diz Bill.

Estamos cinco pessoas apinhadas na sala exígua e parecemos todos acabados de chegar de uma noite sem dormir.

Jo está de calções de desporto e uma *t-shirt* bastante usada que diz *Reza por Mais, OK?* Bill traz a mesma roupa da véspera. Alice Finkel, a sedutora assistente do Ministério Público, esconde-se sob um rosto moldado por uma maquilhagem irrepreensível ao estilo Mary Kay e mostra tanto interesse em Bill que até mete dó. A tenente Ellen Myron, de calças de ganga *Wrangler*, com uma arma presa na anca.

Concentro-me nos três sacos de plástico com provas dispostos numa fila ordenada.

Os meus dedos estão desejosos de rasgá-los e dar início de vez a esta festa macabra.

A tenente Myron aclara a garganta.

— Tessa — diz —, recuperámos três objetos da caixa exumada do quintal das traseiras da casa de infância da Lydia Bell. Temos esperança de que consiga identificá-los.

— Não havia... ossos dentro dela? — pergunto. *Diga-me, caramba. Diga-me que encontrou um pedaço da Lydia.*

— Não. Nada disso. — A tenente Myron vira um dos sacos.

Reconheço imediatamente o pequeno livro. Dourado, com a capa desgastada. O desenho de flores amarelas com rebentos verdes que sobe na direção do título. *Histórias e Poemas de Poe.*

— Posso pegar-lhe?

— Não. Não toque. Eu faço isso.

— É da Lydia — confirmo. — Estava com ela quando o comprou. O pai dela levou-nos de carro a Archer City, à livraria do Larry McMurtry.

Porque é que Lydia enterraria este livro? Depois do meu rapto, deve ter purgado o quarto de tudo o que tivesse flores amarelas. Mas Lydia não seria capaz de se separar completamente de um livro que lhe era tão querido. Tinha de romancear o ato desta maneira, numa cápsula do tempo para mais tarde desenterrar.

Só que nunca mais voltou.

A tenente Myron pousa o livro e balança outro saco aberto, preso pelo polegar e pelo dedo indicador.

— E isto?

Engulo em seco e aproximo-me para olhar.

— Uma chave? Eu nem reconheço as chaves desirmanadas que tenho na gaveta das tralhas.

— Então, a resposta é não?

— A resposta é não.

— Tinha de perguntar.

A tenente Myron segura o terceiro saco. Coloca-o a quinze centímetros dos meus olhos.

A sala espera por mim.

Tique, tique, tique.

Está toda a gente a ouvir isto? Não sei se é o meu *pacemaker*, que nunca se ouve, ou o coração do veado aprisionado naquela caixa.

Aos dez anos, eu já recitava cada palavra de *O Coração Delator*. É claro que Lydia o fazia melhor. Uma vez, escondeu um relógio bem ruidoso debaixo da minha almofada.

— Tessa? — Bill agarra-me pelos ombros.

Estou a balançar. O tiquetaque aumenta de volume. É o relógio dele, *caramba*, junto ao meu ouvido. *Tique, tique.* Afasto o seu braço.

— Pensei que isto se tinha perdido. — A voz de uma adolescente a fervilhar de raiva. — Ela deve tê-lo tirado.

— Quem é que o tirou? — A voz da tenente é contundente.

— A Lydia. A Lydia tirou-o.

TESSIE, 1995

O médico já está sentado na sua cadeira, mesmo ao lado do sofá. Não se dá ao trabalho de se levantar e cumprimentar-me. Não consigo ler na sua expressão se ainda está zangado por eu ter despejado o ácido na semana passada ao dizer que a filha dele estava a ser comida por coiotes. O certo é que não protestou quando me levantei e saí a passos largos.

Atiro a mala para o chão, recosto-me no sofá e cruzo as pernas, fazendo subir a saia para que ele possa ver até à China. Ele não mostra o mínimo interesse. Eu bem podia ser a tia dele de oitenta anos. O meu rosto arde, quente e furioso, mas não sei porquê. Torço o anel que tenho no dedo e desejo que fosse o pescoço dele.

— A tua mãe — diz ele mansamente. — Foste tu que a encontraste no dia em que ela morreu.

A vingança por ter trazido a filha dele à baila. Hoje, vem munido da sua faca mais afiada. Abre um lugar onde escondo a dor lancinante provocada pelas

saudades da minha mãe. Quero gritar, despedaçar aquela máscara agradável e profissional que ele coloca com um elástico invisível. Às vezes, pergunto-me se morri naquele buraco. Se esta sala é o Inferno e se tudo o resto — o meu pai, Bobby, Lydia, O. J., o monstro — faz parte de um sonho quando o Diabo me deixa dormir. Se este juiz de camisa às riscas vai decidir lançar-me para dentro de um sótão trancado com uma mão-cheia de Susanas delirantes, ou se me liberta para eu perseguir o nosso monstro até à eternidade.

— Vou-me embora. — Digo isto, mas permaneço pregada ao sofá. — Estou farta dos seus jogos idiotas.

— A decisão é tua, Tessie.

Eu estava na casa da árvore.

Ela tinha chamado o meu nome pela janela da cozinha. Pensei que queria ajuda com a louça. Fazia sempre um chiqueiro. Gordura e farinha por todo o lado. Panelas incrustadas. Tigelas sujas no lava-louça. O meu pai dizia que era o preço a pagar para comermos biscoitos que se desfaziam na boca, cobertura de caramelo, quiabos fritos mexidos com batatas e tomate, que comíamos como se se tratasse de pipocas; frios, se fossem sobras.

Eu estava na casa da árvore. Mas ignorei-a.

— Encontrei-a no chão da cozinha.

O meu coração bate com força contra o meu peito.

— Tinhas oito anos.

A cara dela está azul.

— Ela morreu de um AVC — diz ele.

Puxo a parte de baixo do seu avental. Tapo-lhe a cara.

— Estás zangada por ela não estar aqui? Por te ter deixado?

Eu estava na casa da árvore.

Não fui ter com ela quando me chamou.

A culpa corre livremente agora. É quase insuportável.

— Sim — digo, com um suspiro.

TESSA, NA ATUALIDADE

O objeto que se encontra no terceiro saco de provas em cima da secretária de Jo é minúsculo e provavelmente nunca teve importância para ninguém, a não ser para mim e para a sua primeira proprietária, uma menina de saíote de folhos, há muito morta e enterrada.

Quando eu tinha quinze anos, descobri o anel no fundo de um cesto de tralhas de uma loja de antiguidades nos Stockyards. Estava coberto com tanta sujeira, que não vi a pérola incrustada, como um ovo de aranha microscópico, até chegar a casa. O anel servia-me na perfeição no dedo mindinho. A dona da loja disse-me que se tratava de um anel infantil vitoriano, do século XIX, provavelmente banhado a ouro, razão pela qual me disse que podia vender-mo por trinta e cinco dólares, mas definitivamente não pelos dez que eu tinha oferecido. Lydia argumentou que ela nunca teria sabido que o anel existia se nós não tivéssemos entrado na loja.

— A Tessie podia simplesmente tê-lo escondido no bolso — explodiu,

indignada, altura em que fiz deslizar sobre o balcão mais vinte e cinco dólares do meu dinheiro do Natal e arrastei a minha melhor amiga porta fora.

Depois de termos percorrido metade do quarteirão, Lydia decidiu que eu tinha comprado o anel contra a vontade do Universo e queria que o devolvesse. *Dá azar usar joias de um estranho que já morreu. Quem sabe que tipo de coisas horríveis terão acontecido à rapariga que o usava? Na era vitoriana, as crianças eram criadas por amas cruéis e só viam os pais uma vez por dia, com hora marcada. Winston Churchill dizia que se contavam pelos dedos as vezes que a mãe o tinha abraçado.*

Quando chegámos à paragem do autocarro, Lydia estava ainda mais insistente, mais louca do que era habitual. Saltou do pequeno objeto no meu dedo mindinho para o Diamante da Esperança. *Cresceu no solo ao longo de 1,1 mil milhões de anos, antes de ter irrompido à superfície da Terra e amaldiçoado praticamente todos aqueles que lhe tocavam. A Maria Antonieta perdeu a cabeça e a sua amiga princesa foi morta à machadada e golpes de picareta. Até amaldiçoou o inocente carteiro que o entregou no Smithsonian. A família morreu, ele ficou com uma perna esmagada e a sua casa ardeu.*

Diga-se o que se disser acerca de Lydia Frances Bell e da sua tagarelice ridícula, ela disse coisas que jamais esqueci. Se aqui estivesse, estaria alternadamente consternada e entusiasmada por ser a estrela do tipo de conto mórbido que ela devorava e repetia vezes sem conta.

A tenente segura o anel numa posição em que a pérola parece fitar-me como um olho cego. Toda a gente faz um silêncio cortês. O peso das suas expectativas é sufocante.

— Sim, esse anel era meu — afirmo. — Desapareceu precisamente antes de ter testemunhado em tribunal. A Lydia achava que o anel me dava azar e queria que deixasse de o usar.

— Porque é que ela achava que o anel dava azar?

As pérolas trazem lágrimas. Suicídio, insanidade, assassínios e acidentes com carruagens.

— Ela achava que não se devia usar joias de pessoas mortas, a não ser que pertencessem a alguém que tivéssemos conhecido. Para ela, a história era importante. — *E tinha razão*, diz uma Susana ao meu ouvido.

É verdade: o anel estava no meu dedo quando ele me atirou para aquele buraco. Todas as outras coisas que usava naquela noite — as minhas *leggings* pretas preferidas, a *t-shirt* do Michigan do meu pai, o fio com a cruz que a tia Hilda me tinha dado na celebração do crisma — desapareceram. Os médicos das Urgências cortaram tudo e entregaram à polícia.

A enfermeira do turno da noite foi a primeira a reparar no anel quando

verificava o acesso endovenoso, horas depois de me terem implantado o *pacemaker*. Senti-a girar o anel para mo tirar, os dedos dela a flutuarem como penas em cima dos meus. *Chiu*. Quando acordei, havia uma marca pálida circular no lugar onde antes estivera o anel. Um mês depois, em casa, descobri que alguém tinha enfiado uma Bíblia do hospital numa das bolsas da minha mala da roupa. Quando a abri, havia um envelope preso com fita-cola ao Salmo 23 e o anel estava dentro dele.

A primeira coisa em que penso quando ouço o estrondo é que Charlie caiu do berço. É preciso um momento de tomada de consciência para me lembrar de que Charlie já não dorme num berço há treze anos. Está enrolada nos cobertores ao meu lado, com o seu cabelo ruivo espalhado em cima da fronha azul-água, como se flutuasse num oceano. Começo a recordar-me. A nossa maratona noturna de *The Walking Dead*, pipocas e batatas fritas com sabor a queijo *cheddar*. O antídoto para a identificação de objetos desenterrados no quintal das traseiras da nossa melhor amiga.

Tinha desligado a televisão do meu quarto por volta da uma da manhã. Podia ter sido trinta minutos ou quatro horas atrás. Do outro lado da janela, está escuro como breu. Estendo a mão para tocar no ombro despido de Charlie, para me certificar de que não estou a sonhar. A pele dela é suave e fresca, mas não faço o gesto habitual de tapá-la.

Ouçó um ligeiro burburinho, como se as Susanas se tivessem reunido dentro da minha cabeça para conferenciarem. Procuo o telemóvel sobre a cama, às apalpadelas no sítio onde normalmente ele fica durante a noite. São 3h33. A respiração de Charlie é regular e decido não a acordar. Ainda não.

Ouçó outra vez. O barulho pesado de uma coisa a cair, como a mala de um carro a fechar-se. É lá fora, na direção do quarto de Charlie, mas decididamente não é dentro de casa. Enfio-me no quarto de vestir. Ajoelho-me para me agarrar à sapateira pendurada na porta. Segunda fila de cima, quarta bolsa. Os meus dedos rodeiam a minha arma de calibre 22. Ao longo de três anos depois do julgamento, esta pistola andou sempre na minha bolsa de cintura. Pensei comprar uma maior, mas não queria que ninguém visse o volume junto à minha anca ossuda, em particular o meu pai. Lucas ensinou-me a disparar em segredo, quando não estávamos escondidos a fazer Charlie sem querer. Quando me pressionou a arma contra a palma da mão pela primeira vez, insistiu numa coisa. *Vai ao campo de tiro como se fosses à igreja, pelo menos cinquenta e duas vezes por ano.*

Sempre achei que não fazia mal disparar mais do que se reza, porque foi isso que acabou por acontecer. Há dez anos que Lucas anda a convencer-me a trocar esta arma por uma maior, mas não me imagino com outra na mão.

Abano o ombro de Charlie e ela geme:

— Não é de manhã.

— Ouvi uma coisa lá fora — sussurro. — Calça os chinelos e veste isto. — Atiro-lhe uma *sweatshirt* pendurada na borda do cesto da roupa suja.

— A sério?

— A sério. *Levanta-te.*

— Porque é que não chamas a polícia? — O som é abafado quando ela puxa o capuz sobre o rosto.

— Porque não quero que apareça no noticiário das oito.

— Isso é a tua arma? Mãe...

— Por favor, Charlie. Faz o que te digo. Vamos sair pela porta das traseiras.

— Isso não faz sentido. A... coisa está *lá fora*. Não é por causa disto que temos um sistema de alarme tão sensível que dispara sempre que aumento o volume dos Vampire Weekend? Não devíamos pelo menos espreitar pela janela, para ver se não é o camião do lixo?

É em alturas como esta que desejo ter uma filha que não estivesse tão convencida dentro da sua armadura de beleza, inteligência e graça atlética. Em vez disso, ela é como a Tessie de Antes. Ambas insistem que os barulhos estranhos são produzidos por rapazes com sabão e ovos e não por monstros com pás ferrugentas e armas. A maior parte do tempo, ambas têm razão.

— Charlie, só preciso que faças o que eu disser. Segue-me.

Mais um estrondo. Várias pancadas agora.

— Está bem, isto eu ouvi. Estranho. — Charlie acelera o passo atrás de mim e percorremos o corredor e a sala de estar às escuras. As persianas estão corridas, como é costume, mas não quero acender luzes.

— Segue o nosso plano em caso de incêndio — digo-lhe. — Vai para casa da menina Effie. Bate à porta de trás. Se ela não vier atender, telefona-lhe para casa. Tens aqui o meu telemóvel. Se eu não chegar lá em cinco minutos, liga para o cento e doze.

— Guarda-o. Já tenho o meu. O que vais fazer?

— Não te preocupes, Charlie. Vai. — *Corre.*

Empurro-a pela porta das traseiras, para a escuridão total. A última coisa que vejo é o *flash* das calças do seu pijama às bolinhas cor-de-rosa e brancas entre os pinheiros que delimitam a fronteira das nossas propriedades.

Esgueiro-me até ao jardim da frente, usando os arbustos como escudo. A batida não parou, apenas se mudou para dentro de mim, para o meu peito. Tenho

a arma engatilhada na mão. Quero acabar com ele. Esta noite. *Para sempre.* Espreito por entre um ramo.

Mas que raio? Há quatro quadrados cinzentos no meio do meu quintal, como uma fila de lápides. Uma pequena sombra paira ao lado de um deles, banhada numa luz sumida. *Uma rapariga vitoriana que viajou no tempo à procura do seu anel?* Pestanejo com força para a fazer desaparecer. Em vez disso, a sombra ergue-se. A criança-fantasma transforma-se num homem munido de uma lanterna e envergando uma brilhante *sweatshirt* cinzenta de *nylon*.

— Eh! — O meu grito perturbado corta o ar.

Discirno o logótipo da *Nike*, cabelo preto e uma barba espetada antes de o homem desligar a lanterna e fugir.

Se ele vai correr, caramba, eu também vou. Através do quintal, pela rua abaixo. Os pés a martelarem o chão. Ele é demasiado rápido para ser o meu monstro. Pernas jovens. Pernas de maratona. Eu ainda sou rápida, mas não tanto assim. Os chinelos batem-me contra os calcanhares.

De repente, ele abranda. Talvez esteja numa das nossas lombas históricas. A fazer pontaria. Ergo a minha arma como aviso, ao mesmo tempo que ele aciona o controlo remoto de um carro, acendendo os faróis traseiros de um *sedan* estacionado. Numa questão de segundos, ouve-se a porta do carro bater e ele desaparece numa chiadeira de pneus. Não consigo ver a matrícula.

Volto para trás. Não é um cemitério que se espalha pelo meu quintal. Estou a olhar para letreiros toscos de contraplacado. Irradiam ódio.

CABRA-DE-OLHOS-NEGROS

NÃO MATARÁS

ARREPENDE-TE!!

SANGUE DO TERREL, TUAS MÃOS

É apenas mais um maluco.

Não me sinto aliviada.

Tenho a súbita e definitiva sensação de que estou a ser observada.

Charlie.

A casa ao lado ainda está às escuras.

Os meus pés rasgam o chão a caminho da casa de Effie. Bato à porta da frente com tanta força, que alguma coisa no interior cai ruidosamente ao chão. Não obtenho resposta.

Descalço os chinelos no alpendre e corro para as traseiras. Penso no meu monstro, debaixo da minha janela. E na minha filha com o seu pijama às bolinhas.

Bato com o punho na porta das traseiras de Effie. O mesmo silêncio sufocante. Perscruto o quintal, abro a boca outra vez para gritar o nome de Charlie, mas não sai nada.

O meu olhar frenético aterra no raquítico barracão no jardim de Effie. Num espaço de segundos, abro a porta, arrancando metade da ferrugem das suas dobradiças. Charlie está agachada num canto, ao pé de dois sacos de adubo. Tem o telemóvel encostado à face, iluminando-lhe parcialmente o rosto.

— Mãe! — Em segundos, está nos meus braços.

Um carro guina na esquina. E outro. As luzes das sirenes perpassam os arbustos.

Um vulto grande caminha na nossa direção, cegando-nos com a sua lanterna.

— Sou agente da polícia. Ligou para o cento e doze?

— Sim, sou a Charlie. Esta é a minha mãe. Nós estamos bem.

Anuo, incapaz de falar. Uma conversa em surdina chega do jardim da frente.

A luz da lanterna do polícia continua a banhar-nos. Quando ele parece satisfeito com a garantia de que não estamos magoadas nem somos perigosas, vira-a para o interior do barracão.

A luz tremula como água nos cantos, para cima e para baixo ao longo das paredes.

Ele não vê nada de estranho, porque tudo o que vê lhe parece normal.

Filas seguidas de enxadas de jardim.

Penduradas ordeiramente, ocupando cada centímetro quadrado de espaço.

TESSIE, 1995

— Acreditas no Diabo, Tessie?

Boa. Já não me bastava a tia Hilda com esta conversa.

— Falo num sentido muito metafórico. Hoje, quero falar sobre o assassino das Susanas-de-Olhos-Negros. Acho que, quando depuseres, ajudava se o percebesses um pouco melhor. Ter consciência de que ele é de carne e osso, e não um mito. Que não é o bicho-papão nem um *troll* que vive debaixo de uma ponte.

O meu coração bate um pouco mais depressa. A minha mão passa instintivamente pelo alto que tenho por cima do seio esquerdo, o pedaço de metal debaixo da pele que mantém o meu coração a bater a um ritmo mínimo de sessenta pulsações por minuto. Passo um dedo nervoso por cima da cicatriz de oito centímetros. Lydia já anda à procura de um biquíni com uma alça que a tape.

— Nós não sabemos nada sobre aquele tarado — afirmo, tensa. — Nunca

vamos saber. Ele não fala. A família diz que ele é normal. — Nunca digo o seu nome em voz alta. *Terrell Darcy Goodwin*.

— Uma vez, tratei um assassino em série — diz ele. — Foi a pessoa mais esperta e calculista presente nesta sala. Conseguia convencer uma velhota a dar-lhe um milhão de dólares, e fê-lo. Integrava-se no ambiente, mas também se destacava. Gostava de conhecer as suas vítimas e usava o que sabia delas para as aterrorizar.

— O postal do porco e da margarida no hospital. — Isto sai do nada.

— Achas que foi ele que to enviou?

— Sim. Acho que foi isso que me fez ficar cega.

— Muito bem, Tessie. Que grande progresso! Quer tenha sido ele a enviar-to ou não, foi um fator desencadeador. És tu que controlas a tua mente, Tessie. Nunca te esqueças disso.

Anuo. Coro um pouco, envergonhada pelo elogio.

— O meu paciente conseguia distinguir o certo do errado, só que estava-se nas tintas — prossegue ele. — Analisava cuidadosamente o modo como devia comportar-se. Era capaz de fingir empatia, porque se sentava frequentemente em salas de espera de hospitais a observá-la. Passou um ano a vender fatos na Brooks Brothers para saber como vestir-se e falar. Recorria ao jornal para compor biografias de si mesmo à medida que se deslocava. Mas os assassinos em série cometem erros. E este tipo cometeu-os. Não conseguiu controlar-se e transportou os restos mortais das suas vítimas no porta-bagagens do carro. O que quero dizer é que eles acham que não são humanos, mas são.

— Continuo sem entender... o porquê.

— Ninguém sabe exatamente. Talvez nunca venhamos a saber. Durante algum tempo, os médicos acreditavam que havia alguma relação com a frenologia. Com a quantidade de altos que temos no crânio. O meu paciente acabou por revelar-se um lugar-comum. Culpava a mãe.

— Porque...

— Estamos a desviar-nos um pouco do assunto.

— Tentou curar esse tipo? — provoco-o. *Ou estava a tentar descobrir se era ele que tinha levado a sua filha?*

— Sim, contra todas as probabilidades e contra todas as regras da psiquiatria, tentei perceber se isso era possível. Mas não correu bem. Ele é um psicopata, Tessie. E é perfeitamente feliz assim.

TESSA, NA ATUALIDADE

Jo pediu-me que me encontrasse com ela no Trinity Park, perto de um dos trilhos de corrida, a cerca de um quilómetro do lago dos patos. Parece-me um bocado estranho. É demasiado perto da ponte. Coincidência a mais. Será que mais alguém me viu a cavar ali, além de um delinquente juvenil que estuda em casa? Andará Bill a contar a Jo tudo o que lhe digo?

Esta manhã, as Susanas estão em silêncio. Isso acontece às vezes, quando a minha paranoia dá origem a um furacão tão intenso, que elas não conseguem recuperar o fôlego.

O meu corpo não parou de se agitar desde sábado à noite, quando peguei na minha arma e a apontei a uma sombra fantasmagórica no relvado à frente de casa. No domingo, tentei recompor-me e repor a normalidade na vida da minha filha. Telefonei a Bill e pedi-lhe que, por favor, não voltasse a aparecer à minha porta com bebidas alcoólicas. Que tinha sido um erro. Que tínhamos deixado as emoções exacerbadas levarem-nos para a cama e que a cientista sueca ou a

assistente do delegado do Ministério Público eram parceiras mais adequadas para ele.

Fez-se um silêncio pesado, após o que ele disse:

— Nós não tocámos nas bebidas. E tu és perfeitamente adequada.

Mais tarde, eu e Charlie percorríamos os corredores do Walmart à procura de gel azul para o cabelo, pimenta em grão, alcaçuz e feijão-de-lima, para a sua recriação em 3D de uma célula animal. Ela foi tagarelando acerca de como era possível transformar *Fruit Roll-Ups* em complexos de Golgi. Escutei pedaços de conversas ao pé de mim, que flutuavam sob as luzes fluorescentes como música *country*. Na secção dos congelados, *O meu irmão perdeu a casa*, junto às batatas fritas, *Deus há de mostrar um caminho*, e *O pai vai matá-lo*, à frente do vinho empacotado. Era apaziguador, porque me parecia que havia poucas pessoas no Walmart a fingirem que está tudo bem ou que o mundo vai acabar só porque elas *não estão* bem. Empurrei o meu carrinho por entre aquele guisado de infortúnios, pontapés no rabo diários e a boa velha tenacidade. Ninguém no Walmart queria saber quem eu era. Cheguei a casa com dez batatas compradas por um dólar e noventa e nove centimos, e fui desencantar a receita de creme de marisco da minha mãe. Todo este esforço com vista à normalidade pareceu resultar: Charlie enfiou-se debaixo do seu edredão felpudo ao fim da noite, cheia de amido e pedaços de *bacon* e confiante de que o nosso mau da fita era apenas um distribuidor de letreiros cobarde que não sabia gramática.

Agora, é segunda-feira de manhã e apetece-me recusar o encontro com Jo, mas não posso. Assim que Charlie sai para a escola, ato os meus *ASICS*, prendo o cabelo num rabo de cavalo, tudo isto em gestos zangados. Acordei com uma necessidade profunda e persistente de correr, de transpirar até me libertar do último vestígio de veneno. Correr é a única coisa que funciona sempre. Ainda consigo correr seis quilómetros sem o meu tornozelo começar a doer e depois mais três só para o provocar. Mas primeiro Jo.

A orla sul do parque está praticamente deserta quando estaciono o meu jipe ao lado de um reluzente *BMW* prateado. É o único carro no parque de estacionamento que serve uma pequena área para piqueniques. Quando fecho a minha porta, espreito para o interior do *BMW*. Um saco do Taco Bell e uma lata vazia de refrigerante atirados para o chão. Em cima da consola, uma mão-cheia de moedas misturadas com um bilhete de cinema. Bastante inocente. Quando contorno o carro no caminho para o trilho, olho para a matrícula: *DNA 4N6*.

Sim, é decididamente o carro de Jo. Repito em voz alta: *DNA 4N6*.

4N6? Tento de novo. *DNA Foreign Sex*. Hum, talvez não, mas isso distrai-me da arma que trago à anca e das coisas que uma médica dos ossos trará na bagageira do seu carro.

No horizonte, uma longa linha negra. A frente fria prevista e a descida de dez graus ao fim do dia. Uma mulher com cerca de sessenta anos e vestida de cor-de-rosa passa por mim em passo acelerado, a dar impulso aos braços e afastando-se rapidamente. Paro junto a um sem-abrigo enrolado em posição fetal, a dormir em cima de uma mesa de piquenique de cimento, junto a um carrinho de compras carregado de lixo útil. Enfio uma nota de dez dólares bem fundo na caneca vazia que ele estende. Não se mexe.

Faço isto sempre que posso. Por Roosevelt. Obriguei Lydia a ir visitá-lo na sua esquina quando me encontraram, porque sabia que estaria preocupado. Nunca cheguei a despedir-me dele. Foi encontrado morto encostado a uma árvore, como se tivesse adormecido ali, uma semana antes do julgamento.

DNA 4N6. *Four-en-six. Forensics!* Sou uma idiota.

Acelero o passo quando vejo Jo, que está precisamente onde me tinha dito que estaria — debaixo de um carvalho que serve de marco e do qual se diz ter sido em tempos uma árvore onde se faziam enforcamentos. Ela está sentada de pernas cruzadas num banco, a beber água de uma garrafa verde de neopreno, com um autocolante vermelho de perigo ambiental. O seu blusão *North Face* exhibe o logótipo do CSI Texas. Calculo que a garrafa e o blusão tenham sido brindes de uma conferência de ciência forense.

— Obrigada por se encontrar comigo aqui. — Descruza as pernas esguias e dá uma palmadinha no banco, fazendo-me sinal para me sentar a seu lado. — Estive o fim de semana todo a trabalhar no laboratório e precisava de apanhar ar. Soube o que se passou em sua casa. A polícia apanhou-o?

— Não, eu não o vi bem. Há uma *newsletter* contra a pena de morte que menciona o meu nome com frequência, e por isso a polícia está a pesquisar nessa lista de *emails*. A autora postou a minha morada na sua última publicação acerca do caso do Terrell. Mas não tenho esperança. Já passei por isto antes.

— É estranho e assustador que estas pessoas... a tomem como alvo. — Ela não o diz, mas sei que está a pensar nisso. *Como vítima*.

Encolho os ombros, habituada.

— O julgamento desencadeou muita raiva. E o porta-voz do júri foi muito direto ao dizer publicamente que o caso se tinha decidido graças ao meu depoimento. — *Apesar de eu fazer simplesmente parte do cenário*.

Ela anui, compreensiva. Não quero falar do que aconteceu no sábado à noite. Já basta os acontecimentos não pararem de girar dentro da minha cabeça. Charlie agachada no barracão debaixo de uma variedade compulsiva de enxadas de jardim. A polícia, por eu ter insistido, a arrombar a porta das traseiras de Effie. Ela adormecera na sua poltrona com os *headphones* antirruído comprados no eBay.

— Para tentar calar as vozes, sabes? — dissera-me num tom conspiratório, enquanto um dos agentes fazia buscas pela casa.

Por um breve instante, pensei que também estivesse a referir-se àquelas que soam dentro da minha cabeça, mas os olhos dela não paravam de olhar ao redor, qual felino feroz. O mais provável é que o ladrão de enxadas da menina Effie viva debaixo do seu próprio teto. Por isso, não falei do assunto à polícia e não encontrei uma maneira de o abordar com Effie.

— Achei que lhe faziam falta algumas boas notícias — diz Jo. — O cabelo ruivo encontrado perto do campo? A análise do ADN mitocondrial dá-nos uma probabilidade de 99,75 por cento de não ter saído da sua cabeça. E também não há evidências da existência de ADN do Terrell no casaco.

— Isso é suficiente para que ele tenha um novo julgamento? — Pergunto-me se ela terá falado com Bill.

— Talvez. Ou talvez não. Há uma lei relativamente recente no Texas que permite aos prisioneiros pedirem recurso de um caso em que a tecnologia científica possa lançar uma nova luz sobre evidências antigas. Mas eu falei com o Bill esta manhã. Ele já passou por esse processo com clientes que estão no corredor da morte e está bastante seguro de que um fio de cabelo ruivo e um perito desleixado que usou ciência da treta não serão o suficiente para convencer os tribunais de apelação a reverterem qualquer decisão. Ele quer dar ao juiz mais alguma coisa. Infelizmente, os únicos álibis do Terrell para a noite do desaparecimento da Hannah Stein são a mãe e a irmã dele. E a polícia não conseguiu estabelecer nenhuma relação entre a Hannah e a Merry Sullivan. É claro que eles não estão exatamente do lado do Terrell... andam mais focados em identificar as raparigas por causa das famílias e em livrarem-se da comunicação social de cada vez que se aproxima mais um aniversário do caso. Trabalham a pedido do procurador, que quer ter direito a algum tempo de antena. Por acaso, viu a conferência de imprensa dele acerca da Hannah? — Percebo que não está à espera de uma resposta. — Apanhar o verdadeiro assassino... bem, que rico bónus seria para *nós*.

A sua amargura surpreende-me.

— Desculpe. — Jo sorri. — Normalmente, sou a pessoa que acha que toda a gente está a dar o seu melhor. Gostaria que o Bill e a Angie me tivessem procurado mais cedo. — Assume uma expressão reflexiva. — Estou a tentar mais uma coisa, na tentativa de identificar as outras duas raparigas. Só não sei se temos tempo para isso.

Apesar da minha resolução de me afastar do caso, sinto um soco implacável nas entranhas. *Sou eu que tenho as respostas*, insistira uma das Susanas no outro dia no laboratório. Seria a dona do crânio partido? Ou a nova rapariga

encontrada e perdida na pilha de ossos?

— Um geólogo forense que conheço em Galveston está a analisar as evidências ósseas — continua Jo. — Talvez seja capaz, com fortes probabilidades, de conseguir delimitar a área ou áreas geográficas onde as raparigas viviam. E então poderemos verificar os casos de raparigas desaparecidas nesses locais.

— Já vi *websites* para onde podemos enviar uma amostra do nosso ADN e eles descobrem a nossa linhagem. Tem alguma coisa a ver com isso?

— Não, não tem mesmo *nada* a ver. Este geólogo vai recorrer à análise de isótopos para examinar os elementos presentes nos ossos e tentar fazê-los corresponder a uma região. É uma ferramenta que ainda está em fase embrionária de desenvolvimento na área da identificação forense. Foi usada pela primeira vez no torso de um rapaz encontrado a flutuar no rio Tamisa há mais de uma década. Os cientistas conseguiram identificar as suas origens na Nigéria.

— E isso ajudou a identificar o rapaz? A apanhar o assassino?

— Não. Ainda não. É um processo em curso. Quando experimentamos tecnologias novas, cada caso é um passo ínfimo numa estrada de milhões de quilómetros. — A voz dela suaviza-se. — Fazemos parte da terra de uma maneira tão íntima, Tessa! Do passado remoto. Armazenamos isótopos de estrôncio nos nossos ossos, na mesma proporção que as pedras e o solo, a água, as plantas e os animais do sítio onde vivemos. Os animais comem as plantas e bebem a água. Os humanos comem animais e plantas. O estrôncio é transferido em cadeia e armazenado nos nossos ossos numa proporção única para cada região. — A simplicidade das suas explicações surpreende-me sempre; imagino que seja uma excelente professora. — O problema é que o mundo é muito grande. E a base de dados que temos neste momento no que toca à identificação de regiões geológicas é relativamente escassa. É mais um tiro no escuro.

Jo fica em silêncio. Ainda não se tornou claro porque quis encontrar-se comigo no parque.

— Conte-me mais uma vez como é que lida com todos esses becos sem saída — digo finalmente. — Há tanta futilidade. Nunca pensa que não suporta mais?

— Podia fazer-lhe a mesma pergunta.

— Mas *escolheu* fazer isto.

— Eu diria que fui escolhida. Desde os catorze anos que sei que é isto que devo fazer. É por isso que, quando um miúdo me diz que há de jogar como terceira base pelos Yankees, não duvido dele. Alguma vez ouviu falar dos homicídios das escuteiras no Oklahoma?

— Não — respondo, apesar de despertar uma vaga memória. Lydia saberia.

— Todos os cientistas têm um caso antigo que os persegue durante anos. Esse

foi o meu. Andava no liceu quando três escuteiras foram levadas da tenda a meio da noite, num acampamento perto de Tulsa. Foram violadas, assassinadas e abandonadas a céu aberto. Um homem da região, que tinha sido um jogador de futebol universitário muito conhecido, foi acusado, julgado e declarado inocente. Na altura, recolheram-se amostras de ADN, mas não havia tecnologia para as analisar. E, antes que me pergunte, essas amostras agora já estão demasiado degradadas para poderem ser usadas. Recorri aos meus contactos para ver todas as fotografias da cena do crime e ler tudo o que constava nos relatórios policiais e nos exames forenses. A questão é que, se eu pudesse teletransportar-me de volta a 1977, poderia dar algumas respostas àqueles pais. E isso acontece porque os cientistas que trabalham em laboratórios continuam a tentar fazer coisas fúteis. O meu trabalho passa-se tanto no presente como no futuro.

— Entendo — assinto. — É possível que não haja respostas para o meu caso. Durante anos. Porque é que me pediu especificamente para vir a este parque? Só para me pôr a par dos desenvolvimentos? — Isto sai-me num tom rude, que não pretendia. Mas estou tão cansada...

— Não, só queria dizer-lhe... assegurar-lhe que pode sempre contar comigo. Não quero que se sinta sozinha, nunca.

Na verdade, o que ela está a dizer é: *Não ande por aí a escavar sozinha. Nem neste parque, nem em lado nenhum.*

— Alguma vez lhe ocorreu que eu também possa precisar de si, Tessa? Que não seja tão forte como me imagina?

O primeiro sussurro da frente fria agita as árvores.

— Lori, Doris, Michele — diz ela baixinho. — São os nomes das escuteiras mortas. As *minhas* Susanas.

TESSIE, 1995

— Estou a pensar em não depor.

Isto soou muito mais desafiador quando treinei em frente ao espelho esta manhã, com a escova de dentes na mão e bolhinhas azul-claras a escorrerem pelo canto da boca.

Eu NÃO vou depor, doutor Vega.

Assim está melhor.

Abro a boca para repetir com mais ênfase, mas o delegado do Ministério Público está a fazer a sua ronda de tigre à volta do consultório, completamente desinteressado naquilo que eu *penso*. O médico debruça-se sobre a secretária com uma pilha de dossiês, certamente a ouvir cada palavra. Ele é o mestre de permanecer imóvel.

— Ouviu o que eu disse? Penso que não tenho nada de importante a acrescentar. Eu *não tenho* nada de importante a acrescentar — gaguejo.

Benita dirige-me um sorriso benevolente que me diz claramente que estou

tramada. Tanto ela como o doutor Vega estão aqui para rever o meu depoimento. É a primeira vez que querem ensaiar os pormenores sórdidos. Esperaram este tempo todo porque o doutor Vega quer que eu pareça o mais espontânea possível. Como faltam menos de duas semanas para o julgamento, acho que estou a ser bastante espontânea.

— Tessie, eu sei que isto é difícil — diz ele. — Aquilo que temos de fazer é levar o júri contigo para aquela campá. Mesmo que não te lembres de pormenores acerca do assassino, forneces o contexto. Tornas a história real. Por exemplo, a que cheirava o sítio onde estiveste estendida?

O meu reflexo de vômito é tão intenso, que até ele, o calejado advogado de acusação, reage. Tenho a certeza de que fez isto de propósito, para avaliar de que maneira este melodrama afetará o júri. Continuo a achar que é o bom da fita. Mas mudei de ideias. Não quero depor por ele. Não consigo, não *vou* sentar-me à frente do meu monstro.

— Está bem, já lá voltamos. Fecha os olhos. Estás na campá. Vira a cabeça para a esquerda. O que vês?

Viro a cabeça para a esquerda com relutância.

— A Merry.

— Ela está morta?

Abro os olhos e dirijo o olhar para o médico a pedir ajuda, mas ele está ocupado a teclar no computador à sua secretária. *Minto? Ou digo ao advogado que a Merry falou comigo? Não é coisa que vá prejudicar o caso, com certeza.*

Se eu depuser. Coisa que não vou fazer.

— Não sei se está morta ou não. — *A verdade.* — Os lábios dela estão azul-acinzentados... mas algumas raparigas usam batom azul. É gótico.

Não sei porque disse isso. Não havia nada de gótico em Merry, que tocava clarinete e frequentava a igreja, a não ser quando estava deitada ao pé de mim numa sepultura, qual adereço de um filme de terror.

— E mais?

— Ela tem os olhos abertos. — *Havia coisas a morderem-na, mas nem sempre.*

— A que é que te cheira?

Engulo em seco.

— A alguma coisa estragada.

— É difícil respirar?

— Parece que estou... numa casa de banho portátil.

— Tens frio? Calor? Responde o melhor que conseguires, respostas descritivas.

— Estou a suar. Dói-me o tornozelo. Penso se ele me terá cortado o pé. Quero

olhar, mas de cada vez que levanto a cabeça parece que ela vai explodir, sabe? Tenho medo de desmaiar.

— Gritas por socorro?

— Não consigo. Tenho terra na garganta.

— Mantém os olhos fechados. Vira a cabeça para a direita. O que vês?

Dói-me quando viro a cabeça. Mas é mais fácil respirar.

— Vejo... ossos. O meu batom *Pink Lemonade*. Não tem a tampa. Não a vejo. Um *Snickers*. Uma moeda de vinte e cinco cêntimos. De 1978. Três moedas de cêntimo.

Subitamente, a fotografia no interior da minha cabeça ganha vida. Há formigas por todo o lado, doidas com o cheiro a açúcar do meu *lip gloss*. Uma mão estende-se para o *Snickers*. Sei que é a minha mão, porque está sarapintada de sardas e tem as unhas curtas, arranjadas e cuidadosamente pintadas de azul com verniz *Hard Candy Sky*. A cor é quase a mesma dos lábios de Merry. Quando abro o chocolate com os dentes, sinto o sabor a sangue, a terra, a manteiga de amendoim e a bília. Os ossos das restantes Susanas gritam-me palavras de encorajamento. *Mantém-te forte. Força*.

— Lembro-me de ter comido o *Snickers* — digo. — Embora não quisesse. — *Mas as Susanas insistiram*.

— Não me lembro de teres falado nalgumas dessas coisas antes. Estás a lembrar-te de mais pormenores? Alguma coisa acerca dele? A cara? Cor do cabelo? Seja o que for?

Não consigo perceber na voz do doutor Vega se isso seria bom ou mau.

Porque estarei a lembrar-me destas coisas agora? Ninguém me pede que o faça, mas volto a fechar os olhos. Viro a cara na direção do céu noturno, mas não há estrelas. O sol está a brilhar. Estou fora da campa. Estou noutra sítio qualquer, um lugar muito iluminado, com Merry e as Susanas. Merry dorme, mas as outras estão a sussurrar, a tagarelar, excitadas, a traçarem um plano. Uma delas está debruçada sobre mim. Há um anel pendurado no dedo do esqueleto, mas falta-lhe a pedra. Com os pequenos ganchos de ouro do anel, ela esculpe uma meia-lua na minha face, e não me dói absolutamente nada. Não há sangue.

Apanha-o, diz-me ela. Nunca te esqueças de nós.

Sei que isto não é real, apesar de o laboratório ter encontrado sangue do meu grupo sanguíneo, e não do de Merry, nos ganchos do anel enfiado no dedo do esqueleto de uma das Susanas. Eles calculam, com muita lógica, que caí em cima do anel quando fui atirada para a vala.

Tenho de parar com isto, antes de cair outra vez dentro do buraco e não conseguir sair nunca de lá.

— Eu não vou depor. Nem por si nem por elas.

O doutor Vega inclina a cabeça para o lado, preparado para disparar a próxima pergunta.

— Você ouviu a Tessie. — O médico ergueu a cabeça. — Esta sessão terminou.

TESSA, NA ATUALIDADE

Fiquei a ver Jo desaparecer no carreiro e com a certeza de que não iria voltar. Passei a correr pelo sem-abrigo, encolhido de costas contra o vento gelado. Encaminhei-me tropegamente até ao jipe. Tranquei-o. Inclinei-me sobre o volante e surpreendi-me ao romper em lágrimas. Eis o que acontece quando alguém me oferece bondade, compaixão e companheirismo.

Conduzi em piloto automático até chegar a este consultório, o último sítio onde me imaginava esta manhã. A sala é pequena, com paredes brancas, e ligeiramente fria. À minha frente, encontra-se sentada uma mulher nervosa com cerca de trinta anos, ansiosa por começar uma conversa quando eu parar de fingir que estou a ler esta revista e finalmente estabelecer contacto visual.

— É difícil, não é? Quando o nosso filho está a sofrer? A minha filha está ali dentro neste momento.

Esta mulher precisa de alguma coisa de mim. Com relutância, ergo o olhar e vejo-a a absorver tudo. Os meus olhos, vermelhos e inchados. A cicatriz. Anuo

em concordância e compassivamente, espero que a conversa fique por ali e volto ao título da notícia: *É errado pagar às crianças para comerem vegetais?*

— A doutora Giles é fantástica... no caso de estar aqui para uma primeira consulta com o seu filho. — Ela não desiste. — A Lily está com ela há seis meses. Recomendo-a vivamente.

Fecho a revista com cuidado e volto a arrumá-la no leque perfeito de material para leitura, à disposição sobre a mesa de centro.

— A criança sou eu — respondo-lhe.

Confusa, a mulher contorce o rosto.

A menina que deve ser Lily sai da porta antes fechada, vestida num festival estonteante de cores vivas. O lado direito da cabeça está acoplado a um enorme laçarote cintilante. Apesar do esforço que faço para desviar a atenção, sou atraída pelos seus olhos castanhos, singelos e inocentes.

E pelo sorriso. Conheço aquele sorriso, porque já o exhibi. É daqueles que requerem a utilização de treze músculos e se assemelham a todos os sorrisos à nossa volta, dando-nos uma aparência perfeitamente normal e feliz. Só que eu sei que Lily está aterrorizada.

A doutora Giles está ligeiramente atrás dela e, diga-se em seu abono, não parece minimamente surpreendida por me ver.

— Dê-me só um momento, Tessa, está bem? Tenho cerca de vinte minutos antes da minha próxima consulta.

— Sim, claro.

Sinto uma onda de calor invadir-me o rosto. Não é nada típico em mim aparecer assim às pessoas, pessoas atarefadas, sem avisar. Recordo a mim mesma que ainda não lhe paguei um centimo que fosse.

A doutora Giles estende a mão para a mãe de Lily.

— Senhora Tanger, hoje passámos uma manhã particularmente agradável. E tu, Lily, vais fazer-me um desenho para a próxima vez?

A menina acena a cabeça em concordância, enquanto os olhares da médica e da mãe se cruzam numa troca silenciosa. Parece que estou a ver o rosto do meu pai outra vez. *Esperança, preocupação, esperança, preocupação, esperança, preocupação.*

A doutora Giles faz-me sinal para entrar na selva quente que é o seu gabinete. Sento-me numa das cadeiras almofadadas. Não ensaiei o que vou dizer. Acho que ver Lily me sugou a raiva quente e egoísta que sentia, mas estou enganada. De repente, as minhas mãos começam a tremer.

— Quero acabar com isto. — As palavras são ditas uma a uma, compassadas. Uma exigência, como se a doutora Giles tivesse alguma culpa.

— Acabar com um assunto é algo que não existe — responde-me ela

delicadamente. — Apenas existe... uma tomada de consciência. De que não é possível voltar atrás. De que conhece uma verdade acerca dos acasos da vida que a maior parte das pessoas desconhece. — Debruça-se na minha direção. — Talvez ainda tenha de o perdoar. Tenho a certeza de que já ouviu isto antes. O perdão não é para ele. É para si.

Se tivesse arranhado a ardósia atrás dela com as unhas, o resultado seria o mesmo. O desenho incomoda-me, aquele fantasma sumido de uma figura estilizada que continua a pairar por ali, meio apagada. O sol feliz. A flor com o olho centrado.

— Não consigo imaginar-me a perdoá-lo.

Os meus olhos continuam colados à flor desenhada no quadro. Quero pegar no apagador e esfregar até ficar tudo preto outra vez. Quero o quadro limpo.

— Nesse caso, vamos imaginar que há uma maneira de encerrar o assunto. Como acha que seria? E se ele... como é que lhe chama?

— O meu monstro. — A minha voz é tão baixa e cheia de vergonha, que me pergunto se ela consegue ouvir. *Qual é a mulher adulta e mentalmente sã que continua a falar de monstros?*

— Certo. Então e se o seu monstro abrisse a porta neste momento e entrasse aqui? E se sentasse e confessasse tudo. A Tessa via a cara dele. Sabia o seu nome, onde ele cresceu, se a mãe o amava, se o pai lhe batia, se era popular na escola secundária, se gostava do cão ou se o tinha matado. Imagine que ele se sentava aí mesmo nessa cadeira a metro e meio de si e respondia *a todas as suas perguntas*. Isso faria alguma diferença? Há alguma resposta que a satisfizesse? Que a fizesse sentir-se melhor?

Fico a olhar fixamente para a cadeira.

A minha arma parece um cortador de biscoitos metálico contra a minha pele. Apetece-me dispará-la bem para o meio do tecido. Ver o estofado branco explodir.

Eu não quero conversar com o meu monstro. Só quero que ele morra.

TESSIE, 1995

— Estou nervosa — diz Benita, com a voz trémula.

Trata-se de uma *sessão de emergência*. Mandaram Benita fazer sozinha o trabalho sujo. Ainda não passaram vinte e quatro horas desde que anunciei que não iria depor.

Ela não tem os olhos maquilhados, o que só pode ser sinal de que alguma coisa está muito mal. Continua a ser muito bonita, mas agora parece a miúda gira da escola preparatória, em vez da miúda gira da secundária. Só sei que não quero ser aquilo que assusta Benita. Ela tem sido muito querida e boa comigo. Até o nome dela significa *bendita*.

Benita detém-se bruscamente ao pé da janela.

— Supostamente, estou aqui para te convencer a depor. O doutor Vega e o teu médico acham que nós temos uma espécie de ligação por sermos ambas raparigas. Para ser sincera, não tenho a certeza acerca do que deves fazer. Estou a considerar ir trabalhar para a loja de armários do meu tio.

Uau. Desta, não estava à espera.

— Eles querem que eu te pergunte qual é o teu maior receio. — Deixa-se cair na cadeira do médico e olha-me de frente pela primeira vez. — Disseram-me para me sentar *aqui*. Que devo convencer-te de que nunca mais irás perdoar-te se não depuseres, por muito difícil que seja. Por isso, se me puderes dizer qual é a coisa de que tens mais medo por ires a tribunal, seria excelente. Para eles pensarem que pelo menos tentei.

Os seus olhos ternos estão rasos de lágrimas. Penso que não deve ser a primeira vez que chora esta manhã. Quero levantar-me e abraçá-la, mas isso poderia quebrar outro código de ética, e ela já infringiu alguns nesta sala.

— Ouvi dizer que este advogado de defesa espreme as pessoas até elas ficarem reduzidas a um farrapo. — Falo lentamente. — A minha amiga Lydia leu essa frase no jornal a propósito dele, Richard Lincoln. E ouviu o pai dizer à mãe que toda a gente lhe chama «Dick, o idiota». Ele é capaz de levar o júri a pensar que mereci isto. Ou que estou a inventar coisas.

— O advogado de defesa é um idiota — concorda Benita, mantendo os dedos indicadores debaixo de cada um dos olhos para evitar que as lágrimas se derramem.

Sem olhar para a caixa, pego num lenço de papel e entrego-lho. A caixa está sempre à minha espera na mesa pequena situada ao lado do meu cotovelo, sem nunca estar desviada um centímetro que seja.

— E eu não quero estar na sala com... o tipo que fez isto — prossigo. — Com ele a olhar para mim o tempo todo. Não consigo imaginar nada pior. Não quero que ele volte a sentir que tem poder sobre mim.

Ela limpa os olhos.

— Eu também não quereria. Deve ser aterrador.

— O meu pai vai lá estar. Não quero expor os pormenores todos, percebe? Pensar naquilo, *falar* sobre aquilo, dá-me vontade de vomitar. Até consigo imaginar-me a vomitar no banco das testemunhas.

Ela respira fundo.

— No ano passado, trabalhei num caso terrível quando estava a fazer estágio. Uma menina de doze anos tinha sido molestada por uma tia de sessenta e cinco que não conseguia sair de uma cadeira de rodas. Foi uma confusão. A própria família estava dividida em relação a decidir se acreditava ou não na rapariga. — Relutantemente, olha mais uma vez para mim. — Vês, tu também já estás na dúvida. O doutor Vega foi o advogado de acusação. Ele é brilhante. Conseguiu que ela descrevesse como a tia movia a cadeira de rodas durante... os atos. Ninguém duvidava dela quando desceu do banco das testemunhas.

— E o júri condenou a tia dela?

— Sim. O Texas é terrível com os abusadores de crianças. Há de morrer na prisão.

— A rapariga ficou contente por ter deposto?

— Não sei. A seguir, parecia bastante arrasada. — Benita oferece-me um sorriso débil. — Tenho pensado que vender armários deve ser muito mais simples, sabes? Abrem. Fecham.

— Sim — respondo. — Mas você é boa a fazer isto.

TESSA, NA ATUALIDADE

— Porque é que o Obama precisa de saber o raio da medida da minha cintura?

Effie atravessa o relvado apressadamente, envergando as suas calças de pijama dos Texas Rangers e uma blusa de seda cor-de-rosa com folhos, a gritar e a acenar um pedaço de papel. Charlie e eu acabámos de chegar a casa, depois de termos ido à Ol' South Pancake House logo que ela saiu das aulas para um jantar antecipado. Há dias em que penso quanto tempo ficará Effie a olhar pela janela até eu e Charlie aparecermos à porta de casa, e pergunto-me se o tempo terá algum significado para ela. Espero bem que não.

Estou certa de que tivemos ambas um longo dia a tentar recordar, mas não sei se estou com paciência para Effie. Dói-me a cabeça, apesar da dose de açúcar dos doces que comi. Ela vem ao nosso encontro no alpendre, ofegante, a bater com o dedo na carta datilografada.

— Diz aqui que ele quer que eu lhe diga o meu peso, a medida da minha cintura e se gosto de fumar ou beber. Nós não estamos propriamente a namorar.

Se bem que, de vez em quando, não me importo nada de beber um uísque com gelo e fumar um cigarro na companhia de um negro atraente.

Uma camada de sombra verde nos olhos, duas rosáceas de *blush* e os brincos de pérolas de imitação que traz nas orelhas são evidências definitivas de que Effie hoje foi à rua. Os brincos de pérola saem da gaveta todos os domingos para ir à missa, mas o brilho nas pálpebras indicia que ela esteve a competir com as senhoras da sociedade histórica. Effie comenta frequentemente que elas andam demasiado «enfeitadas».

Abro-lhe a porta. Charlie segue-nos, equilibrando cuidadosamente uma caixa de plástico carregada com um mar de gel azul para cabelo e produtos alimentares criteriosamente selecionados.

Effie cheira o ar intencionalmente.

— Foi para o meu projeto de construção de uma célula animal em 3D — diz-lhe Charlie. — Está a começar a apodrecer.

— Bem, pausa-a aqui na bancada e vamos dar uma espreitadela.

As palavras *célula animal* e *3D* fazem com que Effie ignore o mau cheiro e levante a tampa com entusiasmo. Charlie retira-lhe a carta ofensiva da outra mão.

— Menina Effie, esta carta é da sua seguradora. — Charlie começa a ler. — Vão oferecer-lhe uma dedução de cem dólares e um cartão da Amazon no valor de vinte e cinco dólares se preencher este formulário e os valores lhes agradarem. Também querem saber o seu colesterol.

— Raio de espões, todos eles. — Effie espeta o dedo na cloaca azul. — Querida Charlie, adiciona o *1984* na tua lista de leituras. O homem era um profeta. Eu tinha uma cintura de cinquenta centímetros. Talvez escreva isso na tabelazinha deles. E a seguir chamo a polícia e processo-os por assédio sexual quando mandarem alguém com uma fita métrica. — O seu dedo continua a inspecionar o conteúdo da caixa. — Gel de cabelo para o citoplasma? Menina esperta. Que nota é que tiveste neste trabalho?

— Quatro. O que é muito bom, com esta professora. A média da disciplina dela ao longo de vinte e seis anos de carreira é um três.

— Bem, eu diria que isso é sinal de que é má professora. Porque é que não te deu cinco?

— Por causa do núcleo. Usei um enfeite de Natal de plástico transparente do Hobby Lobby.

— Pois, e a membrana nuclear não é rígida. Hum. Acho que tenho de lhe dar razão nisso.

— Mãe, deito isto na compostagem? O frasco de gel dizia que é cem por cento natural.

— Neste momento, tem mais o aspeto de arma biológica. Deixo que sejas tu e a tua vizinha cientista a decidirem. Vou vestir o fato de treino. — E tomar duas aspirinas.

Percorro o corredor às escuras e acendo a luz do meu quarto. Está um homem a dormir na minha cama. De costas para mim. Ainda assim, o tempo de reação dele é melhor do que o meu. Olho para baixo e tato a arma que trago à cintura, mas ele já saltou dois metros desde a cama, tapou-me a boca com a mão e abafou o meu grito.

Debato-me. O outro braço dele pressiona as minhas costas de encontro a um peito brutal. *A Charlie está em casa.*

— Chiu. Está bem?

Paro de me contorcer. Anuo. Ele solta-me e eu afasto-me, a cambalear. Dou comigo a olhar furiosa para o pai de Charlie.

— Credo, Lucas — sibilo. — Assustaste-me. Como é que apareceste aqui? Porque não bates à porta como as pessoas normais?

Ele fecha a porta do quarto.

— Desculpa, era para te ter enviado uma mensagem quando cheguei. Foi uma viagem de vinte e nove horas, que envolveu turbulência e um piloto do exército que estava a gostar daquilo um pouco de mais. O táxi deixou-me aqui há duas horas. A tua cama estava muito confortável. Adormeci imediatamente. Sou capaz de ter deixado areia nos teus lençóis. — A cara dele está mais perto da minha do que é preciso. — Cheiras a crepes de morango.

Por momentos, lembro-me da sensação de estar enrolada num *burrito* de músculo militar. E a seguir sinto outro nó no estômago, por Bill. Já me enviou duas mensagens hoje. *Como foi o teu dia?* E, cerca de duas horas depois: *Vá lá, menina da borboleta, fala comigo.*

— Mais uma vez, porque é que estás aqui? — Tento manter-me firme.

— Tive uma conversa perturbadora com a Charlie no Skype. Depois da vossa noite com um terrorista doméstico.

— Ah. — Sento-me aos pés da cama. Charlie não me disse que tinha contado ao pai, mas porque não haveria de contar?

Lucas deixa-se cair ao meu lado e põe-me o braço por cima dos ombros.

— Achei que eras capaz de estar a precisar de mim, mas com receio de pedir. E também estou a tentar respeitar os teus limites parentais. Se achares que não devia estar aqui, vou-me embora. A Charlie não precisa de saber. Posso sair sorrateiramente, tal como entrei.

— Que presumo ter sido pela porta da frente.

— Bem, sim. És paranoica em relação a tudo, menos com o teu código de segurança. Devias mudá-lo com maior frequência do que de cinco em cinco

anos.

— Não.

— Não, o quê?

— Não, não quero que saias sorrateiramente. A Charlie deve saber que aqui estás. — *Que vens quando ela precisa.*

Eu conhecia Lucas. Pouco importavam as suas falinhas-mansas. Ele não se iria embora assim com tanta facilidade depois de ter atravessado um oceano para vir ver a filha.

Baixou a mão até à minha cintura. A tentar distrair-me. Levanta a ponta da minha blusa, enfia o dedo e puxa pela pistola.

— Precisas de praticar a tua rapidez a sacar. Não deves andar com uma arma se não consegues tirá-la das calças.

Tento retorquir, mas não consigo.

— Que tal um treinozinho amanhã? — pergunta-me.

Já não me dói a cabeça. Se ainda acreditasse em Deus, diria que este homem foi um presente divino.

Lucas nunca questionou a minha sanidade e nunca me disse «não».

Coloca-me a arma na mão.

— Arruma-a.

— Preciso de um favor amanhã de manhã — digo-lhe.

— Que implica o quê?

— Cavar.

O meu quarto está às escuras, à exceção do brilho do *iPad*. Estou encostada a um monte de almofadas. Tenho um copo de vinho em cima da mesinha de cabeceira, ao alcance da mão. Lucas está deitado no sofá a ressonar e o conteúdo do seu saco de viagem encontra-se espalhado pelo chão da sala de estar. Charlie está a enviar mensagens de texto na cama. A competição da noite entre pai e filha, a jogarem *Assassin's Creed*, foi demasiado elucidativa para o meu gosto. Fiquei aliviada quando Lucas desligou o jogo há cerca de meia hora e aconchegou a filha adolescente na cama pela primeira vez em vários meses. Ela fingiu já ser crescida para a aconchegarem na cama, mas todos sabemos que isso não é verdade.

A escuridão é agradável, para variar. O homem deitado no sofá pegou em todas as coisas más da noite e enfiou-as debaixo da sua almofada.

Ainda assim, não fiquei descansada. Estou decidida a fazer uma pequena viagem ao passado.

Seguro a fotografia perto da luz, fazendo com que os olhos dela dancem. Um pedaço de renda espanhola cai em cascata ao longo do cabelo e sobre os ombros. Um pequeno medalhão aconchegado junto à garganta. Uma rapariga moderna transformada numa bonita noiva antiga.

Tinha recortado do jornal a fotografia do casamento de Benita há muito tempo, cerca de dois verões depois do julgamento. Contém simplesmente a informação mais básica: Benita olha embevecida para um homem muito branco com um nome muito branco. Os pais da noiva surgem identificados como senhor e senhora Martin Alvarez, e os do pai como senhor e senhora Joseph Smith Sênior.

Muito bem, Benita, também conhecida como senhora Joe Smith. Escrevo «Benita Smith» na barra de pesquisa do *iPad* e clico em «Imagens». Os primeiros vinte e cinco rostos não são de Benita Smith. A vigésima sexta fotografia é um *Mercedes* vermelho e a seguinte, a árvore de Natal de um centro comercial, seguida por uma pulseira de pérolas e pelo pé de um bebé. Mais abaixo, um móvel de cozinha com maçanetas em forma de galo pintadas de vermelho-vivo. Clico nessa página, para o caso de ela se ter dedicado mesmo ao negócio de armários do tio. Não tenho sorte. Percorro *links* infindáveis e inúteis com histórias de Benitas Smith. A seguir, vou ao Facebook e procuro Benita Alvarez Smith. Nada. Apago o nome de solteira e o Facebook dá-me centenas de Benitas Smith.

Parte de mim não quer empenhar-se demasiado nisto. *Poderá ela saber mesmo alguma coisa que ajude o Terrell? Terá ouvido alguma coisa? Suspeitado de alguma coisa?*

Há dezassete anos que deixara Benita sair da minha vida. Tinha de haver uma boa razão para isso acontecer, certo? Durante alguns meses a seguir ao julgamento, encontrávamo-nos para tomar café todas as terças-feiras à tarde. Da última vez, ela tinha renunciado a qualquer artifício oficial. Entrou no café com umas calças de ganga preta justas e uma *t-shirt* «Recordem Selenas», e a irmã de seis anos a reboque. O *Texas Monthly* fizera de Selenas a sua trágica capa naquele mês em vez de mim, pelo que ainda estava a apreciar o alívio ingénuo de já não ser novidade.

Pouco depois de Terrell ter sido condenado, a assassina de Selenas fora julgada e presa em Gatesville. Ficou confinada a uma cela exígua vinte e três horas por dia na sequência de ameaças de morte. Os fãs do *tejano* que se encontravam presos queriam que Yolanda Saldivar pagasse com a vida pelos seus pecados. Enquanto eu e Benita falávamos do assunto em surdina, a irmã dela enfiava cuidadosamente contas de plástico num atacador. Atou-me a pulseira à volta do pulso, como uma minhoca roxa e amarela.

Duvido que Benita Alvarez figure destacada nos registos oficiais do caso das Susanas-de-Olhos-Negros. Se o nome dela constar de todo, Bill e Angie terão passado por cima dele. Nunca foi entrevistada pela comunicação social. Não depôs e apenas esteve presente no tribunal nos dois dias em que subi ao banco das testemunhas. Foi uma personagem secundária para toda a gente, menos para mim, ofuscada perante o fragor de Al Vega — ou *Alfonso*, como ele se designa atualmente. O doutor Vega, cem por cento italiano, acrescentou o «fonso» para conquistar os votos hispânicos na sua primeira e bem-sucedida corrida ao cargo de procurador-geral do estado do Texas.

Quando lhe é lançada uma pergunta acerca de Terrell Darcy Goodwin, o doutor Vega declara que voltaria, *sem sombra de dúvida*, a conduzir o caso exatamente da mesma maneira nos dias de hoje. Ele enviou-me um postal quando fiz dezoito anos e um bilhete de condolências quando o meu pai morreu. Assinou ambos à mão e, por baixo do nome, escreveu: *Estarei sempre ao teu dispor*. O meu lado cínico interroga-se se aquelas palavras farão parte da assinatura que ele faz sempre para as vítimas que forçou a sentarem-se no banco das testemunhas. Mas Tessie? Tessie acredita que, se pegasse no telefone, ele estaria à sua porta numa questão de segundos.

Limpo a barra de pesquisa. Hesito, apenas por um momento. Escrevo. A maior parte da minha angústia adolescente em relação ao meu médico desapareceu. Olho para os *links* de uma vastidão de artigos bombásticos que ele escreveu para blogues e revistas científicas de psiquiatria. Desde a minha última pesquisa, há mais um. «O caso amoroso de Colbert: por que razão nos revemos num imaginário narcisista conservador francês?»

Apago e escrevo outro nome, ainda com mais relutância. Pela primeira vez, clico no *link* que aparece logo à cabeça.

Estou diante do blogue semanal de Richard Lincoln, também conhecido como Dick, o *Idiota*, e arrependo-me imediatamente de ter acabado de lhe oferecer uma visualização, mesmo que isso seja apenas um incentivo mínimo para ele prosseguir. A publicação de hoje intitula-se: «A tentar respirar.» Agora que cheguei tão longe, é difícil ignorá-lo. Angie sempre quis que eu me encontrasse com ele. Achou que isso poderia libertar algo. *Ele é um homem mudado*.

Não tenho estômago para ler a sua biografia, pelo que passo à frente. «Richard Lincoln, o ativista. Advogado de casos de pena de morte com fama a nível nacional. Autor de *O Meu Olho Negro*, um êxito de vendas do *The New York Times*.»

O Meu Olho Negro. O seu livro confessional, publicado um ano após o julgamento. Sempre que o vejo numa livraria, viro a capa para baixo, apesar de ter ouvido dizer que ele doa metade dos lucros aos filhos de prisioneiros. Então,

porque não doa a totalidade?

Há um *link* para um vídeo do YouTube ao lado do blogue, no qual os meus dedos clicam sem a autorização do meu cérebro. De repente, a voz dele ecoa na casa silenciosa, subindo e descendo como a voz de um pregador; a sensação de que me serra a pele persiste. Apresso-me a baixar o som. É uma barata convencida a palmilhar um palco anónimo. «Lincolnesco», é como os fãs o descrevem. *Desapontei o Terrell*, diz ele. *Destruí aquela rapariga. O caso das Susanas-de-Olhos-Negros foi o momento de viragem da minha vida.*

Não consigo ouvir mais.

Ele não me destruiu a mim, destruiu os meus avós. A polícia e Dick, *o Idiota*, concertaram esforços nesse sentido. A polícia pilhou o castelo deles e levou a adorada carrinha do meu avô como prova. Ninguém no Texas levava a carrinha de um homem, a não ser que ele fosse culpado como o diabo, pelo que até os melhores e mais leais amigos agricultores do meu avô se questionaram. Pouco importa que a polícia tenha dito «ups» alguns meses antes do julgamento. Mesmo assim, Dick, *o Idiota*, não desistiu em tribunal. Um jornal sensacionalista apregoava: *Poderá o avô ser o assassino?* Não, não posso perdoar «Dick», apesar de nos últimos treze anos Richard Lincoln ter recorrido a dados do ADN para libertar três homens inocentes do corredor da morte no Texas. Fecho o *iPad*. Atiro as almofadas a mais para o chão. Enfio-me profundamente debaixo dos lençóis, ásperos da areia trazida de uma zona de guerra. Obrigo os meus olhos a ficarem fechados. Imagino o médico com um pijama de patinhos a ver refastelado uma reposição de *Colbert*. Desejo que a vida de Benita seja uma festa, decorada com contas roxas e amarelas.

Flutuo no limite da consciência quando Lydia consegue esgueirar-se pelo buraco de uma minhoca.

Evidentemente, já a procurei na Internet centenas de vezes. Nada. Nem acerca dela, nem do senhor e da senhora Bell. É como se andassem em bicos de pés por cima de tinta invisível, enquanto todas as outras pessoas galopam à luz fluorescente do néon. Os Bells *eram* estranhos. Tinham poucos familiares e não alimentavam muitos contactos na cidade. Os avós de Lydia, maternos e paternos, já tinham morrido. Tenho uma vaga memória de uma prima afastada da senhora Bell, que enviava uma poinsettia todos os Natais. Mas como podia uma família simplesmente evaporar-se? Como era possível ninguém se importar?

Ao longo dos anos, imaginei toda a sorte de cenários bizarros para o destino deles. Talvez o meu monstro os tivesse matado porque Lydia sabia alguma coisa. Ela estava sempre a recortar artigos sobre o caso das Susanas-de-Olhos-Negros e a colá-los num livro de recortes cuja existência não sabia que eu conhecia. Tomava notas nas margens, na sua caligrafia cerrada e inteligente. O meu

monstro não transformou o abrigo para tempestades no mausoléu da família, mas pode ter espalhado os ossos deles pelo deserto do Oeste do Texas.

Ou então os seus corpos podiam estar a quilómetros de profundidade no fundo do mar, entre o lixo oceânico. A família inteira podia ter-se escapado numas férias espontâneas e ter ido parar ao fundo do Triângulo das Bermudas numa embarcação caprichosa pilotada pelo senhor Bell. Ele estava sempre a esquecer-se de tirar a licença de navegação. Podem ter desaparecido debaixo das ondas, sem documentos.

A minha teoria mais lógica era a do programa de proteção de testemunhas. Alguém teve de colocar o sinal «Vende-se». O senhor Bell negociava peças automóveis recicladas com tipos da máfia mexicana nos parques de estacionamento de salvados. Saía constantemente a meio da noite para se encontrar com eles. Lydia mostrara-me a gaveta onde ele guardava um monte de notas de cem dólares.

De uma coisa estou certa. Se tivesse sido outra família do bairro a desaparecer discretamente da cidade logo a seguir ao julgamento, e se fosse Lydia a especular, ela sugeriria que o pai era o assassino das Susanas-de-Olhos-Negros. E que a mulher e a filha estavam implicadas. Tinham-se assustado por eu ter sobrevivido e agora andavam de cidade em cidade, a mudar de nome e a matar raparigas à sua passagem.

Esse seria precisamente o tipo de história que Lydia inventaria quando estávamos debaixo dos cobertores com as nossas lanternas e ela me pregava sustos de morte.

TESSIE, 1995

Três de outubro de 1995, 13h00.

O. J. foi libertado há uma hora, o que me deixa enjoada.

Em escassos minutos, se não fizer asneira, também eu serei libertada.

Esta é a minha última sessão. O médico recomenda um *follow-up* de seis em seis meses e, *claro*, que devo telefonar-lhe antes disso se me sentir perturbada. Ele vai tirar uma licença sabática na China, pelo que não vai estar por cá, mas irá recomendar-me uma pessoa que seja *perfeita para mim*. Na verdade, já tem alguém em mente. Há alguma papelada a preencher por causa da transferência, mas ele vai tratar de tudo antes de partir. *Foi uma grande sorte*, diz-me, *o julgamento só ter durado um mês*. E que o júri tenha demorado apenas um dia para chegar a um veredito.

Está toda a gente radiante. O médico. O meu pai. Eu reajo com a mesma radiância, pois caso contrário ainda expludo. *Quase livre, quase livre, quase livre*.

— Quero dizer-te mais uma vez que foste muito valente ao depores — diz o médico. — Mantiveste-te firme. E o resultado: graças a ti, um assassino está no corredor da morte.

— Sim. É um alívio. — Mentira. O único alívio é a notícia de que o meu médico vai mudar-se para a China.

Está ali sentado, todo convencido. Não posso deixá-lo safar-se assim. Nunca perdoaria a mim mesma.

— Pai, podes dar-nos um segundo para nos despedirmos?

— Sim. Claro. — O meu pai dá-me um beijo na cabeça. Aperta a mão ao médico.

Como não fecha a porta completamente quando sai, o médico levanta-se e fecha os cinco centímetros restantes. Clique. Confidencialidade terapeuta-paciente e tudo o mais.

— Porque é que nunca quis falar da Rebecca? — pergunto-lhe antes de se sentar.

— É muito doloroso, Tessie. Tenho a certeza de que percebes isso. E teria sido pouco profissional da minha parte fazê-lo. Nem sequer devia ter dito o que disse. Tens de esquecer esse assunto. Isso não pode fazer parte da nossa relação profissional.

— Que está a chegar ao fim. Agora mesmo.

— Sim, mas isso não interessa. Continuas a ser minha paciente até saíres por aquela porta.

— Eu vi-o com ela.

— Começo a ficar verdadeiramente preocupado contigo, Tessie. — E é verdade que tem uma expressão preocupada. — Tu tinhas razão. O mais provável é a minha filha estar morta. Ela não tem... falado contigo, pois não? Como as Susanas?

— Não estou a falar da sua filha.

— Nesse caso, não sei do que estás a falar.

Não digo em voz alta, porque de que é que serve?

Ambos sabemos que ele está a mentir.

— Vemo-nos por aí — digo.

SEGUNDA PARTE

Contagem decrescente

«De acordo com o L. A. Times, o procurador-geral, John Ashcroft, quer assumir uma “posição mais dura” em relação à pena de morte. O que é uma posição mais dura em relação à pena de morte? Nós já vamos matar o tipo. Como é possível assumir uma posição mais dura em relação à pena de morte? O que é que se faz? Faz-se cócegas antes? Enche-se o tipo de pó de comichão? Põe-se um pionés na cadeira elétrica?»

— Jay Leno

— Tessa, a ouvir *The Tonight
Show* na cama, 2004

SETEMBRO DE 1995

DOUTOR VEGA: Eu sei que este dia de depoimentos está a ser muito difícil, Tessie. Agradeço a sua disponibilidade para falar em nome de todas as vítimas e sei que o júri também aprecia essa atitude. Só tenho mais uma pergunta. Qual foi a pior parte de ter estado naquela campa?

MENINA CARTWRIGHT: Saber que, se desistisse e morresse, o meu pai e o meu irmão mais novo teriam de continuar a viver sem saber o que se tinha passado. Que iriam pensar que as coisas tinham sido mais horríveis do que foram na realidade. Queria dizer-lhes que não tinha sido assim tão mau.

DOUTOR VEGA: Estava deitada numa campa, quase em coma e com um tornozelo desfeito, na companhia de uma rapariga morta e dos ossos de outras vítimas... e queria dizer à sua família que não tinha sido assim tão mau?

MENINA CARTWRIGHT: Bem, foi mau. Mas imaginar o que teria acontecido durante o resto da vida era pior. Entende? Deixar que a mente se inundasse de ideias dessas, de milhões de maneiras diferentes. Era nisso que eu pensava

muito... como eles teriam de fazer isso. Quando a equipa de resgate chegou, fiquei superaliviada por poder dizer ao meu pai que não tinha sido assim tão mau.

29 DIAS ANTES DA EXECUÇÃO

Daqui a um mês, o caixão de Terrell, preto e brilhante como um *Mustang* novo, vai ser içado para cima de um atrelado, ligado às traseiras de um trator *John Deere*. Ficará enterrado junto dos corpos de milhares de violadores e assassinos que apodrecem no Cemitério Capitão Joe Byrd. A maioria destes homens viveu uma vida violenta à face da terra, mas estão enterrados numa pequena e bonita colina do Leste do Texas, retirada dos idílios de Walt Whitman. Ninguém reclamou oficialmente estes homens após a sua morte. Mas no caso de Terrell há pessoas que o querem, que o *amam* — só não têm dinheiro para o funeral. O estado do Texas vai fazê-lo, com dois mil dólares de dinheiro dos contribuintes e uma boa vontade surpreendente.

O trator será levado por prisioneiros. Serão eles os carregadores do féretro e caminharão de cabeça baixa. Serão eles que gravarão a lápide. Que copiarão o número de presidiário. Talvez escrevam mal o nome dele.

Irão usar uma pá como aquela que tenho na mão.

Sinto um nó no estômago ao pensar em Terrell, ao mesmo tempo que fito o pedaço de terra preta que o meu avô costumava lavrar na parte de trás da sua casa de conto de fadas. No mesmo lugar onde, doze anos atrás, num dia quente de julho, encontrei um talhão suspeito de susanas-de-olhos-negros. Era o último sítio que eu queria cavar à procura de um presente do meu monstro, pelo que foi precisamente o que fiz. Deixei-o para último. Também nesse dia o meu estômago ardia em náuseas.

Tinha vinte e dois anos. Eu e a tia Hilda tínhamos enfiado um letreiro a dizer «Vende-se» no relvado da parte da frente umas horas antes. A avó tinha morrido havia oito meses. Fora enterrada junto à filha e ao marido, num pequeno cemitério de província, a treze quilómetros da sua fantástica casa.

Naquele dia, eu tinha ido lá fora apanhar ar depois de ter aberto uma gaveta da caixa de joias da minha avó e inalado o forte perfume que ela usava para ir à igreja. Charlie tinha quase três anos e batera com a porta de rede que dava para o alpendre das traseiras, uns minutos antes de mim. Quando abri a porta, a minha filha estava radiante a poucos metros de distância do último degrau, com as mãos atrás das costas. E então mostrou-me o molho de susanas-de-olhos-negros que segurava na mão suada. Por trás dela, a uns trinta metros, as suas congéneres dançavam nas suas ondulantes saias amarelas: pequenas rufias elegantes plantadas junto a uma fiada de feijões enfermiços e à miniatura de uma figueira.

Atirei-lhes uma cafeteira de água a ferver para os olhos, com Charlie a observar-me do alpendre. Quando a minha tia me chamou de casa e perguntou o que estava eu a fazer, respondi que estava a livrar-me de uma terrível praga de formigas-de-fogo, o que era apenas um bónus. *Não quero que piquem a Charlie.* Algumas formigas já transportavam as familiares mortas às costas.

Sou disparada de volta para o presente quando Herb Wermuth deixa a porta de rede bater atrás de si. O eco parece um pequeno símbolo. Mais de uma década depois, é o seu castelo e não o do meu avô. Foi lá para dentro, abandonando-me a mim e a Lucas com algumas instruções em relação ao enganador sol de inverno e ao jardim que, segundo ele, Bessie, a sua mulher, revolve com um arado duas vezes por ano. *Boa sorte na vossa busca.* Herb deixou muito claro que pouco lhe importa onde vamos cavar, desde que não estejamos à procura de um cadáver e que os *media* não andem por perto. Apenas pediu que tentássemos despachar-nos antes de a sua mulher voltar, daí a duas horas, de uma sessão com o seu treinador pessoal.

No início, quando surgimos no seu alpendre, Herb não tinha sido assim tão acolhedor.

— Eu vejo as notícias — dissera, taciturno. — Ao fim de todo este tempo, ainda não têm a certeza se apanharam o verdadeiro assassino. A senhora está a

trabalhar com o advogado dele. — Os seus olhos não tinham deixado a pá que eu levava na mão. — Acha mesmo que uma das raparigas dele está enterrada aí atrás?

— Não, não, claro que não — apressara-me a tranquilizá-lo, ao mesmo tempo que escondia a minha repulsa pela escolha do pronome. *Dele*. Como se o monstro fosse nosso proprietário. Como se fosse meu proprietário. — Se assim fosse, estaria aqui a polícia. Como eu disse, só achei que seria possível o mons... o assassino ter enterrado... uma coisa para mim no jardim.

Herb não conseguia disfarçar o que pensava: tal como a maioria das pessoas por estas bandas, ele acredita que a miúda dos Cartwright nunca mais regulou bem da cabeça.

— Tem de me prometer — insistira ele. — Nada de comunicação social. Ontem, tive de me livrar de um fotógrafo de um tabloide, que me pediu para tirar uma fotografia do quarto onde a Susana-de-Olhos-Negros dormia. E há uns dias telefonou um tipo do *Texas Monthly* a pedir autorização para tirar uma fotografia sua defronte da casa. Disse que você não lhe tinha devolvido a chamada. Isto está tão mau, que vou levar a Bessie para um condomínio na Florida até passar esta história da execução.

— Nada de comunicação social — respondera firmemente Lucas. — A Tessa só precisa de ficar em paz com a sua consciência. — Condescendente.

Isto lança uma onda de irritação pelo meu pescoço acima, mas resulta com Herb. Até foi buscar uma pá novinha em folha à garagem para Lucas.

E é assim que Herb nos deixa entregues à nossa tarefa. Mas eu e Lucas não nos mexemos desde que a porta de rede balançou nas suas dobradiças há um minuto. Em vez de investigar o jardim, Lucas lança um olhar compenetrado às paredes e janelas da casa mítica do meu avô. Ele nunca tinha estado aqui, apesar de ficar apenas a uma hora de viagem de Fort Worth. Na altura em que nos digladiávamos nos bancos traseiros dos carros, já o meu avô estava quase cego e permanentemente enfiado na cama.

É reconfortante saber que Lucas está tão atento. Que me protege do meu monstro, apesar de ter sempre acreditado, independentemente do que eu possa dizer, que o monstro está essencialmente confinado à minha cabeça.

A casa lançou um braço fresco e escuro por cima dos meus ombros. Conheço-a como conheço o meu corpo, e ela conhece-me a mim. Cada reentrância escondida, cada imperfeição, cada fachada falsa. Cada truque inteligente da imaginação do meu avô.

Assusto-me um pouco quando Lucas aparece ao meu lado, armado com a pá e pronto a começar.

A Susana espera pelo meu primeiro passo lamacento para lançar o seu aviso.
Talvez ele tenha enterrado uma das nossas irmãs aqui.

Se não fosse por a figueira estar ali, qual velha acometida pela artrite, não saberia onde cavar. O jardim tem atualmente o dobro da área que tinha quando a minha avó plantou as suas primeiras fiadas perfeitas de tomate Early Girl, feijões Kentucky Wonder e pimentos *habanero* cor de laranja, que transformava numa geleia que me escorria pela língua como lava. Esta manhã, além da figueira que rompe o solo, o terreno é apenas um retângulo castanho e liso.

Eu costumava ficar neste jardim a jogar ao faz-de-conta. Os azulões que voavam pelos céus eram bruxas terríveis montadas em vassouras. As orlas distantes de trigo eram a franja loura de um gigante adormecido. As nuvens negras e volumosas eram mágicas, daquelas que podiam transportar-me até Oz. A exceção eram alguns dias tórridos de verão em que não havia movimento. Não havia cor. Um vazio tão infinito e monótono, que me deixava angustiada. Antes do monstro, preferia sempre estar assustada a estar aborrecida.

— Esta área é muito aberta, Tessa — comenta Lucas. — Qualquer pessoa que espreitasse por uma janela no lado oeste da casa podia tê-lo visto a plantar as flores. E isso é demasiado descarado para um tipo que achas que enganou toda a gente, fazendo as pessoas acreditarem que ele não existe. — Leva a mão à testa a fazer de pala e olha para cima. — Aquilo ali em cima no telhado é uma mulher nua? Esquece. É mesmo.

— É uma réplica da estátua da *Pequena Sereia* que contempla a cidade de Copenhaga — respondo. — A do Hans Christian Andersen, não a versão da Disney.

— Já percebi. Decididamente, não é uma história para crianças.

— Foi o meu avô que a pôs ali. Teve de alugar uma grua para a içar lá para cima. — Dou três passos cuidadosamente medidos para norte a partir da figueira. — É mais ou menos aqui — anuncio.

Lucas lança à terra o metal reluzente da pá de Herb com uma determinação firme e pura. A minha pá enferrujada está encostada a uma árvore. Trouxe uma pilha de jornais, uma velha peneira de metal da cozinha e um par de luvas de trabalho. Agacho-me e começo a remexer os primeiros pedaços de solo remexido. Ouço a voz de Jo dentro da minha cabeça, insistindo que aquela *não é a maneira correta*.

Olho para cima por um instante e vejo no alpendre a versão mais nova de Charlie. Pestanejo e ela desaparece.

Pouco depois, Lucas despe a camisola. Continuo a revolver a terra, evitando olhar para os músculos retesados nas suas costas.

— Conta-me uma história — diz ele.

— A sério? Agora? — Um bicho preto desce rapidamente pelas minhas calças de ganga. Pestanejo e ele desaparece.

— Claro — responde Lucas. — Tenho saudades das tuas histórias. Conta-me essa da rapariga que está ali em cima do telhado e que tem umas boas maminhas.

Pego numa peça áspera de metal velho. Penso em quantas camadas devo deixar de fora de uma fábula com múltiplas camadas. Lucas tem uma capacidade de concentração limitada. Sei que só está a tentar distrair-me.

— Há muito, muito tempo, uma sereia apaixonou-se perdidamente por um príncipe que resgatou do mar. Mas eles pertenciam a mundos diferentes.

— Já estou a prever um final infeliz. Ela parece muito solitária ali em cima.

— O príncipe não sabia que tinha sido a sereia a salvá-lo. — Faço uma pausa para desfazer um grande torrão de terra. — Ela beijou-o e deitou-o na praia, inconsciente, e nadou de volta ao oceano. Mas queria desesperadamente estar com ele. Por isso, bebeu a poção de uma bruxa, que lhe retirou a sua bela voz de canto, mas em troca lhe esculpiu duas pernas humanas. A bruxa disse à sereia que seria a mais graciosa bailarina da Terra, mas que cada passo que desse seria como andar em cima de facas. A sereia não se importou. Procurou o príncipe e dançou para ele, muda, incapaz de declarar o seu amor. Ele ficou hipnotizado. E por isso ela continuou a dançar para ele, mesmo quando isso se tornou extremamente doloroso.

— Essa história é horrível.

— Quando se lê em voz alta, sugere imagens lindas. Perde-se muito nesta minha versão.

Ergo o olhar para a janela do torreão onde fica o meu antigo quarto. A persiana meio corrida faz com que pareça um olho meio fechado. Imagino o som abafado do meu avô a recitar do outro lado do vitral. *Um oceano azul como a mais bela centáurea. Icebergues que parecem pérolas. O céu, como um sino de vidro.*

— E esse príncipe idiota também a amava? — pergunta Lucas.

— Não. O que significava que a sereia estava condenada a morrer, a menos que esfaqueasse o príncipe e deixasse o sangue dele escorrer aos seus pés, voltando a fundir as pernas numa barbatana.

Neste momento, paro. Lucas já escavou um buraco com o diâmetro de uma pequena piscina de plástico e aproximadamente a mesma profundidade. Eu estou muito atrasada na minha tarefa de revolver os montes de terra. Tudo o que tenho a mostrar como fruto dos meus esforços é uma pilha de pedras, uma tira de metal enferrujado e dois marcadores de amores-perfeitos em plástico.

Lucas deixa cair a pá e ajoelha-se ao meu lado.

— Precisas de ajuda?

Conheço-o o suficiente para traduzir. Ele acha isto fútil. De facto, nem eu me sinto muito entusiasmada.

Ouço o rangido de uma porta a abrir-se, seguido de um forte estrondo. Bessie Wermuth caminha em passos rápidos na nossa direção, envergando um apertado fato de treino cor de groselha que põe em evidência dois rolos estreitos de gordura à volta da cintura. Traz dois copos altos de plástico cheios de gelo e um líquido âmbar.

— Bom dia, Tessa — diz, radiante. — Que prazer vê-la e ao seu... amigo.

— Sou o Lucas, minha senhora. Deixe-me dar-lhe uma ajuda com esses copos. — Pega num deles e bebe um quarto do conteúdo num longo trago. — Que chá delicioso. Obrigado.

Os olhos de Bessie ficam presos na cobra tatuada de Lucas, que começa no umbigo e desaparece no interior das calças de ganga.

— Já encontraram alguma coisa? — Ergue os olhos da fivela do cinto de Lucas.

— Uns fósseis, um marcador de flores em plástico, um pedaço de metal ferrugento.

Bessie mal olha para os meus achados.

— Queria falar-vos da minha caixa. O Herb disse-me que não vos falou dela.

— A sua caixa? — pergunto, com uma nota de inquietação.

— Na realidade, é um monte de tralhas — responde ela. — Até lhe pus uma etiqueta: «Coisas que mais ninguém quer a não ser a mãe». Para os meus filhos não terem mais um monte de lixo para examinar quando eu morrer, percebe? Mas pode haver lá alguma coisa que lhe interesse.

O suor debaixo dos meus braços fica gelado. *O que é que se passa comigo? São apenas «Coisas que mais ninguém quer».*

— Vou lá dentro buscá-la — anuncia ela. — Não conseguia trazer a caixa e o chá ao mesmo tempo. Vão ter comigo à mesa de piqueniques.

— Estás bem? Não pareces. — Lucas puxa-me para cima. — Seja como for, estávamos a precisar de uma pausa.

— Sim. É melhor.

Não digo o que estou a pensar: que tenho um mau pressentimento em relação a Bessie e ao seu arado incansável. Caminhamos por trinta metros e instalamo-nos no banco de uma velha mesa de piqueniques onde alguém derramou tinta verde.

Lucas acena na direção da casa.

— Lá vem ela.

Bessie transporta uma velha caixa da U-Haul através do quintal, a arfar veementemente. Lucas levanta-se de um salto e apanha-a a meio caminho,

aliviando-a do peso da caixa. Pousa-a à minha frente, mas eu não me aproximo dela. Fico hipnotizada com a caligrafia larga e carregada de Bessie na etiqueta, que diz precisamente o que ela nos revelara, o que significa que esta será a única caixa que os seus filhos enlutados e seguramente sentimentais nunca deitarão fora, aconteça o que acontecer.

— Estão aqui todas as quinquilharias que encontrei no exterior da propriedade desde que viemos para cá morar. — Bessie abre a tampa. — Na realidade, são achados arqueológicos sem valor nenhum. À exceção das garrafas antigas. Encontrei-as por baixo do parapeito da janela da cozinha. Mas tudo o resto que aparece na terra, e não se contorce nem me morde, eu guardo. Não organizo nada por ano ou por local. Deito tudo aqui para dentro. Por isso, não faço ideia do que apareceu no jardim e do que foi puxado pelo corta-relva.

Lucas está debruçado sobre a caixa a revolver os objetos.

— Despeje-a — diz Bessie. — Não há de estragar nada. Assim, a Tessa também pode ver.

Antes de ter tempo para me preparar, o conteúdo da caixa rebola descuidadamente sobre a mesa. Fios de arame, pregos enferrujados, uma lata meio amachucada de *Dr. Pepper* com riscas amarelas e vermelhas, um carrinho azul *Matchbox* sem rodas. Uma caixa pequena de aspirinas *Bayer*, um osso de cão roído, uma grande pedra branca com veios dourados, uma ponta de flecha partida, fósseis de cefalópodes que em tempos se arrastaram por ali com tentáculos e olhos semelhantes a câmaras.

Lucas remexe entre pedaços de vidro vermelho partido. Põe de lado um pequeno objeto castanho com uma ponta.

— Isto é um dente — diz.

— Era o que eu pensava! — exclama Bessie. — O Herb disse-me que era um caramelo de milho.

Mas eu olho fixamente para um objeto solitário junto à beira da mesa.

— Acho que aquilo era da Lydia. — As palavras embargam-se-me na garganta.

— Que sinistro. — Bessie pega na pequena travessa para o cabelo cor-de-rosa e franze o sobrolho.

Descalço as luvas e seguro nela com dedos trémulos.

— O que é que acha que significa? — inquire ela. — Acha que é uma pista?

Bessie não está ofegante por ser velha nem por Lucas ser um deus suado. Bessie é uma viciada. Provavelmente, devorou tudo o que alguma vez foi escrito acerca das Susanas-de-Olhos-Negros. *Como é que isto me escapou?* Ela comprou a casa do meu avô quando mais ninguém a queria. Parece saber precisamente quem Lydia é, sem precisar de explicações.

Lucas pousou a mão no meu ombro.

— Vamos levar emprestado o dente e... isso para o cabelo, se não se importar — diz para Bessie.

— Claro, claro. Tudo o que eu e o Herb pudermos fazer.

Passo o dedo distraidamente por cima da cara sorridente amarela impressa no plástico. *Isto não significa nada*, repreendo-me. Provavelmente, foi arrancada do cabelo de Lydia por um talo de milho quando andávamos a jogar às escondidas, no tempo em que pensávamos que os monstros eram criaturas imaginárias.

Mesmo assim... A travessa cor-de-rosa com a cara sorridente. O anel vitoriano. O livro de Poe, a chave. *Porque é que tenho a sensação de que é a Lydia que está a fazer um jogo comigo, planeado antecipadamente com toda a subtilidade?*

Lucas perscruta o meu rosto e não se discute mais se vamos continuar a remexer a terra.

Olho para cima. No telhado, vejo um *flash* de duas raparigas. Uma delas tem o cabelo vermelho como o fogo. Pestanejo e elas desaparecem.

A travessa de Lydia está embrulhada num lenço de papel dentro da minha mala. O dente está no bolso de Lucas. Depois de percorridos vinte e cinco quilómetros, Lucas aclara a garganta e rompe o silêncio.

— Vais contar-me o que aconteceu à miúda sereia?

A janela do meu lado ondula com azuis e castanhos. O céu do Texas, um sino de vidro; os campos ondulantes, outrora ocultos sob um mar incomensurável. *O sol era tão forte, que a sereia via-se frequentemente forçada a mergulhar debaixo de água para refrescar o seu rosto escaldante.*

Calo a voz do meu avô. Pouso as mãos nas minhas bochechas escaldantes. Viro-me para o perfil de Lucas, uma rocha a que posso agarrar-me.

— A sereia não consegue arranjar coragem para matar o príncipe — digo. — Atira-se ao mar, sacrificando-se, e dissolve-se em espuma das ondas. Mas acontece um milagre... o seu espírito flutua à tona de água. Ela transformou-se numa filha do vento. Pode então receber a sua alma imortal e ir viver com Deus.

Filhas do vento. Como nós, como nós, como nós, sussurram as Susanas.

— O lado batista do teu avô deve ter adorado essa história — comenta Lucas.

— Nem por isso. Os batistas acreditam que não se ganha o Céu. Que a única salvação possível é através do arrependimento. Só então se está pronto para partir, mesmo que se transformem sereias dóceis em espuma das ondas.

Ou raparigas em ossos.

SETEMBRO DE 1995

DOUTOR LINCOLN: Tessie, ama o seu avô?

MENINA CARTWRIGHT: Sim. Claro.

DOUTOR LINCOLN: Seria muito difícil para si pensar algo terrível acerca dele, certo?

DOUTOR VEGA: Protesto.

JUIZ WATERS: Vou dar-lhe alguma margem, doutor Lincoln, mas não muita.

DOUTOR LINCOLN: A polícia conduziu buscas em casa do seu avô no dia depois de a menina ter sido encontrada?

MENINA CARTWRIGHT: Sim. Mas ele autorizou.

DOUTOR LINCOLN: Levaram alguma coisa?

MENINA CARTWRIGHT: Algumas das suas obras de arte. Uma pá. A carrinha. Mas devolveram tudo.

DOUTOR LINCOLN: E a pá tinha acabado de ser lavada, certo?

MENINA CARTWRIGHT: Sim, a minha avó tinha-a lavado à mangueirada na

véspera.

DOUTOR LINCOLN: Onde se encontra hoje o seu avô?

MENINA CARTWRIGHT: Está em casa com a minha avó. Está doente. Teve um AVC.

DOUTOR LINCOLN: Teve um AVC cerca de duas semanas depois de a menina ter sido encontrada, certo?

MENINA CARTWRIGHT: Sim, ele estava muito perturbado por... minha causa. Queria perseguir quem me tinha feito isto e matá-lo. Dizia que a pena de morte não era suficiente.

DOUTOR LINCOLN: Disse-lhe isso?

MENINA CARTWRIGHT: Ouvi-o a falar com a minha tia.

DOUTOR LINCOLN: Isso é interessante.

MENINA CARTWRIGHT: Quando estava cega, as pessoas pensavam que eu não ouvia.

DOUTOR LINCOLN: Gostaria de falar do seu episódio de cegueira um pouco mais tarde. Alguma vez achou que o seu avô era estranho?

DOUTOR VEGA: Protesto. Não é o avô da Tessie que está aqui a ser julgado.

DOUTOR LINCOLN: Meritíssimo, estou quase a terminar esta linha de interrogatório.

JUIZ WATERS: Pode responder à pergunta, menina Cartwright.

MENINA CARTWRIGHT: Não percebo bem o que ele quis dizer.

DOUTOR LINCOLN: O seu avô pintava uns quadros bastante sinistros, não é verdade?

MENINA CARTWRIGHT: Sim, acho que sim, quando imitava Salvador Dalí, ou Picasso, ou outro qualquer. Ele era um artista. Estava sempre a fazer experiências.

DOUTOR LINCOLN: Alguma vez lhe contou histórias assustadoras?

MENINA CARTWRIGHT: Lia-me contos de fadas quando eu era pequena.

DOUTOR LINCOLN: «A noiva do ladrão», em que uma rapariga é raptada, cortada em pedaços e transformada num estufado? «A menina sem mãos», cujo próprio pai lhas corta?

DOUTOR VEGA: Meritíssimo, francamente...

MENINA CARTWRIGHT: As mãos dela voltam a crescer. Sete anos mais tarde, as mãos dela voltam a crescer.

26 DIAS ANTES DA EXECUÇÃO

Pergunto-me se Jo estará num laboratório gelado a raspar esmalte de um dente que parece um caramelo de milho, enquanto eu dobro e empilho roupa ainda quente da máquina de secar. Se Terrell estará na sua tarimba dura como pedra a redigir as suas últimas palavras e a beber água que sabe a nabos crus, enquanto eu bebo o meu Pinot de doze dólares e decido deitar para o lixo as meias cor-de-rosa de Charlie que têm um buraco no calcanhar esquerdo. Se Lydia estará algures por aí a rir-se de mim ou a sentir a minha falta, ou se estará lá em cima no Céu a dar cabo da cabeça a escritores mortos enquanto o seu corpo se decompõe nalgum lugar que só o meu monstro conhece. Pergunto-me se o dente enterrado no quintal do meu avô poderá ser dela.

Durante três dias, debati-me com a decisão de entregar o dente a Jo. Não podia explicar a Lucas a razão por que esperei. Fazia todo o sentido experimentar tudo o que era improvável, não esconder nada, a não ser que o que eu quisesse fosse mesmo *não saber*. Jo encontrara-se connosco no parque de

estacionamento do North Texas Health Science Center algumas horas antes. Ainda trazia as capas brancas do laboratório nos sapatos. Num silêncio espartano, ouviu o meu relato acerca de ter afogado susanas-de-olhos-negros em água a ferver e de uma caixa de objetos inúteis com que apenas Bessie se importava. Não lhe falei da travessa cor-de-rosa para o cabelo com a cara sorridente. Jo aceitou o dente da mão de Lucas. Não disse grande coisa.

Pergunto-me se me perdoará por não a ter levado connosco, apesar de isso agora não parecer importante. Nada parece. Sou tomada pelo atordoamento, um veneno de ação lenta que põe as Susanas todas a dormir, mas que ainda assim permite que as minhas mãos continuem a formar na perfeição pequenas torres de roupa. Roupas que se misturaram intimamente na máquina de lavar — a roupa interior militar de Lucas, o pijama de flanela de Charlie com as ovelhas cor-de-rosa que mais parecem algodão-doce, os meus calções de correr fluorescentes.

Lucas está a beber uma cerveja na ponta do sofá, enquanto vê a CNN e enrola as cuecas em pequenos rolos, à maneira dos comandos do exército, com os quais faz depois pontaria à minha cabeça, ao meu rabo, a qualquer alvo possível. Fingimos que está tudo bem, enquanto o relógio conta os segundos da minha sanidade mental. Porque, depois de Terrell morrer, o que é que acontece?

Continua a dobrar. A campainha soa e Lucas levanta-se para abrir a porta. Deve ser Effie a largar alguma bomba gastronómica. Olho para o relógio: 16h22. Daqui a duas horas, tenho de ir buscar Charlie ao treino.

— A Tessa está em casa?

Mal ouço a voz dele, sinto um nervo repuxar, como se fosse a corda de uma guitarra.

Os pés de Lucas estão posicionados propositadamente, de modo a bloquear a minha visão da porta.

— E qual é o assunto? — pergunta, arrastando a voz, num sotaque que denuncia tudo o que nele é Texas do Oeste.

Em câmara lenta, vejo-o erguer casualmente a mão esquerda, a sua mão de apoio, e pousá-la sobre o peito. Os dedos da mão direita cerram-se. É a posição mais rápida para puxar de uma arma presa à cintura. Fez-me a demonstração no quintal das traseiras, ainda não há uma hora.

— Lucas! — Dou um pulo do sofá, derrubando três pilhas de roupa. — Esse é o Bill, o advogado de que te falei, que está a tratar do recurso do Terrell. O amigo da Angie.

Para lá de Lucas, só consigo vislumbrar a ponta de um boné dos Boston Red Sox.

Estou por trás dele, a empurrar sem sucesso os seus músculos fortes. Apalpo-o à volta da cintura, à procura de uma arma que não está lá. Os movimentos dele

segundos atrás eram apenas o reflexo de um homem cauteloso. Apercebo-me de que, apesar de não conseguir ver o meu rosto, Bill vê perfeitamente a minha mão a remexer intimamente perto da virilha de Lucas.

O meu rosto cora com um ressentimento antigo. Este comportamento machista idiota de Lucas foi o que nos atraiu quando eu era uma miúda assustada de dezoito anos com as hormonas ao rubro, e foi o que nos fez acabar mais tarde. Ele descendia de uma geração de homens que semeava o pavor com o simples clangor das suas botas. E que viviam a vida como se toda a gente estivesse sempre prestes a sacar de uma arma. Lucas salta vorazmente de cada vez que um gato se assanha, um carro solta um escape ou alguém bate à porta. É um bom homem e um soldado extraordinário, mas como companheiro do dia a dia eletrocuta as raízes de todos os pelos do meu corpo.

— Lucas, sai daí. — Empurro com um pouco mais de força.

Ele desvia-se ligeiramente e eu consigo esgueirar-me e passar.

— Bill, este é o Lucas — digo. — Lucas, este é o Bill.

Bill estende a mão. Lucas ignora-a.

— Ora viva, Bill. Andava com vontade de o conhecer. Queria perguntar-lhe até que ponto será sensato envolver a Tessa neste assunto tão tardiamente? Não lhe parece que está na hora de se afastar? De arrancar no seu *BMW*? Dar à Tessa e à minha filha a paz que elas merecem?

Por um instante, fico sem palavras. Não fazia ideia de que Lucas albergava uma fúria tão intensa. Estávamos a ceder, todos nós. Avanço para o alpendre com firmeza.

— Lucas, não te metas nisto, está bem? Aquilo que estou a fazer é por minha livre vontade. O Bill não está a pressionar-me.

Fecho-lhe a porta na cara, e não é a primeira vez que o faço.

— Podes parar de olhar assim, Bill.

Não era bem isto que queria dizer. Era mais *Tive saudades tuas*.

— Então, este é que é o teu soldado? — pergunta ele.

— Se te referes ao pai da Charlie, é, sim.

— Ele está a viver aqui?

— Está numa licença curta. É uma longa história, mas a Charlie ficou com medo depois daquela noite do... vândalo. Ligou ao Lucas através do Skype e, pouco depois, ele apareceu-me à porta. Tem um chefe compreensivo e, de qualquer maneira, já tinha passado muito tempo desde a última vez que tinha tirado licença para ver a Charlie. Não o convidei, mas não lamento que tenha vindo. Ele... dorme no sofá.

— Não me parece uma história assim tão comprida. — A voz de Bill é fria. — Se continuas apaixonada por ele, é só dizeres.

Cinjo os braços de encontro à minha camisola fina. Não tenho interesse nenhum em convidar Bill para entrar e fazer de árbitro dos dois.

— Nem sequer devíamos ter esta conversa — digo-lhe. — Eu e tu... não podemos ser nada. Dormimos juntos pelos motivos errados. Eu não costumo ser assim tão impulsiva. *Não sou esse género de rapariga.*

— Não respondeste à pergunta.

Olho para ele. Estremeço. A intensidade é quase insuportável. Lucas nunca olhou assim para mim. Lucas é só mãos e instinto.

— Eu não estou apaixonada pelo Lucas. Ele é um bom homem. Apenas o apanhaste num mau momento.

E já estou a pensar se o olhar *laser* de Bill será real ou se é apenas o seu método de ação, que pode ligar e desligar como um interruptor. É útil para conduzir uma testemunha ou para despir uma rapariga até se verem apenas as suas cicatrizes.

Lydia sempre jurou que ninguém conseguiria alcançar a sua vagina com os olhos, à exceção de Paul Newman. «Apesar de ele já ser antigo.» Mas ela não conheceu Bill. E eu também não ia querer que o conhecesse. Que estragasse isto, o que quer que *isto* seja.

Porque é que estou a pensar na Lydia neste momento?

Bill deixa-se afundar na cadeira de baloiço. Obviamente, não vai a lado nenhum. Com relutância, ocupo a outra ponta. Reparo pela primeira vez num grande envelope pardo, com cerca de cinco centímetros de grossura, que ele segura.

— O que é isso? — pergunto.

— Trouxe-te uma coisa. Alguma vez leste algum dos depoimentos que fizeste no julgamento?

— Nunca me ocorreu tal coisa.

Mentira. Pensei muitas vezes nisso. Os jurados a comerem-me com os olhos como se eu fosse extraterrestre e o retratista a desenhar o meu cabelo com movimentos longos e rápidos do lápis. O meu pai, sentado na fila da frente de uma sala lotada, aterrado por mim. E Terrell, com uma vulgar gravata azul às riscas douradas e os olhos colados a uma folha em branco de um bloco de notas, destinada aos seus apontamentos. Nunca olhou para mim e nunca tirou apontamento nenhum. O júri interpretou essa atitude como sendo culpa.

E eu também.

— Retirei algumas secções para ti — diz Bill.

— Porquê?

— Por te sentires tão culpada em relação ao teu depoimento. — Bill trava abruptamente a cadeira de baloiço. Dá uma palmadinha no envelope que se

encontra agora entre nós. — Por favor, lê isto. É capaz de ajudar. Não é por tua causa que o Terrell está na prisão.

Aperto os braços à minha volta com mais força.

— Se calhar, achas que, quanto mais eu viajar para trás no tempo, mais provável será lembrar-me de alguma coisa que ajude o Terrell.

— Há alguma coisa errada nisso?

O meu coração começa a bater com força, a odiar isto.

— Não, claro que não.

Ele levanta-se e a cadeira balança e contorce-se em protesto.

— A Jo contou-me acerca do dente. Gostava que nos tivesses dito que ias a casa do teu avô. Quem me dera que não estivesses tão apostada em manter-me de fora. Estás a planear cavar em mais algum lado? — Segura a cadeira enquanto me levanto.

— Não. Foi o último sítio. A Jo ficou... zangada?

— Terás de lhe perguntar a ela.

Afasta-se, a ferver de frustração. Com a vida. Comigo. Pego no envelope da cadeira de baloiço e sigo-o até às escadas.

— Diz-me a verdade. Há alguma esperança para o Terrell?

Ele começa a descer do alpendre, mas logo dá meia-volta, quase me derrubando. Eu já ali estou, a uns escassos centímetros de distância.

— Ainda temos alguns recursos para entregar — diz. — Vou vê-lo a Huntsville na semana que vem, pela última vez.

Agarro-lhe no braço.

— Pela última vez? Isso não soa bem. Dizes-lhe... que estou a fazer um grande esforço para me lembrar de tudo?

Os olhos de Bill estão fixos nas minhas unhas que o agarram pela camisola, sempre curtas e sem verniz, e ainda com terra do jardim do meu avô entranhada.

— Porque não lhe dizes tu?

— Só podes estar a brincar! Devo ser das últimas pessoas que ele quer ver.

Bill afasta deliberadamente a minha mão. Se me tivesse empurrado, a diferença seria pouca.

— A ideia não é minha — diz-me. — É dele.

— O Terrell não... me odeia?

— O Terrell não é uma pessoa dada a ódios, Tessa. Não é rancoroso. É um dos homens mais notáveis que alguma vez conheci. Ele acha que és tu quem está a passar pelo pior. Disse-me que durante muito tempo te ouvia a chorar à noite e que isso se sobrepunha aos outros ruídos do corredor da morte. Reza por ti antes de dormir. Disse-me para não te pressionar.

Terrell ouviu-me a chorar no corredor da morte. Não o deixo dormir. Sou um

eco na sua cabeça, tal como as Susanas o são na minha.

— Mas por que raio não me disseste isso antes?

— Não há toque humano. Consegues imaginar o que isso é? Vinte e três horas por dia numa gaiola exígua, apenas com uma pequena ranhura para a comida. Uma janela em acrílico tão alta, que ele tem de enrolar o colchão e pôr-se em pé em cima dele para olhar lá para fora e ter uma vista nublada de coisa nenhuma. Uma hora por dia para andar em passo rápido às voltas noutra gaiola exígua para fazer exercício. Todos os segundos do dia para pensar na morte. Sabes qual é a pior parte, segundo ele? Mais do que o barulho dos homens aos gritos, ou a tentarem enforcar-se, ou a discutirem em torno de jogos de xadrez imaginários, ou do ruído incessante das máquinas de escrever? É o cheiro. O fedor a medo e a desespero que emana de quinhentos homens. O Terrell nunca respira fundo no corredor da morte. Acha que é capaz de sufocar ou enlouquecer. Eu não consigo inspirar fundo sem pensar no Terrell. Porque é que não te contei isto antes, Tessa? Porque tu já carregas uma cruz bastante pesada. — Dá uma palmadinha no envelope que seguro. — Lê isto.

Não me diz adeus quando faz marcha atrás com o carro.

Quando entro em casa, Lucas está virado para a porta, recostado no sofá, a beber a sua cerveja. À espera.

— Que se passa? — Já empilhou novamente a roupa que tinha caído, um pedido de desculpas à sua maneira. — O que é que ele queria?

— Nada de especial. Acho que vou dormir uma sesta antes de ir buscar a Charlie.

— Andas a dormir com ele. — Trata-se de uma afirmação e não de uma pergunta.

— Vou dormir uma sesta. — Passo junto a ele a caminho do corredor.

— Ele pode estar a usar-te, Tess.

Fecho a porta do meu quarto e deslizo encostada a ela até ao chão. Lucas ainda está a chamar-me. Sinto as lágrimas picarem-me no canto dos olhos.

Passo a unha debaixo da aba do envelope e tiro a pilha de documentos do tribunal.

Bill pode achar que Tessie não é culpada. Mas eu sei que é.

SETEMBRO DE 1995

DOUTOR LINCOLN: Tessie, diria que tinha brincadeiras pouco comuns na infância?

MENINA CARTWRIGHT: Não tenho a certeza se percebo a sua pergunta.

DOUTOR LINCOLN: Deixe-me reformular. Tem uma imaginação muito fértil, não é verdade?

MENINA CARTWRIGHT: Acho que sim. Sim, tenho.

DOUTOR LINCOLN: Alguma vez jogou um jogo chamado Ana Bolena?

MENINA CARTWRIGHT: Sim.

DOUTOR LINCOLN: Alguma vez jogou um jogo chamado Amelia Earhart?

MENINA CARTWRIGHT: Sim.

DOUTOR LINCOLN: Alguma vez jogou um jogo chamado Maria Antonieta? Em que se deitava com a cabeça sobre um cepo de árvore e deixava alguém fingir que a decepava?

DOUTOR VEGA: Meritíssimo, mais uma vez, o interrogatório do doutor Lincoln

destina-se simplesmente a distrair o júri do que é importante e do homem que se encontra sentado naquela cadeira a ser julgado.

DOUTOR LINCOLN: Pelo contrário, Meritíssimo. Estou a tentar ajudar o júri a entender o ambiente em que a Tessa foi criada. Isso parece-me muito significativo.

DOUTOR VEGA: Nesse caso, deixe-me pedir para ficar registado que a Tessa também jogava às damas, brincava com bonecas, aos salões de chá, à guerra dos polegares e à barra do lenço.

JUIZ WATERS: Doutor Vega, sente-se. Está a irritar-me. Doutor Lincoln, eu aviso-o quando estiver a irritar-me, mas está muito perto disso.

DOUTOR LINCOLN: Obrigado, Meritíssimo. Tessa, quer beber um copo de água antes de prosseguirmos?

MENINA CARTWRIGHT: Não.

DOUTOR LINCOLN: Alguma vez brincou ao tesouro enterrado?

MENINA CARTWRIGHT: Sim.

DOUTOR LINCOLN: Alguma vez jogou ao Jack, o *Estripador*?

DOUTOR VEGA: Meritíssimo...

MENINA CARTWRIGHT: Sim. Não. Começámos a jogar, mas eu não gostei.

DOUTOR LINCOLN: Começámos, quem? Você e a sua melhor amiga, Lydia Bell, de quem falou antes?

MENINA CARTWRIGHT: Sim. E o meu irmão. E outros miúdos das redondezas que andavam por ali. Estava um dia muitíssimo quente. Estávamos quase todos aborrecidos. Mas nenhuma das raparigas queria ser a vítima quando um dos rapazes trouxe um frasco de *ketchup*. Talvez tenha sido a Lydia. E então, em alternativa, decidimos montar uma bancada de refrescos.

DOUTOR VEGA: Meritíssimo, quando eu tinha seis anos, dissecava girinos à beira-rio. O que é que isso diz a meu respeito? Gostava de recordar ao meu colega e ao júri que a Tessa é a vítima deste caso. Esta testemunha já teve um dia muito longo.

DOUTOR LINCOLN: Doutor Vega, tenho uma resposta excelente para o seu assunto dos girinos. Mas, neste momento, o que pretendo é mostrar que a infância da Tessie envolvia jogos em que ocorriam mortes violentas, desapareciam pessoas e se enterravam objetos. E que a arte imitava a vida muito antes de ela ter sido encontrada naquela vala. Porque será?

DOUTOR VEGA: Santo Deus! De facto, o que o senhor está a fazer é a depor. Está a chamar «arte» àquilo que aconteceu à Tessa? Está a sugerir que se tratou de alguma espécie de *karma* divino? Você é um grande filho da mãe.

JUIZ WATERS: Rapazes, venham cá.

19 DIAS ANTES DA EXECUÇÃO

Eu e Terrell não estamos a respirar o mesmo ar. É a primeira coisa em que penso. Pergunto-me quantos lábios franzidos de mães e de amantes terão beijado a janela fosca que nos separa.

A primeira coisa que *sinto* é vergonha. Até este momento, nunca tinha examinado verdadeiramente o rosto dele. Nem na sala de tribunal, quando ele estava a cinco metros de distância, nem na televisão, quando os nossos nomes eram bramados como se falassem do casamento de duas celebridades, nem nas imagens cheias de grão que apareciam nos jornais.

Os olhos dele são dois buracos raiados de sangue. A pele parece tinta preta brilhante. Com marcas de bexigas. Uma linha desenhada por uma faca corre pelo seu queixo abaixo como se fosse leite. Fito a cicatriz dele e ele fita a minha. Só passado mais de um minuto é que pega no auscultador a seu lado. Faz-me um gesto para eu fazer o mesmo.

Pego no auscultador e encosto-o à orelha com força, para que Terrell Darcy

Goodwin não veja a minha mão a tremer. Ele está sentado num pequeno cubículo, do outro lado do vidro. O pequeno respiradouro por cima da minha cabeça bombeia ar frio e seca a minha garganta até ficar a parecer papel quebradiço.

— O Billy disse-me que vinha — diz ele.

— O Billy? — repito involuntariamente.

— Sim, ele odeia que lhe chame assim, mas alguém tem de o chatear, não acha?

Terrell, a tentar descontraír-me. Esforço-me por sorrir.

— Como é que arranjou a sua? — Percorro o queixo com a unha e parece-me a parte embotada de uma faca, o toque sarcástico antes de o assassino fazer sangue.

— Arranjei esta cicatriz ao dar-me com os amigos errados quando tinha treze anos — responde Terrell descontraidamente. — Desviei-me dos caminhos de Deus bem cedo. E aqui estou eu.

Dois minutos de conversa e já estamos a falar de Deus.

— Acredita em Jesus Cristo, nosso Salvador? — pergunta ele.

— Às vezes.

— Bem, eu e Jesus tornámo-nos muito próximos aqui dentro. Temos muito tempo todos os dias para falarmos de como dei cabo da minha vida. Como destruí a vida da minha família. As minhas filhas, o meu filho, a minha mulher, todos eles vão pagar o preço por uma noite em que voltei a apanhar uma grande pedra e não sabia onde estava. — A testa dele quase toca no vidro. — Ouça, foi preciso coragem da sua parte para vir aqui e não temos muito tempo. Tenho uma coisa para lhe dizer. Preciso de eliminá-la da minha lista. Tem de aceitar que a minha morte não é culpa sua. Não quero morrer como fardo de ninguém, está bem?

— Eu não devia ter deposto — protesto. — Não me lembrava de nada. Fui apenas mais um adereço. Foi tudo uma encenação. Os jurados não conseguiam olhar para mim sem verem as suas próprias filhas.

— E o grande negro papão que a apanhou. — Surpreendentemente, diz isto sem rancor. — Tive de me alhear disso há vários anos. Devorava-me vivo. Ouço todas as noites os homens que enlouqueceram. Falam com pessoas que não estão presentes. Ou isso, ou então passam semanas num tal silêncio, que penso se os cérebros deles voaram para fora da cabeça e se no seu lugar ficou apenas um grande buraco. Eu decidi não enlouquecer dessa maneira. Faço meditação. Leio a Bíblia e o senhor Martin Luther King. Jogo imenso xadrez mentalmente. Trabalho no meu caso. Escrevo aos meus filhos.

Deveria ser o inverso, mas é ele que está a tentar reconfortar-me.

— Terrell, há muitos anos, pensei que podia estar inocente. Mas não fiz nada. Tem todo o direito de me odiar.

— Se não se lembra do que aconteceu, como é que tem tanta certeza de que não fui eu que a raptei naquela noite?

— O assassino continua a plantar susanas-de-olhos-negros para mim. A primeira vez foi três dias depois da sua condenação. — Ofereço-lhe um sorriso fingido. — Não faz mal se pensar que sou louca. Eu pensaria. — Aliás, *penso*.

— Não penso que seja doida. O mal esgueira-se como pequenas patas de gatos. *Fica sentado nos seus quadris silenciosos a olhar o porto e a cidade*. Eu sei que o poema não é assim. É suposto ser nevoeiro como pequenas patas de gato. Noveiro. Mal. Funciona das duas maneiras. Normalmente, só se veem os faróis a virem na nossa direção quando já é demasiado tarde.

Afasto a imagem deste gigante deitado numa tarimba a recitar o poema de Carl Sandburg, tentando ignorar os homens que arranham as paredes como gatos.

— A primeira vez que a vi — diz Terrell —, estava sentada no banco das testemunhas com aquele bonito vestido azul. Tremia tanto, que eu pensei que fosse desmanchar-se em pedaços. Vi as minhas filhas ali sentadas.

— Foi por isso que não olhou para mim — digo, devagar.

Tinha havido tanto debate acerca do «Vestido Azul». Toda a gente tinha uma opinião. O doutor Vega, Benita, o médico, Lydia e até mesmo a tia Hilda. A renda fazia-me comichão, mas nunca disse isso a ninguém. Quando estava a depor, tinha de passar a mão discretamente pelo pescoço e pelos ombros para me certificar de que não estava pejada de insetos. O Vestido Azul não era o tipo de roupa que Tessie alguma vez usasse na vida real. *A bainha deve cair ligeiramente acima dos joelhos, para o júri poder ver a tala no tornozelo. Sem ser demasiado sensual. Ela vai usar a tala, certo? Podemos acentuar a cintura, para enfatizarmos que ela está praticamente pele e osso? A cor fá-la parecer amarelada, mas acho que assim está bom*.

— Eu não ia dificultar-lhe as coisas. — A voz de Terrell traz-me de volta. Ele sorri. — Sou um homem bastante feio.

Um guarda bate na grade por trás de Terrell.

— Está na hora, Terrell. Hoje, fechamos mais cedo.

— Hoje, vai morrer um homem — anuncia ele, num tom casual. — Há sempre mais tensão no corredor quando alguém vai ser executado. É a segunda vez este mês. — Terrell levanta-se enquanto continua a falar para o auscultador. O seu corpo largo preenche a janela toda, mais flácido e redondo do que eu esperava. — Foi precisa muita coragem para vir até aqui, Tessie. Eu sei que isto está a incomodá-la. Lembre-se do que lhe disse. Quando eu morrer, esqueça.

O meu estômago revolve-se com o pânico súbito. *É agora.*

As palavras fervilham numa pressa desesperada.

— Se lhe concederem nova audiência, eu vou depor novamente. O Bill é um advogado fantástico. Ele acredita mesmo que... há esperança. Especialmente agora, com os resultados do ADN do cabelo ruivo. Que não é meu, obviamente.

— Puxo uma madeixa cor de cobre por cima da orelha.

Terrell já conhece os pormenores todos. Bill esteve uma hora a falar com ele. Está por perto, a terminar o recurso de *habeas corpus* no seu portátil. Tudo o resto que esperava vir a acontecer para desencadear o recurso não aconteceu.

— Sim, o Bill é bom rapaz. Nunca conheci um homem tão seguidor dos ensinamentos do Senhor sem que acreditasse n'Ele. Ainda tenho algum tempo para fazê-lo mudar de ideias. — Terrell pisca o olho. — Cuide de si, Tessie. Esqueça. — E pousa o auscultador.

Fico colada à cadeira de plástico. É como se tudo tivesse ficado perfeitamente decidido com aquele derradeiro clique do auscultador a ser pousado. O destino de Terrell. O meu.

Ele inclina-se e toca com um dedo no vidro, apontando para a minha cicatriz em forma de meia-lua, que começa a palpar. É uma Susana a tentar furar. *Ele é bom de mais para ser verdade. É bom de mais para ser verdade.*

A boca dele move-se. Entro em pânico. Não ouço para lá do vidro.

Ele repete mais uma vez, articulando as palavras com cuidado.

— Você sabe quem é.

Bill não queria trazer-me aqui esta noite, mas eu insisti. Estamos apenas a escassas centenas de metros da unidade da infame Casa da Morte conhecida como «Os Muros», onde Terrell me informou há algumas horas que um homem iria ser executado. «Os Muros» é um edifício singular e majestoso, demasiado cansado para suspirar. Há mais de um século que assiste a mortes por enforcamento, eletrocussão, tiros de espingarda e veneno.

Ao lado, fica uma pequena casa debruada a branco, com uma churrasqueira cuidadosamente tapada no alpendre da frente. Do outro lado, uma igreja.

Terrell está deitado na sua cela a alguns quilómetros, na Unidade Wynne do corredor da morte, prestes a pousar o que está a ler. Bill disse-me que, mesmo com as celas trancadas e as luzes apagadas, Terrell saberá primeiro do que nós que a execução desta noite já foi levada a cabo.

Quando lhe pergunto como, ele encolhe os ombros. Os presos têm os seus métodos.

Pequenos flocos de gelo batem no meu casaco. Puxo o capuz para cima. Não podemos entrar ali. Somos meros *voyeurs*.

Já respirei o pó da minha campa prematura, mas nunca senti nada tão opressivo como o peso deste ar. É como se uma fábrica moribunda vomitasse morte, cuspidando plumas de dor e sofrimento, esperança e inevitabilidade. É a esperança que a faz ferver. Pergunto-me que distância teria de percorrer para me afastar desta nuvem tóxica. Onde se dissiparão os seus limites vaporosos? A dois quarteirões da sala de execuções? A dois quilómetros? Se eu olhasse cá para baixo do espaço, estaria a nuvem a sufocar a cidade inteira?

Huntsville é um lugar mítico que eu tinha interpretado da maneira errada. Na minha mente, Huntsville era uma única casa de horrores. Uma montanha gigantesca de cimento no meio do nada, onde o estado do Texas encerra Coisas que merecem morrer. Onde acontecem coisas que nunca, mas mesmo nunca precisamos de saber, a não ser que apareçam no grande ecrã protagonizadas por Tom Hanks.

Era isso que nos dizia sempre o pai de Lydia, grande fã de Tom Hanks e da filosofia vingativa deuteronomica.

Fui muito mal informada. Huntsville não é apenas uma prisão lixada, mas sete, espalhadas pela região. A casa da morte que se ergue à nossa frente iluminada pelo quarto minguante não fica no meio de nada.

Trata-se de um edifício em tijolo com cento e cinquenta anos, com uma torre de relógio no qual o tempo literalmente parou. Fica a dois quarteirões da praça onde se situa o edifício singular do tribunal, no centro da cidade. Neste preciso momento, as pessoas estão a comer bifes de frango frito e bolo de morango no melhor restaurante das redondezas, de onde podem facilmente vislumbrar «Os Muros».

Os polícias rodeiam com indiferença a fachada da prisão com fita usada em cenas de crime. Estamos à distância de um grito da esquina sem janelas do edifício, onde a execução decorrerá.

Tento que Bill não perceba como esta eficiência descontraída me incomoda. Começou assim que ele enfiou o carro num espaço ao lado do edifício de tijolo da prisão e gritou para a guarda que se encontrava lá em cima no telhado se podia estacionar ali. Ela gritou «Claro» em resposta, como se estivessem no intervalo de um jogo de basquetebol na escola.

Os «Pró» e os «Contra» posicionam-se de forma obediente em lados opostos do edifício, com uma distância de quatrocentos metros entre si, lutadores num ringue onde nunca se cruzarão.

Tão civilizados. Tão incivilizados. *Tão descontraídos.*

Alguns Rangers do Texas estão por ali, a observarem ociosamente a pequena

multidão que se adensa. Ninguém aparenta estar preocupado com a possibilidade de surgirem problemas. Duas equipes de cadeias televisivas em língua espanhola estão a instalar-se para filmagens em direto, enquanto o resto do corpo jornalístico é composto por cabeças escuras que se encontram num edifício iluminado, do lado oposto ao da prisão. Algumas mulheres mexicanas estão ajoelhadas ao lado de uma fotografia ampliada do condenado e cantam em espanhol. Dois terços da multidão contra a pena de morte são mexicanos. Os restantes são maioritariamente brancos, velhos, resignados e silenciosos.

Esta noite, um cidadão mexicano vai ser executado por ter enfiado três balas na cabeça de um polícia de Houston. E, a seguir, daqui a dezanove dias, é Terrell. E depois dele é o tipo que atingiu a rapariga que entregava pizzas com um taco de basebol, e a seguir um homem que participou numa violação em grupo e no assassinio de uma rapariga com deficiência mental numa estrada abandonada. E por aí adiante.

De tantos em tantos minutos, surgem Blue Knights nas esquinas montados nas suas *Harley*. São antigos polícias que vêm vingar o seu companheiro e que provavelmente gostariam de ser eles a esvaziar a seringa. Vejo-os posicionarem-se do lado oposto da prisão, o lado dos «Pró», perto da sala de execuções. A polícia e os guardas prisionais acorreram num ápice e estão a orientá-los para estacionarem um pouco mais longe.

— Tens a certeza de que queres estar aqui? — pergunta-me Bill mais uma vez. Estamos a pairar num pedaço de terra de ninguém, entre as duas fações. — Não me parece que faça sentido.

É claro que faz sentido. O problema é que não sei em que acredito. Só sei aquilo em que quero acreditar.

Contudo, não digo isto. Quanto menos emoção, melhor. Quando lhe pedi que me fizesse o favor de me levar a Huntsville para ver Terrell, acordámos pouco à vontade em reduzir a tensão. Prometi-lhe que não o deixaria pendurado. Os meus olhos vagueiam pelo outro lado da rua, onde um homem segura uma vela de Natal a pilhas. Está encostado a uma balaustrada, de costas para um cartaz de bomba de gasolina que diz aos prisioneiros que acabam de ser libertados para recolherem os seus cheques «aqui». Encontra-se confortavelmente instalado entre duas mulheres, com a aparência contida e pacífica de freiras, e dois homens, todos eles com mais de sessenta anos.

Bill segue o meu olhar.

— Aquele é o Dennis. Nunca falha. Às vezes, é o único tipo aqui fora.

— Pensei que haveria mais gente. Onde estão as pessoas todas que protestam no Facebook?

— No sofá. A protestar.

— Quando é que vai começar?

— A execução? — Ele olha para o relógio. — São oito horas. Provavelmente, daqui a quinze minutos. Normalmente, está marcada para as seis e é levada a cabo às sete. Esta noite, houve um atraso, porque o tribunal federal esteve a discutir um recurso de última hora que alegava que o condenado era deficiente mental. — Aponta para o lado oposto da rua. — O Dennis e aquele núcleo duro de quatro pessoas vêm mais em jeito de vigília do que de protesto. Quer dizer, a esta hora, já está tudo decidido. O Dennis é aquele que fica sempre até ao derradeiro minuto de sofrimento, até mesmo nas raras ocasiões em que os recursos se arrastam até à meia-noite. Espera até a família do executado sair. Quer que saibam que está alguém cá fora que os apoia.

Imagino o quadro — um pai Natal magricela, a sua vela natalícia, numa esquina junto a um sinal *Stop*. Só ele e a noite.

— A mulher com o megafone é a Gloria. — Bill redireciona a minha atenção para os manifestantes que exibem cartazes e estão estranhamente silenciosos. Não há clamores. — Também é uma personagem constante. Basicamente, acredita que toda a gente no corredor da morte está inocente. É claro que a maioria deles não podiam ser mais culpados. No entanto, ela é muito estimada por causa da sua dedicação. Em breve, vai dar início à contagem decrescente.

— Onde estão as famílias agora?

— A família da vítima, se algum deles quiser estar presente, já está no interior da prisão. A família do prisioneiro está no edifício do outro lado da rua. Ouvi dizer que o Gutierrez pediu à mãe para não assistir. A pessoa que *estiver* a testemunhar em nome dele irá atravessar a rua com alguns jornalistas assim que os prazos dos recursos chegarem ao fim.

Um jovem repórter televisivo, envergando um fato azul novinho em folha e uma gravata cor de lavanda sempre pronta para a câmara, surgiu à minha direita. Lança o microfone na direção do rosto de uma mulher que empunha um letreiro no qual se lê que o governador é um assassino em série. A câmara faz incidir uma luz misteriosa nos rostos de ambos.

Os ombros da protestante curvam-se numa montanha artrítica, mas mesmo assim ela usa botas vermelhas de *cowboy*. Responde ao jornalista num sotaque arrastado e com algum cinismo, como se já tivesse visto centenas como ele. *Sim, era habitual as luzes da cidade reduzirem de intensidade por um segundo quando um prisioneiro era eletrocutado. Sim, esta multidão é habitual. Sim, a execução da Karla Faye Tucker foi muito mais concorrida, por se tratar de uma mulher. Alguém na praça até anunciava «Preços de Morrer».*

O jornalista interrompe-a abruptamente.

Bill dá-me um toque no ombro. Gloria levou o megafone aos lábios.

Sombras atravessam a estrada. Continua a cair gelo do céu.

O ar vibra subitamente com o rugido de cem tigres furiosos, tão alto e temível que me matraqueia o cérebro, a planta dos pés e o fundo do estômago.

Os estrondos abafam os gritos de Gloria para o seu megafone e o cântico das mulheres, cujas bocas continuam a abrir e fechar, quais pássaros esfomeados.

Os Blue Knights aceleram as suas motas em unísono, para que ele ouça.

Matem-no.

SETEMBRO DE 1995

DOUTOR VEGA: Pode dizer o seu nome todo, para que conste na ata, por favor?

SENHOR BOYD: Ural Russell Boyd. Chamam-me You-All. Desde que joguei basquetebol na secundária. As claques transformaram o meu nome num dos seus gritos.

DOUTOR VEGA: Como prefere que eu lhe chame?

SENHOR BOYD: Pode ser You-All. Estou um bocado nervoso.

DOUTOR VEGA: Não precisa de estar nervoso. Está a sair-se muito bem. O senhor possui cento e sessenta hectares de terreno a cerca de vinte e cinco quilómetros a noroeste de Fort Worth, não é verdade?

SENHOR BOYD: É, sim, senhor doutor. Esse terreno é da minha família há sessenta anos. Mas toda a gente continua a chamar-lhe a propriedade dos Jenkins.

DOUTOR VEGA: Pode fazer o favor de nos contar o que aconteceu na manhã do dia 23 de junho de 1994?

SENHOR BOYD: Sim, senhor doutor. O meu cão de caça desapareceu. Estava previsto irmos caçar pássaros de manhã cedo. Como não conseguia encontrá-lo, saí com a *Ramona*.

DOUTOR LINCOLN: E a *Ramona* é...?

SENHOR BOYD: É o cavalo da minha filha. Era o que estava mais disposto a dar um passeio nessa manhã.

DOUTOR LINCOLN: E o que aconteceu depois disso?

SENHOR BOYD: Quase de imediato, ouvi o *Harley* começar a uivar perto da pastagem a oeste. Pensei que ele se tivesse cruzado com uma cobra cabeça-de-cobre. Já tive problemas com elas.

DOUTOR VEGA: Seguiu o uivo dele?

SENHOR BOYD: Segui, sim. Depois de ter começado, ele não parava de uivar. Acho que sentiu a vibração dos cascos da *Ramona* e percebeu que estávamos a chegar. É um cão muito esperto.

DOUTOR LINCOLN: Que horas eram, mais ou menos?

SENHOR BOYD: Por volta das quatro e meia da manhã.

DOUTOR LINCOLN: Quanto tempo demorou a encontrar o *Harley*?

SENHOR BOYD: Dez minutos. Estava escuro. Ele estava no extremo oposto da propriedade, a cerca de um quilómetro da autoestrada. Estava de guarda.

DOUTOR VEGA: O que estava ele a guardar?

SENHOR BOYD: Duas raparigas mortas. Não sabia que uma delas estava viva. Não parecia viva.

DOUTOR VEGA: Pode fazer o favor de descrever ao júri exatamente aquilo que viu quando se aproximou da vala?

SENHOR BOYD: Primeiro, apontei a minha lanterna para o *Harley*. Ele estava caído em cima de um molho de flores, numa vala. Não se mexia. A princípio, não vi a mão, porque o focinho dele estava a tapá-la. Só percebi que era a mão de uma rapariga porque as unhas estavam pintadas com verniz azul. Doutor, preciso de um momento.

DOUTOR VEGA: Com certeza.

SENHOR BOYD: (inaudível)

DOUTOR VEGA: Demore o tempo que for preciso.

SENHOR BOYD: Foi um mau momento. A minha filha está sempre a apanhar aquelas flores, e eu não tinha ido vê-la à cama antes de sair de casa.

18 DIAS ANTES DA EXECUÇÃO

Enquanto eu e Bill esperávamos que Manuel Abel Gutierrez morresse, uma ligeira chuva gelada transformou a autoestrada de regresso a casa numa tira de gelo reluzente. É o tipo de tempestade da qual os ianques troçam no Facebook, com a imagem de um copo de gelo entornado no passeio que faz as escolas fecharem ou um *cartoon* em que um floco de gelo é mostrado como culpado por engarrafamentos enormes. Seria engraçado, se o mais ínfimo pedaço de gelo no Texas não fosse fatal.

Ao cabo de seis minutos a percorrermos a I-45, Bill declarou que não estava disposto a patinar no gelo ao longo das quatro horas que demorava a viagem de regresso e fez inversão de marcha. E foi assim que viemos parar aqui, a este castelo de gelo vitoriano, a dois quarteirões da sala de execuções e da sua nuvem que começa a dissipar-se. Tivemos sorte por a senhora Munson, a proprietária de oitenta e sete anos da pensão, ter atendido o telefone às onze e meia da noite. Todos os outros hotéis ao longo da autoestrada estavam lotadíssimos, com os

seus parques de estacionamento apinhados de carros cobertos de gelo, como se fossem *petits fours*.

Bill tem a água da sua casa de banho a correr. O som perpassa a parede e viaja pela fresta de dois centímetros por baixo da porta comunicante. A senhora Munson chamou-nos três vezes enquanto subíamos as escadas para nos dizer que toda a canalização da casa tinha sido substituída e que fora instalado aquecimento central em todas as divisões, para o caso de não entendermos os trezentos dólares que custa alugar um quarto aqui por uma noite. Experimento a cama e passo os dedos pelos pequenos pontos da colcha bordada com tulpas vermelhas e amarelas. Tenho vontade de dizer à senhora Munson que a qualidade das suas instalações vale cada cêntimo do que ela cobra.

Lydia teria adorado este quarto, com as alegres paredes amarelas e os rostos sombrios dos mortos que nos olham de cima da cómoda. O candeeiro de ferro com um quebra-luz de franjas douradas que reluz como uma pequena chama. As lascas de gelo que estalam contra a janela, como se fossem dentes a tiritar.

Ela ficaria deitada nesta cama a compor uma fábula negra para o antigo vestido de noiva em tule pendurado como um fantasma no roupeiro semiaberto. E uma história ainda mais aterradora acerca da porta que se esconde na sombra por trás dele e serve de portal para outra dimensão. Talvez combinasse as duas histórias numa só. E a noite passaria a correr, numa aventura radiante e esplêndida. Voltaríamos a ser meninas, antes de haver monstros e palavras devastadoras, e as nossas imaginações fundir-se-iam.

Ouçó um ligeiro toque na porta comunicante.

— Entra, Bill — digo imediatamente.

Bill hesita na soleira, envergando calças de ganga e uma *t-shirt* que devia estar escondida por baixo da camisa.

— Encontrei escovas de dentes num armário da minha casa de banho. Queres uma?

Deslizo para fora da cama e aproximo-me dele.

— Obrigada. — Prefiro a azul à amarela. — Também me sabia bem um copo de vinho. Ou talvez um *shot* de tequila.

— Não me parece que vá encontrar nenhum deles no armário da casa de banho. Vou buscar uma garrafa de água ao minifrigorífico do corredor. Queres uma?

— Pode ser.

Ele desaparece no interior do quarto antes de eu ter tempo de lhe dizer que pode sair para o corredor pela minha porta. Estamos a ser tão bem-educados... Ao início da noite, antes de termos ido assistir à execução, Bill clicou numa tecla do seu computador e enviou oficialmente o pedido de *habeas corpus* para o

tribunal federal. O recurso foca-se na «ciência menor» dos resultados de ADN do cabelo ruivo, nas estatísticas avassaladoras acerca de identificações erradas por testemunhas e numa declaração minha, a vítima sobrevivente que acredita que o assassino das Susanas-de-Olhos-Negros continua a assediá-la e está disposta a depor nesse sentido.

Não menciona as plantações misteriosas de susanas-de-olhos-negros, o livro de Poe enterrado no quintal das traseiras de Lydia ou o dente guardado numa caixa velha.

Desejei muitas vezes ter guardado a amostra de poesia doentia que encontrei debaixo da minha casa da árvore, em vez de tê-la rasgado em pedaços e deitado fora o frasco de comprimidos que a guardava. Talvez fosse impossível obter ADN ou impressões digitais no papel ou no plástico passados tantos anos, mas era uma prova palpável de que eu não estava a inventar.

O pedido de *habeas corpus* que enviou está aquém do que gostaria de já ter apresentado nesta altura, mas Bill tem esperança de que seja o suficiente para o juiz lhe conceder uma audiência. E tem esperança de que entretanto Jo consiga obter mais informações dos ossos.

— Aqui tens — anuncia Bill. — Estou a ver que também tens televisão por cabo. Mas não é fácil ver alguma coisa com estes postes da cama grossos como troncos. Conseguieste falar com o Lucas?

— Está tudo bem. Ele está a dar conta do recado. A Charlie está a dormir.

— Posso sentar-me aqui um bocadinho?

— Claro.

Ele puxa a cadeira de costas altas que está ao lado da cómoda e senta-se no estofado bordado com rosas. Volto a ocupar o meu lugar na esquina da cama.

— Perguntaste-me há dias se havia esperança — diz Bill. — Depois do que aconteceu hoje... acho melhor ser honesto. Acho muito provável que o Terrell vá morrer. Ele está num comboio que circula a alta velocidade. Sei que hoje foi duro. Conhecer o Terrell, a execução. Não importa o que se pensa acerca da pena de morte. Eu era completamente a favor até há cinco anos e não deixava de ser um momento macabro como o raio.

Fico perplexa com esta confissão. Nunca tinha imaginado que ele tivesse uma réstia de dúvida.

— Houve duas coisas que aconteceram e me fizeram mudar de ideias. Aquele momento do advogado que se dá conta da sua idiotice, quando me apercebi de que nunca se verá um homem branco rico deitado naquela maca. E o momento com a Angie. Ela deu-me a conhecer dois tipos que estavam no corredor da morte. Culpados. Um deles tinha entrado num quintal sob o efeito de metanfetaminas e matado uma velhota que estava na sua cadeira de rodas, para

entrar em casa e roubar-lhe a mala. A Angie achava que eu não poderia fazer este trabalho de uma maneira que a satisfizesse enquanto não percebesse que não se tratava apenas de provar a inocência de alguém. Que precisava de me envolver completamente. Tinha de entender que os homens no corredor da morte são seres humanos que fizeram coisas horríveis, mas que isso não significa que *eles* sejam coisas horríveis. Os homens que conheci e que se encontram no corredor da morte não são os mesmos que cometeram esses crimes. Estão sóbrios. Renasceram. Mostram-se arrependidos. Ou estão passados dos carros. — Reclina-se na cadeira. — Ocasionalmente, mas não com frequência, estão inocentes.

Pergunto-me há quanto tempo estará ele a conter este discurso e porque escolheu esta noite para o proferir.

— Eu não sei qual é a minha posição em relação à pena de morte — digo. — Simplesmente... não estou... lá. — *Tenho promessas para cumprir.*

— E o Terrell?

— Não consigo falar do Terrell.

Ele anui.

— Vou deixar-te dormir.

Assim que Bill fecha a porta entre nós, quero desesperadamente apagar tudo o que aconteceu neste dia. Entro na casa de banho, que é ao mesmo tempo antiquada e cheia de apontamentos modernos, dispo-me e pouso a roupa na bancada. Aflige-me voltar a vestir a mesma roupa de manhã. Está manchada de morte. Mas não trouxe mais nada na mochila — apenas algumas barras energéticas, uma garrafa de água, um novelo de fio de seda e agulhas para experimentar fazer renda. E, no último minuto, tinha atirado o depoimento lá para dentro, essencialmente para o caso de Bill me perguntar se o tinha lido. Não li. Abri o envelope, vi os papéis e voltei a guardá-los.

Afasto a cortina da banheira e giro a torneira. A água quente responde, sedosa, quente e imediata. Lavo tudo três vezes antes de sair para o chão de mosaicos brancos e vestir, relutante, a roupa interior e o *top* que usara como camada ineficaz de roupa de inverno. Seco os meus caracóis revoltos com uma toalha, demasiado cansada para usar o dispendioso secador de cerâmica que se encontra em cima da bancada.

Enfio-me nos lençóis gelados, a tremer e tentando não pensar na mãe enlutada que esta noite correu para a morgue e esperava poder tocar pela primeira vez ao cabo de vários anos no corpo do filho, um assassino, enquanto ele ainda estivesse quente.

Às 4h02, os meus olhos abrem-se de repente. Estou ofegante, como se alguém tivesse acabado de me tirar uma almofada de cima do rosto.

Lydia.

Uma luz fria penetra pelas janelas. A tempestade de inverno, adormecida. A minha mente, a correr.

Para Charlie, que está em casa em segurança, enroscada no seu edredão. Imagino-a a respirar suavemente, a inspirar e a expirar, e acerto a minha respiração com a dela. Para Lydia, que segura um saco de papel junto ao meu rosto no fim de uma corrida e me diz para *respirar*, ao que eu acedo. Inspiro e expiro.

Lydia, Lydia, Lydia. Ela invadiu este quarto. A antiga Lydia, que me tomava a pulsação, e a outra, que tenta escapar-se do envelope de Bill que está na minha mochila.

Terei deixado escapar as pistas? Ou estaremos as duas à distância de uma traição, nem que seja uma simples frase, que nos impedirá de alguma vez voltarmos a falar uma com a outra? Eu sempre, sempre defendi a minha melhor amiga. Nem sequer o meu avô, que era fã da imaginação exacerbada dela, tinha a certeza absoluta.

Uma vez, perguntou-me:

— O que é que tu vês na Lydia?

— Ela é diferente de toda a gente — respondera eu, um pouco na defensiva.
— E é leal.

Lydia transformou-se no mês que antecedeu o julgamento. A antiga Lydia troçava do *Wonderbra*. Entalava as mãos por baixo dos seios, formava com eles pequenos montes e troçava dos cartazes publicitários de Eva Herzigova. *Olha-me nos olhos e diz que me amas.* Virava o joelho de lado, pousava as mãos nas ancas, atirava o peito para a frente e dizia, numa fala arrastada: *O que é que importa que o cabelo hoje não esteja bonito?*

A nova Lydia comprou um *Wonderbra* e usou-o. Queixava-se que os rapazes da escola só queriam uma prancha rasa para poderem desenhar nela com o seu lápis. As notas dela desceram para quatros. Renunciou ao *Dr. Pepper* e às miniaturas de queijo *Sonic*. E o pior de tudo foi que parou com a sua incessante tagarelice enciclopédica. Eu sei que devia tê-la pressionado, mas estava presa dentro da minha própria cabeça.

A antiga Lydia guardava todos os meus segredos.

A nova Lydia revelava os meus segredos ao mundo.

Estou debruçada sobre a cama dele. Os cobertores são uma montanha enrugada, como se a neve entrasse pelo teto. Bill está virado para o outro lado. O corpo dele sobe e desce, devagar e a um ritmo constante.

Não é meu costume fazer isto, penso eu enquanto dispo a *t-shirt*, que cai no chão sem ruído. Não entro em joguinhos. Não sou impulsiva. *Não sou esse género de rapariga*. Levanto a colcha e enfio-me lá dentro. Encosto a pele nua contra as costas quentes dele. A sua respiração detém-se. Ele espera alguns segundos que parecem uma eternidade até se virar de frente para mim. Deixa poucos centímetros de distância entre nós.

— Olá — diz. Está demasiado escuro para ler a sua expressão.

Isto foi um erro, penso. Mentalmente, ele já passou adiante. A mão dele está a aproximar-se para me afastar.

Em vez disso, o seu dedo percorre a minha face, do lado onde não tenho cicatriz. Apercebo-me de repente que tenho o rosto húmido.

— Estás bem? — pergunta, numa voz rouca.

Está a ser um cavalheiro, a dar-me uma última hipótese para me escapar, apesar de me ter oferecido nua na sua cama.

— Eu não sou esse tipo de rapariga. — Inclino-me para ele e faço deslizar a língua pela sua orelha.

— Graças a Deus — responde ele, abraçando-me.

O canto perturbado de um pássaro corta o silêncio e obriga-me a acordar. É uma súplica em tom agudo, vinda de um ramo ao pé da janela. *Porque está o mundo gelado? Para onde é que foi toda a gente?*

Deslizo para fora da cama e para longe do calor delicioso do corpo de Bill. A sua respiração é ritmada.

Fecho a porta comunicante, regressando ao meu quarto. Revivo a intimidade daquilo que acabou de acontecer. Das coisas que não faria a não ser que estivesse apaixonada. *Como poderei algum dia ter a certeza de que a atração que ele sente é por mim e não pelo brilho da Susana-de-Olhos-Negros?*

O meu casaco vermelho *North Face* escorrega da maçaneta da porta do roupeiro como se fosse sangue. Vejo uma orquídea branca sozinha num vaso estreito, apesar de ninguém saber que eu estava a chegar. Uma jovem que se encontra na moldura antiga pousada em cima da cómoda fita-me com frieza, como se eu não tivesse lugar no quarto dela.

Nesta fotografia, é ainda uma jovem, mais ou menos da idade de Charlie. Tem o cabelo enrolado numa trança grossa capaz de causar enxaquecas. Imagino-a

com o cabelo solto e um pouco de maquilhagem de Charlie nos olhos. Pego na fotografia e viro-a.

Mary Jane Whitford, nascida a 6 de maio de 1918 e morta no dia 16 de março de 1934, quando um condenado que vagueava pelos campos de cana-de-açúcar surgiu à frente da sua carruagem e assustou os cavalos.

Uma atração turística. Tal como eu.

Faz sentido que Lydia viesse ao meu encontro aqui, neste quarto, que se assemelha a um pano de mesa em croché no meio do tecido escuro desta cidade. Onde sou lembrada por uma menina bonita de tranças que não podemos escolher.

Há três horas, quase morri na autoestrada I-45, a meio caminho entre Huntsville e Corsicana. Que fim irónico teria sido aquele — a solitária sobrevivente das Susanas-de-Olhos-Negros colhida por um camião de dezoito rodas recheado de produtos de padaria. Um camião que seguia trinta metros à nossa frente derrapou num pedaço de gelo, dobrando-se sobre si mesmo, qual canivete. Se derrapar fosse um desporto olímpico, teria ganho. Durante os seis segundos em que eu e Bill nos lançámos contra a imagem de um *donut* gigante polvilhado de *confetti*, só conseguia pensar: *Vai tudo acabar assim?*

Em vez disso, acabou comigo a reconsiderar por completo a minha opinião sobre os *BMW*. Por algum motivo, os seus condutores agem com superioridade.

Lucas abre a porta da frente antes de eu ser capaz de o fazer, o que é bom, pois esqueci-me do novo código de segurança que ele insistiu em colocar, e mau, porque Bill ainda está no caminho de acesso para se certificar de que entro em segurança. Viro-me para lhe acenar, mas ele já está a fazer marcha atrás para se fazer à estrada. Espero que tenha acreditado em mim quando lhe disse que não dormia com Lucas.

O pequeno-almoço na pensão foi um pouco estranho. Bill sentou-se à minha frente, a uma mesa formal de cristais frágeis e uma parafernália de pratas, com a senhora Munson à cabeceira a tagarelar acerca de como os prisioneiros tinham esculpido os pormenores intrincados do armário que se encontrava atrás de nós. Era impossível resistir à obra de arte colocada à nossa frente pela filha da senhora Munson, uma panqueca com um leque de morangos em cima e uma borrifadela de açúcar em pó.

Talvez Bill estivesse aborrecido por ter acordado sozinho na cama. Mais tarde,

no carro, cada um de nós parecia estar à espera de que fosse o outro a falar daqueles trinta minutos de intimidade. Quase parecia ter-se tratado de um sonho maquinado por uma casa que sentia a falta do barulho e do sentido da sua vida antiga — das pessoas que se tinham casado no seu relvado, dado à luz nas suas camas, permanecido deitadas nos seus caixões na sala da frente. Só que eu ainda sinto as marcas das mãos dele na minha pele.

Depois de Bill ter evitado o acidente, o silêncio dentro do carro tornara-se ainda mais desconfortável. Como se ele estivesse cansado de salvar vidas.

Distraída por estas preocupações de raparigas e rapazes, ainda a envergar a morte como se fosse um casaco, ainda a delirar com o facto de não me ter tornado uma panqueca eu própria, demoro um momento a registar a expressão no rosto de Lucas.

— Bem-vinda a casa. — Parece pouco à vontade.

Enquanto dou os poucos passos que faltam para entrar na sala de estar, ele tira-me a mochila dos ombros.

— O que é que se passa? — pergunto.

— Alguém revelou a tua... sensação... de que o assassino das Susanas-de-Olhos-Negros plantou flores para ti ao longo dos anos. Alguns peritos da treta andam a emitir pareceres na televisão acerca do teu estado mental. Há uma fotografia desfocada a circular por aí de uma mulher com uma pá na casa vitoriana onde vivias. É suposto seres tu. Bem, és *mesmo* tu. Mas é difícil de distinguir na imagem.

— Quando é que descobriste isso?

— Porque não te sentas?

— Há horas que estou sentada.

Lucas observa o meu rosto com atenção.

— A Charlie enviou-me uma mensagem. A notícia está no Twitter e no Instagram.

— Porra. Porra, porra, *porra*.

Ele hesita.

— Tive de desligar a campainha do telefone. Por que raio é que tens um telefone fixo?

— Podemos não falar disto agora? Não é realmente importante, pois não? O Terrell vai morrer. É impossível proteger a Charlie.

Dirijo-me para a ilha da cozinha, onde Lucas amontoou o correio. Ele está atrás de mim a massajar-me os ombros. Gentil. Preocupado. Mas não está a ajudar. Os seus dedos enterram ainda mais a morte que tenho colada à roupa na minha pele.

Tento parecer descontraída quando me afasto.

— O que é isto? — Passo os dedos por uma caixa de cartão aberta. Ao lado, sobre a bancada, está um livro de bolso.

— Isso chegou ontem pelo correio. A Charlie abriu a caixa, porque pensou que era o *Catch-22* e queria começar a lê-lo para as aulas de inglês. Ela diz que te pediu para o encomendares há uma semana.

— Esqueci-me. Não encomendei o *Catch-22*, nem mais nenhum livro.

— A etiqueta vem em teu nome. — Ele vira a caixa para eu conseguir ver.

— Onde está o recibo?

Olho fixamente para a capa do livro, a imagem diáfana de um ser meio espírito, meio mulher a erguer-se de um mar rochoso. *O Fantasma Gracioso*, de Rose Mylett.

Rose Mylett, um nome que mexe com alguma coisa desagradável no meu subconsciente.

Lucas enfia a mão dentro da caixa.

— Aqui tens o recibo. Parece tratar-se de uma oferta. Tem uma mensagem. *Espero que gostes*. Não diz mais nada.

Espero que gostes. Palavras comuns que me causam arrepios na espinha, como se tivesse três aranhas a treparem-me pelas costas.

— Estás bem? — pergunta ele.

— Claro — respondo, num tom monocórdico. — É apenas um livro. Um presente. Tenho de tirar esta roupa.

— Só mais uma coisa. A tua amiga Jo passou por cá. Tens de lhe ligar. O amigo dela que é geoquímico vem à cidade, aquele que tem estado a trabalhar nos ossos das Susanas. Ela quer que o conheças. Ah, e o dente que encontrámos no quintal do teu avô era de um coiote.

Faltam vinte minutos para Charlie chegar a casa da escola. E um pouco mais para Lucas regressar da sua busca ao *Catch-22* e de ir tomar café com um «amigo recente» — o código que ele usa para «mulher».

Não tenho tempo para secar o cabelo. Aperto mais o cinto do robe à volta da cintura, vasculho uma gaveta de Charlie à procura de um par de meias felpudas e instalo-me na sua cama por fazer com o meu portátil, que na minha ausência tinha encontrado um lar feliz no meio dos lençóis dela.

Estou carregada de uma energia maníaca, lançada de volta à vida pelo duche e pela certeza de que Rose Mylett significa alguma coisa. O nome perfura insistentemente o meu crânio, mais importante do que eu, como se a voz da morte me fizesse percorrer o Twitter neste momento ou telefonar a Jo para ficar

a saber mais pormenores acerca dos esforços em vão para sacar nomes do pó. Aqueles ossos são teimosos.

Obtenho um resultado imediato. A primeira Rose Mylett que aparece não é uma verdadeira escritora de mistérios. A imagem no ecrã não é de uma autora bem penteada, tentando parecer inteligente, bonita e dez anos mais nova.

Esta Rose Mylett está bem morta. Assassinada em 1888. Uma pretensa vítima de Jack, o *Estripador*. Uma prostituta também conhecida como Catherine, Drunk Lizzie e Fair Alice. Envergava um avental lilás, um saiote vermelho de flanela e meias às riscas azuis e vermelhas, quando foi encontrada com a marca de uma corda à volta do pescoço.

Durante um segundo, tenho outra vez catorze anos e estou na segunda fila, a pôr batom *Pink Lemonade*, enquanto ouço o relato de Lydia sobre Jack, o *Estripador*, que instilou pesadelos em metade da nossa turma.

Os meus dedos continuam a trabalhar no presente. Passam à página seguinte e, quatro links mais abaixo, encontro «Rose Mylett, autora, *O Fantasma Gracioso — O que tenta Elizabeth Bates contar-nos acerca do seu assassinio cinquenta anos depois.*» Sim, é o mesmo livro pousado na bancada da minha cozinha. Leio rapidamente a sinopse. Este crime não me faz lembrar rigorosamente nada. É a história de uma mulher da realeza inglesa que desapareceu na costa escarpada de North Devon durante a sua lua de mel. 184 críticas e 4,6 estrelas. Publicado há cinco anos, no Reino Unido. Aqueles 0,4 que separam o livro da perfeição consumiria Lydia. Não há biografia da autora. Não há mais títulos de Rose Mylett. O site sugere delicadamente: «Se gosta desta autora, é possível que também goste destes títulos de Annie Farmer e Elizabeth Stride.» Pesquiso rapidamente no Google, apesar de já saber quem são. Mais duas vítimas do *Estripador*. *Muito esperta, a Lydia*.

Só pode ser Lydia, certo? A enviar-me flores. A enviar livros pelo correio para satisfazer o meu gosto pela leitura.

Afinal, ainda anda por cá. Ainda continua a enfiar o nariz no mal. A usar como pseudónimos os nomes de rameiras mortas e dignas de pena. A fazer dinheiro com a dor lancinante. Por algum motivo maquiavélico, está a provocar-me.

Porque é que voltaste de repente, Lydia?

Fecho a tampa do portátil.

A minha filha está a chegar.

Por alguns momentos preciosos, deleito-me na essência boémia de Charlie: a parede preta como uma ardósia que ela própria pintou no verão passado e que está agora escrevinhada com citações de Stephen Colbert e enfeitada com *graffiti* artísticos feitos pelos seus amigos; a coleção de ornamentos em forma de lua e

de estrelas, pendurados numa linha de pesca presa ao teto com pioneses; a variedade de velas em diferentes estádios de derretimento no peitoril da janela. Os troféus que ela escondeu na prateleira de cima do roupeiro, por serem «ostensivos».

Estou a despejar à pressa detergente na máquina da roupa quando ouço a chave a rodar na fechadura.

— Mãe?

— Estou na lavandaria! — grito em resposta.

Três embates surdos. A mochila a cair no chão. Um sapato descalçado e a seguir o outro. *Bons sons*.

Charlie enrosca os braços à minha volta por trás de mim no preciso momento em que estou prestes a fechar a tampa da máquina, encerrando ali a roupa que provavelmente nunca mais me irá parecer limpa.

— Mas por que raio está um frio tão esquisito lá fora? — pergunta ela. Em vez de *Porque é que és tão esquisita? A mãe que vai parar ao Twitter?* Aperto os braços dela com mais força contra mim.

— Tive saudades tuas — diz-me Charlie. — O que é que vamos comer?

Liberta-me do nosso abraço. Decido colocar mais detergente na máquina da roupa.

— Também tive saudades tuas. Vou fazer *ovos-à-la*.

— Fixe.

Ovos-à-la é o diminutivo para ovos *à la goldenrod*, a nossa comida de conforto. Ovos bem cozidos, picados e despeitados num molho branco, espalhados em cima de uma torrada e polvilhados com gema em pó. Muito sal e pimenta. *Dr. Pepper* a acompanhar. A tia Hilda fazia-os para mim uma vez por semana quando eu estava cega.

— Lamento o que... aconteceu hoje — digo.

— Não tem importância. Os meus amigos não acreditam. Vão fazer uma campanha de protesto. Faz *bacon*, está bem? E não ponhas a máquina a lavar. Tenho uma pilha de roupa do voleibol. O pessoal andou a esquecer-se de merd... de coisas a semana toda e o treinador obrigou-nos a correr sem parar. Está *tudo* a tresandar. Além disso, a mãe de um dos rapazes está a passar-se porque ele tem umas crostas no pé. Vieram umas pessoas com fatos tipo *Star Wars* limpar os balneários e agora toda a gente na escola cheira a detergente antibacteriano. Bem, os rapazes cheiram a detergente e a *Axe*.

— Hum, isso não é nada bom. Não te preocupes. Eu faço outra máquina a seguir a esta.

— Mas essa está quase vazia — contesta ela. — Vou buscar o resto da roupa agora. Não posso esquecer-me de nada amanhã. A equipa já não *aguenta* correr

mais.

Já está despida. Ficou em sutiã, cuecas e meias pelo joelho, a típica rapariga americana, alegre e melodramática. Há catorze anos, era apenas um adorável embrulho cor-de-rosa com penugem ruiva, enviado a uma adolescente chamada Tessie para que acesse a permanecer na Terra.

— Não te preocupes. — Fecho a porta da máquina com firmeza. — Não quero que estas roupas destinjam para as tuas.

Estou a mentir e a dizer a verdade.

Já estou de pijama quando decido telefonar a Jo. Ela atende ao primeiro toque.

— Tessa? — atende, ansiosa.

— Lamento imenso não ter ligado mais cedo.

— Tudo bem. Eu falei com o Bill. Ele contou-me da vossa viagem. Gelo, dor e nada de tequila. Parece-me duro. Pode passar pelo meu gabinete amanhã?

— Sim. Claro — respondo prontamente, apesar de a minha única vontade ser trancar a porta da frente e nunca mais sair.

— Queria pô-la a par dos desenvolvimentos, porque isto vai ser incluído nas alegações dele. — Jo fala apressadamente. — Escondi uma coisa de si, porque me pareceu ser... um pouco de mais. Percebe? Há uma semana e meia, um dos meus alunos de doutoramento estava a acabar de catalogar os restos mortais das Susanas tiradas dos caixões que exumámos. Como pode calcular, encontrámos muitos detritos. Terra, barro, pó, pedaços de osso. Quis garantir que cada pedaço era catalogado depois de nos termos apercebido de que o primeiro médico-legista deixou escapar um terceiro fémur direito. Na verdade, temos andado a pesquisar noutros casos antigos em que ele trabalhou e encontrámos mais erros.

— Desembuche de uma vez, Jo — peço.

— O meu aluno teve um palpite em relação a um pequeno pedaço de cartilagem. E eu confirmei esse palpite. Tratava-se da cartilagem de um feto. Uma das duas raparigas não identificadas estava grávida de uma menina. Cruzámos o ADN com o do Terrell. Há uma probabilidade de 99,6 por cento de ele não ser o pai. Vamos cruzar o ADN da bebé com as bases de dados criminais. Talvez obtenhamos uma resposta. Uma nova pista.

É óbvio que Terrell não é o pai.

Faço contas de cabeça. Havia seis raparigas naquela campa. Eu e Merry. Com Hannah, éramos três. Mais dois conjuntos de ossos não identificados. E agora uma bebé. Uma delas acorda e começa a falar dentro da minha cabeça, recordando-me, para o caso de me ter esquecido.

Sou eu que tenho as respostas.

SETEMBRO DE 1995

DOUTOR VEGA: Tessie, pode falar-nos um pouco sobre o brilho das Susanas-de-Olhos-Negros?

MENINA CARTWRIGHT: É difícil de explicar. Foi a minha amiga Lydia que lhe pôs esse nome.

DOUTOR VEGA: Dê o seu melhor. Talvez possa começar por nos falar daquela vez em que ficou na rua no meio de uma tempestade muito má e o seu pai não conseguiu obrigá-la a entrar em casa.

MENINA CARTWRIGHT: Eu pensava que, se ficasse muito tempo lá fora, a chuva lavaria o brilho das Susanas-de-Olhos-Negros.

DOUTOR VEGA: Consegue ver esse brilho?

MENINA CARTWRIGHT: Não.

DOUTOR VEGA: E quando foi a primeira vez que reparou nele?

MENINA CARTWRIGHT: No dia em que voltei do hospital. Volto a dizer que não o vejo. Durante algum tempo, achei que estava no amaciador de cabelo, no

sabonete *Ivory*, no detergente que usamos na máquina de lavar roupa. Concluí que era por isso que nunca conseguiria tirá-lo.

DOUTOR VEGA: Neste momento, tem esse brilho?

MENINA CARTWRIGHT: Só um bocadinho. A pior altura foi quando estava no queijo parmesão que pus no meu esparguete. Vomitei a noite toda.

17 DIAS ANTES DA EXECUÇÃO

Não há ossos das Susanas na mesa de reuniões de Jo. Apenas aquela caixa castanha solitária de lenços de papel. Tenho a sensação de que me espetaram um prego no coração.

Receava chegar atrasada à reunião com Jo, mas quando abro a porta da sala de reuniões torna-se evidente que todos os outros participantes estão ainda mais atrasados. A sala está vazia, à exceção da mesa e das cadeiras, a não ser que se considere o réquiem de dor que a mãe e o irmão de Hannah deixaram atrás de si. Se houvesse uma luz negra que revelasse a dor e a raiva, de certeza que estariam pinceladas em *graffiti*, ao estilo de Dali, nestas paredes. Não apenas a dor sugada da família de Hannah, mas também de todas as outras pessoas que se sentaram aqui, à espera de verem os seus entes queridos reduzidos a teimosas regras científicas.

A porta faz um ruído quando se fecha atrás de mim. O brilho fluorescente parece limitar o fluxo de sangue que chega à minha cabeça. Sento-me na cadeira

onde não há muito tempo o irmão de Hannah esteve sentado muito direito no seu uniforme militar e, durante alguns minutos, tento não pensar.

A porta abre-se e toda a gente entra na sala de reuniões ao mesmo tempo: Bill, a tenente Myron, Jo e o seu amigo russo, o doutor Igor Aristov, o génio de Galveston.

— Igor, como Igor Stravinsky — dissera-me Jo ao telefone ontem à noite, sabendo que eu estava a pensar obviamente no corcunda de Frankenstein e não naquele que compusera *A Sagração da Primavera*.

No entanto, este Igor não é corcunda, nem usa um capuz preto, nem me atemoriza com os seus olhos brancos que parecem bolas de golfe. É alto, está em boa forma física e enverga umas calças de caqui e um polo vermelho. Os seus olhos são calorosos e cor de avelã. Aos cantos, nascem rugas finas e curtas. As têmporas começam a ficar ligeiramente grisalhas.

Atravessa a sala de imediato para me cumprimentar em primeiro lugar.

— Deve ser a Tessa. É um prazer conhecê-la.

O seu sotaque é muitíssimo pronunciado e a maioria das mulheres desejariam que ele repetisse os seus nomes e não lhes soltasse as mãos. Mas não é o meu caso. Eu só estou nesta sala num gesto reconciliador para com Jo. Não quero ouvir os *talvez* nem os *ses* de Igor. A não ser que este génio de laboratório esteja prestes a tirar algum milagre da cartola, preciso de dar ouvidos a Bill. Tenho de aceitar o destino de Terrell.

A tenente Myron é a primeira a ocupar uma cadeira. Pergunto-me se parecerei tão bisonha como ela.

— Sentem-se todos — diz Jo. — Vamos tentar ser tão breves quanto possível. A Ellen teve uma noite complicada.

— Um polícia e a mulher casada com ele há seis meses — explica a tenente Myron. — Ele deu-lhe um tiro na cara por cada mês de casamento. Prossiga, Jo.

Jo anui. As suas mãos agitam-se e não param quietas. Nunca a vi tão visivelmente nervosa.

— Habitualmente — diz ela —, envio ao Igor amostras de pó dos ossos e ele envia-me as suas conclusões por *email*. Mas isso é a correspondência entre dois cientistas. Eu quero que vocês os três ouçam diretamente da boca do Igor o que ele tem para dizer, para o caso de algum pormenor ativar os vossos cérebros. — Tem o cuidado de não olhar para mim. É evidente que é o meu cérebro que mais precisa de ser ativado.

Igor instalou-se à cabeceira da mesa.

— Eu sou geoquímico. Sou geólogo forense. Algum de vocês conhece as bases da análise de isótopos? Vou tentar explicar as coisas da maneira mais simples que conseguir — prossegue ele, sem esperar por uma resposta. — Vou

referir-me a cada um dos casos como Susana Um e Susana Dois. Recebi amostras do fémur da Susana Um e do crânio da Susana Dois. Também recebi uma raspagem de um feto que pertencia à Susana Dois. Consegui determinar que uma das mulheres viveu a maior parte da sua vida no Tennessee, ao passo que a outra era quase de certeza oriunda do México.

— O quê? — A surpresa de Bill faz disparar a tensão na sala. — Como é que pode saber isso?

Igor lança-lhe um olhar direto.

— Os nossos ossos absorvem os diferentes marcadores químicos existentes no solo do sítio onde vivemos. Algum desse solo retém uma proporção equivalente de elementos, oxigénio, chumbo, zinco, etc., ao longo de milhares de anos, desde o tempo em que os rios e as montanhas se formaram. E depois há os marcadores mais modernos. É fácil perceber que a Susana Um é americana e não europeia, porque a América e a Europa usaram diferentes fontes de refinaria para obter o combustível com chumbo.

— Absorvemos porcarias do ar nos ossos? — A tenente Myron está inclinada para a frente, subitamente interessada. — Seja como for, já não usamos combustível com chumbo nos carros.

— Isso não importa — responde ele pacientemente. — Os resíduos do combustível com chumbo, apesar de ter sido banido há anos, permanecem no solo e penetram nos nossos ossos. Os marcadores da Susana Um também indicam que, durante um período significativo da sua vida, ela viveu perto de um tipo específico de minas, provavelmente perto de Knoxville, no Tennessee. Durante quanto tempo, não sei dizer ao certo. Nem sei especificamente onde morreu. Talvez fosse capaz de saber se tivesse uma costela. As costelas estão em constante crescimento e transformação, e absorvem elementos do meio ambiente. Geralmente, podemos recorrer a elas para determinar a zona de residência de uma vítima nos últimos oito ou dez anos da sua vida. E é óbvio que muitos ossos se perderam, pelo que a campa apenas nos forneceu peças aleatórias do *puzzle*.

— México, Tennessee. — Os olhos de Bill detêm-se na tenente Myron. — O seu assassino pode ser um viajante. O Terrell é muito caseiro.

— Ele não é o *meu* assassino. — O sarcasmo da tenente Myron não provoca qualquer reação da parte de Bill, que continua a teclar apontamentos no telemóvel.

— Vá lá, pessoal. Deixem-no falar — diz Jo.

— Não me incomodam — diz Igor. — Na realidade, sair do laboratório é excitante. Especialmente para a conhecer, Tessa. Raramente conheço as vítimas. Isto faz com que a minha ciência esteja... viva. E este caso é particularmente

interessante. Consegui obter ainda mais informações a partir da Susana Dois e do seu feto por nascer. Os ossos dela refletem uma dieta rica em milho e elementos de um solo vulcânico. Se pudesse arriscar um palpite, diria que ela nasceu na Cidade do México ou lá perto. Concordo com a opinião da Jo de que teria vinte e poucos anos quando morreu.

— E que mais? — pergunta Bill.

Igor abre as palmas das mãos em cima da mesa.

— Havia apenas um crânio naquela campa, que pertencia à Susana Dois. Pedi à Jo que me enviasse amostras de dentes muito específicos, porque os dentes podem fornecer-nos uma cronologia. — A sua voz, que até aqui estava em modo de aula de faculdade, ganha alguma excitação. — Na verdade, é fascinante aquilo que esta ciência nos revela. Quando somos crianças, levamos objetos à boca. O esmalte dos dentes absorve o pó. O primeiro molar nasce quando temos três anos e fixa o sinal isotópico para aquele período de tempo. Por isso, posso afirmar que o primeiro molar da Susana Dois nos diz que ela vivia no México na sua infância. Os incisivos rompem entre os seis e os sete anos. Os marcadores químicos presentes num dos incisivos indicam-nos que, com essa idade, ela ainda vivia no México. O sinal do terceiro molar interrompe-se nos anos da adolescência. No caso da Susana Dois, isso ainda aconteceu no México. Depois disso, não sei. Algures entre o final da adolescência e os vinte e poucos anos, ela mudou-se ou foi raptada.

— Isto é notável. — A tenente Myron olha à volta da mesa. — Não é notável?

Não consigo decifrar se ela está genuinamente entusiasmada ou se está atordoada por causa da falta de sono e de uma dieta regular de selvajaria.

— Como pode ter a certeza de que ela saiu viva do México? — pergunta Bill. — Sabemos que os ossos foram mudados de sítio pelo menos uma vez, porque não eram originários do campo de flores onde a Tessa foi abandonada. — Ergue o olhar para mim, como se se tivesse lembrado de que estou presente. — Desculpa, Tessa. O que quero dizer é que talvez os ossos tenham simplesmente sido transportados através da fronteira.

— A bebé dela conta essa parte da história — diz Igor rapidamente. — Esta jovem viveu no Texas pelo menos ao longo dos seus últimos meses de vida. Sei isso porque os ossos fetais são o marcador mais recente que podemos obter. Como ainda se encontram em desenvolvimento, continuam a absorver o ambiente na altura da morte.

A tenente Myron passa os dedos pelo cabelo.

— Se ela foi uma imigrante ilegal ou se tiver sido raptada, isso torna a nossa tarefa praticamente impossível. A família não iria revelar o seu estatuto de ilegalidade e certamente não iria inserir o seu ADN numa base de dados. Se

tiverem achado que foi um cartel de droga que apanhou a filha, ainda menos provável isso se torna... não teriam vontade nenhuma de provocá-los. Esses tipos penduram corpos decepados em pontes. A família teria de proteger as outras filhas, se as tivesse.

Jo acena afirmativamente em concordância.

— Ela tem razão. Eu trabalhei nos ossos de algumas raparigas e mulheres que foram assassinadas e enterradas no deserto ao pé de Juarez. Falei com as famílias. Estão assustadíssimas. Há centenas de raparigas naquele deserto. E todos os anos aparecem mais.

— Tudo o que posso fazer é partilhar a minha ciência. — Igor encolhe os ombros. — E, para ser franco, consegui obter muitos mais dados do que é habitual em casos tão antigos como este. Esta estratégia é bastante recente na ciência forense. Temos sorte que estas mulheres tenham vivido em locais onde já estabelecemos bases de dados da composição do solo. O meu sonho é conseguirmos mapear uma boa parte do nosso mundo geológico ao longo da próxima década, mas neste momento apenas temos dados muito dispersos.

O rosto de Bill é insondável, mas eu sei o que ele está a pensar. É tarde de mais para isto. Um dia, a ciência poderá revelar-nos os nomes das Susanas, mas já não será no tempo de Terrell.

A tenente Myron, pelo contrário, salta do lugar com uma energia renovada. Aproxima-se de Bill e dá-lhe um murro no ombro, em jeito de brincadeira.

— Anime-se. Você é um daqueles texanos que acredita na teoria da evolução, não é? — Vira-se para nós. — Vamos ocupar-nos com bases de dados de pessoas desaparecidas e de jornais. Dentro de uma hora, estaremos à procura de raparigas desaparecidas com idades compreendidas entre os últimos anos da adolescência e os vinte e poucos anos, oriundas do Tennessee e do México, que encaixem nas nossas cronologias. Tenho mais esperança do lado do Tennessee. Bom trabalho, doutor Frankenstein. Isto é uma coisa real. Vocês acham todos que me é indiferente, não é? Mas eu não sou indiferente. Apenas gosto de coisas reais.

Ela não iria gostar de estar dentro da minha cabeça, pois estou a pensar:

Porque é que nenhuma das Susanas fala comigo em espanhol?

Entro em casa silenciosamente e vejo as minhas roupas do corredor da morte dobradas e ordeiramente empilhadas numa cadeira da cozinha. Pergunto-me se terá sido Charlie ou Lucas que as alienou do resto da minha roupa. É uma aposta sobre quem me conhece melhor.

As roupas do voleibol de Charlie estão numa pilha em cima da mesa de

centro. Um aspirador engoliu as migalhas das pipocas em frente ao sofá. Lucas esteve a tratar dos pormenores mundanos mas importantes da minha vida, enquanto eu tentava compreender o modo como estamos ligados de uma maneira tão profunda à terra e ao vento embrenhados nos nossos ossos.

Não tenho problemas em acreditar no doutor Igor. Não era exatamente ciência, mas houve um tempo em que acreditei que, se alguém roçasse acidentalmente o ombro no meu ou me apertasse a mão, o pólen das Susanas-de-Olhos-Negros iria colar-se à pessoa como se fosse uma maldição pegajosa. As pessoas pensavam que eu era obsessiva-compulsiva porque as ignorava quando me estendiam a mão, mas estava simplesmente a protegê-las.

Agora, já sou uma mulherzinha. Ofereço aos estranhos um aperto de mão firme como o do meu avô, envolvo a minha filha num abraço duas vezes por dia e deixo os meus amigos beberem um gole do meu chá gelado *Route 44* — tudo isto sem transpirar copiosamente. O que não significa que tenha deixado de ser uma *Susana-de-Olhos-Negros*. Trata-se de um rótulo. Como *esquizofrénico*. *Obeso*. *Défice de atenção*.

Lucas levanta-se do sofá por um instante e volta a deixar-se cair quando me vê. Já adormeceu outra vez. É um soldado a dormir enquanto pode. Por isso, não chamo Charlie. Deve estar no quarto a fazer a sua dança complexa. Jane Austen. Cálculo. Snapchat. Repetir.

É em momentos como este que tenho dificuldade em explicar a mim mesma e a Charlie por que razão eu e Lucas não resultamos como equipa permanente. Quantos tenentes-coronéis dobrarão roupa interior feminina? Sinto o cheiro a sopa de batata que borbulha na panela e que é possivelmente a totalidade do repertório culinário de Lucas. Batatas, cebolas, leite, sal, pimenta e manteiga. Pedacos de *bacon* para Charlie. Se for pressionado, também prepara uma bela sanduíche de mortadela com mostarda.

A normalidade tenta sempre enroscar-se comigo, mas tendo a afastá-la. Num segundo, a minha mãe estava a fazer *brownies* e, de repente, estava morta no chão da cozinha. Esse é o meu padrão de normalidade. Depois disso, transformou-se num gráfico muito acidentado.

Pouso a mala em cima da bancada da cozinha. *O Fantasma Gracioso* foi afastado para o lado, com algum correio que ficou por abrir. Quero lê-lo, mas não suporto tocar-lhe. Nele, encontrarei respostas acerca de Lydia que nem imagino, ou então vou cortar o dedo no papel e cair num sono amaldiçoado. Os meus dedos tateiam distraidamente o volume embrulhado em folha de alumínio que se encontra em cima da bancada e que não estava ali esta manhã. A inscrição na etiqueta declara que se trata de «Pão-surpresa de alfarroba e figo da Effie». Quase todas as receitas de Effie contêm a palavra surpresa no meio e as que não

têm deviam ter.

Pergunto-me se a filha dela estará na casa ao lado a tentar mastigar e engolir por cerimônia. Quando estacionei à minha porta, reparei que o *Ford Focus* com matrícula da Nova Jérсия estava estacionado à porta de Effie. Ela contara-me na semana anterior, num tom de grande excitação, que a filha ia aventurar-se a viajar pelo Sul para lhe fazer uma visita. Eu dei-lhe um desconto, pensando que estava a fazer confusão com a falsa promessa que Sue lhe tinha feito há um ano, ou mesmo há três anos. Não sei o que a chegada dela significa depois de todos os anos em que esteve afastada, mas espero que seja bom para Effie. Talvez Sue também tenha visto o ladrão de enxadas que vive na cabeça de Effie. Mas é verdade que ele é um ladrão e peras, embora não do tipo que Effie pensa. A visão de todas aquelas enxadas alinhadas em fila ainda me causa arrepios.

Atiro uma manta para cima de Lucas e decido ir ver como está Charlie. A porta do quarto dela está fechada. Bato. Não obtenho resposta. Bato mais uma vez com um pouco mais de força antes de rodar a maçaneta. As luzes brancas penduradas à volta do teto reluzem, o que é sinal de que ela planeava acampar aqui durante algum tempo. Mas nada de Charlie.

Ouçõ um ruído ligeiro do outro lado da parede, no meu quarto. Uma fungadela? Estará doente? À procura de conforto na minha cama enquanto eu saí para uma visita de estudo com as Susanas? Sou assaltada pela culpa. Lucas devia ter-me telefonado a avisar-me. Talvez a vacina da gripe não tenha pegado, ou as suas alergias estejam a dar sinal, ou o treinador tenha magoado a sua sensibilidade frágil de adolescente com um comentário descabido.

Não. Não está doente. Charlie está sentada em cima da minha cama de pernas cruzadas, como Lydia costumava sentar-se. Os caracóis caem-lhe para a frente e ela está concentrada naquilo que lê. Há uma confusão de papéis espalhados por todo o lado, cobrindo a cama, o tapete antigo no chão. A minha mochila está encostada à almofada que se encontra atrás dela. Aberta, pela primeira vez desde que regressei de Huntsville. Quero gritar *Não*, mas é demasiado tarde.

As faces de Charlie estão escorregadias das lágrimas.

— Estava à procura de um marcador.

Ergue um pedaço de papel.

Naquele momento, sei que a nossa relação nunca mais será a mesma.

— É por causa disto que não comes *Snickers*?

Antes de conseguir articular uma resposta, já Lucas está ali. Segura o meu telemóvel, que deixei em cima da bancada da cozinha junto à minha mala.

— É a Jo. Diz que tens de voltar ao gabinete dela. Imediatamente.

SETEMBRO DE 1995

DOUTOR LINCOLN: Lydia... posso chamar-lhe Lydia, certo?

MENINA BELL: Sim.

DOUTOR LINCOLN: Há quanto tempo é que conhece a Tessa Cartwright?

MENINA BELL: Desde o segundo ano. As nossas secretárias estavam dispostas por ordem alfabética. A tia da Tessie costumava dizer que tinha sido Deus a conceber aquela organização dos lugares.

DOUTOR LINCOLN: E são amigas próximas desde aí? Durante dez anos?

MENINA BELL: Sim.

DOUTOR LINCOLN: Então, quando a Tessie desapareceu, deve ter ficado aterrada.

MENINA BELL: Tive logo um mau pressentimento. Nós tínhamos uma maneira secreta de dizermos uma à outra que estávamos bem. Ligávamos e deixávamos o telefone tocar duas vezes. Era uma coisa pateta que fazíamos quando éramos pequenas. Mas eu fiquei em casa e esperei.

DOUTOR LINCOLN: A Tessie não lhe ligou? E a Lydia nunca saiu de casa?

MENINA BELL: Não. Bem, saí durante cerca de dez minutos, para ir ver na casa da árvore dela.

DOUTOR LINCOLN: Ir ver na casa da árvore se via a... Tessa?

MENINA BELL: Havia uma fenda onde costumávamos deixar mensagens.

DOUTOR LINCOLN: E não havia lá nenhuma?

MENINA BELL: Nenhuma.

DOUTOR LINCOLN: O seu pai e a sua mãe estiveram em casa durante esse período de espera enquanto a Tessa esteve desaparecida?

MENINA BELL: Sim. A minha mãe estava. O meu pai teve uma emergência qualquer no trabalho. O motor de um carro que explodiu, ou coisa do género. Voltou para casa mais tarde.

DOUTOR LINCOLN: Sim, já lá voltamos. Num depoimento anterior, mencionou que tem tido pesadelos desde o ataque à Tessa. É verdade?

MENINA BELL: Sim, mas não tão terríveis como os da Tessie.

DOUTOR LINCOLN: Pode descrever-nos alguns dos seus?

MENINA BELL: Na verdade, é só um. Tenho-o praticamente todas as noites. Estou à beira do lago. É um lugar-comum. Freud não lhe daria grande importância, sabe?

DOUTOR LINCOLN: A Tessie aparece nesse sonho?

MENINA BELL: Não. Vejo a minha cara, mas não é a minha cara. O meu pai está no barco e estende a mão para baixo. Ele sempre teve pavor que uma de nós se afogasse. Seja como for, o anel de curso dele cai à água e começa a afundar-se. Ele também sempre receou que isso pudesse acontecer e nunca usava o anel no barco. Andou um ano na Universidade do Ohio e tem imenso orgulho nisso. Adora aquele anel. Comprou-o numa venda de garagem.

DOUTOR LINCOLN: Eu sei que isto é difícil, mas tente dar respostas um pouco mais simples, está bem? Diga-me uma coisa. A Tessa alguma vez teve medo do seu pai?

16 DIAS ANTES DA EXECUÇÃO

Desta feita, não sou a primeira a chegar. Passa um pouco da meia-noite. A caixa de lenços de papel em cima da mesa de reuniões foi mexida. Afastada para o extremo oposto da mesa. Jo está a calçar luvas de látex. Disse-me pelo telefone que eu tinha de vir para cá, *já*, mas não podia deixar Charlie numa cama feita com as folhas do meu depoimento. Tivemos de conversar. Charlie, por vezes, é uma pequena Tessie. Demasiado rápida a assegurar aos adultos que está bem.

Jo não me quis dizer *porque* tinha de vir. Era enervante. *Conduza devagar*, dissera-me. Depois de me ter desenroscado de Charlie, conduzi a uma velocidade estonteante, passei dois sinais vermelhos com radar, a pensar naquilo que me esperava. O meu monstro de algemas. Mais esqueletos de Susanas a sorrirem, com um brilho feio.

Há mais uma pessoa na sala. Uma jovem, que está ao pé da janela, bem viva. Um rabo de cavalo preto sedoso cai-lhe sobre as costas. Está a olhar pela janela para as árvores prateadas, iluminadas pela luz pálida do luar, que se encontram

no relvado do Museu de Arte Moderna do outro lado da rua. Trata-se de duas árvores de aço inoxidável, com os ramos intrincados, soldados com cuidado, a puxarem-se entre si, como se fossem atraídos por uma força magnética. É assim que me sinto em relação a esta rapariga, como se ela estivesse a demorar muito a virar-se para mim. Quando o faz, sinto uma impressão imediata de familiaridade. De anseio.

— Esta jovem é a Aurora Leigh. Ela diz que é filha da Lydia Bell.

Esse foi obviamente o meu primeiro palpite. O cabelo é mais escuro, a pele ainda mais clara, mas os olhos revelam uma inteligência em tons de azul sonhador que é inequívoca.

E o nome dela, Aurora Leigh. A heroína épica do poema favorito de Lydia.

— Olá, Aurora — cumprimento. Tento abafar as palavras que estão a ser lançadas em silêncio na direção de Aurora pelas Susanas. *Mentirosa*, grita uma delas. *Impostora*.

Jo tamborila os dedos na mesa, captando a minha atenção novamente.

— A Aurora foi à esquadra primeiro. Ligaram para a tenente Myron, que está de folga. Ela pediu na receção para me ligarem.

— Eu estava a fazer uma cena. — Aurora deixa-se cair na cadeira mais próxima e deixa cair um lenço de papel amarrotado em cima da mesa. Tem o nariz brilhante e vermelho e perfurado por um pequeno anel de prata. Os seus bonitos olhos estão raiados de sangue. — Agora, estou mais calma.

— Sente-se também, Tessa. — Jo vira-se para Aurora. — Quer que eu explique o que se passa? — Toca-lhe no ombro e a jovem encolhe-se.

— Não — responde ela. — Está tudo bem. Eu explico. Eu estou bem. A sério. Só queria que alguém me ouvisse. Você ouviu. — Volta-se para mim, ávida. — Eu vi uma história na Fox sobre a caixa que desenterrou. São coisas da minha mãe. Pertencem-me.

— Mas eu expliquei à Aurora que os objetos ainda são provas — diz Jo. — Que talvez ela possa recuperá-los mais tarde.

— Mas eu não quero mais tarde. Quero ver as coisas agora.

Simultaneamente descontraída e petulante. Faz-me lembrar Charlie. Esta rapariga não pode ser mais de dois anos mais velha do que a minha filha. Tem dezasseis anos. Dezassete, no máximo.

— Eu não sabia que a Lydia tinha uma filha. — A minha voz soa surpreendentemente calma. — Onde está a tua mãe atualmente?

— Nunca a conheci. — As palavras de Aurora são um ataque. Chegam a ser acusadoras.

O rosto de Jo assume uma máscara profissional.

— A Aurora disse-me que vive com os avós desde que nasceu. Com o senhor

e a senhora Bell. Apesar de me ter dito que acaba de descobrir que eles mudaram de apelido. Os avós disseram-lhe que a mãe dela tinha morrido e que não faziam ideia de quem seria o seu pai. Ela não tinha motivos para duvidar disso. Mais tarde, a avó morreu. O avô teve um AVC no ano passado e foi transferido para um lar, onde recebe cuidados permanentes. A Aurora tem estado a viver com uma família de acolhimento na Florida. Eu já lhes telefonei, para os avisar que ela está bem.

— Então... — começo.

— Então, um advogado esvaziou o cofre dos avós da Aurora há um mês. Certidões de nascimento. Documentos fiscais. Está tudo ali, na mala dela. — Jo aponta para um saco com flores cor-de-rosa, atafalhado de papéis.

— Eles mentiram-me. Mentiram-me todos os dias da minha vida. Eu não sou Aurora Leigh Green. Sou Aurora Leigh Bell. — Tira mais um lenço de papel. — Andei a poupar dinheiro para pagar a um detetive privado. Entretanto, estive a fazer pesquisas no Google. Fiquei passada quando o nome de Lydia Bell me surgiu meia dúzia de vezes. Nas histórias acerca das Susanas-de-Olhos-Negros, está a perceber? Mas eu não sabia se era a mesma Lydia Bell. Não queria que fosse ela. E depois vi a história que contava que a polícia tinha feito escavações na antiga casa dos meus avós. Disseram os nomes verdadeiros deles em direto. E eu soube que não podia esperar mais. Roubei algum dinheiro da carteira da minha mãe de acolhimento, para o autocarro. — Os olhos dela voltam a encher-se de lágrimas. — Ela vai matar-me. Provavelmente, não vai aceitar-me de volta. Ela não é assim tão má.

— Ela está feliz por tu estares bem, Aurora. Lembra-te de que falei com ela e ela disse-te para não te preocupares — assegura Jo. — A Aurora receia que a mãe dela tenha sido uma das vítimas do assassino das Susanas-de-Olhos-Negros e que tenha sido essa a razão para os avós se terem escondido. Eu disse-lhe que não há quaisquer evidências nesse sentido. Expliquei-lhe que você era a pessoa que melhor lhe poderia falar acerca da mãe. Como ela era. Com quem namorava.

Eu abro e fecho a boca.

Tanto quanto sabia, Lydia tinha chegado à «terceira base» uma vez, com o famoso terceira base da nossa escola. Deleitara-se com o aspeto literal da situação. Chegou a dizer-me que estava a pensar conquistar da mesma maneira o primeira base e o segunda base. O que me fez ficar preocupada. Com Lydia, os rapazes só queriam uma emoção fácil: um encontro com uma rapariga bonita no escuro, na esperança que ela não trouxesse um machado.

O rosto de Aurora contorce-se com impaciência. Aqui está ela, desafiadora, uma prova de carne e osso, que eu nunca sonhei que existisse. Sentia-me impotente para lhe dar respostas sem a magoar. Apesar da luz agressiva da sala

de reuniões, os olhos de Aurora são dois buracos incandescentes. Apesar do brinco no nariz e da testa franzida, ela é uma réplica impressionante da mãe.

— Jo, porque é que calçou as luvas?

— Ia recolher uma amostra de ADN da Aurora. Disse-lhe que não posso entregar-lhe as provas, mas posso cruzar o ADN dela com todas as nossas bases de dados.

— De maneira a poder descobrir quem é o meu pai. Que não aparece na minha certidão de nascimento. — Aurora está tão cheia de esperança. É tão inocente. — Talvez ele não soubesse da minha existência.

— Quantos anos tens? — pergunto.

— Dezasseis.

Então, Lydia estava grávida quando fugiu da cidade. A imagem fica um pouco mais clara. Da possível razão pela qual os Bells fugiram da cidade. A senhora Bell defendia que as noivas deviam chegar ao altar com o hímen intacto. Que o esperma e os óvulos geram automaticamente pessoas microscópicas. Uma filha grávida poderia ser a máxima humilhação no mundo dela. O aborto não era uma opção. Mas mudar de nome?

— A Jo disse-me que vocês as duas eram amigas chegadas? — A filha de Lydia implora-me. Por alguma coisa.

O aparecimento de Aurora parece um pouco oportuno de mais.

Pode estar a dizer a verdade. Ou pode ser um peão da mãe.

— Ela era leal — minto. — Mais do que ninguém.

SETEMBRO DE 1995

MENINA BELL: Não. A Tessie não tem medo do meu pai. Ele pode ser um bocado mauzinho depois de ter bebido umas cervejas, mas nunca incomodou a Tessie. Ela conseguia ser muito forte. Defendia toda a gente. Uma vez, eu disse-lhe que não teria conseguido aguentar se tivesse sido eu a acordar naquela campa. Não me interprete mal. Ela está perturbada. Ou se calhar é apenas mortal, como todos nós. Mas eu enlouqueceria de vez. E sabe o que ela me respondeu? Disse-me que foi por isso que aquilo lhe aconteceu a ela e não a mim. Para não se sentir culpada, ou coisa do género, ou para se martirizar, porque ela não tolera ver as outras pessoas sofrerem. Vocês têm de saber uma coisa. A Tessie é espetacular.

DOUTOR LINCOLN: Mais uma vez, tente dar respostas breves e confinadas àquilo que lhe pergunto. Tenho a certeza de que o doutor Vega lhe deu a mesma instrução.

DOUTOR VEGA: Não contesto.

DOUTOR LINCOLN: Lydia, deixe-me fazer-lhe uma pergunta. Tem medo do seu pai?

MENINA BELL: Só às vezes. Quando ele bebe. Mas ele agora está a ter ajuda a esse respeito.

DOUTOR LINCOLN: Lydia, o seu sonho parece-me muito assustador. No fundo de um lago, sem ninguém vir para salvá-la?

MENINA BELL: Eu nunca disse que ninguém me vinha salvar. O meu pai mergulha sempre depois de mim.

DOUTOR LINCOLN: É interessante que nunca me tenha revelado esse final quando recolhi o seu testemunho. Como pode ter a certeza de que o seu pai não foi atrás do anel de curso de que gostava tanto?

DOUTOR VEGA: Muito bem, meritíssimo. Agora, vou contestar.

12 DIAS ANTES DA EXECUÇÃO

— A reconstrução de memórias não funciona assim — diz-me a doutora Giles. — Não é um número de magia. E eu não sou perita em hipnose superficial, como já lhe disse.

Estou a fitar a mesma cadeira de veludo da última vez, aquela onde a doutora Giles me sugeriu que imaginasse o meu monstro e lhe fizesse um questionário. No canto, tem uma Barbie loura de cabelo ondulado, cujos braços confirmam a marcação de um golo.

— Então, diga-me como funciona — imploro.

— Alguns terapeutas recorrem à imagem de uma corda ou de um escadote. Ou pedem-lhe que olhe de cima para um evento traumático, como espectadora. Há uma citação famosa que diz que a memória traumática é como uma sequência de instantâneos ou como um filme mudo e que o papel do terapeuta é encontrar a música e a letra.

— Então, vamos procurar a música — respondo. — *E* as fotografias. Eu

escolho... olhar de cima. Vamos lá fazer o meu filme.

Não lhe falo de Aurora, que está de regresso à Florida em segurança, junto à mãe de acolhimento.

Não lhe digo que hoje vou dar o papel principal a Lydia. Ela sempre o desejou e eu estava sempre a roubar-lho. Eu era a menina cuja mãe tinha morrido. Eu era a Susana-de-Olhos-Negros.

Tenho a esperança de que Lydia apareça naquela cadeira e me diga alguma coisa que não sei. Ela normalmente faz isso.

— Se quiser mesmo experimentar a hipnose, recomendo-lhe outro terapeuta. Eu não entro nesse terreno. Não é assim que trabalho. Pensei que tinha entendido isso.

— Eu não quero outro terapeuta.

A minha testa começa a transpirar. Estou pendurada no teto, sou um morcego no escuro.

Ali estou eu. Na parte de trás do parque de estacionamento. A apertar os meus ténis *Adidas* que tinha recebido no Natal. A olhar para cima. Ali está Merry, com uma mordaza. De cara encostada à janela de trás de uma carrinha azul. Eu, a correr. Agarrada a um telefone público peganhento. A rezar para que a silhueta que estava a dar à ignição da carrinha não me tivesse visto. Uma dor súbita, lancinante, no tornozelo. O cimento a estremecer. A cara dele, assustadora. Uns braços fortes, a içarem-me. Negros.

— Tessa. Está a ver alguma coisa neste momento?

Agora, não. Não posso interromper o filme para falar. Quero mais. Fecho os olhos diante de uma luz tão forte, que me magoa. Ali está Lydia a dançar com as Susanas. A arrancá-las da terra. A dançar *Vogue*, da Madonna, na minha cozinha. A escovar-me o cabelo até eu ter o couro cabeludo dormente. A imitar a conversa sexual do treinador Winkle: *Sempre que pensarem naquilo, quero que vos apareça uma imagem da minha cara. E eu vou estar a dizer: «Verrugas genitais, verrugas genitais!»*

Imagens que se fundem na minha cabeça. O desenho de Lydia, das raparigas de cabelo ruivo e as flores zangadas. O senhor Bell, bêbedo. Os cães a ganirem e a rodopiarem em círculos doidos. A senhora Bell a chorar. Eu e Lydia a pedalarmos as bicicletas na direção da minha casa, com os corpos completamente inclinados para a frente e os pés a arderem, a darem a velocidade máxima que conseguem. O *Ford Mustang* do senhor Bell a fumar como um dragão irado à porta da minha casa, enquanto nós nos escondemos no jardim das traseiras. O meu pai a falar com ele, num tom calmo, no alpendre da frente. A mandá-lo embora. Isto aconteceu uma noite e mais cem.

Eu, a protetora. Um soluço prende-se na minha garganta.

Corte. Nova cena. Aí vem a médica. Na hora certa. Já vi uma parte deste filme. Ali está Lydia. E ali à frente, debaixo daquela árvore, estou eu e *Oscar*. É um belo campo para dar um passeio. Se tivesse deixado *Oscar* puxar-me na direção oposta, nunca os teria visto.

A câmara aproxima-se. Quase consigo ler os títulos dos livros da biblioteca que Lydia traz debaixo dos braços. Lydia, a pretensa estudante universitária. A gritar com o médico no seu habitual frenesim ansioso. O médico, apressado, a tentar ser educado, aparentemente a desejar apenas fugir dali.

SETEMBRO DE 1995

DOUTOR LINCOLN: Meritíssimo, peço a sua permissão para abordar a testemunha como sendo hostil. Tenho sido paciente, mas estou no meu limite. A testemunha contornou as últimas cinco perguntas que lhe fiz.

JUIZ WATERS: Doutor Lincoln, eu não vejo nada de hostil numa rapariga de cinquenta quilos e que usa óculos, a não ser que o QI dela seja superior ao seu.

DOUTOR LINCOLN: Protesto... contra si... Meritíssimo.

JUIZ WATERS: Menina Bell. Tem de responder. A Tessie mentiu acerca de alguma coisa relacionada com este caso?

MENINA BELL: Sim, Meritíssimo.

DOUTOR LINCOLN: Muito bem, vamos a isto mais uma vez. A Tessie mentiu acerca dos desenhos?

MENINA BELL: Sim.

DOUTOR LINCOLN: E mentiu em relação a quando voltou a ver?

MENINA BELL: Sim.

DOUTOR LINCOLN: E, antes do ataque, ela mentiu em relação ao sítio para onde ia correr?

MENINA BELL: Sim. Às vezes.

DOUTOR LINCOLN: E o seu pai também mentia em relação a onde ia, às vezes?

DOUTOR VEGA: Meritíssimo, protesto.

9 DIAS ANTES DA EXECUÇÃO

Falta pouco mais de uma semana para a data em que está previsto Terrell morrer e eu estou a limpar o congelador de Effie.

O juiz rejeitou o *habeas corpus* de Terrell há cinco horas. A notícia colou-se ao fundo do meu estômago. Bill anunciou-me a decisão pelo telefone. Eu mal conseguia ouvi-lo, depois de ele ter dito a palavra *rejeitado*. Disse alguma coisa a respeito de o juiz ter considerado o pedido *forçado* e que não havia *provas convincentes* de que Terrell estivesse inocente e o júri o tivesse percebido mal.

A polícia continua a explorar as teorias recentes de Igor. Encontraram sessenta e oito nomes, todos de mulheres jovens, no fim da adolescência e até aos vinte e poucos anos, que tinham desaparecido em meados a finais da década de 1980, oriundas do México e do Tennessee — de acordo com a estimativa mais precisa da datação dos ossos por Jo.

O problema é que essa lista de sessenta e oito nomes se traduz em centenas de buscas de familiares, que se mudaram ou morreram, ou não atendem o telefone,

ou simplesmente não dão o seu ADN para ajudar a identificar as Susanas. Pelo menos, quinze pessoas que foram contactadas pela polícia são familiares que continuam a constar na lista de suspeitos nalguns dos casos. Alguns deles são provavelmente assassinos, só não são aquele que procuramos. Onze raparigas da lista acabaram por se revelar fugitivas encontradas vivas, mas nunca foram retiradas da base de dados de pessoas desaparecidas. Trata-se de uma tarefa árdua, que pode demorar meses ou anos, toda ela inferida de um código antigo da Terra. Parece impossível. Eu nem sequer consigo descobrir a melhor maneira de raspar granizado roxo do congelador de Effie.

— Effie, guardar ou deitar fora?

Já sei a resposta. Foi o meu mantra ao longo da última hora, mas continuo a perguntar. Tenho na mão um saco de plástico que contém um exemplar de *Lonesome Dove*. Gus McCrae e Pea Eye Parker estavam a morrer congelados há anos por trás de vários embrulhos de papel de alumínio cobertos de cristais de gelo. Esses foram diretamente para o caixote do lixo da rua, sem que Effie tivesse sabido.

— Guardar — responde Effie, num tom de repreensão. — Obviamente. O *Lonesome Dove* é o meu livro preferido de todos os tempos. Guardei-o aí para saber onde estava.

Tratando-se de Effie, nunca tenho a certeza se estas respostas são verdadeiras ou embustes.

Dois dias depois da data prevista para a morte de Terrell, Effie vai mudar-se para casa da filha, na Nova Jérnia. Mal consigo respirar só de pensar na ausência do espírito de Effie nesta casa, mas aqui estou eu, a ajudar a minha amiga a encaixotar a sua vida. Pelo menos, era esse o plano.

Para já, ela não abdicou da posse de nada, incluindo quatro frigideiras que são quase exatamente iguais, à exceção da história gravada em cada uma das suas camadas queimadas. Numa delas, Effie cozinhou as panquecas-surpresa de arandos preferidas do seu marido, no dia em que ele morreu. A frigideira com o cabo ligeiramente enferrujado era da mãe dela. Effie quase lutou por ela depois do funeral, com uma irmã que «não sabe estrear um ovo». As outras duas fazem a melhor e mais crocante crosta, quase queimada, no pão de quiabo e milho, e «é preciso ter sempre duas frigideiras para o quiabo».

Effie está sentada com elegância no chão da cozinha, com umas calças velhas de um pijama de seda vermelha, como uma antiga diva de Hollywood, se isso for possível estando sentada num chão de linóleo preto e branco-amarelado, rodeada de sessenta anos de tachos e panelas. A cozinha, à semelhança do resto da casa, está um caos. Ela passou os últimos três dias a tirar rigorosamente tudo dos armários, prateleiras e roupeiros e a atirar as coisas para cima de camas, do chão,

de mesas e de qualquer espaço livre. O efeito é semelhante ao de um tornado que atingiu uma loja de antiguidades.

— Sue, estás muito calada. É o raio da história do Terrell?

O meu garfo para de raspar. A minha cabeça emerge do congelador. Effie chamou-me Sue, que é o nome da filha, ao mesmo tempo que me fez a pergunta mais contundente da nossa relação.

— Não fiques assim tão admirada. A minha cabeça ainda não está assim tão ausente, querida. Pensei que eras capaz de falar finalmente do assunto, quando a polícia me deitou a porta abaixo naquela noite e me arrancou os auscultadores dos ouvidos. Mas não o fizeste e está tudo bem. Isso é apenas uma ínfima parte de ti, querida. De quem tu és... bem, vou sentir uma falta imensa de quem tu és. E da Charlie. Eu quero ver essa menina crescer. Ela vai ensinar-me a mexer nessa coisa do *Sky-hype*. Contei-te que eu e o noivo da Sue tivemos uma bela conversa ontem à noite? Ele pertence à quinta geração de uma família italiana da Nova Jérсия. Disse-me que na família sempre consideraram uma honra e um privilégio cuidar dos mais velhos. Pelo menos, foi o que me pareceu que disse. Não consegui perceber metade da conversa. Durante os primeiros quinze minutos, pensei que ele tinha uma deficiência da fala.

Rio-me, porque já ouvi Effie a falar em francês fluentemente, com o seu sotaque arrastado do Texas, e não era um sotaque tão bonito como o de Hoboken, na Nova Jérсия. A minha gargalhada é meio insegura, porque não quero ter uma despedida sentida e reveladora com Effie. Vou deixar os sonhos dela em paz. Não quero que ela veja os meus olhos inchados como dois buracos negros, nem que percorra campos infinitos de flores amarelas que contêm o aroma da morte. Não quero que ela acorde a sentir esse cheiro.

Sinto-me aliviada quando o meu telefone começa a tocar algures em cima da bancada, junto de especiarias misturadas. Apanho-o debaixo das instruções de uma cafeteira *Sunbeam Percolator* e de uma receita de Doc's Gay Salad. Não me recordo de ter pousado o telemóvel debaixo de nada. Parece que a cozinha está a transformar-se numa espécie de *kudzu* e a crescer por cima de si mesma.

O nome de Jo surge no ecrã. Sinto uma sensação instantânea de temor, misturado com esperança.

— Estou — digo.

— Olá, Tessa. O Bill contou-me que lhe comunicou a decisão do juiz. Que treta.

— Sim, ele telefonou-me. — Queria falar mais, mas Effie está ali.

— Estou um bocado preocupada com o Bill. Ele tem ar de quem não dorme há vários dias. Nunca o vi assim em relação a nenhum caso. Julgo que tem tudo a ver com o luto da Angie. Como se não quisesse desapontá-la.

Se começo a ter sentimentos em relação a Bill ou a Terrell agora, vou sentir tudo. Já começo a sentir o poço quente que se está a formar atrás dos meus olhos.

— Mas também estou a ligar por outro motivo — prossegue ela. — A polícia apanhou o tipo que espetou os letreiros no seu quintal. Andou a vandalizar o relvado de um padre católico em Boerne. Pensei que talvez quisesse pedir uma providência cautelar contra ele. Ele saiu contra pagamento de fiança. Chama-se Jared Lester. É provável que tenha de pagar uma coima pesada e fazer trabalho comunitário em vez de cumprir pena.

— Está bem. Obrigada. Vou pensar nisso. — *Vou pensar em não provocá-lo de propósito neste momento.*

— E mais uma coisa. Ele alegou com grande orgulho ter sido ele que plantou as Susanas-de-Olhos-Negros debaixo da sua janela há algumas semanas. Eu verifiquei e a terra de cultivo que ele tem na garagem tem a mesma composição que a amostra que recolhi no seu quintal naquele dia. Não me parece que ele esteja a mentir. Deu essa informação voluntariamente quando foi interrogado pela polícia. Mas a questão é esta. Ele só tem vinte e três anos. — O que quer dizer que não é o meu monstro. Faço as contas. Teria cinco anos quando me atirara para aquela vala.

Effie está a olhar para a minha garganta, onde o meu coração bate com força. Uma das minhas lágrimas cai em cima das instruções amarelecidas, onde se vê um *cartoon* de uma cafeteira com uma cara de um senhor *Kool-Aid*. Começo a dispor as especiarias em filas ordenadas.

Há quanto tempo é que a Jo sabe disto? Há tempo suficiente para a polícia ter apanhado este homem, entrevistá-lo e estabelecer uma caução. Há tempo suficiente para comparar amostras de terra de cultivo.

É claro que devo dar um desconto a Jo. Quando ela fez o teste, sabia que o resultado não me tranquilizaria assim tanto.

O meu monstro ainda anda por aí à solta.

Desta feita, a porta abre-se e sou eu quem está do lado de fora a querer entrar. Analiso o rosto dele e o meu coração parte-se.

Imploro-lhe em silêncio para me olhar como um todo. Para a Susana-de-Olhos-Negros que fala com os mortos, para a artista com a cicatriz em forma de meia-lua que tortura tintas e fios para se certificar de que ainda existe beleza algures dentro dela. Para a mãe que chamou Charlie à filha, em homenagem ao lançador de basebol do Texas preferido do seu pai. E para a corredora que nunca

parou de correr.

— Estás com péssimo aspeto — digo-lhe.

— O que é que estás a fazer aqui? — Enquanto me pergunta isto, Bill puxa-me para os seus braços, arrastando-me para o interior.

Nos últimos dias, não falámos muito nem trocámos muitas mensagens. Bill não parece ter tomado banho em vários desses dias. Não me importo. Cheira a vida. O seu queixo raspa-me a face como se fosse lixa. Os nossos lábios unem-se e, durante um bom bocado, não se passa mais nada.

— Isto é má ideia — diz-me, afastando-nos.

— Essa é a minha deixa.

— A sério. Estou furioso. Deixa-me ir buscar uma cerveja para ti e já falamos.

— Lamento, pelo Terrell — digo, enquanto o sigo para o interior. — Lamento por tudo. — As minhas palavras são inadequadas.

— Sim. Também lamento. — A voz dele é taciturna.

— Não quis cortar a conversa ao telefone. Só fiquei... chocada.

Ele encolhe os ombros.

— Próxima paragem. Tribunal da Apelação dos Estados Unidos. Um bando de incompetentes dotados de carimbos. O *habeas corpus* era a nossa única hipótese real. Senta-te e eu já te trago uma cerveja.

Desaparece debaixo de um arco, deixando-me averiguar pela primeira vez o espaço onde vive. Perscruto a arte pendurada nas paredes, à semelhança do que as outras pessoas fazem com as estantes de livros e coleções de CD. Pelo menos, costumavam fazê-lo. Alguns quadros decentes em tons de vermelho, verde e dourado. Nada que revele muito acerca da alma de Bill ou, se o fizer, não quero que isso perturbe a minha fantasia.

Escolho uma cadeira de pele branca-amanteigada e pergunto-me, um pouco tarde de mais, se terei metido em sarilhos uma estagiária de Direito chamada Kayley, por tê-la coagido a dar-me a morada da casa de Bill. Vencia-a pelo cansaço, com os meus olhos vermelhos, a minha carta de condução e uma dissertação incoerente a propósito de Santo Estêvão, que continua a ser apedrejado até à morte por cima da secretária-santuário de Angie. Kayley passou grande parte do tempo da minha dissertação a tentar não deixar cair o queixo por ter visto a minha cicatriz, visivelmente impressionada por estar a conhecer o mito.

Tudo isso me conduziu a esta garagem convertida da década de 1960, que certamente valerá para cima de seiscentos mil dólares. Situada entre os cursos de água serpenteantes e as árvores de Turtle Creek, um famoso bairro abastado de Dallas onde os índios costumavam assentar acampamento. Adoro o jogo das luzes nas madeiras maciças, a graciosa lareira de tijolos brancos com uma grade

coberta de cinza e até gosto das manchas concêntricas de café ao pé do portátil aberto em cima da mesa de centro. Das obras de arte não gosto assim tanto. Condizem com estas almofadas.

Bill surge com duas garrafas de *St. Pauli Girl*. Quero pensar que ele memorizou qual é a minha cerveja preferida e que comprou algumas.

— Para o caso de te estares a interrogar — diz ele, fazendo um gesto com a cerveja. — Eu sou um ocupa. Depois de se ter reformado, o meu pai começou a dedicar-se a investir em casas de cidade, o que acho preferível a passar o tempo a jogar bacará no Choctaw. A minha mãe é responsável pela decoração. Por isso, eu só estou aqui para lhe dar vida até se vender. — Bebe um gole e senta-se no sofá à minha frente.

— Tenho de te confessar — diz-me. — A Kayley ligou-me a avisar que vinhas.

— Para poderes ir buscar a arma. — Sorrio.

— Bem, não seria a primeira vez — responde-me.

Volto a mudar de assunto para Terrell.

— Quantas vezes ganhaste uma moratória num caso de pena de morte?

— Uma moratória? Cinco ou seis. Muitas vezes, esse é o grande objetivo. Prolongar a vida o máximo de tempo possível. Porque, para quem está no corredor da morte no Texas, o mais certo é vir a morrer naquela maca. Só estive envolvido num caso com um final à Frank Capra. Era a Angie que liderava. Eu não faço isto a tempo inteiro. Mas isso tu já sabes.

— Dessa vez... deves ter ficado... exultante — comento.

— *Exultante* não será a melhor palavra para descrever o que senti. O facto de a vítima ter sofrido uma morte horrível não se alterou. Há uma família algures que poderá sempre ficar a sentir que libertámos um assassino. Por isso, diria antes que me senti muitíssimo aliviado. A Angie insistiu que devíamos celebrar em privado. — Bill dá uma palmada ao seu lado no sofá. — Anda cá. Estás muito longe.

Levanto-me muito devagar. Ele puxa-me para os seus braços e beija-me na boca.

— Deita-te.

— Pensei que isto não era boa ideia.

— Isto é muito boa ideia. Vamos dormir.

O bater pulsante na porta acorda-nos aos dois e sobressalta-nos.

Bill salta do sofá, deixando-me deitada de forma deselegante contra as

almofadas. Já está a espreitar pelo óculo antes de os meus pés tocarem no chão. Num segundo, estou ao lado dele.

— Vai para a cozinha — ordena-me. — Se queres manter-nos em segredo.

Eu não me mexo e ele roda a maçaneta.

Sou ofuscada por um verde-lima. Um casaco de esqui destinado a destacar-se numa encosta coberta de neve para eventuais helicópteros de salvamento. A cabeça de Jo sai de dentro dele. Ela entra na sala como se já ali tivesse estado.

Está a tentar perceber rapidamente o que a minha presença significa.

— Tessa? Mas...? — Abana a cabeça. — Ora, não interessa. É melhor também ficar a saber.

— Saber o quê? — Aliso o cabelo, desconfortável.

— Sobre a Aurora.

— Passa-se alguma coisa? Ela está magoada? — Ou *morta*?

— Não, não. É o ADN dela. Encontrámos uma correspondência. É bizarra.

— Vá lá, Jo. O que é que se passa? — pergunta Bill, impaciente, ao olhar para a minha cara.

— Temos uma correspondência de ADN entre a Aurora e o osso do feto encontrado na campa das Susanas-de-Olhos-Negros. Elas têm o mesmo pai. Seriam meias-irmãs.

— Uma correspondência de ADN com... a filha da Lydia? — Bill faz a pergunta, incrédulo, enquanto eu tento acompanhar. E libertar-me da imagem de Lydia nua, enrolada com um rapaz do liceu.

Lydia dormiu com o assassino. Ou foi violada.

Sou eu que tenho as respostas, sussurra uma das Susanas.

O telemóvel do Bill começa a apitar. Ele tira-o do bolso, incomodado, e olha para o ecrã. O seu rosto fica tenso num ápice.

— Tenho de atender. — Aponta para mim e para Jo. — Não digam mais nada até eu desligar.

Jo guia-me pelo cotovelo de volta ao sofá. As Susanas sussurram muito baixo, como o vento que gemia ao passar pelo pequeno buraco da minha casa da árvore.

Nessa noite, as Susanas aparecem nos meus sonhos. Estão num frenesim, correm de um lado para o outro, num borrão de membros jovens e saias ondulantes, mais vivas do que alguma vez as vi. Procuram o meu monstro em cada canto, em cada fissura, como se a sua mansão dentro da minha cabeça estivesse prestes a explodir. Como se fosse a última vez.

Gritam e praguejam umas com as outras e comigo.

Acorda, Tessie!, guincham. *A Lydia sabe de alguma coisa!*

Espalham-se como se fossem militares. Abrem e batem portas de roupeiros, puxam colchas das camas, limpam teias de aranha de candelabros, arrancam ervas daninhas do jardim. Merry, a doce Merry, cai de joelhos, a implorar a clemência de Deus.

Uma Susana grita.

Aqui! Encontrei o monstro! Ela diz-me *Despacha-te, despacha-te, despacha-te*, porque não consegue segurá-lo muito mais tempo.

Balanço na fronteira da consciência. A Susana está por cima dele, com a sua saia vermelha enrolada à volta do corpo dele, como se fosse sangue. Ela recorre a toda a força que lhe resta para lhe virar o pescoço e eu o ver. Um verme contorce-se para fora da boca dele. O rosto está coberto de lama.

Acordo a soluçar.

O meu monstro ainda tem uma máscara. E Lydia sabe precisamente quem ele é.

SETEMBRO DE 1995

DOUTOR LINCOLN: Acho que terminámos, menina Bell. Obrigado pelo seu depoimento. Lamento que este tenha sido um dia difícil para si.

MENINA BELL: Não foi difícil. Eu quero dizer mais uma coisa. É sobre o diário da Tessie.

DOUTOR LINCOLN: Eu não tinha conhecimento que ela tivesse um diário.

DOUTOR VEGA: Protesto. Eu não tenho conhecimento desse diário. Não é uma prova, Meritíssimo, e não vejo qual possa ser a sua relevância.

JUIZ WATERS: Doutor Lincoln?

DOUTOR LINCOLN: Estou a pensar.

JUIZ WATERS: Bem, enquanto o senhor pensa, eu vou fazer algumas perguntas à testemunha.

DOUTOR VEGA: Protesto. Parece-me que está a ir longe de mais neste caso, Meritíssimo. Nós só temos a palavra da testemunha em relação à existência do diário.

DOUTOR LINCOLN: Julgo que tenho de protestar também, Meritíssimo. Tal como o doutor Vega, estou às escuras, pois não sei o que ele contém.

JUIZ WATERS: Meus senhores, agradeço o vosso esforço concertado na prossecução da verdade. Olhe para mim, menina Bell. Preciso que fale em traços muito gerais. Mencionou esse diário porque pensa que ele contém alguma coisa pertinente para este julgamento?

MENINA BELL: A maior parte são tempos de corrida, coisas pessoais. Às vezes, ela lia-mo. Um conto que tinha escrito. Ou mostrava-me um desenho que tinha feito. Ou...

JUIZ WATERS: Espere, menina Bell. A menina Cartwright deixava-a ler o diário?

MENINA BELL: Não era exatamente isso. Mas, quando ela andava estranha, eu lia-o. E verificava a mala dela e as gavetas, para me certificar de que não andava a armazenar *Benadryl* e coisas do género. É para isso que servem as amigas.

JUIZ WATERS: Menina Bell, preciso que me responda «sim» ou «não». Acredita que haja alguma coisa nesse diário pertinente para este julgamento?

MENINA BELL: É difícil de dizer, mas fico a pensar nisso, percebe? Nunca o li todo. Folheava-o. Nós costumávamos escrever os diários juntas. Era uma das coisas que fazíamos as duas.

JUIZ WATERS: Sabe onde está o diário da Tessie?

MENINA BELL: Sei.

JUIZ WATERS: E onde está?

MENINA BELL: Dei-o ao psiquiatra dela.

JUIZ WATERS: E porque é que fez isso?

MENINA BELL: Porque tinha lá um desenho que ela fez quando estava cega, de uma sereia de cabelo ruivo que se atirava do telhado do avô dela. Para se matar, percebe?

TERCEIRA PARTE

Tessa e Lydia

*É tranquilizador olhar para as
flores. Elas não têm emoções nem
conflitos.*

— Lydia, 15 anos, a ler Sigmund
Freud refastelada no barco do pai,
1993

TESSA, NA ATUALIDADE

1h46

Effie está no meu alpendre com uma volumosa embalagem castanha na mão. O seu robe fino enfuna-se atrás de si. O bairro está num sono profundo, à exceção de nós as duas e de alguns candeeiros de rua. Antes de ela me ter batido à porta, eu estava acordadíssima, a ler *O Pintassilgo*, mas a pensar em Terrell.

Faltam três dias.

— Esqueci-me de te entregar isto antes. — Effie atira a embalagem para os meus braços. — Vi uma rapariga com um vestido roxo deixá-lo aqui. Ou talvez tenha sido um homem atraente de fato. Seja como for, vi-o no teu alpendre esta tarde. Ou ontem. Ou talvez tenha sido há uma semana. Achei que o devia guardar para depois to entregar.

— Obrigada — digo, distraída.

Tem *Tessie* escrito à mão da parte da frente. Sem selo. Sem remetente. Parece uma coisa fofa com algo rijo no meio.

Não abras, avisa-me uma Susana.

Olho para lá de Effie, para o relvado escuro. Inspeciono os montes formados pelos arbustos que se agacham entre as nossas propriedades. As sombras que dançam ao som de um ritmo desprovido de melodia no caminho de acesso às casas.

Charlie está a dormir em casa de uma amiga. Lucas teve um encontro e vai dormir fora. Bill está no Days Inn, em Huntsville, porque Terrell lhe implorou.

Effie já vai a flutuar de volta, atravessando o pátio.

LYDIA, 16 ANOS

43 horas depois do ataque

Esta não é a minha melhor amiga.

É uma coisa com uma peruca do palhaço Bozo, uma cara frouxa e tubos espalhados por todo o lado, como se fosse um parque aquático maluco, só que a água é amarela e vermelha.

Estou a segurar a mão de Tessie e a apertá-la, cronometrando cada aperto pelo relógio, porque a tia dela, a tia Hilda, me pediu que o fizesse. *Mais ou menos a cada minuto*, disse-me. *Queremos que ela saiba que estamos aqui*. Estou a tentar não lhe apertar a mão na zona onde o penso começa a ficar cor-de-rosa. Ouvi uma enfermeira dizer que as unhas dos dedos das mãos da Tessie tinham sido arrancadas, como se ela tivesse tentado raspar o caminho de saída de uma campá. Tiveram de lhe tirar pétalas de flores amarelas do meio do corte que ela

tinha na cabeça.

— As unhas dos pés podem demorar até dezoito meses a voltar a crescer — digo em voz alta, porque a tia Hilda disse-me para não parar de falar, porque *não sabemos o que ela consegue ouvir* e porque eu já garanti a Tessie que as unhas das mãos só vão demorar seis meses a crescer.

Assim que ouvi dizer que Tessie tinha desaparecido, vomitei. Ao fim de doze horas, tinha a certeza de que ela tinha sido apanhada por alguma coisa má. Comecei a escrever o que ia dizer no funeral. Escrevi que nunca mais iria sentir os seus dedos a entrançarem-me o cabelo, nem vê-la a desenhar uma coisa bonita em cerca de trinta segundos ou fazer uma cara animalesca quando corre. As pessoas teriam chorado quando ouvissem aquilo.

Citaria Chaucer e Jesus e prometeria dedicar a minha vida a procurar o assassino dela. Ia subir àquele púlpito da igreja batista e lançar um aviso ao assassino, para o caso de ele estar a ouvir, porque normalmente os assassinos estão. Em vez de dizerem *A paz esteja consigo*, as pessoas iriam virar-se nos seus bancos e lançar olhares ameaçadores umas às outras e perguntarem-se, a partir daquele momento, quem era exatamente que vivia ao seu lado. Há uma faca nas gavetas de todas as cozinhas, almofadas em cima de todas as camas e líquido anticongelante em todas as garagens. Há armas por toda a parte, minha gente, e nós estamos prontos para explodir. Essa seria a minha mensagem.

O monitor por cima da cama dela geme pela centésima vez e eu salto, mas Tessie não se mexe. Parece que estou a apertar um pedaço de queijo *mozzarella*. Sou tomada pelo pensamento avassalador, para aí pela décima vez, de que ela nunca mais será a mesma. Há um penso na cara a esconder alguma coisa. Ela pode nunca mais ser bonita, ou engraçada, ou deixar de apanhar todas as minhas referências literárias, ou ser a única pessoa no mundo que não me considera um espírito maligno. Até o meu pai me chama Morticia às vezes.

O som não para. Carrego novamente no botão de chamada. Uma enfermeira abre a porta e pergunta-me se algum adulto irá voltar em breve. Como se *eu fosse* um problema.

Não quero ser recambiada para a sala de espera outra vez. Há milhões de pessoas lá. E o treinador de atletismo de Tessie estava a dar comigo em doida. A repetir que era uma sorte que o *calvário* tivesse chegado tão depressa junto de Tessie. *O calvário foi onde Jesus morreu na cruz, atrasado mental*. Volto a contar a história a Tessie, apesar de já lha ter contado há uns minutos.

As suas pálpebras tremulam. Só que a tia Hilda avisou-me que ela faz isso com frequência. Não significa que esteja a acordar.

Escolhi Tessie no segundo ano, no momento em que me sentei na secretária ao lado da dela.

Aperto-lhe a mão.

— Não há problema, podes voltar. Eu não o deixo apanhar-te.

TESSA, NA ATUALIDADE

1h51

Fecho a porta. Digito o código de segurança.

Viro-me e quase deixo de respirar.

O rosto de Merry está gravado no reflexo do espelho na parede.

Está presa do outro lado do vidro, tal como na noite em que manteve o rosto de encontro à janela do carro no parque de estacionamento da mercearia. O esforço que ela deve ter feito para se içar do banco de trás do carro, meio morta, meio drogada, amordaçada com um lenço azul, numa derradeira tentativa desesperada de que alguém como eu aparecesse e a salvasse. De todas as Susanas que tenho na minha cabeça, Merry é a menos carente, a menos acusadora. A mais culpada.

Está tudo bem, digo-lhe suavemente. A culpa não foi tua. Eu é que lamento. Devia ter-te salvado.

Quando encosto a palma da mão aberta contra o espelho, Merry já

desapareceu e foi substituída por uma mulher pálida, com o cabelo ruivo desgrenhado, olhos verdes e um pendente de ouro retorcido sobre a garganta. A minha respiração embacia o espelho e também eu desapareço.

Merry já me tinha aparecido duas vezes: à janela do consultório do meu médico quando eu tinha dezassete anos, cinco dias depois de ter recuperado a visão, e há quatro anos, a cantar «I'll Fly Away» na última fila do coro da igreja, no funeral do meu pai.

Dirijo-me para a gaveta da cozinha, retiro uma faca e abro a embalagem.

As Susanas zunem cada vez mais alto dentro da minha cabeça.

LYDIA, 16 ANOS

6 meses antes do julgamento

Estou a bater à porta com força e a chamar o nome de Tessie.

Ela deixou-me fechada do lado de fora. Estou presa no seu estúpido quarto de conto de fadas, que estava bem para quando tínhamos dez anos. Acordei, ela não estava na cama e não consigo abrir a porta que dá para a varanda. Disse-lhe que não a queria lá fora sozinha esta noite, porque está cega e é perigoso, e eu fiquei a tomar conta dela. Mas a verdade é que tenho medo de que se atire do telhado do avô.

Hoje foi mais um Dia Triste. Ela teve vinte e seis seguidos. Eu desenho uma cara sorridente no meu calendário cada dia que ela sorri *uma vez*. Mais ninguém marca caras sorridentes no calendário e, no entanto, se ela se matar esta noite, a culpa será de Lydia Frances Bell.

A Lydia nunca foi uma boa influência. A Lydia é mórbida. A Lydia é bem capaz de ter dado um empurrão à Tessie.

Encosto o ouvido à porta. Continua viva. Está a tocar alguma coisa fúnebre na flauta. É preciso muito fôlego para soprar para uma flauta. Eu não ia querer estar por perto e levar com uma assoprada. Ela não lava os dentes há seis dias. Também não há mais ninguém além de mim a contar *esse* número. Uma das lições de vida que aprendi com a história de Tessie é que é mais difícil amarmos as pessoas quando elas cheiram mal. É claro que também há muitas partes boas. É fixe ser chamada de «amiga de conto de fadas» na revista *People*. E atualmente estou sempre a sentir uma excitação secreta, como quando olho para o oceano e penso em como é profundo e negro e no que haverá no fundo. Gosto de andar dentro de um romance terrível, de *o viver*, de me levantar todos os dias para escrever mais uma página, ainda que as pessoas vejam sempre Tessie como a personagem principal.

A porta está a abanar um bocado, pelo que a empurro com a anca com um pouco mais de força. A ideia estúpida de a trazer para o castelo deles este fim de semana foi dos avós e não minha. É claro que eles foram para a cama às nove e meia e estão meio surdos.

De certeza que ela não se atiraria por causa daquele comentário acerca de Frida Kahlo que fiz ao jantar. A avó dela lançou-me um olhar terrível. Mas foi o avô dela que trouxe o assunto à baila.

Ele estava a contar-lhe como Frida Kahlo pintava na cama depois do terrível acidente com o autocarro quando tinha dezoito anos, que lhe deixou o corpo paralisado dentro de gesso. A mãe de Frida mandou fazer um cavalete especial para a cama. Por isso, o avô de Tessie perguntou-lhe se queria que ele lhe mandasse fazer algo do mesmo género. Estava a tentar inspirá-la, mas a mim parece-me que a lição a retirar dali é que um acidente fortuito com um autocarro destruiu Frida Kahlo para o resto da vida, assim como aconteceu com Tessie. E eu *só disse* que ainda bem que Frida Kahlo se tinha matado, porque estava literalmente a pintar até à morte. Pensei que tinha piada. Mas quantas caras de Frida Kahlo consegue o mundo suportar?

A porta cede de repente e tropeço para o terraço. Ela está sentada na beira, de costas para mim, com a *t-shirt* branca enorme do avô dela. Parece Casper, o Fantasminha. Como se esqueceu de trazer a camisa de dormir para a nossa curta estadia de uma noite, tirou uma camisola de uma gaveta do avô.

Há maneiras muito melhores de te matares, penso. E eu não vestiria isso.

Talvez devesse deixá-la saltar. A ideia surge-me de repente.

Se ela saltasse, era capaz de acabar numa cadeira de rodas, porque tem sorte. Ou não tem. A linha é tão ténue. Tanto trabalho para a trazer de volta à vida,

quando tenho a certeza de que ela desejava ter ficado a dormir naquela cama e nunca mais acordar.

Estou mesmo muito furiosa esta noite. Mais do que é habitual. Estou a *chorar*. Não sei quanto tempo mais vou conseguir aguentar isto. Tantas histórias nos jornais e, contudo, a horrível história verdadeira nunca é contada.

Ela ainda está a tocar a porcaria da flauta. Dá-me vontade de saltar.

— Por favor, sai daí — digo, com a voz embargada. — *Por favor*.

TESSA, NA ATUALIDADE

1h54

Enfio a mão na embalagem e retiro do interior um saco de plástico.

Tem uma camisola no interior.

Coberta de sangue seco.

Reconheço-a.

LYDIA, 17 ANOS

10 semanas antes do julgamento

Hoje, podia desenhar *vinte* caras sorridentes no meu calendário.

A minha mãe acaba de nos trazer umas latas de *Coca-Cola* gelada com palhinhas e bolachas *Chips Ahoy* num prato. Disse que era bom ouvir-nos rir tanto outra vez. Depois disso, tranquei a porta. A ideia de fazermos estes desenhos falsos para o novo médico foi de Tessie. Um grande choque, porque seria mais provavelmente o tipo de coisa de que *eu* me lembraria. Tessie nunca foi muito de mentir, mas eu não vejo problema nisso, se for um meio para chegar a um fim. Ela disse-me que não está preparada para deixar este novo médico espreitar para o interior da sua alma. A história da alma era apenas uma paródia que ela fez do último médico que lhe calhou antes deste. O idiota disse-lhe que ela podia curar a cegueira se mergulhasse de uma grande altura e abrisse os

olhos debaixo de água. Nunca tinha visto o pai de Tessie tão furioso como quando lhe contei isso. *Mais valia ter-lhe sugerido que se matasse!*

Tessie está com aquele pijama fatela de renda que a sua tia Hilda lhe ofereceu. Se conseguisse ver, nem morta o vestiria. Mas não vê e o pijama até é fofinho. Fá-la parecer muito inocente e que o mundo não está prestes a acabar.

— Tens a caneta preta? — pergunta-me ela.

— Tenho. — Aperfeiçoo uma careta numa flor e dou-lhe a caneta.

Por uma vez na vida, não tenho vergonha de estar a desenhar na mesma divisão que Tessie. Foi preciso ela ficar cega para isso acontecer. Tudo o que ela desenha é sempre tão *perfeito*. Gosto deste desenho. Definitivamente, desenho melhor quando Tessie não me faz concorrência.

Ainda assim, acho o desenho um pouco *literal*. Um campo de flores-monstros. Uma rapariga agachada. Está a precisar de *drama*.

Acrescento outra rapariga mesmo por cima da primeira. Rabisco com um pouco de vermelho. As raparigas estarão a lutar até à morte? Estará uma delas a matar a outra? As pobres florzinhas estarão apenas preocupadas a tentar acabar com aquilo?

Ah, ah. Ele que fique a pensar nisso.

TESSA, NA ATUALIDADE

2h03

Os meus olhos ficam colados à mancha castanha na camisola cor-de-rosa. A minha camisola. Emprestei-lha há muito tempo e ela nunca ma devolveu.

É muito sangue.

Não é a primeira vez que me detenho na possibilidade de Lydia ter sido assassinada.

A Lydia gostava de ketchup, recordo a mim mesma. De xarope de milho, tinta vermelha, manipulação e jogos de adivinhas.

Há mais uma coisa na embalagem.

Um bloco de notas pautado. Também o reconheço. Costumava haver uma caixa cheia deles.

Na parte da frente deste, está escrita uma data à mão. E um nome.

O *L* enrola-se no final, como a cauda de um gato. Vi-a escrever aquele *L* centenas de vezes.

A minha mão paira entre o bloco e o meu telemóvel.
A decidir como vou jogar.

LYDIA, 17 ANOS

3 semanas antes do julgamento

— Chamo-me Lydia Frances Bell — apresento-me, desejando não ter acrescentado o nome *Frances*, ou não ter usado *Lydia*, que nunca senti ser o meu verdadeiro nome.

Sou mais uma Audriana, Violetta ou Dahlia. Devia ter-lhe dito um nome falso. Tessie diria que tinha sido estúpido apresentar-me a ele. E ficaria furiosa. Eu disse-lhe que ia apenas entrar na aula do médico dela uma vez para observar e que nem sequer levantaria a mão. Já vim duas vezes depois disso. Tessie está a dar comigo em doida. A noite passada, ia-me dando cabo da cabeça quando fiz uma sandes de manteiga de amendoim para mim e a levei para o quarto dela. Quer dizer, já chega. É uma *sandes*.

Hoje, foi a primeira vez que marquei uma hora com ele. Sinto-me tão

preparada como preciso de estar. Pesquisei tudo o que consegui sobre ele. Li a série de preleções *De Marilyn Monroe a Eva Braun: as Mais Poderosas Louras da História*. Devorei o estudo sobre a rapariga que sobreviveu depois de o padrasto a ter enterrado viva, o que fez com que toda a gente quisesse que ele fosse o psicoterapeuta de Tessie quando o seu nome apareceu na lista de candidatos. É professor convidado em *três* universidades da Ivy League. Nunca ensina nada com «Introdução» no título. Não encontrei muita informação pessoal, o que foi uma chatice, nem nada acerca da filha dele que desapareceu, mas tenho a certeza de que é um homem reservado e completamente dedicado ao trabalho da sua vida.

— Ainda bem que apareceste, Lydia — diz-me. — Tenho-te visto sentada na primeira fila. — O sorriso dele é como uma pincelada de sol. Faz-me pensar em Keats.

Pouso as minhas abundantes notas sobre a sua última preleção acerca da tríade negra da personalidade, para ele ver como sou boa aluna. Ele pergunta-me se concordo com Maquiavel, de que não somos impotentes às mãos da má sorte. Aparentemente, tratou-se de uma pergunta de retórica, porque ele continua a falar. Adoro ouvir o som da sua voz quando pronuncia todas essas palavras de quatro sílabas. Sinto que ele está a fazer sexo com o meu cérebro.

Tenho dez perguntas brilhantes preparadas para o impressionar e ainda não fiz nenhuma.

Ele rodou a cadeira do outro lado da sua secretária, aproximando-se. Tem o joelho encostado à minha perna num misto delicioso de prazer e dor. Mal consigo *pensar*, com o joelho encostado ao meu, mas ele age como se nem estivesse ali.

Sei que tenho de lhe contar que sou Lydia, a melhor amiga de Tessie, mas não quando ele está a olhar para mim desta maneira.

Para a próxima.

TESSA, NA ATUALIDADE

2h42

Estou a virar as páginas. São brutais. Ela põe-me alcunhas, esfaqueia-me, dá-me murros no estômago. Atira-me meia dúzia de beijos. Amor e ressentimento, tudo misturado.

Havia outra Lydia, completamente diferente daquela que eu conhecia quando tinha dezasseis anos. Uma imagem por trás de outra imagem. Volto àquela noite na varanda em que eu achava que tínhamos escarafunchado tudo. Todas as feridas de raiva contida. Todos os tumores benignos que tinham crescido desde que a nossa amizade tivera início — aqueles tumores que vivem debaixo da pele de cada relacionamento, até àquele momento inesquecível em que alteram a sua química para sempre.

Estava enganada. Havia muito mais.

Tento conjugar esta rapariga com aquela que me devolvia a respiração com um saco de papel castanho. Que me abraçava durante toda a noite quando a

minha mãe morreu e me fazia tranças quando estava cega. Que me lia poesia excitante. Que escrevia bilhetes no código preferido de Edgar Allan Poe em tinta invisível feita com sumo de limão e os enfiava na fenda que havia na minha casa da árvore, para eu os encontrar no dia seguinte. Para poder erguer as palavras dela contra o sol.

Sinto-me maldisposta.

O telemóvel toca. Dou um salto e derrubo uma garrafa de água.

A tinta de Lydia começa a esborratar-se.

Tento secar as páginas num frenesim.

O telemóvel guincha outra vez. Insistente.

Olho para o nome no ecrã.

Outler, Euphemia.

Falta-me ler pelo menos um quarto das páginas. Não sei como a história de Lydia acaba. Nem quão depressa o meu tempo com o diário se vai esgotar. Tenho de descobrir muito, muito em breve.

Pego no auscultador.

— Sue? Sue? — diz Effie, completamente em pânico. Depois, mais baixo: — Acho que o estupor do ladrão de enxadas está aqui.

LYDIA, 17 ANOS

2 dias depois do julgamento

Tessie está a *gritar* comigo.

Deste o meu diário ao médico? Mexes nas minhas coisas?

— Eu tinha de dar o quadro completo aos jurados. — Santa paciência, ela está a passar-se. Pensei que iria perceber. — Dei-lhe o diário para te *proteger*. Testemunhei aquelas coisas todas para ajudar a condenar Terrell.

— Sim, claro. Tinhas de lhes contar que eu não tomava banho? Que encontraste lêndas no meu cabelo? Que roubei analgésicos do armário dos medicamentos da minha tia Hilda?

— Desculpa-me por ter dito que os rapazes te chamam Susana da Cicatriz. Foi um epíteto muito infeliz.

— Eles chamam-me mesmo isso? — Tessie parece estar prestes a chorar. Mas

não posso ceder. Ela quer sempre os dois lados das coisas. — Tu testemunhaste por *ti* — diz-me. — Para poderes ser uma estrela.

Estamos na varanda do avô dela como já estivemos milhões de vezes. Ela está a tremer, de tão furiosa que está comigo. Mas eu também estou a ficar cada vez mais zangada. *Ela não vê tudo o que fiz por ela?* Está a gritar e eu grito-lhe de volta. É a luta de raparigas do século. Por fim, ela não tem resposta. Há apenas silêncio, noite escura e nós, com uma respiração pesada.

— Eu vi-te com o médico. — O seu tom de voz assusta-me.

— De que é que estás a falar? — É claro que sei do que ela está a falar. *Mas de que vez? O que é que ela sabe?* Arrisco. — Estás a referir-te a quando eu lhe entreguei o diário?

— Acho que sim. Eu estava a passear o *Oscar* na faculdade. O que é que achavas que estavas a fazer, Lydia? *Sai daqui.*

A avó dela está subitamente atrás de mim a agarrar-me pelo ombro, um pouco ofegante, por ter subido aquelas escadas todas. Ela nunca gostou muito de mim.

— Meninas...

— Sai, Lydia — diz Tessie, a soluçar. — Sai daqui, sai daqui, sai daqui.

TESSA, NA ATUALIDADE

2h29

Atravesso o pátio a correr. Descalça. Parece que estou num sonho. Uma noite estrelada por cima da minha cabeça. Um perfume doce, enjoativo, paira no ar.

As sombras penduram-se em todas as árvores, prontas para me sufocarem. Foco-me na luz que sai pela janela da cozinha de Effie. No aço frio que tenho na mão. Na ideia de Effie estar sozinha com um monstro. Aquele que lhe desgasta o cérebro, aquele que transformou as raparigas em ossos, aquele que costumava escovar-me o cabelo e que desprezava a minha fraqueza em silêncio. Talvez os três.

À minha espera. A usar Effie como isco.

O que é aquilo no chão? Dobro-me e passo os dedos pela relva. Papelinhos de Carnaval. Desenham um caminho entre a minha casa e a de Effie. Esfrego os pedaços de papel entre os dedos. Vejo-os flutuarem e caírem, como brilhantes pensamentos abstratos.

Não são papelinhos.
A relva está coberta de Susanas-de-Olhos-Negros.
Alguém lhes arrancou as pétalas e deixou-me um rasto.
Arquejo, sorvendo o ar que se evapora.
O céu de Van Gogh rodopia por cima de mim.
A minha cabeça explode com tantas imagens e fixa-se numa delas.
Ele limpou finalmente a lama do rosto.
O meu monstro. O assassino das Susanas-de-Olhos-Negros.
Está lavado e barbeado. A sorrir.
As Susanas guincham de contentamento. *É ele, é ele, é ele!*
Sinto os braços dele em volta dos meus ombros. O cheiro do perfume no seu casaco.
Ouço o seu sotaque arrastado, tranquilizador, lânguido.
Se tivesses três desejos, Tessie, quais seriam?

LYDIA, 17 ANOS

3 dias depois do julgamento

Fizemos amor duas vezes. Ele já está na beira da cama.

— Vou tomar um duche, querida — diz-me. — E depois tenho de me despachar. Por isso, arruma tudo, está bem?

Querida. Como se eu fosse uma amante da década de 1940. E que tal ser um pouco mais mitológico? Chamar-me Eurídice? Ou Isolda? Acho que, neste momento, Lydia Frances Bell merece algo melhor do que lençóis gastos, *arruma tudo e querida.*

O duche já está a correr.

Saio da cama, nua, a tremer. Ele tem sempre o apartamento gelado. Não gosta do som que a caldeira faz a ligar e a desligar. Que se lixe. Apanho a camisa dele do chão e enfio os braços nela. Abano as mangas compridas, como se fosse um

pássaro. É o último dia dele na faculdade antes de ir de licença sabática para a China. Ele diz que Tessie não precisa de saber que dormimos juntos, o que é *brutal*. Estou a pensar que ela vai ultrapassar a cena do depoimento. Dou-lhe um mês.

As caixas para embalar as coisas estão por toda a parte.

Talvez vá explorar. Encontrar uma lembrança de cuja falta ele não se aperceba.

Enfio as mãos nos bolsos dos seus fatos de homem velho. Quem me dera que ele me deixasse vesti-lo. As camisas têm goma a mais. Arranham-me o pescoço. Passo o polegar por uma pilha de livros que iriam aborrecer-me de morte. Remexo a gaveta dos *boxers*. Vulgares, vulgares, vulgares.

O duche ainda está a correr.

Abro e fecho mais gavetas vazias. Vejo o frigorífico.

Remexo uma pilha de correio. Caramba, até Tessie me deixa surpresas melhores.

Quase que não me dei ao trabalho de abrir o armário por baixo do lava-louça.

É aí que as encontro.

Flores amarelas espalhadas, com olhos pretos, à espera na escuridão.

TESSA, NA ATUALIDADE

2h34

Ajoelho-me. Fito uma pétala que se colou à minha mão. A explodir de raiva. Contra ele. Contra mim, por ter sabido sempre, mas ter tido medo de ver. Contra Lydia.

Não sei quanto tempo passou. Segundos? Minutos? A luz continua a brilhar na cozinha de Effie.

És tu que controlas a tua mente, Tessie. O médico. Na minha cabeça. A provocar-me. A troçar.

Obrigo-me a levantar-me.

Há pétalas por todo o lado, coladas aos meus joelhos, às solas dos meus pés descalços.

Não são pétalas. São pedaços minúsculos de lenços de papel. Aqueles que Effie traz constantemente nos bolsos dos robes e das camisolas.

Este rasto é de Effie. Direito à porta dela, a quilómetros de distância da campa

onde Tessie adormeceu.

Só que Tessie está a acordar. A velha Tessie, aquela que corria mais do que os rapazes, que possuía um coração lento, que arriscava feridas, ossos e cicatrizes, que não perdia porque a sua mãe morta a aclamava na meta.

Vejo-a agachada numa pista de atletismo, sob um sol incandescente. O calor forma ondas visíveis. Ela olha para baixo. Para acabar em primeiro lugar, vai passar o mínimo tempo possível no ar por cima das barreiras.

Tem as pontas dos dedos pousadas na terra batida.

As minhas giram a maçaneta da porta de Effie.

Estamos ambas prontas para ouvir o tiro.

LYDIA, 17 ANOS

10 dias depois do julgamento

O senhor Darcy parece um assassino em série, a oferecer-me a mão para eu conseguir subir para o barco que se desprende da doca corroída. Atravessámos um caminho serpenteante desde a cabana até chegarmos aqui. Foi ideia dele, alugar uma cabana. Diz que será a nossa noite especial de despedida, antes de ele partir para a China, ou seja lá para onde for. Este sítio é remoto como o raio. Pergunto-me se ele terá trazido outras raparigas para aqui. Ou se escolhe um sítio novo de cada vez? Está tudo escuro. A água, o céu, a floresta atrás de nós. E o oleado no fundo do barco? Ele achará mesmo que Lydia Bell é assim tão estúpida? É claro que estou a entrar no barco com um assassino em série, mas é isso que tem de se fazer quando não há provas concretas e nós somos a derradeira esperança.

— Cuidado — adverte-me ele quando desço. — Queres guiar?

Enquanto me sento, ele puxa a corda da amarra e tem alguma dificuldade em enrolá-la toda. Eu podia dar-lhe alguns conselhos, mas não dou.

— Não, obrigada — respondo. — Iria ter medo. Vou recostar-me e olhar para a Lua, se a encontrar. Tenho uma lanterna. Talvez leia para ti. — Aceno com o livro que tenho na mão. *O Grande Livro de Poemas de Amor: De Browning a Yeats*, apesar de ter memória fotográfica e de ter lido este livro um bilião de vezes.

— Não sabia que havia coisas capazes de te assustarem — troça ele.

Hum, estou a pensar que a parte do «ter medo» é capaz de ter sido de mais.

— Vais adorar estar aqui fora no lago, no escuro — diz-me ele. — Faz mesmo o teu género. Espera para leres quando encontrarmos um lugar bonito. Desligo o motor e podemos flutuar um pouco. Beber um vinho.

Ele já percorreu cerca de três quilómetros e desacelera o barco; eu acendo a lanterna, abro o livro e começo:

— Mal me quer, bem me quer.

As palavras perdem-se por entre o ruído do motor.

— O quê? — pergunta ele, impaciente. — Eu disse-te para não começares a ler já.

Fico em silêncio, o que é difícil.

Ele desliga o motor a meio do lago.

Eu estou preparada, claro. Tenho dez perguntas gravadas na minha cabeça, numeradas, umas a seguir às outras. Fecho o livro.

Pergunta número um.

— Foste tu que mataste aquelas raparigas todas?

— Quais raparigas, querida?

— Achaste que eu deixaria de te amar? Que iria contar?

— Lydia. Para.

— Sabias quem eu era naquela primeira vez no teu gabinete? Que era a melhor amiga da Tessie? — Quero que ele me diga que *não*. Quero que me *explique*.

É difícil ver-lhe o rosto no escuro. O seu corpo permanece completamente descontraído.

— É claro que sabia, querida. Eu sei tudo acerca de ti e da Tessie. Vocês são umas meninas avariadas do juízo.

Olho para as mãos dele, que remexem a corda entrançada.

É oficial. Lydia Frances Bell amou um assassino em série.

O meu coração bate acelerado, o que seria de esperar. Mantenho os olhos postos na corda.

— Para onde é que vais realmente de avião?
— De certeza que o teu cérebro tem perguntas mais importantes do que essa, Lydia. Mas, para te responder... ainda não sei.
— Tenho um total de dez perguntas.
— Dispara.
— Tens mesmo uma filha chamada Rebecca?
— Não. — E sorri.
— Não tens família? Amigos?
— É desnecessário, não achas?
— As minhas outras três perguntas não interessam.
Os meus dedos curvam-se em volta da arma do meu pai, guardada no bolso do casaco.
— Estou grávida — anuncio.
A arma está agora apontada ao peito dele.
Porém escorre-lhe sangue do ombro.
Nem sequer a ouvi disparar. Um tiro no meio do lago parece o céu a estilhaçar-se. Como se fosse chover pedaços de vidro. Era o que Tessie costumava dizer.
Firmo a mão.
— Espera, querida — implora-me ele. — Nós podemos resolver isto. Somos iguais, eu e tu.

TESSA, NA ATUALIDADE

2h44

O vestibulo, na escuridão.

— Effie? — grito.

— Estou na cozinha, Sue. — A voz dela chega da divisão ao lado. Animada. O pânico desapareceu. Cheira-me a alguma coisa queimada.

Pergunto-me se será pólvora. Se a minha vizinha terá matado o ladrão de enxadas a tiro, com o seu pequeno revólver com cabo de pérola que ela tem carregado na mesinha de cabeceira, contra os meus desejos.

Tu consegues fazer isto. Pela Charlie.

Dobro a esquina.

Vejo um quadro vulgar.

E arrepiante.

Lydia, uma Lydia muito viva e *loura*, está sentada à mesa.

Effie, toda contente, coloca um prato de porcelana com flores azuis à minha

frente.

— Aqui estás tu! — diz, entusiasmada. — Falso alarme! Afinal, não era nada o ladrão de enxadas. Era só a Liz. O que é uma grande surpresa.

Lydia, a sorrir. Não está enterrada numa campa anónima. Destruída. Arrependida. Fez parte disto tudo.

Tem os lábios pintados de vermelho-vivo. Vejo o minúsculo sinal de nascença no seu lábio superior, com o qual um rapaz tinha gozado, dizendo-lhe que era uma carraça. Ela andou com a mão à frente da boca durante uma semana.

Tem a perna esquerda cruzada por cima do joelho direito num ângulo um pouco estranho. Costumava sentar-se assim num dado verão, para esconder uma marca do cinto do pai. Tornou-se um hábito que não conseguia quebrar.

Eu conhecia os hábitos dela. Sabia segredos que a faziam uivar. Conseguia desfazê-la em pedaços.

Lydia olha-me com atenção. Continua a não dizer uma palavra.

A minha arma cai ao chão.

Não me mexo.

— Deixaste cair uma coisa, querida — diz Effie. — Não vais apanhá-la? Deves lembrar-te de eu ter falado da Liz? Ela é a investigadora da sociedade histórica que me vem visitar de vez em quando. Guardou umas caixas da pesquisa dela em Fort Worth no meu abrigo não há muito tempo. Visita sociedades por todo o país!

Lembro-me. *Caixas, hermeticamente fechadas, seladas com fita-cola. A Charlie a ajudar a Effie e uma mulher estranha a carregá-las para o abrigo.*

— A Liz veio até cá esta noite para ir buscar uma coisa que precisa das caixas e não me quis acordar — prossegue Effie. — Eu disse-lhe que aqui no Texas é melhor não andar por aí meio escondida. Ela passa a maior parte do tempo em sítios mais civilizados, como Washington e Londres, não é verdade?

Lydia, aquela Lydia de cabelo tingido, sorridente, aquiescente, tem vindo a insinuar-se na vida de Effie. A fazer-se passar por alguém que não é. *A vigiar-me. A vigiar a Charlie. A deixar o diário à minha porta. A devolver-me a camisola manchada de vermelho. A jogar os seus joguinhos.*

— Onde é que ele está? — pergunto-lhe num sussurro.

Foi ela que sempre me disse para não dizer o nome do médico em voz alta. *Para apreciar o controlo. Limitar o poder dele.*

— O ladrão de enxadas não está aqui, querida. — Effie tenta esclarecer a situação. — Como eu disse, era a Liz que estava no quintal das traseiras. Estávamos a falar daquele tipo de Chicago chamado Mudgett, que tentou construir um dos seus castelos do crime na Baixa da cidade. A Liz sabe tudo sobre a Fort Worth antiga. Eu concordo com ela, que se devia erigir uma placa

no terreno onde ele planeava construir o seu matadouro para raparigas.

— Tenho a certeza de que ela percebe muito de assassinos em série.

Não consigo desviar os olhos dela. Aquele olhar inteligente e familiar. Os óculos caros, de tartaruga. O cabelo apanhado num penteado chique e desalinhado. Um volumoso relógio *Breitling* a rodear-lhe o pulso. Uma aliança de prata trabalhada, simples e larga, na mão direita.

— Ele está morto, Tessie. — São as primeiras palavras que Lydia me dirige em dezassete anos. A voz dela é triunfante. — Matei-o.

— É claro que está morto — diz Effie. — O senhor Mudgett morreu na prisão em 1896. Foi enforcado em Moyamensing, Liz. Acabou de me dizer há um segundo que ele se contorceu durante quinze minutos.

LYDIA, 17 ANOS

Carrego no gatilho quatro vezes.

É muito simples, para uma rapariga destrambelhada do Texas.

Rastejo por cima dele, para chegar ao volante. Demoro onze minutos a contornar o lago às escuras e a encontrar o Dumbo. O meu marco. A árvore grande na margem oeste, com um único ramo curvado para cima, qual tromba de elefante.

É o lugar mais macabro do lago. O Triângulo do Morto. É um bom lugar para pescar, mas, se alguém se afunda aqui, frequentemente não volta à superfície. Eu pilotei um barco neste lago desde que tive altura para ver sobre a proa e o meu pai se tornou um bêbedo, ou seja, praticamente desde o dia em que nasci. Eu e o meu pai divertíamos-nos imenso neste lago. Eu esventrava os peixes sem vomitar e ele bebia vodka em latas de *Coca-Cola* e vomitava sempre.

A minha cabeça está tão *calma*. Mais calma do que alguma vez estive. É estranho. Desligo o motor. Flutuo por um segundo. É melhor pôr mãos à obra.

Não é assim tão difícil atirá-lo borda fora. *Plop*. Ele vai ao fundo em menos de um minuto. Não sinto nada ao vê-lo descer. Atiro o velho livro que encontrei por baixo do lava-louça da cozinha, com as *Susanas-de-Olhos-Negros* e a lata de inseticida. *Rebecca*, de Daphne du Maurier. Se a capa quebradiça não tivesse ficado ensopada de sangue, tê-lo-ia guardado para mim. Aquele livro tinha as respostas às minhas perguntas oito, nove e dez, mas ele estava prestes a lançar-me com a porcaria da corda.

Em menos de nada, volto a terra, arranco o oleado do barco e reúno tudo o que está à volta da cabana. «Saída até às 11 horas», instrui o aviso na parte de trás da porta. «Certifique-se de que o barco está devidamente amarrado à doca. Deixe a chave da cabana em cima da mesa.»

Tenho os dentes a bater e as mãos e os pés dormentes quando enfio a chave na ignição do carro dele, mas sinto-me muito bem comigo mesma. Conduzo à volta da área de campismo do Lake Texoma State Park e deito fora o oleado e a mala da roupa dele em dois contentores de lixo situados em extremos opostos.

Estou a meio caminho da empresa de alugueres para devolver o carro, quando fico sem gasolina.

TESSIE, NA ATUALIDADE

2h52

O meu monstro morreu.

A minha melhor amiga está viva e dobra um guardanapo na perfeição.

Então, porque é que sinto uma vontade tão grande de fugir?

E de gritar *Fuja* para Effie?

LYDIA, 17 ANOS

Pensei que o meu pai me ia matar. Teve de me ir buscar ao Whataburger de Sherman. Eu tinha andado seis quilómetros a pé. Havia sangue no meu rosto e nas minhas roupas. Disse à empregada que tinha rebentado um pacote de *ketchup*, quando lhe perguntei se podia usar o telefone. O meu pai é mais esperto do que isso.

Descompôs-me, como sempre faz. Eu estava tão cansada. Mal conseguia mexer-me. Ele não precisou de me ameaçar muito. Quem me dera ter podido telefonar a Tessie.

O meu pai disse-me muitas coisas no caminho. *Não tens provas de que ele fosse o assassino. Não vais fazer um aborto, em circunstância alguma. Credo, Lydia. Credo.*

Ouvi-o fazer um telefonema ou dois para os colegas do parque de salvados. Ia pagar-lhes para atestarem o carro alugado do médico e devolvê-lo.

Por muito que me esforce, não consigo aquecer.

Parece que foi há um milhão de anos que fiquei atrás do barracão a vê-lo plantar flores debaixo da casa da árvore de Tessie.

Agora, os meus pais estão sentados no sofá a traçar um plano e eu estou aqui fora, no quintal das traseiras, a enterrar umas coisas também. Vou chamar-lhe a pequena caixa das Coisas Más. A chave da cabana, que me esqueci de deixar na bancada. O anel que roubei a Tessie e escondi num canto do meu guarda-joias, porque lhe dava azar. O meu livro preferido de Edgar Allan Poe, porque me pareceu ouvi-lo tiquetaquear na prateleira esta noite e não conseguiria viver com isso para o resto da vida. Eu *nunca* hei de enlouquecer como Tessie.

TESSA, NA ATUALIDADE

2h53

Ela é louca. *A Lydia é louca.*

Quando devia ter percebido isso? Assim que ela se sentou ao meu lado, no segundo ano, com os brilhantes lápis vermelhos, afiados como se fossem picadores de gelo?

Agora, está a dizer tolices, como faz sempre que conta a verdade, sobre Keats e o céu a estalar por cima do lago e que «a última coisa que vi dele foi uma parte da cabeça sem cabelo, como se fosse uma grande picada de mosquito e depois preto, preto, preto».

O médico. O meu monstro. O amante dela.

No fundo do lago. O lago onde ensinei Charlie a esquiar. Deve ter esquiado por cima dele.

Ele esteve sempre morto.

O alívio invade-me. A tomada de consciência lança-me para o Inferno.

Fui eu que mantive o meu monstro vivo.

A minha melhor amiga permitiu que isso acontecesse. Deixou-me sofrer. Deixou Terrell pagar por um crime que não cometeu.

Lydia, uma flor gananciosa. Mais parecida com uma margarida-de-olhos-negros do que qualquer uma das raparigas encontradas na campa. Controladora. A singrar em terra destruída.

— Eu vi-o plantar susanas-de-olhos-negros debaixo da tua casa da árvore quatro horas depois de termos feito amor pela última vez — diz Lydia calmamente. — Encontrei-as em pequenos vasos de plástico debaixo do armário dele e depois segui-o e vi-o cavar o buraco. Não precisas de te zangar comigo. — Dá uma risada.

Ele nunca vai tocar na minha filha, penso.

Ele é ossos.

A Lydia amava-o.

— Estás com um ar estranho, querida — diz Effie. — Cansada. Devias sentar-te.

— As flores...? — gaguejo na direção de Lydia.

— Sim? — pergunta, impaciente. À espera de alguma coisa.

Gratidão. Lydia está à espera de gratidão. Esforço-me por deter uma onda de raiva e descrença. Ela fez da minha sanidade sua refém durante dezassete anos e gostava que eu lhe agradecesse por isso. Sinto um impulso enraivecido para a esbofetear, para lhe puxar o falso cabelo brilhante, para gritar *porquê* até as fundações da velha casa de Effie estremecerem.

Lydia já está a ficar impaciente e eu tenho de ter a certeza.

— Lydia — começo de novo. — Se ele está morto... quem é que continuou a plantar susanas-de-olhos-negros ao longo de todos estes anos?

Os olhos dela fixam-se nos meus.

— Estás a acusar-me? Como é que hei de saber? São apenas *flores*, Tessie. Também continuas a passar-te com um *PB* ou com um *J*?

— O trabalho da Liz não tem nada a ver com plantações — intervém Effie. — Quem se ocupa das flores selvagens é a Marjory Schwab, da sociedade de jardinagem. E é a Blanche qualquer-coisa que fornece as sanduíches. Ou talvez se chame Gladys. E esta é a Liz, querida, não é Lydia.

— Tudo bem, Effie — digo.

Lydia encosta um guardanapo aos lábios. Mais fingimento. Não deu uma única dentada no que Effie lhe colocou no prato.

— Eu sei que estás zangada, Tessie. Mas os crimes perfeitos não acontecem por acaso. O tempo é tudo. Foi muito «O. J.» da minha parte guardar a camisola, não achas?

— Aquele sangue na camisola... *é dele* — digo devagar. — Da noite em que o mataste.

— Não acabaste de ler o diário? — pergunta-me ela. — Dei-te quarenta e cinco minutos.

A minha mente bloqueia-a. Foca, como um *laser*, a única coisa que ainda importa. Que ainda pode ser reparada. Terrell.

O sangue do médico na camisola cor-de-rosa. O feto na campã. O ADN de Aurora.

Todos relacionados. A ciência que pode ajudar a libertar Terrell. Se Lydia estiver a dizer a verdade, o sangue naquela camisola liga-os a todos. O médico não foi apenas o pai da filha de Lydia, mas também da filha de uma das Susanas-de-Olhos-Negros assassinadas.

— Não vais perguntar-me porque é que estou aqui? — Lydia parece lamentosa, como quanto tinha dez, doze ou dezasseis anos. — Tenho três anos de pesquisa sobre o médico naquele barracão. Das universidades onde deu aulas. Das raparigas que desapareceram quando ele estava lá. É circunstancial, mas facilmente se consegue estabelecer a ligação. E vamos conseguir que draguem o lago, claro. E eu vou deixá-los interrogarem-me, mas vou estar demasiado destroçada para contar *tudo*. — O tom é frívolo, ao jeito de Lydia. — Eu apareci por um motivo, Tessie. A estadia de última hora vai dar um final fantástico para o meu novo livro. Mesmo que o matem, sou uma heroína por ter tentado. O livro é sobre a *outra* Susana-de-Olhos-Negros que sobreviveu. *Eu*. Conto-o como uma história feminista moderna. Vais adorar. O que interessa é que o monstro tem o que merece.

— Começo a achar que não faz parte da sociedade histórica — diz Effie.

Lydia espeta o garfo numa fatia do bolo de Effie. Está quase a levá-lo à boca.

Eu não a impeço.

Pela primeira vez em muito tempo, sinto esperança. Como se um vento fresco me tivesse aclarado a mente.

O MONSTRO, 1995

Três de outubro de 1995, uma da tarde.

Vivas para O. J., que acaba de sair do tribunal como um homem livre.

É a nossa última sessão. Tessie tem aquele rubor revelador nas faces. Está aborrecida.

A sua pequena cicatriz destaca-se na pele bronzeada, como uma lua num mar de sardas. Hoje, não tem maquilhagem a tapá-la. Gosto disso. É sinal de confiança restaurada. Os seus olhos nucleares cor de esmeralda estão atentos e focados. Aquele seu cabelo cor de cobre glorioso está puxado para trás, colado ao crânio, como se ela estivesse prestes a ir correr. Os músculos do rosto são firmes e decididos, nada de sacos flácidos pendurados nos ossos, como no primeiro dia em que entrou aqui. Continua a roer as unhas, mas pintou-as com cuidado, com um verniz bonito, cor de lavanda.

Quero dizer-lhe tantas coisas.

Como tencionava destruí-la, mas foi muito, muito mais excitante reconstruí-

la.

Como Rebecca foi uma mentira frívola que contei a um jornalista, mas que era ao mesmo tempo uma metáfora para tudo. Rebecca foi o fantasma que me fez companhia na pior noite da minha vida. Ela é todas as mulheres e todas as filhas que nunca vou ter e todas as raparigas especiais que entraram nas minhas aulas, ergueram os olhos e não vislumbraram o seu destino.

Quero dizer a Tessie que, por vezes — muitas vezes —, lamento.

Quero acabar a história que comecei a contar-lhe acerca de um rapaz infeliz que entra numa casa abandonada a seguir às aulas e liga o aquecimento.

Tessie estava preocupada com o rapaz, percebi isso. Quando ela está triste, o seu belo rosto engelha-se como um origâmi.

A mãe do rapaz deixava-lhe sempre uma surpresa horrível para ele encontrar quando ela estava a trabalhar. Uma cria de pássaro morta em cima da almofada dele. Uma cobra de água doce na sanita. Um cocó de gato na caixa dos Twinkies. Piadas, chamava-lhes ela.

Na noite de sábado em que ele esmagou vinte comprimidos dentro do copo de vinho barato, ela adormeceu a ler a página 136 de Rebecca. Daphne du Maurier. Pronunciava doomayer, aquela gorda burra.

Aconchegara-lhe a almofada, ligando o ar condicionado no máximo a meio do inverno, e lera o livro inteiro antes de chamar a polícia e de lhes ter dito que há meses que ela se mostrava suicida.

— Eu vi-o com ela — provoca-me Tessie.

Quero pousar a mão no seu joelho para ele parar de bater.

Quero pôr-lhe o livro muito manuseado na mão.

Quero dizer-lhe que as flores vermelhas, e não as amarelas, tinham um significado especial para Rebecca.

Quero contar-lhe isso muito em breve. Vou passar o meu dedo por cima da tatuagem em forma de borboleta que ela tem na anca. Aquela que é igualzinha à de Lydia.

EPÍLOGO

*A imaginação consegue
obviamente abrir qualquer porta
— rodar a chave e deixar o terror
entrar.*

— Lydia, 16 anos, a ler *A Sangue-Frio* debaixo da ponte de Trinity Park, à espera de que Tessie termine a sua corrida. Dez dias antes do ataque, 1994

TESSA

Uma a uma, as peças começam a surgir, como meninas tímidas que dão um passo para entrar numa dança.

Lydia assumiu ter cometido um homicídio a sangue-frio e mantido um relacionamento com o meu médico, mas nunca ter plantado as susanas-de-olhos-negros no seu quintal das traseiras, no meu antigo apartamento, entre os tomateiros mortos da minha avó ou debaixo da ponte que rugia como um oceano.

A ser verdade, o médico só plantou as flores uma vez, a primeira. O vento e um tarado da pena de morte eram responsáveis pelas restantes. Permiti que um jardineiro diabólico vivesse dentro da minha cabeça ao longo de mais de uma década. Tal como os irmãos Grimm, atribuí poder a um objeto inocente e vulgar. Oh, o desgosto que pode ser forjado por um espelho de mão. Ou uma ervilha. Ou uma flor com um único olho.

Lembrei-me da *t-shirt* que Merry tinha vestida certa manhã em que observava

Charlie a comer *Frosted Cheerios* numa tigela de cereais amarela que em tempos pertencera à minha mãe. *Bem-vindo a Camp Sunshine*, dizia a camisola, só que a terra e o sangue tinham apagado tudo à exceção de *SUN. S-U-N*. A minha mnemónica desesperada para me lembrar dos nomes das outras raparigas era um *chip* do meu cérebro que se tinha passado. Trata-se de uma «ferramenta de sobrevivência», diz a doutora Giles.

A doutora Giles tenta convencer-me, em sessões alternadas, que as Susanas que eu ouvia na minha cabeça não eram reais. Nunca hei de acreditar nela. As Susanas são o mais reais possível. Eu costumava ficar acordada de noite a imaginar que a minha mente era como a casa do meu avô, com passagens secretas e salas escuras que precisavam de uma vela, e com as Susanas a dormirem e a acordarem em todas as minhas camas. Agora, o luar perpassa as janelas como se fosse manteiga derretida. Os soalhos estão limpos. As camas, feitas. Os roupeiros, vazios.

As Susanas saíram da minha cabeça, mas apenas porque cumpri as minhas promessas. Essa seria a única dica de sobrevivência que o meu avô me daria se eu alguma vez me encontrasse aprisionada dentro de um conto de fadas. Cumpre as tuas promessas. Se não o fizeres, acontecem coisas más.

Os ossos das outras duas Susanas que estavam na campa foram identificados oficialmente como pertencendo a Carmen Rivera, uma estudante de intercâmbio mexicana da Universidade do Texas, e a Grace Neely, aluna da licenciatura em Estudos Cognitivos na Universidade de Vanderbilt. O código da terra acabou por se revelar de enorme precisão. Mais oito raparigas não identificadas que se encontravam nas morgues de três estados foram relacionadas com a pesquisa meticulosa de Lydia.

Para meu alívio, Benita Alvarez Smith não aparece em nenhuma lista de fotografias de identificação, a não ser na do diretório da sua igreja. Lucas pesquisou-a: é casada e feliz, mãe de dois filhos e vive em Laredo. Vem tomar um café comigo quando vier a Fort Worth no mês que vem para visitar os pais.

A melhor parte é obviamente Terrell. A pesquisa enciclopédica de Lydia libertou-o. Isso e a correspondência de ADN encontrada na saia dela e no feto criaram dúvida razoável para que o tribunal estadual pusesse termo à execução e viesse a libertar Terrell daí a seis semanas. Eu receei que três dias não fossem suficientes para fazer parar o comboio da morte do Texas. Bill disse-me que, no corredor da morte, três dias são uma eternidade. Por isso, Terrell anda agora a partir-nos os corações em programas de televisão, assegurando às pessoas que a vida tem sempre um sentido, a falar de Deus e do perdão, tudo coisas que não deviam sair da boca de um homem que foi uma vítima inocente de um sistema racista. Longe das câmaras, Terrell vive confinado a um quarto, mantém as

persianas corridas, dorme melhor no sofá e ainda não conseguiu livrar-se da claustrofobia.

Também irá receber uma indenização no valor de um milhão de dólares, atribuída pelo estado do Texas, e uma pensão anual vitalícia de oitenta mil dólares. Quem havia de dizer que o estado que mais pessoas executou havia de ser também o mais generoso no que toca à compensação dos seus erros?

Eu e Charlie temos saudades de Effie. Ela fala connosco pelo Skype, com os seus rolos de plástico cor-de-rosa postos, envia-nos *Food Bricks*, sem olhar a custos de envio, e continua a debater-se com os seus monstros. Os atuais proprietários da casa pintaram-na com uma cor não histórica, o azul e o dourado de Notre Dame. Os três minúsculos erros humanos que trouxeram consigo já destruíram todos os centímetros do jardim de Effie. Charlie recusa-se educadamente a tomar conta deles, apesar da proposta vigente de lhe pagarem vinte dólares por hora.

Jo continua a sua batalha com um fornecimento infindável de monstros, vestindo a sua bata branca todos os dias e moendo os ossos dos que se perderam. Tornámo-nos companheiras de corrida e não só. Na noite antes do aparecimento grandioso de Lydia, ela veio a minha casa. Desapertou o colar com o pendente de ADN e colocou-o à volta do meu pescoço, como se fosse um amuleto de proteção.

Passo muito mais tempo do que gosto de admitir a pensar em Lydia Frances Bell, também conhecida como Elizabeth Stride e Rose Mylett. Vive em Inglaterra com os seus dois gatos, *Pippin* e *Zelda*. Pelo menos, é isso que diz a contracapa do êxito de vendas do *The New York Times*, *A Susana Secreta*. Charlie está a lê-lo às escondidas. *Deixe-a ler*, insiste a doutora Giles.

Charlie e Aurora trocam mensagens com regularidade. Começaram a seguir-se uma à outra no Facebook depois da cobertura mediática que nos pôs a todos na berlinda durante dois meses. *A Aurora teve uma vida de treta e eu não*, diz-me Charlie, como que a defender a relação das duas. *Ela quer ser enfermeira. Os pais de acolhimento compraram-lhe um Carocha amarelo antigo. Ela continua com esperança de que a mãe pegue no telefone e lhe ligue.*

A relação das duas deixa-me feliz e insegura.

O meu olhar fita o mais longe que consegue, por cima do golfo transbordante de água turva. Penso como vou pintá-lo. Com pinceladas escuras, nervosas e abstratas? Com um céu divino brilhante que faz ressuscitar tudo o que vive debaixo da sua superfície?

Hoje, Jesus não se manifesta num sol ardente. Como houve um ataque de tubarões uma hora atrás, só há algumas pinceladas de cor viva na água. O céu está nublado. A água é plúmbea e impenetrável, como acontece frequentemente

em Galveston, mesmo quando o sol brilha. A areia está coberta de algas, que dão a sensação de que caminhamos descalços por cima de mil cobras.

Mesmo assim, eu e a minha filha voltamos a esta casa raquítica todos os verões, durante uma semana. A areia dura e granulada é ideal para construir castelos. Os pores do sol valem cada segundo que ficamos paradas a contemplá-los. À noite, pode descer-se pelo dique e contar os peixes que saltam para fora da água ao luar. É uma ilha, feia e bonita, com uma história tão profunda, obscura e pouco convencional como a nossa.

Pela primeira vez, fizemos a tentativa de convidar visitas. Bill é capaz de passar por cá no próximo fim de semana. Estou em cima da plataforma, a ver Charlie a correr à beira da água com a sua amiga Anna, cuja mãe foi enviada para uma clínica de desintoxicação para se libertar do vício de beber vodca no copo de *Diet Cola*. Nenhum transeunte que por aqui passe poderia adivinhar que alguma coisa perturba a vida de nenhuma destas duas adolescentes. Dão pontapés na espuma das ondas, riem-se e a sua tagarelice mistura-se com o ruído das gaivotas.

Fazem-me lembrar outras duas raparigas.

Antes de Lydia ter subido a bordo de um avião, contou à polícia uma história retorcida, mas plenamente convincente, de como tinha apanhado o assassino das Susanas-de-Olhos-Negros. Legítima defesa. Violação. Manipulação por parte dos pais. A polícia nunca considerou apresentar queixa. Quando se depararam com os mesmos artigos de jornal que eu tinha encontrado, escritos usando a identidade do médico, Lydia admitiu voluntariamente ter sido ela mesma a redigi-los.

— Ao usar o nome dele, senti-me menos como uma vítima — dissera ela às autoridades. — Não consigo explicar porque o fiz. — E até isso eles lhe perdoaram.

Os que advogam o fim da pena de morte ainda continuam a convencer Terrell a processá-la. As apresentadoras de *talk shows* que conversam em círculos tribais patéticos não gostam da ideia de Lydia ter lucrado com o caso. Os grupos contra a violência doméstica permanecem do lado dela, inabaláveis. Ela foi uma adolescente manipulada sexualmente por um assassino. *Ou isso, penso eu, ou foi ao contrário*. Muito se tem debatido acerca da inteligência do médico. Dos riscos que ele correu para distorcer o processo. Da sua capacidade de enganar um pai dedicado. Da maneira como se incluiu numa lista de médicos candidatos, para que fosse eu a escolhê-lo.

Guardo a minha raiva num lugar que visito cada vez com menos regularidade. Recorro aos truques que ele me ensinou. Quando o deixo entrar na minha cabeça, ele está bem vivo. Sentado debaixo daquele quadro de Winslow Homer,

de pernas estendidas, à minha espera. A deslizar pelo fundo do lago, no escuro. Por três vezes, já dragaram partes do lago Texoma com equipamentos de alta tecnologia e foram desenterrados os crânios de uma mulher de cinquenta e tal anos não identificada, e de um menino de dois anos que se afogou ali no outono passado, mas não encontraram restos mortais de um monstro.

É claro que isso me faz pensar.

Se quase todas as palavras proferidas por Lydia seriam mentira.

Se ela tem os bolsos cheios de sementes.

Se a nossa história conjunta acabou mesmo.

Pelo sim, pelo não, mantenho uma derradeira arma na minha posse. O diário dela. Escondi o caderno enrolado no meu antigo esconderijo secreto, na cave do meu avô. Não hesitarei em violar aquele túmulo se assim tiver de ser. Trazer todo o seu negrume e vaidade à luz. Deixar que sejam as palavras da própria Lydia a fazê-la desaparecer. Deixá-la reduzida àquela coisinha pequenina, pálida e esquisita, com quem mais ninguém queria brincar, a não ser eu.

Deito-me com uma certeza.

Onde quer que Lydia esteja, sozinha com a sua caneta, deitada sobre areias finas ou estendida num campo de flores, as Susanas estão secretamente a construir a sua nova mansão dentro da cabeça dela, tijolo a tijolo.

FIM

*Olha, quando disparas à cabeça
de um tipo que está com as calças
na mão, acredita em mim, o Texas
não é o sítio onde queiras ser
apanhada.*

— Lydia e Tessie, 14 anos, a
verem o filme *Thelma e Louise* na
parte de trás de uma carrinha de
caixa aberta, no *drive-in* de
Brazos, 1992

AGRADECIMENTOS

Este livro requereu um batalhão de seres humanos bons e brilhantes — cientistas, terapeutas e peritos legais — que tiveram a generosidade de me aconselhar no âmbito dos desenvolvimentos científicos de vanguarda, do impacto do trauma psicológico em adolescentes e da caminhada lenta que culmina em execução no estado do Texas.

A maga do ADN mitocondrial, Rhonda Roby, uma rapariga do Oklahoma, fez consultoria para *O Que Viram as Flores* por mensagens escritas, ao telefone, via *email* e a acompanhar-me numa cerveja. Ela também partilhou comigo as suas experiências profundas no domínio da identificação de vítimas de assassinos em série, da Guerra do Vietname, de Pinochet, de acidentes de aviação e do 11 de Setembro. Esteve com alguns dos melhores cientistas do mundo na Zona de Impacto, nos dias que se seguiram ao ataque, e passou anos a obter respostas para as famílias. A sua personalidade, perícia e humanismo estão entrelaçadas com este livro. E a história louca do veado? É verdade. Rhonda trabalha

atualmente no seu emprego de sonho: é professora no J. Craig Venter Institute.

O Centro de Identificação Humana da Universidade de North Texas, situado em Fort Worth, está representado com alguma licença de ficção, mas não muita. A sua missão, sob a orientação de Arthur Eisenberg, está para além daquilo que se possa imaginar — dar nome a ossos não identificados quando mais ninguém consegue. Forças de segurança de todo o mundo enviaram para ali os seus casos mais antigos. E, sim, o UNTCHI deu nome a uma das vítimas não identificadas do assassino em série John Wayne Gacy, trinta e três anos depois de os seus restos mortais terem sido desenterrados de um túnel subterrâneo debaixo de uma casa de Chicago.

George Dimitrov Kamenov, um geoquímico da Universidade da Florida, abriu-me a mente para o milagre da análise de isótopos e do seu uso atual na resolução de crimes e na identificação de ossos antigos. Ele fez-me entender, mais do que alguém alguma vez tinha conseguido fazê-lo, que nós *somos* a terra. George também inspirou uma das minhas reviravoltas preferidas.

Nancy Giles, psicoterapeuta infantil de longa data, forneceu-me pormenores intrincados acerca de como trabalham os bons e os maus terapeutas, bem como uma lista de livros de psiquiatria para eu ler (*Shattered Assumptions, Too Scared to Cry, Trauma and Recovery*), que alteraram o curso deste livro. Também fui assistida pelo filho dela, Robert Giles III, perito do Child Assistance Program, do Judge Advocate General's Corps da marinha norte-americana, e pela sua mulher, Kelly Giles, uma psicoterapeuta que dedicou parte substancial da sua vida ao tratamento de crianças vítimas de abuso. Bob Giles, o marido de Nancy, editor galardoado duas vezes com o Prémio Pulitzer e meu antigo chefe, acreditou em mim no início da minha carreira jornalística. É um dos principais responsáveis pelo facto de eu ter acabado por sentir a confiança louca para escrever um livro.

David Dow, afamado advogado de casos de pena de morte no Texas, saltou imediatamente para o argumento imaginário do meu livro e disse-me como lidaria com o caso. O que eu não esperava era que ele viesse a preencher o cerne filosófico de uma das minhas personagens. A sua biografia, *The Autobiography of an Execution*, é inesquecível e recomendo-a vivamente, independentemente da vossa posição em relação à pena de morte.

Um dos antigos clientes de David no corredor da morte, Anthony Graves, tirou tempo de um precioso dia de liberdade para falar comigo ao telefone e partilhar comigo a sua experiência de homem inocente atrás das grades. Ele passou dezoito anos na prisão, depois de ter sido acusado falsamente de ter matado uma família de seis pessoas. Atualmente em liberdade, move-se com uma confiança espiritual que faz de todos nós uns fracos. Vejam o seu trabalho

incansável de advocacia em anthonygravesfoundation.org.

Dennis Longmire, professor na Universidade Estadual Sam Houston, foi durante anos assíduo a assistir a execuções no Texas. Leva uma vela de Natal a pilhas. Uma certa noite gelada, em frente à Casa da Morte do Texas, ele e outros assíduos do ato explicaram-me a realidade banal das execuções. John Moritz, um antigo jornalista do *Fort Worth Star Telegram*, que assistiu a mais de uma dúzia de execuções, forneceu-me pormenores adicionais.

A parelha mãe-filha, Mary e Mary Clegg, que gerem a pensão Whistler, a poucos quarteirões da infame Walls Unit, revelaram-me o lado mais gentil de Huntsville, Texas. Tomei alguma liberdade ficcional em relação aos fantasmas da sua bela casa ancestral, mas elas serviram-me as miniaturas de panquecas holandesas mais deliciosas que eu alguma vez conheci. A quem parar em Huntsville, não deixem de visitar as Marys.

Gostaria também de destacar um artigo de Cathy A. Machiodi acerca do recurso à intervenção pela arte com crianças traumatizadas. Ela relata em pormenor o caso da pequena «Tessa» e da casa de bonecas, que eu incluí como uma história do livro.

Laura Gaydosh Combs conduziu-me à informação acerca dos ossos fetais.

O Que Viram as Flores é um livro de ficção, mas era importante para mim que a ciência forense, o papel da psicoterapia no trauma psicológico e o caminho legal das execuções no Texas assentassem na veracidade. Se houver erros ou deambulações, são meus.

Gostaria também de agradecer a:

Christopher Kelly, um amigo fenomenal e escritor que é crítico quando preciso de um e um ombro amigo para chorar quando não preciso.

Kristin Herrera, a única companheira que conheço que aceitaria o meu convite lúgubre para permanecer no exterior da câmara de morte na noite de uma execução.

Christina Kowal, por me ter atirado a deixa do Big Mac a partir do banco de trás e uma parte do íntimo de Charlie. E também à mãe dela, a minha querida prima Melissa.

Sam Kaskovich, o meu filho, por desenhar bigodes em Jane Eyre, achar que os troféus são gabarolice e por agir com tanta fé e bondade. O livro é-lhe dedicado com paixão.

Kay Schnurman, que faz magia com linha e aço e que serviu de inspiração para o lado artístico de Tessa.

Chuck e Sue Heaberlin, os meus pais, que se devem interrogar porque é que as coisas do dia a dia saltam da minha cabeça para o papel, mas que mesmo assim têm orgulho de mim.

Na Random House, uma aldeia, agradeço a: Kate Miciak, a minha editora, um portento e uma poetisa, que faz as melhores edições do planeta; Jennifer Hershey, patrocinadora precoce de *O Que Viram as Flores*; Libby McGuire; Rachel Kind e a sua equipa de direitos estrangeiros; a minha espetacular assessora de imprensa, Lindsey Kennedy. E às pessoas que me salvam dos meus erros e transformam um livro num belíssimo pacote: a editora de produção Loren Noveck, a editora de texto Pam Feinstein, a gestora de produção Angela McNally, a *designer* de texto Dana Leigh Blanchette e as *designers* de capa Lee Motley e Belina Huey.

Também Kathy Harris, por uma revisão prévia do texto.

Maxine Hitchcock, da Michael Joseph/Penguin UK, pelo suporte entusiasta que deu a este livro e à minha carreira.

Danielle Perez, eu não me esqueço. Obrigada.

Steve Kaskovich, o meu marido, terapeuta e leitor inicial. O dia mais sortudo da minha vida foi quando ele atirou aquelas serpentinas de Carnaval através da sala de imprensa e a seguir me pediu em casamento até eu dizer «sim».

Garland E. Wilson, artista, fotógrafo da morgue, cantor e contador de histórias. Foi o melhor avô que uma rapariga podia ter. Tenho saudades da tua cave bizarra.

E por fim, e com a maior ênfase de todas, à minha agente, Pam Ahearn, que esteve presente em todas as voltas e reviravoltas destas páginas. Nunca deixou de acreditar no livro nem em mim. Ser-lhe-ei eternamente grata.

Table of Contents

[Apresentação](#)

[Prólogo](#)

[PRIMEIRA PARTE – Tessa e Tessie](#)

[SEGUNDA PARTE – Contagem decrescente](#)

[TERCEIRA PARTE – Tessa e Lydia](#)

[Epílogo](#)

[Fim](#)

[Agradecimentos](#)